





AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional :

- Historia da civilização iberica, 3.^a ed. (1886), 1 vol.
Historia de Portugal, 4.^a ed. (1888), 2 vol.
O Brazil e as colonias portuguezas, 3.^a ed. (1888), 1 vol.
Portugal contemporaneo, 2.^a ed. (1883), 2 vol.
Portugal nos mares (1889), 1 vol.
Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal (1891),
1 vol.
Navegaciones y descubrimientos de los portugueses, (*ed.*
do Ateneo de Madrid, (1892), 1 vol.
Os filhos de D. João I (1891), 1 vol.
Vida de Nun'Alvares, 1 vol. illustrado, *no prelo*.

II. Historia geral :

- Elementos de anthropologia, 3.^a ed. (1885), 1 vol.
As raças humanas e a civilização primitiva, 2.^a ed. (1893),
2 vol.
Systema dos mythos religiosos, (1882) 1 vol.
Quadro das instituições primitivas, 2.^a ed. (1893), 1 vol.
O regime das riquezas (1883), 1 vol.
Historia da republica romana (1885), 2 vol.
O hellenismo e a civilização christan (1878), 1 vol.
Taboas de chronologia e geographia historica (1884), 1
vol.

III. Varia :

- A circulação fiduciaria, *mêmoria premiada com a medalha*
de ouro no concurso de 1878 pela Academia real das scien-
cias de Lisboa (1883).
A reorganisação do banco de Portugal, *opusculo* (1877).
O artigo «Banco», no *Diccionario Universal Portuguez* (1887)
1 vol.
Politica e economia nacional (1885), 1 vol.
Projecto de lei de fomento rural, *apresentado á camara*
dos deputados na sessão de 1887, 1 vol.
Elogio historico de Anselmo José Braamcamp, *ed. part.*
(1886), 1 vol.
Theophilo Braga e o Cancioneiro, *opusculo*, (1869).
O Socialismo (1872-3), 2 vol.
As eleições, *opusculo* (1878).
Carteira de um jornalista: 1. *Portugal em Africa* (1891),
1 vol.
A Inglaterra de hoje, cartas de um viajante (1893) 1 vol.

5.0
OLI
25

R. 7

AS RAÇAS HUMANAS

E A

CIVILISAÇÃO

PRIMITIVA

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa ; honorario da
Real Academia de Historia e do Ateneo de Madrid ;
correspondente da Real Academia hespanhola e da de Jurispru-
dencia ; membro do Instituto internacional de Estatistica
de Londres ; etc.

(2.^a EDIÇÃO AUGMENTADA)

TOMO I

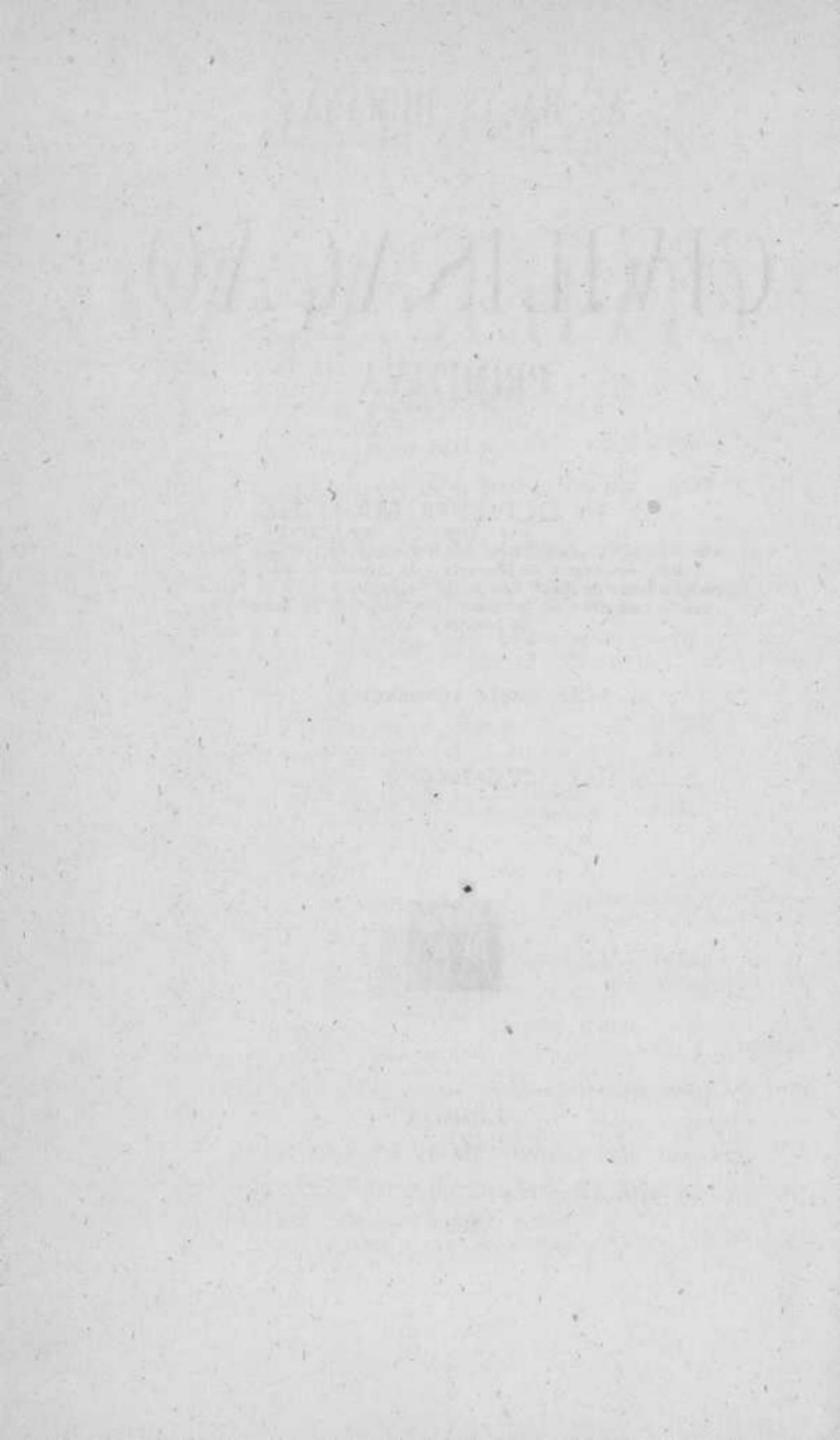


LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA. — EDITOR

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1893



INTRODUÇÃO



I

A terra e os homens

A natureza dos estudos de que n'este livro vamos occupar-nos reclama certas considerações prévias. Um brevissimo esboço das condições geraes da existencia natural do homem sobre a terra, e das influencias reciprocas, é indispensavel para que o leitor possa aferir, com as noções ali obtidas, o character do desenvolvimento particular das varias raças humanas. ¹ Elementos de uma sciencia em via de formação, os trabalhos de Montesquieu e de Hume, de Carlos Comte, de Guizot, de Herder, de Hegel, e afinal de Buckle, não conseguiram constituir porém ainda a mesologia. Mal dirigidos, ou pelos principios do idealismo dogmatico, ou pelo falso criterio do naturalismo materialista, umas vezes subordinando tudo á revelação fatal de uma idéa transcendente, outras, pelo in-

¹ V. a theoria da historia universal nas *Taboas de chronologia e geographia*, introd. III-XLIII; e a theoria do desenvolvimento politico das sociedades na introd. á *Hist. da republica romana*, I p. VII-XXXVII.

verso, fazendo do homem um méro producto do local sobre que vive: os ensaios ou esboços de mesologia, incluídos como capitulo na *Philosophia-da-Historia*, peccam tambem por imperfeição ou insufficiencia das observações necessarias para proceder com segurança, e de um modo inductivo. Assim, conforme iremos vendo, construcções apparentemente scientificas, laboriosamente architectadas, levam com frequencia a verdadeiros paradoxos, quando não conduzem a positivos disparates.

Um vasto peculio de observações positivas e um material consideravel de erudição, permitem decerto já a constituição de uma sciencia que, para se formular em corpo de doutrina, espera comtudo ainda o homem superior capaz de coordenar os membros dispersos, apresentando-nol-os na sua realidade organica. Impediu isso até hoje o predomínio quasi absoluto dos processos exclusivos na *philosophia*. O dogmatismo idealista e o materialismo naturalista têm falseado por vias diversas, mas com um resultádo egual, as observações colligidas por um Herder ou um Hegel, por um Montesquieu ou um Buckle.

O homem não é decerto um producto do local (ou do *meio*, como se diz em francez) em que vive; as condições, porém, da sua existencia influem de um modo positivo, não só no sentido de caracterisar as manifestações do desenvolvimento physico e moral das sociedades: não só no de permitir ou impedir, fomentar ou embaraçar, a germinação das sementes que a natureza poz na intelligencia humana; mas até no sentido de influir na propria constituição physica dos homens, de um modo tal, que chega a determinar sub-categorias de capacidade ethnica, dentro d'essas categorias consideradas primitivas e com as quaes os anthropolo-

gos negam a unidade especifica da humanidade e a dividem em doze especies, ou raças naturaes. ¹

Para que o desenvolvimento do que se chama Civilisação, por uma lei que se denominou Progresso, podesse dar-se de um modo constante e uniforme, seria mistér que na humanidade não existissem essas primitivas categorias de capacidade ethnica reconhecidas por todos: quer pelos que atacam, quer pelos que defendem a theoria da unidade da especie humana. Mas, ainda quando os homens tivessem nascido todos egualmente dotados de capacidade progressiva, o desenvolvimento da civilisação só poderia ser egual em toda a parte, se a terra por toda ella offerecesse condições eguaes de existencia, cousa que sabidamente se não dá.

O factó primordial de que o calor, origem da vida, nos vem de um foco exterior e distante, e por isso se não distribue de um modo uniforme, basta para crear na terra condições de existencia animal constantemente variaveis. Accresce a isto a fórma espherica ou espheroidal do planeta que habitamos, e a sua rotação e translação no espaço. Em taes condições, comtudo, a terra poderia offerecer, senão uma uniformidade mesologica absoluta, pelo menos zonas regulares normaes em que a distribuição da luz e do calor fosse proxima-mente constante, ou antes egual.

Mas, ás causas de variação, provenientes do modo de ser da terra no nosso systema solar, vêm juntar-se causas inherentes á propria constituição do planeta em que nos achamos. Assim, a distribuição irregular das massas continentaes e maritimas influe de um modo eminente na distribuição

¹ V. *Elem. de anthropologia* (3.^a ed.) p. 184-5.

do calor; e se, com effeito, a temperatura média baixa á medida que nos afastamos do equador para os polos, não coincidem porém o equador terrestre com o thermal, nem os circulos parallelos em nenhum dos dois hemispherios, como theoreticamente deveria ser. Além de que a incidencia do calor do sol sobre a terra se dá com a obliquidade determinada pelos movimentos d'esta ultima no espaço, acontece que a distribuição das massas continentaes varia de um modo notavel a distribuição normal do calor solar. Assim, o equador thermal corta ou coincide com o terrestre sob os meridianos de Singapura e de Taiti, atravessando o mar Pacifico ao sul e o Atlantico ao norte. Sendo de $28^{\circ} 8'$ a temperatura média do equador thermal, a da linha equatorial é na America de $27^{\circ} 2'$, na Asia de $28^{\circ} 3'$ e na Africa de $29^{\circ} 5'$. O mar opera como um regulador, e conforme nos internamos nos continentes, as mediaes thermicas, estivaes e hybernaes, afastam-se progressivamente.

Mas não param aqui os motivos de variação climaterica, ou antes propriamente thermal. A temperatura não obedece apenas á latitude e á disposição das massas continentaes e maritimas: obedece tambem á altitude, e por isso as curvas isothermicas, já de si irregulares, são apenas theoreticas ou ideaes, porque têm de referir-se constantemente ao nivel do mar. A latitude combinada com a orographia e com a hydrographia, eis ahí os elementos principaes da distribuição do calor, distribuição variavel em limites muito graves.

Não ha, pois — e o leitor bem concebe como não póde haver — parallelismo no traçado das curvas isothermicas dos dois hemispherios. Bastaria a circumstancia de os mares preponderarem no austral e os continentes no setentrional, para que assim

sucedesse. Este é o motivo das temperaturas muito mais baixas que, a partir de 50°, o hemispherio antartico mostra nas latitudes correspondentes ás do opposto. E como exemplo de variação por altitude, lembre Genebra com 28° de média thermal e o alto do Monte-branco com 2° 5'.

Faltam-nos porém ainda numerosos elementos determinantes da temperatura de uma região, ou de um local dado. Indicámos a latitude, a altitude, e a relação para com o mar: não fallámos porém ainda, nem dos ventos, nem das montanhas que provocam e dirigem as correntes aerias determinadas pela differença de densidade das camadas da atmosphera; não fallámos da agua vaporizada suspensa no ar, formando nuvens que embaraçam a irradiação e o consequente resfriamento dos corpos. Por tal modo a hygrometria modifica o clima theorico de uma região, na qual as correntes aerias influem de um modo eminente. Assim, as montanhas frias, cobertas de neve, sobrepostas a planicies temperadas, dão de si os ventos agrestes como a *bise* e o *mistral* da França, o *bora* da Istria e da Dalmacia, o *gallego* da Hespanha, o *buranns* das steppes da Russia. Ao inverso, os desertos e planicies nuas produzem os ventos ardentes, como o *solano* e o *sirocco*, o *simûn* da Arabia, da Persia e da Syria, que é o *kamsin* do Egypto e o *harmattan* da Sahará occidental, ardendo n'um calor de 48°, levando comsigo ondas de areia, nuvens de um pó que queima a pelle do viajante e mirra toda a especie de vegetação.

A estas correntes aerias, é mister juntar ainda as correntes marinhas como distribuidoras de calor. N'este sentido o *gulf-stream*, ramificando-se na superficie do oceano, tem um papel eminente. Nascedo como um rio, no seio do mar, ao sul de Ca-

bo-Verde, interna-se no golpho do Mexico rodeando-o, elevando a temperatura das suas aguas em contacto com as do Mississippi e do Orinoco. Da combinação resulta uma corrente mais quente e salgada do que a dos tropicos; corrente que, passando entre Cuba e a Florida, atravessa a garganta de Bahama, virando bruscamente para o norte as suas aguas azues, quasi lacustres, quentes de 26 a 30°, e que ainda para além do paralelo 40°, quando o oceano está a zero, marcam 26° de calor. Deitando outro braço aavez do Atlantico, o *gulf-stream* vem moderar a temperatura natural das ilhas britannicas e da Noruega por um lado, da Irlanda pelo outro, trazendo consigo dos tropicos plantas, sementes, amostras das regiões quentes, e indo perder-se contra as correntes descendentes do polo.

A latitude, a elevação, o internamento continental, a orientação das montanhas, a humidade e as chuvas, as correntes aerias, as correntes marinhas, — eis ahi as principaes causas determinantes da temperatura de um lugar. Enuncial-as basta para reconhecermos a inconstancia geographica dos climas. Assim, na Asia occidental, logo abaixo da linha isothermica de 5-6° (por Orenburgo a Méched na Persia, e a Tebas, costeando pelo norte o deserto de Lut) apparece a linha de 18-20°; e n'esta zona que apenas mede dois graus de latitude, vê-se uma variação thermica superior á das zonas das steppes dos kirghis e turcomanos, larga de 16 graus. Um tal phenomeno provém da absoluta falta de vegetação e de agua no deserto de Lut, do seu grande aquecimento durante o dia, da sua configuração especial, da corrente de ar quente e secco a que dá origem, pondo assim lado a lado, n'esta parte da Asia, uma zona boreal e uma zona torrida. As margens meridionaes do Caspio, junto de Astera-

bad, apresentam o luxo de uma vegetação quasi tropical: cresce a palmeira ao ar livre, cultivam-se o algodão e a cana; e na margem setentrional apenas se vêem planícies salgadas, desoladas e aridas. Ainda as neves espessas cobrem o norte do Caspio, quando tudo floresce já nas costas do Talich, do Ghilan, do Mazanderan.

Exemplos d'estes poderiam multiplicar-se indefinidamente.

Mais ou menos proprio o clima, é porém um facto que o *habitat* do homem é mais vasto do que o de nenhum outro animal sobre a terra. A superioridade da sua intelligencia é a causa da sua relativa independencia das condições locais. Essa superioridade incontestavel não impede porém, quando o conjuncto de condições se torna hostil, que o homem definho ou se não desenvolva, nem como robustez, nem como numero, nem como sociedade ou civilização. Sendo o calor a origem da vida, podemos, mas apenas em termos muitissimo geraes, dizer que a vida se extingue com o frio. Com effeito, se attendemos á altitude, vemos os kirghis no plan'alto de Pamer, ahi onde apenas o yak, entre os animaes domesticos, resiste á rarefacção do ar. Quito está a 3:000 m. acima do mar, mais altos ainda muitos lugares do Afghanistan e do Thibet. Se olhamos á latitude, necessitamos ir no hemispherio antarctico ao sul de 55°, para além da Terra-do-fogo, e no hemispherio arctico até além de 75°, porque ainda na Groelandia ha homens. Não os ha porém no Spitzberg, como os não ha no polo opposto em Nova-Shetland, nem em Victoria, terras geladas e mortas. Se Nova-Zembla se achou deserta, deserta a Islandia, quando se descobriram,

o motivo era outro: era o mesmo que tornara desertas as ilhas atlânticas dos Açores e da Madeira, de S. Thomé e Cabo-Verde.¹ Qualquer que tivesse sido a primitiva origem do homem, ou dos homens, como e quando quer que se tivessem dado as primeiras migrações: é facto que o isolamento condemnou mais de uma terra a ficar por centenas ou milhares de annos sem população humana.

O mundo quasi inteiro se pôde, pois, dizer que é habitado por homens. Mas se os climas das varias regiões da terra influem sobre a caracterisação das familias humanas, a distribuição dos mares, o desenho das costas, o relevô dos continentes influem por outro lado sobre a localisação e enraizamento das populações. As montanhas que são grandes linhas de demarcação natural, e os desertos que para o nosso caso apparecem na condição dos mares, isolam as regiões e seus habitantes; ao passo que os rios, no fundo de valles penetraveis, estabelecem linhas naturaes de contacto e estradas de migração.

A orientação geral das cordilheiras apresenta no mundo um primeiro character singular. Na Europa e na Asia é leste-oeste; na Africa, na America, na Australia, é norte-sul. Que importancia pôde ter tido este facto* para a distribuição primordial das raças humanas? Nenhuma, talvez; acaso porém d'ahi tenham provido consequencias que a sciencia não relacionou ainda. Desde os confins da Asia na côsta do Pacifico, até aos da Europa na costa do Atlantico, pôde dizer-se que um cordão de montanhas divide em duas metades a grande mole continental do hemispherio arctico. A orientação dos montes Altai, dos Thian-shan, dos Kuen-

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (3.^a ed.) pp. 2 e segg.

lun, dos Himalaya, que é proximamente a mesma do Tauro e do Caucaso, e até dos Carpathos, dos Alpes e dos Pyreneus, reaparece ainda nas serranias secundarias. Apenas os nucleos montanhosos das peninsulas, como a Kamschatka, a Coreia, o Industão, Malaka, a Arabia, a Italia, a Scandinavia, se afastam da orientação normal com um desvio que, referido aos meridianos, raro excede 22°5'. Na península iberica a orientação é a normal; ¹ mas os montes do Ural, desde o plan'alto dos kirghis até ás costas do oceano arctico, seguem do sul ao norte, levantando no meio das steppes boreaes um muro divisorio entre a Asia e a Europa, indelimitadas não só nas zonas austraes, mas entrelaçadas pelas linhas de montanhas paralelas e successivas.

A cordilheira do Atlas, cujo clima, cuja fauna, cuja flora, teem mais afinidade com a Asia-Europa do que com a Africa, inclue-se tambem, pela orientação, no primeiro systema de montanhas. Para o sul, os montes africanos ² e, do outro lado do Atlantico, os americanos ³ apresentam nas linhas principaes e nas secundarias a direcção norte-sul que tambem se observa nos montes australios.

Notada esta differença orographica das regiões da terra, é necessario notar a singular symetria da distribuição e contorno das massas continentaes em tres grupos: 1. As duas Americas, unidas por um isthmo, flanqueado a leste pelo archipelago das Antilhas, terminando a oeste por uma península, a California.—2. A Europa e a Africa, como que ligadas pelo que se diriam fragmentos de um velho isthmo: a península italica, a Sicilia, Malta, etc. As ilhas gregas estão aqui no logar das Anti-

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. VII-XXI. — ² V. *O Brazil e as colonias port.* (3.^a ed.) V. 1 — ³ *Ibid.* III, 2.

lhas, a Hespanha e a França no da California.—
3. A Asia e a Australia apparecem de todo isoladas: dir-se-hia que a transição, e até a metade austral d'essa terceira secção do mundo se pulverisaram, deixando de si como fragmento mais consideravel a Australia. As Philippinas e as Molucas achar-se-hiam como as Cycladas e as Antilhas, e a Arabia como a Hespanha-França e a California.

Estes tres segmentos da terra são commumente divididos em cinco partes—Europa, Asia, Africa, America e Oceania—cada uma das quaes tem, com effeito, traços característicos sufficientes para a individualisar. Mas o que o observador principalmente nota, é a maior superficie dos continentes no hemispherio arctico e o predominio dos mares no opposto. Ao norte do equador ha vastas planicies, zonas temperadas, largos tractos de terra accessivel, contornos variados, um mar que se insinua repetidamente em golphos, bahias, pequenos oceanos, formando ilhas e peninsulas, arejando a terra, facilitando as relações e o contacto sobre a água que é o typo dos vehiculos. Ao sul, ha continentes esguios, erriçados de serras no litoral, como que a vedar-lhes a respiração para o mar, compactos, sem desenvolvimento, nem variedade, nem articulações nas fórmãs exteriores, monotonos no contorno, breves na largura, difficeis no accesso, inhospitos no clima.

Estas observações corroboram o que dissemos antes sobre a necessaria variação de condições e de destino consequente imposto pelos lugares aos seus habitadores humanos; e não será decerto temerario julgar que, se o isolamento de toda a America foi a principal causa da conservação das suas populações n'um estado selvagem, apenas outr'ora transacto para o Mexico e para o Perú,

das causas geographicas provém a existencia primitiva das raças inferiores do hemispherio austral. Sem dotes próprios para sahirem espontaneamente do estado selvagem ou barbaro, e impedindo a localisação que se achassem em contacto com raças superiores que as exterminassem ou absorvessem por cruzamentos, essas regiões infelizes ficaram por centenas, por milhares de annos, esperando a fecundação civilisadora. Só quando, em tempos recentes, a Europa, descobrindo os meios da grande navegação e as armas da moderna guerra, pôde afinal avassallar todo o mundo: só então chegou a hora de supprimir sobre a terra esses typos retardatarios da historia natural da humanidade.

Considerações analogas provoca a observação do globo em outro sentido. Se, dividindo-o pelo equador, achamos na metade austral a quarta parte apenas da massa total das terras, e na metade setentrional o triplo; dividindo-o pelos polos (no meridiano da ilha do Ferro) achamos que na metade oriental as terras são como 715 e na occidental como 285, sobre um total de 1:000. Na primeira está o velho-mundo com a Australia; na segunda o novo, com essa poeira de archipelagos do Pacifico habitados por homens infimos. Se, por fim, paramos diante de um mappa desenhado na projecção horisontal de Mercator, abrangendo a terra inteira como se fosse plana, apparecer-nos-ha a Europa, e na Europa a bacia mediterranea, como o coração do mundo. A oriente vemos o continente massiço da Asia; a occidente, para além do mar, as Americas; ao sul a Africa; pelo norte as regiões europêas que vão até ao mar do polo. Centro ou coração do mundo, a bacia mediterranea, pela disposição particular do contorno das suas costas, põe em communicação maritima (de pequena navega-

ção, conforme era indispensavel nos primordios) as tres partes do velho mundo, penetradas pelos seus rios: na Africa o Nilo; na Europa o Rhodano e o Pó; e na Asia, passada a pé a breve costa da Syria, o Tigre-Euphrates que pelo golpho persico abre a estrada do Oriente. A estas excellencias do local junta-se a benignidade do clima.

Condições tão singularmente favoraveis deviam dar de si uma civilisação autochtona ou indigena, se com effeito o phenomeno do desenvolvimento social dependesse apenas do *meio*, ou se o homem fosse apenas um producto do local. Mas não é, e a prova está em que o Mediterraneo só se tornou o centro da civilisação geral e typica da Terra, quando a sua região foi avassallada pela raça entre todas *escolhida*, isto é, pelos indo-europeus. Forasteiros, vieram demandando um lugar adequado ao germinar das sementes com que a natureza lhes dotara o braço e o cerebro; e se n'este facto está a prova de que a capacidade organica da raça é indispensavel para produzir uma civilisação, no facto das condições em que ficaram os povos arianos não-europeus está tambem a prova de que essa capacidade organica só póde desenvolver-se quando ache condições adequadas. Assim, as sementes lançadas á terra germinam, ou definham e morrem, segundo encontram condições de desenvolvimento.

Convém agora analysar rapidamente os principaes elementos de acção mesológica, estudando em que termos e até que ponto elles podem influir sobre o desenvolvimento da capacidade ingenita das raças humanas. Esses elementos affigura-se-nos serem de cinco naturezas diversas: a) a temperatu-

ra; *b*) a productividade das regiões para os generos de alimentação vegetal ou animal: *c*) a choro-graphia; *d*) a paysagem, incluindo n'esta expressão o aspecto da terra e os phenomenos do ar; *e*) a salubridade. Estudaremos cada um d'elles separadamente.

1. — A TEMPERATURA

O leitor sabe que o calor de uma determinada região não provém apenas da latitude; enumerámos já os varios elementos que concorrem a determiná-lo: latitude, altitude, extensão continental, correntes aerias, maritimas, etc. Assim, Bucharest, por exemplo, é considerada como a cidade mais quente de verão, mais fria de inverno, em toda a Europa. Assim Madrid, para darmos exemplos quasi caseiros, embora esteja bastantes graus mais ao norte, é muito mais quente e muito mais fria do que Lisboa.

Estas breves palavras destroem a theoria que Montesquieu fez sua e propagou, tendo-a tomado das conclusões precipitadas do viajante Chardin.

Dizia o sabio historiador e philosopho que o calor pervertia o homem, definhando-lhe o corpo, entorpecendo-lhe a vontade, paralisando-lhe a intelligencia. A' maneira que nos afastamos do equador augmentariam 'a estatura, a coragem, a força, a confiança, o valor. Os povos meridionaes seriam por necessidade timidos; audazes os gigantescos germanos de Tacito. O norte equivaleria á paz, á saude, á actividade; o sul ao crime, ás paixões, á indolencia. Haveria dois polos ethnicos, assim como os ha geographicos; e os climas temperados dariam de si a versatilidade inconstante e futil, a instabilidade de instituições sociaes que com

o calor se tornam servidões e tyrannias, com o frio em liberdade.

A' perspicacia do leitor está saltando o que n'este systema ha de verdadeiro, e como são absurdas as suas conclusões geraes. Se, em regra, se podesse estabelecer relação entre o calor e a fecundidade social, pela theoria de Montesquieu, o homem ideal estaria no polo desolado e morto; e se houvesse de estabelecer-se uma regra qualquer absoluta, seria decerto a opposta, pois que as sciencias nos dizem ser o calor a origem da vida. O facto é que, para além de limites conhecidos, a vida humana se torna impossivel, e que para dentro d'elles vemos os casos mais afastados. Assim, Humboldt nos descreve os caraibas da zona torrida (8-10° S.) com uma estatura e constituição athleticas, no meio de tribus quasi pigmeas; ao passo que a uma latitude afastada, vemos lado a lado os patagões e os pecherezes ou fuegianos.

Se da variação thermometrica determinada pela latitude, passámos para a da altitude, vemos tambem que a vida se extingue além de certos limites. Todos ouviram fallar nos cretinos dos Alpes. E não é só o homem que definha: tudo o que vive desaparece. Entre 19 e 22° no Mexico cultiva-se a cana, o algodão, o cacau, o anil, até 600-800 m. de altitude; depois veem os cereaes europeus entre 1:400 e 3:000 m. Acima de 1:500 m. a bananeira não dá fructo; o carvalho não vae além de 3:300 m.; só o pinheiro galga, nas costas de Vera-Cruz, quasi até á zona das neves perpetuas. Essa zona, porém, varia com a latitude e a exposição: está nos Andes bolivianos de 4:800 a 5:000 m.; nos Himalayas a quasi 5:000 m. sobre as vertentes do norte, sobre as do sul, porém, muito mais alto: 5:710 m. baixando nos montes do Indo-Kusch

(30° 30') a pouco menos de 4:000 m. A arvore que se conhece mais elevada é um *populus euphratica* do convento de Magnaug, no Thibet, a 4:102 m. Os thibetanos da Asia e os andinos da America são os habitantes das regiões mais altas; e se os dos Andes são cretinos, os mexicanos dos plan'altos elevados, sobre serem menos fecundos do que os das baixas, (3,06 para 6,5 por mil, segundo Jourdanet) são apathicos e imbecis.

Como se sabe, porém, a altitude não produz sómente frio, produz tambem uma rarefacção de ar que difficulta a vida; e se, ao attingirmos a zona por latitude gelada e morta, deixamos de encontrar homens, outro tanto succede quando attingimos as alturas tambem geladas e onde quasi se não póde respirar. Mas, ao passo que o homem define nos plan'altos mexicanos, acima de 2:000 m., observamos na Abyssinia uma differença opposta de character moral e physico marcado pela cota de 2:400 m. Até ahí, diz Abbadie, a população é identica á da planicie; acima, os dengas são mais altos, mais fortes, ossudos, com grandes extremidades, face longa, nariz aquilino, rosto estreito, cabello espesso: dir-se-hia que o frio os robustece, conforme a theoria de Montesquieu; mas se são ao mesmo tempo pouco fecundos, taciturnos, brancos, perante o habitante da planicie proxima, intelligente, agil, pequeno de estatura, loquaz, prolifico? A falta de relação do desenvolvimento physico com o intellectual e a fecundidade tira o valor a qualquer illação concernente ao progresso social.

A conclusão geral, a nosso ver possivel de tirar da acção da temperatura sobre o homem, é a de que o calor precipita as funcções vitaes em razão directa da sua intensidade. Nos climas tropicaes (sem dar a esta palavra um valor da latitude geo-

graphica) como que se vive a alta-pressão. Na Abyssinia as mulheres casam desde os oito annos; teem filhos desde os treze. A vida é intensa e breve, a combustão rapida. A mulher que é mãe aos treze annos, é velha aos vinte. Em Benarés, a terra dá tres colheitas por anno; uma trovoadá faz de uma charneca um prado; os canaveaes são de bambús de 18 m. de altura; as arvores são figueiras de que uma raiz dá uma floresta. Tudo fermenta, tudo palpita, tudo arde rapido, nascendo, crescendo, de um modo intenso, excessivo — e morrendo para logo se transformar sob os raios devoradores e creadores de um sol impassivel.

O excessivo calor, portanto, se não prejudica a vida natural, antes pelo contrario, embaraça e até impede o desenvolvimento da vida social — que n'um sentido se lhe oppõe, e representa como que um compromisso entre as exigencias da existencia physica e as necessidades da ambição moral ou ideal. Assim acontece que a precocidade sexual entorpece o homem nos climas torridos, consumindo antecipadamente a força que na idade propria se tornaria em intelligencia. Assim tambem succede que a ebulção de sentimentos e paixões, determinada pela intensidade da vida animal, prejudica o funcionar da intelligencia e da razão, produzindo crimes e desordens no seio da sociedade, ¹ ou impedindo

¹ A criminalidade, referida ás estações do anno, é uma prova do que se diz no texto. Eis aqui uma estatistica colligida por Lombroso, *L'uomo delinquente*, a pag. 297 da 2.^a edição.

	ESTUPROS (p. 100) ASSASSINATOS	
	FRANÇA (1829-60)	INGLATERRA (1834-56)
Janeiro a maio	5,29 a 10,91	5,25 a 9,24 605 a 842
Junho a setembro	8,77 a 12,95	10,29 a 10,72 928 a 1:043
Outubro a dezembro	6,71 a 4,97	8,18 a 3,08 651 a 724

que ella saia do regime da brutalidade selvagem para o da anarchia barbara, ou d'esta para o de civilisação.

O frio excessivo mata a vida animal; o excessivo calor exagera-a de tal modo que impede ou prejudica o predominio da vida racional e intellectual, e por tanto da vida economica ¹, predominio necessario ao desenvolvimento das sociedades. N'estes termos, a influencia thermometrica é importante, e até essencial, porque a vida culta exige uma regularidade de habitos, uma organisação de funcções moraes, politicas e economicas, incompativel com os exageros de vida animal a que os homens civilisados chamam com razão crimes.

Mas a civilisação, com os seus preceitos e as suas artes, vem a adquirir a força bastante para até certo ponto reagir e vencer o que as condições naturaes predestinavam; e assim vemos as colonias de europeus viverem civilisadamente, á europea, em regiões, ou frigiditas como a Finlandia, para não ir mais longe, ou tropicaes como o Brazil e a India, sem que o clima as obrigue a descer ao estado selvagem, ou barbara, d'onde os indigenas não tinham podido sair. Acima da influencia do calor é mistér, portanto, pôr a da capacidade da raça. Prescindir d'este elemento, considerando o homem um producto absoluto do ambiente, e pretender d'ahi estabelecer leis de relação constante entre a thermometria, a constituição physica e o caracter moral, é positivamente chimerico e só leva a absurdos.

2. — A ALIMENTAÇÃO

Outros querem que a causa primordial da for-

¹ V. o *Regime das Riquezas* p. 5.

mação espontanea das civilisações, ou, pelo contrario, da conservação das populações no estado selvagem, provenha de um conjuncto de causas externas, entre as quaes a fecundidade do solo teria o primeiro papel.

Se n'este ponto as doutrinas mesologicas se limitassem a exprimir-se nos termos geraes que formulamos, ninguem poderia contestal-as. A abundancia de alimentos é condição indispensavel de civilisação. N'um solo arido, em vão se esperará o germinar das qualidades latentes da raça. Quem olha para a Asia tartara e mongolica, vê-a barbara, quasi selvagem por vezes, nas suas charnecas elevadas e seccas; e entretanto os tartaros e mongolios fundaram grandes monarchias na India, na China, na Persia, demonstrando n'essas regiões pingues uma capacidade que o seu *habitat* natural lhes não permittia desenvolver. Outro tanto se pôde dizer dos árabes que, trasladados á Persia, á Hespanha, ¹ á India, crearam civilisações de que dão prova cidades como Bagdad, Cordova, Delhi.

Outro exemplo eloquente é o que succedeu com os hamitas da Africa setentrional, quando se estabeleceram no valle do Nijo. Mas foi exactamente este exemplo e o da civilisação do valle do Tigre-Euphrates que levaram Buckle a formular uma theoria singular na sua extravagancia. Como principio, estabeleceu esse auctor que toda a civilisação tem por base um cereal, proposição não só inexacta em si, mas sem alcance; pois sendo, com effeito, a agricultura uma condição necessaria da fixação de uma civilisação, a confusão da causa com o effeito é manifesta: *post hoc, ergo propter hoc*. E quando Buckle nos diz que as antigas civilisações

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (2.^a ed.) p. 70-111.

africanas tiveram por base o trigo, as asiaticas o arroz e o milho, e o Perú a batata (que não é um cereal) as provas que adduz atacam a sua propria doutrina.

A humidade e o calor, diz Buckle (e todos com elle) são, áparte os elementos chimicos e geognosticos do local, as condições eminentes de fertilidade do terreno, condições que por via de regra se encontram nos valles dos rios: por isso as civilisações se desenvolveram nos valles do Nilo, do Tigre, do Euphrates, do Indo, e dos rios da China.—Mas, não será licito perguntar por que motivo, sendo essa a causa primordial, se não desenvolveram tambem civilisações em valles tão fertéis como os anteriores: no do Congo, no do Zambeze, por exemplo? A nossa opinião ácerca do character primordialmente essencial da capacidade da raça explica o phenomeno.

Comtudo, ao passo que as civilisações do velho mundo escolheram como local valles de rios, o facto das civilisações americanas do Perú e do Mexico terem escolhido os planaltos occidentaes do continente contradiz a doutrina de Buckle. Todos os grandes rios da America vasam na face oriental: o Negro, o Prata, o S. Francisco, o Amazonas, o Orinoco, o Mississipi, o Alabama, o S. João, o Potomac, o Susquehannah, o Delaware, o Hudson, o S. Lourenço. Na face opposta vasa apenas o Oregon. De occidente, a America apparece como uma muralha, nos seus Andes sobranceiros ao mar; para oriente, descidas as vertentes da cordilheira, alargam-se os valles dos grandes rios.

Porque se não desenvolveram ahi civilisações? No norte da America, diz Buckle, a humidade é grande nas regiões dos rios orientaes, mas falta a outra condição de fecundidade: o calor. As condi-

feras que apenas se vêem até 60° L. na face atlântica, vêem-se até 70° na face pacífica do continente. Isto prova de certo uma temperatura média mais elevada no lado oriental da America; mas provará que o calor da outra metade, combinado com a humidade, não chegasse para consentir a cultura dos cereaes, base denunciada das civilisações? Quando hoje vemos os Estados-Unidos serem o celleiro do mundo, parece desnecessario insistir sobre a temeridade da concepção.

No massiço americano do norte, prosegue Buckle, faltou de um lado o calor, do outro a humidade: por isso ficou selvagem. Mas já no centro, no Mexico, a contracção do continente, dando á região um clima quasi insular, pondo lado a lado calor e humidade, provocou a civilisação. Mas no sul? Onde está a humidade nos terraços andinos? Pois não ha calor e humidade, e uma fertilidade acaso não egualada em outra região do mundo—no Brazil? Por que motivo se civilisaram os quichua-aymaras, formando o imperio dos Incas n'essa região em que não chove, e não se civilisaram os brazis? O leitor sabe o que a tal respeito nós dizemos. Buckle allega que o Brazil se não civilisou, nem poderá jámais ser logar de uma civilisação—por causa dos pampeiros! como se isto, ainda quando se podesse tomar a sério, dêsse o motivo porque a civilisação se desenvolveu no sequissimo Perú.

Insistimos assim, notando as aberrações a que as theorias de uma supposta sciencia levam homens superiores, porque nos parece indispensavel reagir, em nome do espirito scientifico, da intelligencia, e até ás vezes do proprio bom-senso, contra uma tendencia assaz denunciada.

Vimos as contradicções dos que fazem o homem

culto um resultado do frio; vemos as dos que o fazem o producto da fertilidade de um certo solo: veremos sempre absurdas as consequencias de doutrinas que, prescindindo do valor psychologico das raças, põem no *meio* a causa primaria do seu desenvolvimento. Mas, assim como vimos até que ponto a thermometria influe n'esse desenvolvimento, resta-nos mostrar agora que, sem duvida alguma, a fertilidade do solo é uma condição indispensavel do phenomeno a que se chama progresso. Ora, nas nossas observações á theoria de Buckle, falta uma e essencial: é a da Europa, onde se desenvolveu a civilização-typo: a da Europa onde ninguém dirá que a humidade e o calor se encontrem n'essa combinação e n'esse grau considerado indispensavel; a da Europa, desde as suas frias e humidas regiões setentrionaes até ás suas regiões mediterraneas seccas pelo sirocco africano; desde a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Allemanha nevoentas, até á luminosa Grecia, á Italia, e á Hespanha.

Se observamos que, salvos os extremos frios, o homem era capaz de progredir, mais ou menos, em toda a parte: outro tanto é mistér repetir quanto á alimentação. Nas desoladas regiões australias, onde a fauna é rara, a escassez do alimento opera como nas regiões boreaes opera o frio: mantém o homem no estado selvagem e impede a propagação da especie. Quando toda a actividade e força humanas são reclamadas para escogitar os meios de combater o frio e a fome, em vão se esperará que a semente da civilização germine. Mas desde que taes casos extremos se não dão, o homem, que é omnivoro, acostuma-se a alimentar-se com aquellas materias que a região lhe proporciona: nos litoraes é ichtyophago, nas steppes torna-se

pastor e carnívoro como o mongólio ou o hottentote (duas raças de capacidade bem diversa) nos lugares onde a vegetação abunda prefere a alimentação vegetal.

Todos sabem que os alimentos satisfazem duas necessidades do organismo animal: dão, pela combustão, o calor necessário ás funções vitaes, e reparam a usura constante dos tecidos, isto é, o mecanismo do corpo.

Quanto maior é o calor ambiente, menor é a necessidade de o produzir organicamente pela combustão alimentícia; e como, por via de regra, nas zonas de elevada temperatura a fertilidade natural diminue o grau de esforços necessários para tratar de si próprio, também o mecanismo do corpo se depauperá menos. D'aqui provém a necessidade que o habitante das regiões frias tem de ingerir carnes, óleos e gorduras; e a facilidade com que nos climas tropicaes o homem vive e propaga comendo magras rações de vegetaes e fructas. Assim como, sob um calor excessivo, a vida attinge uma pulsação febril, assim também ahí a alimentação se encontra abundante, fácil, sem pedir ao homem fadigas nem trabalhos. São paraísos, ou regiões abençoadas pela natureza.

Serão as mais próprias para o desenvolvimento da civilização? Sob o aspecto thermometrico já vimos não o serem, e não o são tampouco sob o alimentar. O ideal das condições próprias para o desenvolvimento da vida animal ou natural não coincide com o ideal das condições próprias para o desenvolvimento da vida civilisada. O germinar das sementes racionaes latentes no espirito do homem natural exige um concurso de condições peculiares: exige que o meio por deficiente o não atrophie, e exige também que por

exuberante o não perverta. Assim como o desenvolvimento da intelligencia reclama das paixões uma certa moderação submissa impropria dos calores genesiacos: assim tambem o desenvolvimento dos sentimentos humanos, da responsabilidade, da dignidade, da personalidade, da liberdade, sem os quaes não ha civilisação possivel, exigem um *trabalho* desnecessario nas zonas paradisiacas onde a natureza prodigamente alimenta o homem. Se os climas medios são os proprios para a vida social, as regiões susceptiveis de producto regular com um trabalho normal são tambem as proprias para a localisação das civilisações duradouras. N'este ponto, a Europa e a China dão simultaneamente um documento decisivo. Para que o phenomeno da civilisação se realise não basta, e até não convém, que o homem possa alimentar-se onde, como e quer que seja: é indispensavel que se encontre forçado a ser *previdente*, qualidade fundamental que distingue o civilisado do selvagem.

Se a vida humana, encarada por este lado economico-organico, perde com a civilisação a liberdade solta, para se tornar uma funcção e um rithmo; se, pelo lado propriamente plastico, as sociedades cultas moderam a pressão a que se existe nos climas genesiacos dos tropicos, deprimindo, moderando a intensidade das pulsações: ambas essas diminuições de vida animal são indispensaveis ao desenvolvimento da vida moral, que é a fórmula concreta da distincção do reino animal e do humano. O selvagem, com a inconsciencia demonstrada na sua imprevidencia, na sua liberdade, na franca expansão das suas paixões, soffre decerto uma diminuição de vida natural, quando se torna, como verdadeiro homem, um elemento componente d'esse organismo superior e novo, a sociedade.

3 — A CHOROGRAPHIA

Achamo-nos agora perante um elemento de acção mesologica não menos grave do que os anteriores. Convém saber até que ponto e de que maneira a constituição externa de uma certa região influe sobre o destino dos seus habitantes. Não temos agora perante nós uma tentativa de systema scientifico: ninguem ainda a delincou, á maneira do que Montesquieu fez para o calor, Buckle para os alimentos. Deparam-se-nos apenas observações dispersas, mais ou menos coordenadas, observações porém graves, como vamos vêr.

Hegel considerou tres as categorias geographicas essenciaes: *a*) as altas regiões aridas, extensas planicies e steppes; *b*) os valles, terras de transição permeadas e regadas pelos rios; *c*) as regiões litoraes. A estas tres categorias nós juntaremos duas: *d*) as ilhas, isoladas; e *e*) as regiões alpestres.

A primeira d'estas categorias caracteriza as sociedades nomadas da Asia mongolica, e d'essa região que desde o Sahará, entre o Atlas e o valle do Niger, vae da extremidade marroquina d'Africa, passando o valle do Nilo, os breves oasis da Nubia, e o mar Vermelho, atravessar a Arabia e internar-se pela Persia. São as regiões em que raras ou nenhumaes vezes chove. No novo-mundo, em volta do Orinoco, em volta do Paraguay e nas planicies dos Pampas, onde o gaucho e o patagão, barbaros ou ainda selvagens, vivem nomadamente como pastores: no novo-mundo, dizemos, os caracteres chorographicos não desmentem a physionomia dos costumes dos habitantes do velho. Regiões só temporariamente fructiferas impedem a fixação das sociedades rudimentares, e a imposição de uma vida nomada não consente que a civilisação se des-

envolva além d'esse typo grosseiro. A terra, por ingrata, não exige que os habitantes a apropriem a si, e a propriedade vê-se apenas nos rebanhos dos pastores. Se aqui ou além apparece uma nodoa de terreno cultivado, é porque alguma nascente perdida, ou arroyo breve, occasionaram uma excepção. Quem tiver journadeado pelas charnecas da Estremadura hespanhola e de grande parte do nosso Alemtejo póde até certo ponto formar idéa das condições da vida pastoril. A hospitalidade e a rapina, de mãos dadas, o respeito pelo tecto e pela tenda, que na steppe se levantam como as velas solitarias no mar, são tão naturaes como a protecção que entre si prestam os maritimos em viagem. A rapina é como a pirataria, tendencia tambem natural do marinheiro. Não é o deserto um mar, a vida uma viagem constante, atrás dos pastos, com o rebanho do gado? Dizem os linguistas que quando os aryas, na sua emigração da Asia para a Europa, pela primeira vez viram o mar, denominaram-no com o appellativo de deserto: esteril, *maru*. A vida nomada, os habitos de rapina, e a hospitalidade combinam-se de um modo natural, como consequencias locais. Tem-se observado que os nomadas são tanto mais salteadores, quanto mais proximos vivem de civilisações sedentarias.

A segunda das categorias de Hegel é a dos valles planos e fertéis, onde as civilisações que os encontram se desenvolvem enraizando-se na terra, fixando-se e progredindo pela exploração agricola e pela appropriação do solo. Assim a chorographia concorreu de certo, de um modo eminente, para a formação dos velhos imperios do Ganges e do Indo, do Nilo e do Euphrates. Assim tambem permittiu o desenvolvimento da China, depois que a migração das Cem-familias conquistára aos aborigenes

(ainda hoje observáveis em restos selvagens) os valles dos rios d'essa parte da Asia oriental. Uma circumstancia d'elles, e que é impossivel deixar de considerar, consiste na sua orientação. Os tres grandes rios da China, ao norte o Huang-ho, no centro o Yang-tze que vem até Nankim, ao sul o Chu que vem até Cantão, correm no seio de largas planicies divididas por cordilheiras; mas correm n'uma direcção oeste-leste, e por isso dão a regiões vastissimas e populosas uma uniformidade climaterica que decerto concorre para a homogeneidade e consistencia ethnica do maior dos imperios do mundo. Um curso tão extenso como o do Yang-tze, desenvolvendo-se de norte a sul, abrangeria quarenta graus de latitude; começando em regiões boreaes, viria acabar nas zonas tropicaes, e os seus valles planos jámais poderiam ser em toda a sua extensão o *habitat* de uma população homogenea nos habitos, nem no character.

Os rios, portanto, já por correrem nas baixas planas, já por fertilisarem com as suas cheias o chão onde veem descer os humus das encostas lavadas pelas chuvas, já pela orientação do seu curso: os rios teem um papel eminente no desenvolvimento espontaneo da civilisação. Mas, além d'estes caracteres, é myster não esquecer um ultimo que não diz respeito ao solo marginal, mas sim á propria massa fluida dos rios. A agua é o vehiculo por excellencia, e o progresso de uma sociedade humana depende sempre da circulação e do contacto com outras sociedades, ou pelo menos com regiões bastante vastas para até certo ponto poderem fornecer todas as materias primas indispensaveis á obra da civilisação. Por tal motivo as estradas fluviaes teem um papel historico mais grave ainda do que as bahias, golphos, e enseadas que arredam a

peripheria das massas continentaes, e do que os lagos interiores d'ellas. A terra é hostile quando é massiça: por isso a Africa, levantada sobre o mar em terraços elevados, ficou isolada e selvagem, e os seus rios, vasando-se em cataractas inavegaveis, se com effeito servem ás relações indigenas, não consentem o accesso pelo mar ¹ que para a terra é, na sua universalidade, o que a hydrographia local é para uma certa região. O que se diz da Africa, póde repetir-se do massiço central da Asia-Europa, steppes habitadas por populações barbaras.

A ultima das categorias de Hegel é a dos litoraes. O mar tem attracções, e é facil-de comprehender que os habitos marinheiros devam dar ás regiões litoraes caracteres seus proprios, distinctos dos das regiões interiores. O espirito de aventura, a habilidade commercial, a curiosidade geographica entram decerto como elementos d'esse phenomeno mais proprio dos povos maritimos: a emigração. Póde estabelecer-se como regra, diz Latham, que a adherencia ao solo está em razão directa da distancia do mar. Emigrantes são por excellencia todos os inglezes, mas não ha ponto de Inglaterra que diste 150 kilometros do mar. Da Allemanha emigram principalmente os do Schleswig-Holstein e os hannoverianos do circulo de Hamburgo e Breme. Navegam e emigram suecos, dinamarquezes e italianos; navegámos nós peninsulares ibericos mais do que ninguem na Europa, ² e ainda hoje a nossa emigração ³ parte da zona litoral de noroeste, desde o Mondego até aos Pyreneos. Os

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (3.^a ed.) v. 1. — ² *Historia da civil. iberica*, (3.^a ed.) iv, 5-6; e *Hist. de Portugal* (4.^a ed.) III, 1, 4. — ³ *O Brazil e as colon. port.* (3.^a ed.) iv, 6-7.

colonos francezes do Canadá foram principalmente normandos.

Mas, um phenomeno curioso a contrapôr, ou pelo menos, a juntar a esta regra, é o de que todos ou quasi todos os grandes nomes da epopêa-ultramarina castelhana são filhos da Estremadura, a provincia central, mais similhante a uma steppe, e acaso por isso mesmo geradora tambem do genio aventureiro, egualmente natural dos povos nomadas e dos maritimos, como atrás observámos. Dos portuguezes nada se pôde dizer, pois Portugal é todo elle uma faxa maritima.

Além d'está observação fugitiva, cujo valor se não deve exaggerar, ha porém outra mais grave. Os recursos do commercio maritimo, os recursos alimenticios que a população obtem da pesca, a fertilidade por via de regra superior nos litoraes, onde os rios formam os seus deltas, onde as nuvens distribuem mais humidade, onde o mar regularisa as estações: eis ahi causas concorrentes no sentido da propagação da especie humana. Não será pois a densidade de população, sempre superior e muitas vezes excessiva nos litoraes, uma causa eminente dos phenomenos da emigração? Ao lado, ou ainda acima dos motivos moraes que a attracção do mar provoca, entendemos necessario pôr este motivo de ordem economica.

Referindo e completando as observações dos auctores ácerca da physionomia que a localisação litoral dá aos homens, iremos porém com Hegel até ao ponto de assentar como regra a constituição de nações independentes provocadas por taes phenomenos? A historia offerece-nos, com effeito, o exemplo dos phenicios na Antiguidade, dos venezianos e genovezes nos tempos modernos; e a actualidade conta ainda os hollandezes, e conta-nos

a nós portuguezes. Bastam esses exemplos, raros e breves, embora importantes na historia da civilisação, para fundamentar a regra, atacando as regras conhecidas da influencia do desenho continental e da orientação e disposição das montanhas? Não bastam. Que n'um certo momento as duas influencias chorographicas se achem em opposição e que transitoriamente vença a do litoral, não só se concebe, como se vê; mas que, passado esse momento, a influencia mais geral, orographica e continental, predomina, é o que tambem, não só se concebe, mas se observa por toda a parte. O caracter imprimido pelos litoraes fica ao depois como motivo de differenciação provincial: assim acontece por todo o mundo. ¹

A's tres categorias de Hegel juntámos nós duas mais. A das ilhas isoladas por vastos lençoes de mar é uma, cuja importancia se tem podido avaliar desde que as observações mesologicas se generalisaram ás mais reconditas paragens da terra.

A lei de que o contacto, a opposição, a acção e a reacção de povos diversos influe eminentemente no desenvolvimento da civilisação, ou por iniciação, ou por cruzamento de sangue, ou por extincção gradual dos typos menos bem dotados: essa lei obtem uma prova no que tem podido observar-se nas ilhas afastadas da Polynesia. Paraísos naturaes onde nada falta ao desenvolvimento physico de uma raça que não é das infimas, o isolamento condemnou essas ilhas a um estado de immobilidade; e quando os europeus ahi aportaram, o atrazo era tanto, o progresso dos recémvindos tão grande, que a distancia dos momentos de civilisação tornava impossivel a combinação dos dois

¹ V. com referencia a nós, a *Hist. de Portugal*, (4.^a ed.) tomo I, p. 8-22 e 125-7.

elementos ethnicos. Por isso, diante do europeu, o polynesio desaparece, morrendo. Semente perdida n'um canto do mundo, germinou, cresceu, mas não pôde ir além da efflorescencia paradisiaca de um estado selvagem, por necessitar, como succede a certos vegetaes, o contacto de uma semente estranha, e por não ter encontrado as condições proprias para transformar a tempo as flores naturaes selvagens em fructos de vida culta.

A ultima, finalmente, das categorias chorographicas, a nosso vêr essenciaes, é a das regiões alpestres, que até certo ponto determinam phenomenos analogos aos do isolamento insular. As montanhas são, á maneira dos desertos e espessas florestas, das vastas steppes e dos mares distantes, como que isoladores ethnicos. Essas regiões montanhosas, de um accesso difficil, inacessiveis muitas vezes, afastadas sempre pela altura e pela inviabilidade: essas montanhas, dizemos, insulam grupos de gente a quem dão caracteres proprios. Assim, nos montes Himalayas vivem afastadas tantas naçõesinhas singulares; assim na Europa vive a Suissa; assim S. Marino nos Alpes, e Andorra nos Pyreneus. Se n'estes exemplos europeus a differenciação é quasi apenas politica, já não succede o mesmo nas montanhas asiaticas, nos Himalayas e nos montes Vindhias (como veremos); ao passo que os clans dos montanhezes da Escocia, exemplo archaico de instituições primitivas, esses clans cujo prototypo se vê ainda na Persia, mostram que o insulamento alpestre, dando de si a conservação de typos de raças quasi extinctas, de instituições archaicas e finalmente de nacionalidades ou nações exclusivamente filhas da chorographia, reproduz a regra assente para as ilhas do mar. Com effeito, os valles e terraços encravados

nas ondulações das serras são como as ilhas perdidas nas vagas dos oceanos.

4. — A PAYSAGEM

N'esta expressão, conforme notamos já, incluímos, não só o aspecto da terra, como o do ar e seus phenomenos; o relevo, a coloração, a vegetação, o scenario, a limpidez do céu e as suas nuvens, as trovoadas com os seus clarões e estrondos, as chuvas, e por fim os terramotos, a que Buckle deu um papel eminente.

Rapidamente passaremos sobre taes elementos mesologicos, pelos suppôrmos de uma importancia muitissimo pouco grave. Esses phenomenos exteriores impressionam tanto mais a imaginação, quanto é mais rude o estado da espirito humano; e se o seu papel é serio na historia da formação e desenvolvimento dos mythos, ¹ o seu valor mesologico é secundario por ser historico e não permanente, transitorio em vez de constante, como os elementos que determinam necessariamente condições da vida physica ou social.

Decerto, muitos ou alguns dos phenomenos meteorologicos entram n'esta ultima categoria, por exemplo as chuvas, que influem na hygrometria de uma região; mas não é sob este aspecto, estudado já, mas apenas quanto ás impressões produzidas na imaginação, que agora os observamos. Ora um dos modos porque a civilisação póde definir-se, é o de substituição da imaginação pela razão no governo intellectual dos homens; e basta portanto isto para considerarmos quanto é pequena a acção da paysagem como elemento activo mesologico.

¹ *Systema dos mythos religiosos*, pass.

Sem duvida alguma é possível estabelecer um nexu entre o aspecto de uma região e o temperamento moral dos seus habitantes; mas essa relação é tão fugitiva, tão variavel, que pertence mais ao terreno da phantasia artistica do que ao da sciencia. Além da independencia relativa em que a educação intellectual nos põe das influencias da paysagem, é mistér não esquecer a acção do habito que traz a indiferença para com as mais particulares condições. Assim, os americanos da costa do Pacifico se acostumam aos terramotos (apesar do que em contrario diz Buckle) ¹ como se habituam aqui bem perto os nossos açorianos. E uma vez creado o habito, a vida collectiva segue indifferente, desenvolvendo os elementos constitucionaes e obedecendo ás condições verdadeiramente essenciaes. A paysagem só impressiona, quando pela primeira vez se vê: o habito oblitera as impressões. Por isso a paysagem que é um elemento essencial das primitivas concepções da humanidade, torna-se um elemento quasi indifferente da sua vida civilisada. Por isso tambem a paysagem, cujo valor para a caracterisação natural dos autochtonas enquanto selvagens ou barbaros, é principalissimo, perde esse logar quando se trata de povos que já n'um certo grau de cultura vieram occupar um *habitat* alheio. Assim, na Grecia, o céu limpido, que sem duvida entra como elemento para as creações da poesia e da arte classicas, jámais pôde influir no temperamento artistico do turco. Se o homem é filho da paysagem, que motivo tem impedido o apparecer de Homeros, Eschylos e Phydias osmanlis? O motivo ha de buscar-se n'uma ordem de razões diver-

V. acerca dos terramotos da Hespauha, segundo o mesmo auctor, a *Hist. da civil. iberica*; (3.^a ed.) p. XXXIX-XLII.

sas: no character activo da capacidade da raça, e nas idiosincrasias ethnicas.

5. — A SALUBRIDADE

E não são imaginativas ou moraes apenas essas idiosincrasias: são tambem physicas. Por isso não ha climas absolutamente bons, nem maus, pelo que respeita á salubridade: ha constituições diversas e diversos meios. Nos juncaes do Ganges, na costa de Bengala, acaso o torrão mais mortifero para o europeu, dão-se bem os khonds; e na Africa, onde nós os brancos somos dizimados, propaga o preto.¹ Quasi immune para as febres paludosas, o negro é mais susceptível á phtisica; ao passo que na India, em Ceylão, na Barbada, a elephantiasis persegue os indigenas e raras vezes ataca os europeus.

O exemplo do Lacio, onde se fixou a densa população dos latinos apesar da malaria²; o exemplo das baixas de Sybaris e de Metaponto; o da Sardenha, onde a peste não impediu a lavoura: eis ahi provas europêas de que a resistencia aos climas mortiferos não é condão exclusivo das raças inferiores, como as dos negros e dravidas. O ho-

¹ Eis aqui uma estatistica comparada da mortalidade de Serra-Leoa, em 1829-36 (V. Quatrefages, *Esp. humaine* p. 312)

Sobre 1:000	BRANCOS	NEGROS
Febres paludosas	410,2	2,4
> eruptivas	0,0	6,9
Doenças pulmonares	4,9	6,3
> do figado	6,0	1,1
> gastro-intestinaes	41,3	5,3
> nervosas	4,4	1,6
Hydropisias	4,3	0,3
Outras molestias	12,0	6,2

² V. *Hist. da repub. romana*, I, 2 e seg.

mem, acclimavel nas mais afastadas latitudes, nas temperaturas mais distantes, doma-se tambem sem morrer aos climas mais pestiferos, sempre que póde satisfazer esta necessidade primordial da sua constituição physica: comer. Por serem excepcionalmente pingues as campinas do Tibre, ahi assentaram os latinos, apesar da malaria.

Mas, fixada e acclimada uma população, adquirido um temperamento pela adaptação, é ocioso dizer que, para além de certos limites corrigiveis pelas artes dos povos cultos, se tornam fataes as transplantações de homens. Não é este o facto singular com referencia á salubridade; mas sim um outro, observado, reconhecido, embora até hoje como que mysterioso e em todo o caso por explicar satisfactoriamente.

Sabemos que, independentemente da capacidade ingenita ou inicial das raças humanas, o choque de duas populações (ás vezes até de uma mesma stirpe ethnica) em graus muito afastados de evolução civilisada traz sempre consigo, senão o extermínio, pelo menos a absorção, a eliminação inevitavel, da raça inferior ou tardivaga. Alguma cousa semelhante e acaso correlativa se dá quanto ás doenças epidemicas. Já n'outro lugar mencionámos e considerámos este facto,¹ mas ás notas registradas convém juntar algumas outras. Parece que as raças ganham, com a idiosincrasia geral, um temperamento pathologico especial proprio. Crê-se que na America não havia bexigas até á chegada dos europeus; e é sabido que do novo-mundo veio para o velho a syphilis. A mortandade que as bexigas fizeram nos pelle-vermelhas tomou proporções quasi incriveis: ficou celebre a tribu dos man-

¹ *O Brazil e as colonias port.* (3.^a ed.) p. 144-6.

danes que, bloqueada pelos siús, não podendo fugir ao açoite do flagello, foi aniquilada em poucos dias.

Os russos levaram as bexigas aos tungús da Sibéria, e o susto que estes teem da molestia exprime a gravidade dos destroços. Abandonam o doente n'uma cabana e a familia segue, emigrando *contra o vento*, levando cada qual, em choros, um vaso de barro com carvões accesos. Não voltam emquanto não decorreu o tempo bastante para eliminar o perigo de infecção.

E se o contacto com os europeus desenvolve assim entre os selvagens epidemias tão mortíferas, outro phenomeno, mais mysterioso talvez ainda, é o definhar espontaneo, a esterilidade triste que ataca essas populações condemnadas — dir-se-hia conscias de um destino fatal. ¹ Com o australio definha a sua fructa querida e adorada, o bunya: dizem que, com o ultimo australio, morrerá o ultimo bunya!

Colligimos os varios elementos constitucionaes do *meio*, analysando as condições de natureza diversa que principalmente influem no formar e desenvolver da civilisação dos homens. Resta-nos agora summariar as nossas observações e concluir.

¹ Quatrefages (*Esp. humaine*, p. 315) collige as seguintes notas:

Cook calculava os sandwiches em 300:000. Em 1861 só restavam 67:000. Na Nova-Zelandia achou 400:000 maoris, dos quaes em 1858 restavam apenas 56:000. A' mesma data as Marquezas tinham apenas 2:500 a 3:000 habitantes, reliquias dos 70 a 80:000 registrados por Porter. Taiti contava 240:000 pessoas que em 1857 estavam reduzidas a 7:212. Outro tanto aconteceu nas ilhas Tongas, em Vavau, em Fidji. Em Sandwich, sobre 80 mulheres casadas, apenas 39 eram fecundas; em 1849 havia 4:520 mortes contra 1:422 nascimentos. Colenso dizia que os casamentos da Nova-Zelandia raras vezes eram fecundos.

O clima, e o *meio* em geral, teem um papel importantissimo no sentido de caracterisar a civilisação espontanea dos povos, e até no de a encaminhar, de a facilitar, ou de a impedir; mas as causas externas não se póde dizer que determinem o phenomeno da civilisação, essencialmente dependente da capacidade psychologica da raça. E dizemos assim, porque, se ha condições extremas de inferioridade constitucional physica que impedem o desenvolvimento da civilisação, assim como ha condições mesologicas extremas tambem funestas: é facto que, na maxima parte dos lugares e com uma robustez, estatura, côr, phisionomia, etc. varias, o homem mostra ser capaz de sair do estado selvagem para um estado civilisado mais ou menos avançado.

Os dotes psycholicos das raças são para nós, pois, como a semente que tem em si a virtualidade da germinação e crescimento da planta quando encontra um chão apropriado. E entre a vasta sementeira de homens sobre o globo abundam os exemplos de raças que não progridem, apesar do *meio* não impedir o progresso; vendo-se ao mesmo tempo outras raças que sem duvida alguma progrediriam, se não tivessem parado contra obstaculos externos de varia especie. As ilhas polynesias são paraísos vegetaes, a Africa é um granel, os norte-americanos nunca chegaram a domesticar o bufalo.

A' primitiva differenciação e jerarchia das raças naturaes dos homens, circumstancia que radicalmente impediria por si só o desenvolvimento uniforme e universal da civilisação, vem juntar-se, para mais variar os aspectos, o facto da variedade de condições de existencia que a terra offerece. Se ella fôsse toda egualmente fertil, egualmente

humida, teriamos ainda assim doze graus de desenvolvimento ethnico correspondente a outras tantas raças naturaes¹; mas como o *meio* influe energeticamente na capacidade ingenita das raças, o numero de fórmãs, graus, ou momentos de civilização é incontavel, porque são infinitas as combinações possiveis de elementos numerosamente variados.

A's idiosincrasias determinadas pela combinação dos dotes naturaes com as condições externas succede transformarem-se de effeito em causa; e assim as crenças, instituições, habitos, tradições etc., provenientes do concurso de motivos naturaes, tornam-se depois em elemento de novas differenciações ethnicas, de uma como que segunda natureza — a social, ou historica.

E' o que vemos succeder com as nações filiadas n'uma mesma ascendencia de sangue, habitando regiões proximamente eguaes, mas a que a vida historica deu caracteres diversos.² Dentro das nações, vemos tambem as classes e as castas, que são a classe elevada aos termos de uma separação fixa; e classes ou castas, factos communs a todas as sociedades humanas, vemol-as determinarem pela hereditariedade uma differenciação ethnica. E, finalmente, ao lado d'estas segundas naturezas creadas, ou pela autonomia politica, ou pelas instituições, é necessario registrar as differenças que proveem da educação religiosa. A religião, indo tocar nos problemas mysteriosos da existencia, fere as cordas mais reconditas da alma das populações, sujeitando-lhes a intelligencia a provas durissimas: por isso embrutece as raças inferiores e as classes inferiorisadas das raças cultas, enlouquecendo os

¹ V. *Elem. de Antropologia* (3.^a ed.) p. 184-5. — V. *Hist. de Port.* (4.^a ed. I p. 21-2.

povos cujos dotes e historia levaram a um estado de exaltação pathologica. ¹

Eis ahi, pois, a serie hierarchica dos motivos de differenciação ethnica. Muitas causas tornam os agrupamentos de homens diversos entre si; mas acima de todas essas causas é mistér pôr sempre, como fundamental, a capacidade ingenita da raça. Variando as condições de existencia, uma raça que a ellas devia uma civilisação n'este sentido artificial, decae e até regressa ao estado selvagem: não são raros os exemplos d'estes, mas nenhum exemplo de tal especie se encontra entre os povos semitas, ou indo-europeus. As acquisições da civilisação fixam-se, tornando-se como que naturaes, quando encontram na massa do sangue de um povo a capacidade de as assimilar; podendo perder-se, ou obliterar-se, quando a civilisação não passa de um phenomeno exterior e fortuito.

D'esta serie de circumstancias observadas resultam os numerosos processos da civilisação nos diversos povos, e o character irregular com que tem progredido a civilisação geral. Acantonadas em regiões varias e variamente dotadas, as familias humanas desenvolveram-se por modos infinitamente diversos, nas fórmãs, no tempo; e se não fosse o facto de que todas essas variedades, nos seus aspectos multiplos, obedecem a um modelo typico,

¹ V. em Lombroso, *L'uomo delinquente*, p. 250, a prova da loucura excessiva dos judeus:

		CATHOLICOS	PROTESTANTES	JUDEUS
na Baviera	} ha um caso } de loucura } por cada	} 908 } 527 } 1:355	} 967 } 641 } 1:264	} 514 } 337 } 604
no Hannover				
na Silesia				

É, como se vê, quasi duplo o numero proporcional dos casos entre os judeus.

padrão constante do progresso, ¹ decerto seria chimerica a idéa de uma civilisação geral. Mas, por isso mesmo que essa generalidade é um facto, e que tudo no mundo gravita para um ponto, por varias estradas, vagarosa ou vertiginosamente, por atalhos ou em rodeios, com uma visão mais ou menos distincta e uma vontade mais ou menos energica : por isso mesmo se dá, na marcha da humanidade, em grupos, familias, nações diversas, um processo semelhante ao dos concursos em que nos circos da Antiguidade os carros doirados disputavam o premio. Atropellam-se os rivaes, passa-se por cima dos fracos; o que tropeçou cáe, o que parou jaz esquecido na poeira da arena, e afinal fica só em campo aquelle cuja força e cuja destreza tornaram victorioso. A arena pertence-lhe. Na historia, a nossa arena é o mundo; e no concurso das raças dos seus habitadores humanos, o dominio coube á dos indo-europeus que adiante de todos chegaram a conquistar os elementos de uma acção que reage sobre todos os outros povos, para os avassallar, ou para os exterminar.

¹ V. a theoria da historia universal, na introd. ás *Taboas de chron. e geog. historica*, a introdução á *Hist. da rep. romana*; bem como *Syst. dos mythos relig.*, o *Quadro das inst. primitivas*, e o *Regimen das Riquezas*.

II

A civilização e a natureza

O systema das relações entre o homem, como individuo social, e o mundo, como seu *habitat*, deu lugar á criação de um ramo dos conhecimentos que se denominou Philosophia-da-Historia. Nos tempos modernos, quando os processos deductivos ou logicos do pensamento antigo se combinaram com o messianismo christão, a philosophia da historia appareceu pela primeira vez esboçada no celebre livro de Salviano, *De gubernatione Dei*, inspirado na idéa de Providencia formulada por Santo-Agostinho. O governo do mundo era uma obra divina, e a successão das edades obedecia a ordens providenciaes. Esta doutrina teve em Bosuet o seu ultimo representante. Depois, a renovação philosophica do seculo XVIII, correspondendo ao resfriamento da fé christan e ao crescente predominio do espirito scientifico, apresentou na philosophia da historia as duas familias de pensadores em que se dividiam as escholas. Do idealismo mystico do italiano Vico, chegamos, na primeira metade do seculo actual, ao idealismo pantheista de Herder e á logica transcendente do hegelianismo. Por outro lado, o sensualismo ia renovar as doutrinas de Antiguidade greco-romana, e Montesquieu com o seu *Esprit des lois*, Voltaire com o *Essai sur*

les mœurs, tentavam assentar abstractamente as leis da philosophia da historia, á maneira do que outr'ora o fizera Aristoteles.

D'essa litteratura philosophica, a que o progresso do espirito objectivo, ou scientifico, a accumulção dos conhecimentos e observações, e o maior lugar dado ao methodo inductivo, diminuem consideravelmente o valor actual, resta, porém, um ensaio que, se como erudição nem de longe se póde comparar com a obra de Montesquieu, como lucidez e exacção póde ainda servir-nos de guia em muitos, senão em todos os seus lineamentos: é o *Tableau des progrès de l'esprit humain*, de Condorcet.

O primeiro estado de civilisação em que se observou a especie humana é, diz o auctor, o de uma sociedade de homens pouco numerosos subsistindo de caça e pesca, apenas sabedores da arte grosseira de fabricar armas e utensilios domesticos, construindo ou cavando as habitações; mas já senhores de uma lingua, de um breve peculio de idéas moraes, d'onde deduzem regras comuns de conducta, vivendo em familias, conformando-se a usos geraes e tendo até já uma fórma rudimentar de governo.—A incerteza e a difficuldade da alimentação, as alternativas de fadigas extremas e odios absolutos, impedem o homem de gozar d'essa placidez em que a intelligencia se enriquece meditando. Os meios de satisfazer as necessidades dependem demasiado do acaso e das estações, para que possam incitar ao estabelecimento de industrias transmissiveis por herança; e cada qual se limita a aperfeiçoar as suas artes e habilidades pessoaes.—Assim, os progressos da especie humana foram lentissimos a principio: apenas se realisavam quando favorecidos por circumstancias extraordinarias. A' subsistencia obtida pela caça e pela pesca, ou pelos fructos espontaneos da terra, succede o alimento que dão os animaes domesticos; e a este meio vem juntar-se depois uma agricultura grosseira.—A propriedade, que no primeiro momento se limita aos animaes mortos na caça, ás armas e utensilios, passa para os rebanhos, e depois para a terra desbravada e cultivada.

— Desde que os mais habeis obtiveram sobras, introduziu-se o uso de pagar com o superfluo o trabalho alheio exercido em proveito proprio; e existindo uma classe de homens cujo tempo não é absorvido pelo trabalho manual, a industria acorda, desenvolvem-se as artes, e surge uma aurora de sciencia. A medida que por tal fórma as relações se alargam multiplicando-se, cresce a urgencia de communicar com os ausentes, de perpetuar a lembrança dos casos, de fixar as convenções: apparece a escripta. — Parece que ella foi primeiro uma verdadeira pintura a que succedeu uma pintura convencional; e depois, por uma especie de metaphora analoga á que já se introduzira nas linguas, a imagem de um objecto physico passou a exprimir idéas moraes. Com o tempo esqueceu a origem dos signos, e a escripta tornou-se a arte de exprimir com um character convencional cada idéa, cada palavra, e depois cada modificação de idéas e palavras. Afinal soube-se designar por signos visiveis, não as idéas nem as palavras correspondentes, mas sim os elementos simples com que as palavras se compõem: achou-se a escripta alphabetica.

Tal é o desenvolvimento, rudimentar, mas contendo em si já tudo o que a civilisação tem de essencial: tal é um dos assumptos d'esta obra. O leitor verá que o texto transcripto póde ser ainda hoje o programma de um trabalho, e que a extraordinaria quantidade de conhecimentos posteriormente adquiridos não destroe os lineamentos traçados por Condorcet, haverá um seculo, á civilisação primitiva.

Mas, se esses lineamentos são verdadeiros como expressão de uma historia abstracta, já não succede outro tanto ao pensamento que dirigia o philosopho. Elle, Montesquieu, Voltaire, e, com os mestres do XVIII seculo, ainda muitos escriptores contemporaneos vêem n'essa historia a explicação cabal do phenomeno; porque attribuem a civilisação ao méro facto da acção do *meio*, da adaptação do

homem, e da selecção natural pela concorrência vital — *struggle for life*. Em opposição a tal doutrina, estiveram e estão ainda hoje, como dissemos, as doutrinas, primeiro providencialistas com Bossuet, depois idealistas com Hegel e seus discipulos. Para todos, a historia era um destino transcendente, realisavel por diversas vias.

Quem se aproxima da verdade? Até que ponto confirma o pensamento positivo e critico, ou scientifico, a passividade a que uns submettem o homem, e a soberania absoluta que os outros dão ao espirito humano?

Já em outro lugar esboçámos a nossa doutrina a tal respeito, ¹ e não vemos por isso conveniencia em tornar a um assumpto duro e arido para a maioria dos leitores. Em vez de proceder didacticamente, é preferivel proceder descriptivamente; e mal dê nós se do conjuncto de impressões produzidas por este livro não ficar no leitor a idéa de que os homens teem em si, mas n'uma quantidade que é differente com as raças, assim como o é com os individuos dentro de cada raça, a virtualidade de um progresso constante e sempre egual na sua essencia, embora se manifeste por modos infinitamente variaveis. Mal de nós, se, reconhecida esta verdade fundamental, não reconhecemos o facto de que essa variabilidade infinita provém tambem das condições externas, mais ou menos favoraveis ao germinar da semente do progresso; provindo tambem, finalmente, dos casos e combinações fortuitas que constituem a historia.

Fixadas com nitidez e segurança estas noções, teremos construido o alicerce da sciencia da civilização. Dizer qual é a essencia d'essa *vis intima*,

¹ V. *Elementos de Anthropologia* (3.^a ed.) p. 11-21 e 45-50.

immanente no espirito humano, pertence á metaphisica, a subtil indagadora dos mysterios. A sciencia da civilização, que por analogia podemos chamar embriologia social, basta a determinação dos elementos e causas dos phenomenos, e o conhecimento das regras a que obedecem o nascer e crescer dos organismos collectivos humanos. Já estudámos com um certo vagar o grau de influencia dos elementos mesologicos, chegando á conclusão de que essa influencia não é primaria, nem decisiva, nem constante, embora se lhe possam marcar sem duvida certas regras mais ou menos fixas. Não ha, por exemplo, duvida em que a falta de penetrabilidade geographica de uma região é adversa ao desenvolvimento progressivo de uma raça, pois que entre as condições necessarias da civilização está o contacto de gentes diversas. Não ha duvida em que a exiguidade de um territorio isolado mal se coaduna com o progresso, porque por via de regra esse territorio não póde conter em si todos os materiaes economicos necessarios ao desenvolvimento da industria. E' tambem certo que a inclinação abrupta das montanhas precipita e enraiza no fundo dos valles os homens e os humus férteis de que elles tiram a alimentação.

A instabilidade dos imperios asiaticos tem-se attribuido, e com motivo, á vastidão das planicies, sem montanhas que são isoladores ethnicos, sem obstaculos que impeçam o rolar das vagas das migrações assoladoras. Mas se a observação satisfaz mesologicamente, não póde satisfazer á sciencia da civilização. Que factó determinou a migração? que motivo a encaminhou por um certo lado? que circumstancias se combinaram no sentido de produzir o phenomeno historico da queda de um d'esses

imperios ephemeros dos tartaros, ou dos mongolios? Eis ahi o que é indeterminavel e fortuito.

Tambem fortuito parece o caso, já alludido, das civilisações do Perú e do Mexico. Assentam nos plan'altos das regiões equatoriaes, quando a regra as mandaria localisar nos valles dos rios orientaes, uberrimos e temperados; sem que, por outro lado, as suas linguas revelem faculdades ethnicas superiores ás das demais raças americanas que ficaram selvagens ou barbaras.

Se a questão dos dotes ingenitos das raças nos conduz aos limites da sciencia, tendo de deixar á metaphisica a adivinhação do que seja a Força; tambem á metaphisica compete deslindar o que seja o Acaso, factor evidente, constante, nos phenomenos historicos. Venham, em qualquer dos casos, observações novas, erudição accumulada alargar as fronteiras da sciencia: jámais as eliminarão. O limite é condição inherente ao saber humano.

Aos dotes ingenitos das raças juntaram-se as condições mesologicas, e a ambos vem a historia juntar os acasos — para constituir o systema de elementos constitucionaes da sciencia da civilisação. Reunidamente, estes tres factores determinam o desenvolvimento das civilisações particulares, mais ou menos especiaes e ephemerass, e o desenvolvimento da civilisação geral que avança gradualmente de zona em zona, de raça em raça, por uma selecção natural, até conseguir fixar-se no melhor local e manter-se na posse da melhor raça. Esse local é a Europa, essa raça é a indo-europêa.

Sem o Mediterraneo, diz Hegel, não se comprehendendo a historia. Os tres continentes do velho mundo, ligados por esse mar, formam em volta d'elle um cinto de territorios felizes, isolados, do lado da Asia pelas vastas steppes, do da Africa pelos de-

sertos saharianos. Draper, por outro lado, n'uma descripção vivissima, mostra como a Europa, collocada no extremo d'essa vastissima estrada de planicies que vem desde o Pacifico até á Allemanha, e por onde rolaram tantas vagas de homens, apparece como um logar predestinado, com a variedade dos seus climas devida á orographia, com a humidade fecundante da sua atmospheria, com a temperatura moderada pelos ventos africanos e pela corrente do *gulf stream*, sem desertos nem florestas espessas, arrendando-se sobre o mar n'um contorno de bahias e peninsulas, que pôr toda a parte permitem o accesso facil n'um desenvolvimento incomparavel de costas.

E' facil de conceber, pois, que a civilisação typo se devesse localisar na Europa; e sendo ella um fim do mundo, limitado pelo vasto Atlantico, vê-se tambem n'essa circumstancia o motivo porque até epochas recentes não passou além. Só no nosso cyclo historico veio a descobrir-se a America,¹ e só quasi nos nossos tempos a civilisação europêa adquiriu meios de trasladar os seus penates para o novo-mundo, completando assim os aryanos a sua viagem migratoria em torno da terra.

Ou se ignora, porém, ou é esse um dos casos fortuitos da historia: ou foi uma razão, ou um acaso, que deu á migração dos povos aryanos a direcção propria para virem encontrar no termo da sua viagem a Europa. Tivesse sido diversa a derrota, e a historia do mundo seria outra. Imaginem se, por outro lado, em vez de um Mediterraneo, steppes semelhantes ás da Mongolia, ou um Sahará, em vez de um mar, e tambem os aryanos decerto não teriam podido attingir o grau culminante de des-

¹ V. *Hist. da civil. ibérica*, (3.^a ed.) IV, 5, 6.

envolvimento, nem receber dos hamito-semítas das margens austraes do mar europeu a iniciação que elles lhes levaram nos seus navios. Assim, para bem apreciar o alcance d'este caso, é mister suppôr duas hypotheses, ambas egualmente admissiveis: um deserto em vez de um mar mediterraneo, ou a invasão de povos mongolicos em vez de povos arianos. Em qualquer dos casos, é fóra de duvida que o exito seria diverso do que foi; e d'estas considerações resalta evidente a importancia summa dos tres elementos fundamentaes da civilisação: os dotes da raça, as condições do local, e o concurso de circumstancias historicas.

Ora desde que estas ultimas trouxeram a mais bem dotada raça ao local entre todos excellente, basta a selecção natural para explicar o subsequente predominio dos arianos na Europa, e depois da Europa em todo o mundo. No Mediterraneo acharam florescentes as civilisações particulares dos hamito-semítas, phenomenos correspondentes, no mundo occidental, ao da China no oriental; e absorvendo essas civilisações, assimilando d'ellas o que lhes servia para o desenvolvimento proprio, deixaram-nas em ruinas, destroçadas e mortas. Assim a Africa setentrional, primeiro centro da historia do Occidente, nas éras do Egypto pharaonico e da republica de Carthago, voltou, senão ao estado selvagem, a um estado mais ou menos caducamente barbaro.

Selvagem era a condição em que os arianos, no estado barbaro em que chegaram á Europa, acharam as populações d'ella: porventura a primeira camada, ou autochtona, dos seus habitantes. Nada tinham a receber, nada a aprender: tinham apenas a exterminar. Por isso com razão se suppõe que os retalhos de povos, isolados nos extremos

do continente, finnios de um lado, iberos do outro, sejam os restos ainda vivos de um sub-solo ethnico, afflorando afastados, como succede aos stratos geologicos, partidos e repellidos por uma sublevação. Não foi, por isso, o contacto com os aborigenes europeus (contacto semelhante ao dos europeus de hoje com os selvagens da America ou da Oceania) que fomentou a civilização dos arianos. Foi porém, como já se indicou, o contacto com os hamito-semitas, menos capazes de progredir conforme a historia posterior o demonstrou, mas que tinham já por muitos lados attingido um grau superior de civilização, quando a seu lado os arianos ainda barbaros appareceram.

Antes que na Europa mediterranea os indo-europeus tivessem, na Grecia e na Italia, os focos de uma civilização que havia de tornar-se geral, typica, universal, absorvente de todas as civilizações particulares-locaes, já os hamito-semitas contavam seculos de vida social; e esses remotos imperios do Occidente apresentam mais de um traço de semilhaça com o remoto imperio do Oriente ainda hoje vivo na China. O Egypto e a China offerecem, com effeito, affinidades na lingua, na escripta, na industria, na influencia de uma casta ou corporação, sacerdocio ou mandarinato, que com a sciencia governa e conserva a tradição. Um méro acaso historico fez com que os imperios hamito-semitas entrassem em concorrência-vital com os dos indo-europeus e definitivamente morressem quando Carthago caiu ha vinte seculos; ao passo que só agora principia a desenhar-se a concorrência entre os arianos da Europa e da America e a China, á qual ambos já chegam por vias oppostas. Quantos seculos faltarão para que á China succeda o que succedeu ao Egypto? Muito

menos, sem duvida, do que os das guerras africanas; pois agora os indo-europeus dispõem de recursos accumulados incomparavelmente superiores.

Nos tempos remotos, dizemos, em que a concorrência principiou a desenhar-se na região do Mediterraneo, os arianos começaram por desempenhar o papel de um pupillo ou discipulo, mas que breve excedeu o tutor e mestre. Já era antiga a civilisação dos hamito-semitas, repetimos, quando os seus rivaes e futuros vencedores appareceram barbaros no palco da historia. Aos elamitas mysteriosos tinham succedido os summerianos, que não deixaram mais vestigios do que obscuras syllabas gravadas nos ladrilhos que hoje a erudição decifra; tinham succedido os chaldeos, observando os astros, associando ao culto da luz os emblemas da fecundidade, legado provavel dos povos de Summer e de Accad; tinham succedido os assyrios e os egypcios, mestres da civilisação hellenica. E enquanto os imperios se seguiam, enraizados no solo fertil dos valles do Nilo, do Euphrates, do Tigre, uma guarda avançada exploradora, porta-bandeira das conquistas moraes e materiaes d'essas civilisações, debruçada sobre o Mediterraneo nas montanhas do Libano, embarca, navega, vae até ás columnas de Hercules e transpõe-as, vae até aos Dardanellos e passa-os, entra no Atlantico, no mar Negro, visita as ilhas e peninsulas, assenta nas praias dos continentes, fundando colonias, ensinando a arte de escrever e de trabalhar os metaes. Essa guarda avançada são os phenicios, que fizeram para os mares europeus o que nós, hespanhoes, fizemos depois para os mares de todo o mundo.

Mas, se basta a intervenção do acaso para impedir que a civilização progrida de um modo normal, regular, como um rio que placidamente corre n'um terreno sempre igual, é necessario reconhecermos que o concurso de causas diversas, a multiplicação infinita de combinações, de condições e motivos, dá lugar a uma variedade de phenomenos excepçionaes.

Nunca uma civilização se desenvolve correlativamente em todos os seus órgãos e funcções; e por isso a avaliação comparada de varios estados historicos de um povo, ou do estado contemporaneo de varios povos, só póde fazer-se summaria e totalmente. E' sabido que as relações sexuaes entre muitas tribus selvagens são mais puras do que as das classes elevadas das sociedades mahometanas. A escravidão entre os barbaros e selvagens era, ou é, mais humana do que a escravidão colonial dos europeus.⁴

Além d'isso, a decadencia das civilizações e a degenerescencia das raças são factos que, ou pódem provir da falta de capacidade para se manterem n'um estado a que algum acaso as elevou; ou pódem apenas provir de alteração das condições proprias para a conservação do estado culto que tinham attingido. Assim, a fome, a guerra, uma epidemia, ou uma conquista podem trazer consigo consequencias funestas a uma civilização dotada de capacidade de progresso ulterior: é o que nos mostra a Irlanda quasi selvagem, no principio do XVII seculo da nossa éra. E ao lado d'estes exemplos da segunda especie convém apontar alguns da primeira, porque nos costumes dos povos selvagens é mister estudar sempre o que póde provir de atrazo

⁴ V. *O Brazil e as colonias port.* (3.^a ed.) II, 1, 2.

constitucional e o que provém de degenerescencia ethnica. Os polynesios, tão bem estudados por For-
nander, são um exemplo d'este ultimo caso. Quando
os europeus os descobriram, acharam-n'os n'um esta-
do evidente de regressão á vida selvagem, porque
só n'um estado superior poderiam ter effectuado as
suas migrações maritimas, attestadas pelos monu-
mentos archeologicos, que mostram a antiga exis-
tencia de navios de coberta, ahi onde agora apenas
se constroem pirogas primitivas. Mas a theoria que
serviu de base a Schlegel na sua *Philosophia da*
historia, de que o estado selvagem é sempre uma
degenerescencia ethnica, não vale mais a pena da
discussão, desde que tudo nos demonstra a exis-
tencia de raças incapazes de attingir a civilisação.
E' dentro d'essas que abundam os exemplos de re-
gressão espontanea ao estado selvagem de que al-
guma circumstancia fortuita as fez sair, e em que
artificialmente as manteve por algum tempo. As-
sim, as tribus americanas austraes, com tres seculos
de contacto com europeus, mostram-se incapazes de
sair do estado selvagem, do qual por breve espaço
pareceram ter emergido sob a domesticação facticia
dos missionarios. Salvo certas tribus do gran-Chaco
e dos plan'altos chilenos que passaram á vida pas-
toril, todo o resto regressou ao primitivo estado ca-
çador. Os pelle-vermelhas morrem sem se conver-
terem; e os negros de Cabinda ou de Kru, depois
de visitarem a Europa, ou de servirem no Brazil,
marinheiros ou escravos, regressam á vida selva-
gem, ou entre selvagem e barbara, da costa de
Guiné. ¹ O que succedeu aos congos e aos brazis
christianisados pelos jesuitas, ² é o que se deu tam-
bem com os maoris da Nova Zelandia e com os ca-

¹ V. *O Brazil e as colonias port.* (3.^a ed.) p. 219-20. — ² *Ibid.* pag. 22-9.

lifornios: enquanto duraram os franciscanos, os indios viviam cretinizados em aldeias, mas desde que os missionarios partiram, regressaram ao estado selvagem. Porém, casos mais singulares conta Peshell, e entre esses o de um botocudo que, depois de graduado medico pela universidade da Bahia, não pôde com a sua sorte e voltou a viver selvagem. Não é isto, afinal, o que succede a muitos cirurgiões de aldeia que, depois de iniciados na vida culta e na sciencia pela frequencia das escholas das capitaes, vemos regressarem ao bronco estado nativo de camponios semi-barbaros?

De sorte que, se a theoria da degenerescencia para explicar o estado selvagem é absurda, egualmente erronea é a theoria da identidade de capacidade de civilização em todos os homens. Ferido pelo facto da successão dos imperios, do nascer, crescer e morrer successivo das civilizações, Vico formulou a sua lei celebre do *ricorso*, apresentando como typo absoluto de civilização a romana, successivamente repetida em lugares e condições diversas. Jurista e não ethnologica, n'um tempo em que se pôde dizer não existia ainda nem anthropologia nem ethnologia, a theoria de Vico nem por isso deixa de ter uma applicação e um valor em nossos dias. ¹ E' porém decerto incompleta, sobretudo por não reconhecer o facto primordial da capacidade das raças, nem o facto secundario da influencia mesologica; e pôde dizer-se erronea por não vêr nas decadencias das civilizações casos fortuitos, mas sim leis necessarias. ²

Não ha duvida, comtudo, que na sociedade os órgãos naturaes são sempre essencialmente os

¹ V. a introd. à *Hist. da republica romana*.

² V. *Systema dos mythos relig.*, pag. xi.

mesmos, e que por isso, apesar de variarem os aspectos exteriores, o seu crescer e morrer é sempre identico. Se não ha *riccorso* necessario nas civilisações particulares, embora de facto haja quedas fortuitas; se na civilisação geral não ha *riccorso*, mas sim um progredir constante, embora nem sempre se progrida correlativamente em todos os órgãos e funcções sociaes: ha porém *riccorso* necessario e demonstrado na existencia particular de muitos órgãos da sociedade. Assim, os excessos do poder absoluto trazem consigo a reacção anarchica, e da desordem incommoda vem o despotismo. Assim, as aristocracias se concentram e duram, até que, esquecidos os serviços dos avós, e vendo-se apenas os vicios e o orgulho dos netos, a nobreza acaba ás mãos do povo ou do tyranno que opera em seu nome por eleição. Assim, os heroes fundam as dynastias, e os descendentes, amesquinados, as arruinam. Assim os povos, com a coragem e a frugalidade, ganham victorias, cujos resultados, enriquecendo-os, os amolecem e corrompem. Assim os grandes imperios, formados pelo amalgama de pequenos estados, se decompõem logo que attingiram o maximo grau de cohesão.

Exemplos d'estes podiam multiplicar-se, mas taes factos importam mais á nomologia do que á ordem de estudos que agora nos occupa; referem-se á vida organica das instituições, e não á vida dos povos como familias naturaes, nem ao desenvolvimento das civilisações particulares e da civilisação geral, como factos espontaneos ou efflorescencias vivas. Que as civilisações particulares sejam successivas pouco importa, porque a transmissão das suas conquistas faz o mesmo que faria uma civilisação, ethnica e geographicamente contínua. Na propria

marcha, porém, d'essa civilização geral, se não encontramos *ricorso*, achamos crises que, se se repetem por motivos e em condições diversas, mostrando assim como são fortuitas e não necessarias, mostram comtudo que além das causas de repetição de phenomenos ha o facto de um progresso constante. Attingimos n'este momento a terceira das fronteiras da sciencia da civilização. O leitor recorda-se do que dissemos da Força, quando fallámos da capacidade ingenita das raças; depois, do Acaso, quando verificámos o seu papel eminente na historia; agora, finalmente, encontramos o Progresso, isto é, o destino derradeiro para onde se encaminha essa marcha da civilização atravez do tempo, avassalando o mundo inteiro.

Parando, assim, contra uma barreira que á sciencia não é dado transpôr, regressemos, como temos feito, ao terreno proprio do nosso estudo. Assente a doutrina da constancia da civilização progressiva, deixámos porém atraz notada a realidade do *ricorso* social e das degenerescencias ethnicas. Se os imperios caídos, como os do Perú e do Mexico, os de Babylonia e do Egypto; se tambem os exemplos dos povos selvagens nos dão a prova do que dissemos: resta agora mostrar como, no proprio seio das sociedades actuaes da Europa, já nas suas colonias, já nas suas metropoles, se podem observar phenomenos analogos aos que vimos darem-se no mundo extra-europeu.

A questão da acclimação dos europeus no Ultramar tem dado motivo a discussões graves acerca do problema da propagação da civilização por meio das colonisações. Não fallamos agora da inhospita Africa, nem das regiões torridas da America; não é da temperatura nem da salubridade que tratamos, mas sim da adaptação natural e da embrio-

logia social, essencialmente ligada ao futuro da universalisação do dominio da raça e da cultura dos indo-europeus.

A America do norte e a Australia dão-nos o máximo exemplo de transplantação de povos arianos, do seu *habitat* adquirido na Europa, para territorios onde chegam já senhores de uma civilisação consummada e expressa n'um typo physico e moral accentuado. Que esses povos assim transplantados expulsam e exterminam os aborigenes é um facto; mas que a transformação vingue, sem nada perder dos dotes conquistados, sem adquirir nada do novo meio em que se faz, é para muitos um problema.

Com effeito, a colonisação dos novos-mundos recentemente descobertos não póde equiparar-se á acclimação que os arianos, por exemplo, tiveram na Europa no decurso das suas migrações e nos tempos posteriores até ao nosso. Levae um homem do Caucaso para a costa do Ouro: ou morrerá, ou definhará com febres. Não será porém o mesmo se, n'uma ou mais gerações, homens caucásicos tiverem passado do valle do Jordão para o do Nilo, se outras gerações forem seguindo pelo Senegal até Gambia, e outras ainda chegarem por fim ao golpho de Guiné. Ora o primeiro exemplo dá idéa das colonisações, o segundo das migrações.

Regressarão d'aqui por seculos os americanos, perguntam alguns, ao typo indigena? Já o cavallo, o boi e o carneiro, accrescentam, se naturalisaram: vivem e propagam; mas teria succedido assim, se tivesse faltado a infusão constante de exemplares europeus? Suplantariam o llama, o bufalo, o veado? Sem duvida que todos estes, e com os animaes os selvagens, desaparecem perante os europeus, homens e animaes; mas pergunta-se o que succederia se a corrente da emi-

gração se seccasse, e a população humana crescesse apenas pela reproducção dos exemplares acclimados. Já o norte-americano differe do europeu: as mulheres perdem os dentes cedo; em ambos os sexos o tecido cellular adiposo desaparece de entre a pelle e as aponevroses e musculos; o aspecto é duro, com os musculos, como cordas, apparentes; ha symptomas de uma decadencia prematura; a vida das creanças é precaria nos estados do sul, a natalidade exigua nos do norte. De taes observações concluem muitos que, a não ser a constante infusão de sangue europeu, ou o immigrante desceria á condição do pelle-vermelha, ou a população nova se extinguiria. E' fundada esta conclusão? Não é; além de ser inverosimil a hypothese. Com o augmento constante e natural da população da Europa, não se prevêem motivos bastantes para que cesse a corrente de emigração. Mas quando tivesse de seccar, a população, exclusivamente composta de europeus, absolutos senhores do territorio, não decairia necessariamente, pela mesma razão por que não decaiu na Europa o colono aryano, embora a corrente das migrações dos arianos tivesse parado n'um certo momento. Pondo pois de parte influencias especiaes climatericas que na America do norte, por exemplo, se não vêem, tanta razão ha para que o americano regresse ao typo pelle-vermelha, como a teria havido para que o celta regressasse ao typo do homem pre-historico, cro-magnon ou laponoide. ¹ Que o *meio* influa no sentido de determinar certos caracteres physicos, ninguem o duvida; mas que a esses caracteres tenha de cor-

¹ V. *Elementos de Anthropologia* (3.^a ed.) p. 167-76.

responder uma degenerescencia, é o que se não admitte por falta de correlação necessaria. ¹

Abundam, sim, os exemplos de colonias perdidas caídas no estado barbaro ou selvagem. Scindidas da mãe-patria, seccaram e morreram as antigas colonias dos egypcios, dos phenicios, dos gregos, dos portuguezes; ² os boers da Africa austral regressaram á vida primitiva, entre pastora e agricola, dos seus avós dos tempos remotos; e os francezes do Canadá perderam na estatura e na capacidade moral. Por outro lado, mais de uma vez se tem visto tripulações naufragadas em paragens remotas descerem a adoptar os usos selvagens, incluindo o cannibalismo, como succedeu na Australia e na Guiana, como succedeu no Brazil, se é veridica a historia do Caramurú. ³ Porém a degenerescencia das colonias e a regressão de homens isolados ao estado selvagem não provam mais do que a realidade d'aquella regra anteriormente apontada: a necessaria paragem ou decadencia da civilisação pelo insulamento. A' falta de contacto com elementos capazes de desenvolver a civili-

¹ V. *Elementos de Antropologia*, p. 244-53.

² Malaka, diz o dr. Yvan, tem cerca de trinta mil habitantes, uma população composta de portuguezes, hollandezes, inglezes, malayos e chinezes. Entre os habitantes de origem europêa, os portuguezes são os mais numerosos, na maior parte descendentes dos antigos conquistadores da Malasia. Seus avós foram os companheiros de Affonso de Albuquerque; mas da mesma fórma que os monumentos d'essas éras remotas cobrem o solo de ruínas, os descendentes mostram um estado de degradação miseravel. No meio da população malaya á qual por tanto tempo estiveram alliados, os tres mil descendentes dos antigos portuguezes são physicamente os mais feios, moralmente os mais degenerados. Nem devem ser postos ao lado dos malayos puros: nem no aspectó, nem na altura, nem na força se comparam a elles. Perderam a tradição de seus gloriosos antepassados e se a maioria tem nomes illustres, ignora quem anteriormente os usou (V. Brace, *Races of the old world*, p. 368).

³ V. *O Brazil e as colonias port.* (3.^a ed.) p. 24-5.

sação, junta-se o contacto permanente com elementos bastante energicos para destruir aquella que existia nas tripulações ou nos colonos.

Ora não são por via de regra estes ultimos os mais eminentes representantes da cultura de um povo: emigram em geral as classes mais rudes. E é mistér não esquecer que dentro de uma sociedade, por mais elevada que seja a cultura dos seus membros superiores, se encontra uma serie que desce até ao puro estado selvagem. Já tivemos occasião de o dizer, ¹ e esta observação é essencial. As sociedades cultas são como que uma reproducção do mundo; e se n'elle ha a serie de graus que vae desde as raças selvagens até ás nações de civilização eminente, essa mesma serie se encontra nos individuos e até nas classes dentro de cada sociedade. Ahi tambem, e para com os cidadãos, como no mundo para com as raças, o *meio*, a historia e seus acasos, a hereditariedade dos dotes, a capacidade ingenita dos individuos, concorrem para occasionar os mesmos phenomenos que se dão no campo da ethnologia. Em volta de nós andam barbaros: por isso as sociedades carecem de se precaver contra a anarchia; andam verdadeiros selvagens, contra os quaes ella creou as cadeias e patibulos. A civilização eminente, privilegio ou sacerdocio de uma unica das raças humanas, é no seio de cada sociedade o privilegio de um numero minimo. E não são opiniões mais ou menos vagas que o dizem: são observações positivas; são habitos primitivos como a tatuagem commum nos soldados, nos marujos, nas prostitutas, nos criminosos; é essa physionomia dos facinoras, prognathas, com o cabello duro e crespo, a barba

¹ V. *Elementos de Anthropologia* (3.^ª ed.) p. 197-200.

rara, a pelle frequentemente escura, a oxicephalia, a obliquidade dos olhos, a pequenez do craneo, o desenvolvimento das mandibulas e dos ossos zygomáticos, a fronte fugidia, a expansão das orelhas, as analogias entre os dois sexos, a pequena força muscular: caracteres cuja constancia singular leva um medico-legista (Lombroso) a perguntar se o facinora não será um australoide ou mongoloide, representante por atavismo de algum remoto strato da população da Europa.

Quanto a exemplos de degenerescencia não é mistér embarcarmo-nos em tão aventurosas indagações para os descobrirmos: basta visitar qualquer bairro pobre de uma capital. « Nas nossas grandes cidades, diz Tylor, as classes chamadas perigosas estão afogadas n'uma repugnante miseria e depravação. Se podessemos comparar os papuas da Nova-Caledonia e as associações de mendigos e ladrões europeus, teriamos a dôr de reconhecer que possuímos entre nós peor do que selvagens. » Ora se os beneficios que as raças iniciadoras prestam á civilisação geral são por via de regra acompanhados por crueis tratos infligidos às raças inferiores, é bem verdade que o serviço prestado pelas classes superiores, no seio de uma sociedade, é tambem acompanhado por duras provas, por uma exploração desalmada, por uma deshumanidade crua para com os desvalidos da sorte.

Parece-nos estar percorrida a serie dos phenomenos de irregularidade que caracterisam o desenvolvimento dos povos, isto é, a civilisação geral e as civilisações particulares, já nos seus estados comparados, já no seu caminhar relativo. Concluiremos

do *ricorso* e degenerescencia, da capacidade varia dos povos e da disposição desigual dos lugares, negando á civilização geral um desenvolvimento organico, nas historias das civilizações particulares que, succedendo-se, compõem a primeira? Por fórma alguma. E o grande e eterno merecimento de Hegel, na concepção que formulou da Historia, está em ter definitivamente evidenciado a unidade e o progresso da civilização geral. Faltou a essa concepção dizer que o processo de unidade era a absorpção e que o órgão absorvente era o indo-europeu. Faltou-lhe afirmar que d'este modo a idéa do progresso humano se torna um facto concreto ou historico.

A civilização, tão absoluta quanto é dado á capacidade natural do homem e ás condições de existencia que a terra lhe prepara, é um destino real, immanente, que por uma vereda tortuosa, irregular no traçado e no leito, erriçada de embaraços fortuitos, differente sempre, mas sempre dirigida ao fim predestinado, segue como os rios, direito ao mar. Tambem os cursos fluviacs são sinuosos, tambem o leito é desigual, tambem ha paúes sem pendente, tambem cataractas: mas como summa ou synthese de todos os accidentes, vê-se uma regra: a da inclinação constante para o mar. Assim a civilização corre sempre como um rio para uma foz, além da qual a sciencia nos não diz se estará um pelago de fortunas ideaes, se um charco de positivismo chinês. Porque da mesma maneira que tantas civilizações humanas não passaram de tentativas abortadas, ou pela conclusão violenta como no Perú e no Mexico, ou pela degenerescencia como no Egypto, ou pela paralysação do desenvolvimento como na China, sem que isso negue o progresso real da civilização geral humana: assim tambem o aborto da civilização total não provaria contra a

exactidão ideal d'este destino: provaria apenas que, apesar de todos os seus dotes, nem os proprios indo-europeus eram capazes de tornar reaes as idéas que todavia podiam conceber.

Depois de se ter varrido a illusão optica de considerar a nossa terra centro do Universo, já tambem se varreu a illusão philosophica de nos suppormos o typo da criação. E assim como as raças de homens espalhadas sobre o nosso globo são como sementes ás quaes a sorte permite ou não permite o germinar e crescer: assim tambem a humanidade no seu todo é uma semente, o mundo um torrão, entre myriadas de sementes lançadas pelos milhões de mundos que povoam o espaço. Quem póde assegurar que o nosso mundo não está fadado para attingir um limitado grau de cultura e ahi parar em condições que outros mundos, se podessem ver-nos, considerariam, permitta-se a expressão, chinezas?

Taes são as duvidas que o pensador encontra ao attingir os limites extremos das noções propriamente scientificas no terreno da civilisação geral. Taes são os termos em que, a nosso vêr, se deve considerar a idéa do progresso — noção que o idealismo moderno substituiu á da degenerescencia admitta.

Regressando, agora, depois d'estas explicações necessarias, ao nosso ponto de partida, podemos, sem risco de idéas aventurosas, tratar de definir os lineamentos fundamentaes d'esse progresso das sociedades humanas, progresso real, embora não seja uniforme nem constante, nem na acção, nem nos lugares, nem nos actores. Partindo do infimo selvagem, quasi besta, para o homem superiormente culto, podemos formar uma verdadeira serie de graus de capacidade ethnica; e tomando a civili-

sação nos seus rudimentos, deixando-a no seu supremo estado actual, podemos tambem formar outra serie de estados ou momentos de desenvolvimento.

Assim tambem, com o criterio da evolução, a historia-natural já hoje constroe a serie progressiva dos typos animaes successivos desde o monero até ao homem; ¹ ao mesmo tempo que, pondo de parte esse criterio, e apenas descriptivamente, se mostram nos varios documentos vivos os diversos estados zoologicos evolutivos. ²

A um modo de pensar superficial e erroneo occorre a objecção de que, se a evolução na zoologia e a historia na civilisação procedem por desenvolvimento, não deveriam mais existir os typos anteriores, desde que d'elles saem os posteriores. Mas quem assim disser, esquece a realidade que, ao lado de uma serie progressiva, vae deixando exemplares retardatarios de todos os estados evolutivos anteriores: de outra fórmula a historia ou evolução ideal coincidiria com a realidade. D'ahi nasce o valor das sociedades selvagens e barbaras para o nosso caso; e essa é a razão porque a sciencia tem de empregar simultaneamente o processo historico ou evolutivo e o processo descriptivo. Eis-ahi explicada a construcção d'esta obra.

Não ha, portanto, nem identidade, nem constancia, nem synchronismos possiveis, entre as edades ou momentos da civilisação nos varios povos. Ainda hoje encontramos nações vivendo na idade da pedra em que o viajante Cook achou os polynesios. Os eskimós servem-se da pedra e do osso e desconhecem a metallurgia: as armas metallicas de que usam são-lhes levadas pelos baleeiros, á maneira do que ha trinta seculos faziam os phenicios

às populações circum-mediterraneas. Ainda em 1854 se descobriu nas margens do Colorado, na California, uma tribo que exclusivamente usava armas de pedra e pau. Quando já os gregos fundavam a sua colonia de Marselha (Massilia, 600 A. C.) e outras no litoral da Provença, ainda na Suissa e na Saboya os indigenas habitavam em palafittas, como as actuaes dos papuas néo-guinés. Parece que, ao começar o que se chama a edade dos dolmens na Europa, já desde seculos a Asia manufacturava o bronze e até o ferro. Com effeito, o uso d'estes metaes remonta no Egypto, na Chaldêa, entre as populações do Oxo, entre os ugro-turcos, á mais remota antiguidade. Exemplos de tal ordem podiam multiplicar-se indefinidamente.

Com as fórmias sociaes organicas succede o mesmo que acabamos de dizer das manifestações materiaes das civilisações. Se a chronologia divide as edades da pedra, lascada e polida, do bronze, do ferro: tambem a historia nos falla de periodos nomadas, pastores, agricolas; mas nem nas edades, nem nos periodos ha correlação, constancia, nem synchronismo possivel. Isso não impede, comtudo, de formular series de categorias successivas que synthetisam ou summariam a historia, pelo que diz respeito á população, á aggregação, ao regime e idéas de cohesão social.

Essas series são as seguintes:

	A	B	C
População :	Nomada	Sedentaria	Urbana
Aggregação :	Tribu	Paiz	Cidade
Regime :	Patriarchal	Feodal	Municipal
Idéas :	Nação	Patria	Estado

As quatro categorias da primeira serie (A) correspondem ao que habitualmente se diz estado sel-

vagem, embora com mais propriedade se deva dizer barbaro. A sociedade governa-se por meio de chefes guerreiros, ou por conselhos de anciãos. E' n'este estado de aggregação rudimentar da tribu, de existencia nomada, que o processo de differenciação começa, surgindo nebulosa a idéa nacional. Mas, porque apparece essa idéa, e se realisa essa differenciação? Porque do facto da aggregação primitiva nasceram espontaneamente as creações sociaes ou collectivas, congregando, formulando em corpo, com uma vaga consciencia, os instinctos, sentimentos, impressões do espirito individual. Apparecem então os mythos que divinizam o mundo, pondo em tudo um espirito ou uma alma; com os mythos veem os ritos, e depois, n'um grau superior de cultura, as religiões afinal dissolvidas n'esse criticismo piedoso que é o estado proprio da consciencia humana no seu mais elevado grau de liberdade moral. Congregam-se as forças: já se descobriu o fogo, já se aprendeu a caçar, a pescar; e essas conquistas individuaes socialisam-se n'uma industria e n'um commercio rudimentares, dando de si as primeiras sobras, os primeiros capitães, para mais tarde, arrebanhados os animaes domesticos, lavrada e apropriada a terra, se capitalisar tudo, até ao ponto em que, n'um estado superior, definitivamente se restabeleça o dominio colectivo.² Reunem-se os futuros cidadãos em torno do chefe aguerrido ou do patriarcha prudente e sabio; com elles combatem ou aprendem, seguem-n'os com os passos arrojados ou com o pensamento áleria; e as duas ordens de façanhas, moraes e militares, veem d'essa direcção primitiva, que mais tarde, quando houver monarchias e

¹ V. *Systema dos mythos religiosos* — ² *O Regime das Riquezas*.

egrejas, ambas disputarão bravamente entre si, até que o tyranno, demittido, ceda o lugar á vontade de um povo já sabedor do que quer, e tambem demittido o sacerdote deixe livre a piedade de quem já tem a consciencia do que pensa. ¹

Mas desde que a sociedade sae d'essa epocha primitiva de espontaneidade, caracterisada pela inconsciencia das noções moraes e pela instabilidade das condições externas, começa um periodo em que a civilisação oscilla entre os impulsos da natureza e os dictames de uma razão incipiente. A população enraizou-se; a tribu tornou-se um paiz; o chefe e o sacerdote (mago, shaman, marabú, pagé, fetiche, etc.) constituiram de mãos dadas um poder fixo, local (feodal) ainda, mas já ferreo; e á vaga idéa de nação vem uma differenciação já consummada substituir o sentimento da patria definido quasi religiosamente. A constituição positiva de uma auctoridade, o facto da organisação fixa das funções sociaes, exprimindo a coexistencia dos motivos racionaes já parallelos ou até predominantes aos naturaes-espontaneos, dão de si um character de artificio voluntario á civilisação humana, character até certo ponto analogo ao da domesticação dos animaes.

Com a auctoridade que confere espontaneamente aos orgãos directores da sociedade, o homem cria um instrumento de auto-educação por via da qual chega a obter a liberdade moral que o ha de tornar um ser consciente. Este periodo em que a auctoridade (politica ou sacerdotal) opera como educadora, reagindo contra os instinctos selvagens ou naturaes-espontaneos das populações, é a epocha por excellencia historica. Chocam-se os elementos

¹ *Quadro das instituições primitivas.*

de antagonismo transitorio: d'esses choques veem as revoluções das instituições, as guerras entre nações, inspiradas pela religião transcendente ou patriótica; veem os heroes e a vida é um drama. Aparecem então os grandes artistas e ao lado dos apóstolos e philosophos, como um Confucio ou um Buddha, vêem-se os conquistadores e legisladores, Numa e Alexandre. Para além d'este periodo propriamente heroico (periodo que na civilização europêa principia com a Grecia e com a Italia para começar a acabar em nossos dias) que é o dominio da Historia, está o periodo da espontaneidade, do dominio da ethnologia; e para áquem fica-nos o da sciencia, no qual os factos sociaes, submettidos a regras fixas, são chronologicos ou apenas estatisticos. Os conflictos da historia dissipam-se, dando de si uma resultante que nem é o renascimento das tradições vivas dos tempos primitivos, nem o imperio absoluto das theorias abstractas prégadas pelos heroes da philosophia; nem um regresso aos feodalismos ou federalismos das sociedades selvagens ou barbaras; nem a adopção de uma doutrina exclusiva, como por exemplo a jurisprudencia romana. E' uma summa, uma synthese de toda a pre-historia e de toda a historia, comprehendidas de um modo objectivo ou scientifico, interpretadas por uma critica positiva, exprimindo-se portanto em regras e numeros, estranhos aos arrebatamentos do sentimento e superiores á intolerancia das idéas. Consummada a sua educação, o homem, que pôde reagir contra a sua natureza animal ou espontanea, chega por fim como que a duplicar-se, sendo ao mesmo tempo instrumento e objecto de estudo e acção.

Não são, porém, só estes caracteres abstractos da civilização os que provam a sua unidade ideal;

porque a observação directa propõe-nos circumstancias e exemplos, que nem por serem contestados pelas escholas materialistas da actualidade, deixam de ser verdadeiros. Quando se descobriu a America, ninguem nega, todos sabem que havia ahi, como no velho-mundo trinta seculos antes, apenas civilisações locaes, isoladas, especies de oasis em desertos; e, cousa digna de maior attenção ainda, distanciadas por tantos seculos, por tão vastos e até então inacessiveis mares, essas civilisações apresentavam muitos traços de analogia com as antigas civilisações do velho mundo. Vendo as ruinas de Palenque, os teocallis, os jerogliphos historicos e astrologicos dos azteques, não se póde deixar de pensar no Egypto; e a monarchia dos Incas lembra o governo paternal do Filho-do-Ceu, nas margens do Huang-ho. Que havemos de concluir senão o que, nas suas palavras eloquentes, Comte concluiu? « Os mongolios de pelle amarella, os malayos acobreados, os americanos vermelhos, os negros, os brancos: todos teem a mesma physionomia moral *sempre que se encontram em circumstancias analogas*; ao passo que os seus caracteres physicos ficam invariaveis em todas as posições e latitudes e os seus costumes denunciam as consequencias das varias circumstancias locaes em que se acharam. » Se na expressão *circumstancias analogas* incluimos a circumstancia primordial da capacidade ingenita da raça, não devemos alterar o texto n'uma só virgula.

E' essa diversidade de capacidade ingenita que principalmente nos faz encontrar graus tão varios de moralidade nas raças selvagens ou barbaras, circumstancia que, mal interpretada, leva alguns a negar a identidade essencial da semente moral no homem. Ora, se os naturalistas debatem ainda o

problema da unidade da especie humana, embora o adiantamento das idéas scientificas torne já ocioso esse problema, a sciencia da civilização não póde deixar de reconhecer a identidade essencial das manifestações moraes humanas, e d'ahi, se assim é licito dizer, uma unidade moral especifica.

Que a moralidade nos appareça rudimentar e variavel nas suas definições, não nos deve surprehender. Outro tanto succede com o instincto religioso, formulado tambem das maneiras mais diversas. Quanto mais se recuar na historia, mais diferenciados se acharão os seus phenomenos, mais distinctas e oppostas as civilizações particulares, mais accentuados os caracteres ethnicos. Quanto mais nos afastarmos do centro geographico, a Europa, que ao mesmo tempo é o centro civilizado do mundo, mais rudimentares iremos achando as manifestações da cultura, até aos pontos extremos da America e da Africa pelo sul, do grande continente do hemispherio arctico pelo norte, e das ilhas perdidas polynesias por oriente. Mas á medida que formos regressando, iremos vendo que, pouco a pouco, gradualmente, os instinctos moraes e religiosos se vão definindo, e não em sentidos diversos, mas sim n'um sentido unico já descriminavel nas legislações e nas religiões dos povos cultos. Quer-se maior prova da unidade moral ou ideal da especie humana, do que a universalidade dos instinctos moraes, a similhaça incontestavel das fórmulas varias que revestem, e o modo constante com que veem desdobrando-se em sentimentos, em pensamentos proximamente eguaes, até chegarem a definir-se cabalmente n'uma idéa pura e unica?

O mesmo que succede com os instinctos moraes e religiosos succede com os instinctos politicos. Por toda a parte as republicas começam por um es-

tado de liberdade natural, apenas cohibida no momento da lucta, e com o fim de obter a cohesão indispensavel á guerra. D'este facto primitivo nascem as instituições espontaneas, infinitamente varias com as raças e com os logares. E á medida que o desenvolvimento politico se accentua, não só essas instituições se simplificam na republica, mas, encarando a universalidade das republicas, as achamos reduzidas a typos constitucionaes constantes e pouco numerosos. Ha tambem, na historia das instituições, a regularidade no desenvolvimento particular de cada republica, o gravitar para um typo uno, e a identidade de character essencial. A' liberdade inconsciente da vida natural espontanea substitue a sociedade o criterio da egualdade, expresso progressivamente em leis interpretes de um sentimento de justiça, aclarado á maneira que o progresso social augmenta. A auctoridade constituida tem um papel regularizador, moderador, equalizador; e a condição da estabilidade ou do progresso é para ella finalmente, na ordem politica, e em todas as ordens, uma especie de adormecimento da energia vital espontanea, uma disposição para passar da esphera em que se executam os phenomenos da natureza viva sob o imperio de instinctos e paixões, para aquella em que tudo se governa pela experiencia, segundo as leis do calculo e da logica, e pela justiça, segundo as leis de uma moral já despida dos caracteres symbolicos ou historicos.

Por tudo isto, uma doutrina que, se não chegou a formular-se em theoria philosophica da historia, ganhou grande conceito como philosophia do direito, a doutrina da liberdade natural, é apenas a consequencia (mas praticamente a mais grave consequencia) do emprego temerario do methodo deductivo.

A imaginaria liberdade do *estado natural* foi além d'isso uma chimera originada na escassez das observações, porque nunca os selvagens se encontram constituídos em democracias: a sociedade principia por tyrannias, e a egualisação das condições é um resultado da historia, não um facto da natureza. Entre os selvagens, a constituição politica espontanea reproduz todas as differenças naturaes de força, de coragem, de sagacidade, de experiencia, dando o poder aos arrojados ou aos habéis. A vida natural é uma concorrência em que os mais fortes vencem; e só a vida social pôde ir definindo um principio de ordem moral que, acima das energias ingénitas, põe o instrumento nivelador de um credito ideal.

« O constante equívoco ácerca da liberdade, diz Hegel, provém de se avaliar a palavra só no seu sentido formal e subjectivo, abstrahindo dos objectos e fins essenciaes: assim, qualquer restricção a um impulso, desejo, ou paixão, particulares do individuo como tal: qualquer limitação do capricho e vontade pessoas, são olhadas como ataques á liberdade. Devemos, ao contrario, considerar taes limitações como condição indispensavel da emancipação. A sociedade e o Estado são a condição unica em que a liberdade se torna real. » E é assim, porque só no momento psychologico-politico em que a noção de um Estado soberano corresponde ao facto de um regime communalista e de uma população organizada urbanamente; só quando a sociedade chegou a attingir as ultimas fórmulas do seu desenvolvimento organico: só então é fixa a idéa de uma egualdade de direitos que de fórmula alguma se acha na natureza e apenas surge nebulosamente nas primitivas instituições dos selvagens. A idéa d'essa egualdade é a propria medulla da sociedade;

e se a liberdade do pensamento individual exprime o estado de mais elevada consciencia que ao homem é dado attingir, um tal estado presuppõe o reconhecimento scientifico de uma proposição já hoje indiscutivel.

Tal é a conclusão mais generica ou mais absoluta que as condições da existencia, propagação e desenvolvimento das sociedades humanas sobre a terra, permitem formular.

Terminando, pois, consinta o leitor que summariemos a doutrina exposta nas paginas precedentes. Nós não nos inscrevemos no numero dos que negam uma força immanente no espirito humano, successivamente denominada instincto, intelligencia, razão, conforme cresce o grau da consciencia; não somos dos que tudo fazem provir das leis da adaptação, leis inexpressivas e que na sua eloquencia apparente são no fundo mudas; ¹ mas tambem não desposamos as conclusões absolutas do idealismo classico, nem as do espiritalismo romantico: nem a Republica de Platão, nem o Contracto de Rousseau. A sciencia permite ir hoje mais além e definir com maior profundidade a complexa natureza das cousas.

Essa *vis* intima que impelle o homem n'um sentido que se diz Progresso, e que é decerto progressivo, pois gradualmente lhe vae dando maior consciencia da existencia humana e da universal, nem se desdobra de um modo providencial, nem se concebe que possa attingir a expansão absoluta. O destino da humanidade, como cousa real, é contingente e relativo; a nossa existencia, o nosso desenvolvimento estiveram e estão adstrictos a condições externas, variamente favoraveis, com as

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3^a ed.) p. 16-20.

quaes a civilização caminha como um barco mareando, ora impellido por um vento fagueiro, ora torcendo as velas á bolina par aproveitar a aragem obliqua, umas vezes capeando, outras correndo com o tempo em arvore secca, agora entrando alegre no porto, logo naufragando contra algum recife. A historia é uma viagem, de rumo vario, mas destino certo. A humanidade é uma tripulação. As civilizações, com as suas idéas, as suas forças, os seus meios, as condições da sua existencia, são como o barco vogando no oceano, armado mas não immune contra os acasos funestos...

Os doze primitivos typos de homens, jerarchizados pela natureza nas suas capacidades ingenitas, teem em si a semente de um futuro commum, mas em quantidades tão varias que a uns chegou para attingirem uma civilização como a europêa, a outros nem chegou para sairem do estado rudimentar da vida selvagem: são o zenith e o nadir da ethnologia.

Entre os dois polos ha uma serie, cujos representantes successiva ou simultaneamente crearam, sob a influencia de um *meio* vario a que lhes era forçoso adaptar-se, typos diversos de uma civilização essencialmente identica: ensaios sporadicos, isolados, dispersos pelo mundo, desde a China até ao Egypto, até ao Perú e ao Mexico. Cada uma d'estas civilizações particulares, na orbita da sua influencia absorvente, supprimiu os visinhos, repellido-os ou exterminando-os, submettendo-os ao systema e ao typo que realisava. Por fim, os indo-europeus, chegando ao Mediterraneo, na sua viagem de Oriente, e aprendendo tudo o que até então se conseguira saber, iniciaram com as suas faculdades superiores a obra final. A todas essas civilizações particulares fizeram o que cada uma d'ellas

fizera aos vizinhos. Nos tempos remotos da Europa foram os imperios orientaes, no XVI seculo da nossa éra foram os americanos, no XX será provavelmente a China: a empreza é grande, a marcha lenta; mas que são trinta ou quarenta seculos na historia da terra? Ao mesmo tempo que absorvemos no gyro da nossa as civilizações particulares, unificando o destino da humanidade, submettemos ao nosso imperio, ou destruimos com as nossas armas, todas as populações inferiores, ou satellites d'esses nucleos dispersos, ou perdidas pelos confins de um mundo trilhado e avassallado em toda a sua área. A acção d'esta civilização é geral, e não particular; os seus meios são gigantescos; o seu poder parece maravilha, a sua sciencia espanta, a sua curiosidade estonteia, o seu pensamento vasto e profundo enlouquece. Com tamanha força, tão extremada audacia, com um exito completo, com um orgulho consequente, para onde vae? que porto demanda? A sciencia poderá talvez dizer, ou pelo menos suppôr, um futuro de morte gelada, distantes viagens cyclicas de um planeta frigido rolando no espaço as ruinas dos monumentos humanos. A tristeza poderá tambem adivinhar, para áquem d'essa morte, uma existencia degenerada de gente obscura coalhando a face de uma terra insufficiente para nos alimentar uma existencia deprimida nos seus encantos poeticos, nos seus desejos nobres, pelo affan doloroso do sustento impreterivel. . . Que sombrias perspectivas não apresenta já por tantos lados a Europa! Mas se a civilização da humanidade tem de parar n'um certo momento do seu desenvolvimento, isto é, n'aquelle momento que coincidir com o limite maximo da capacidade da melhor das suas raças, succeder-lhe-ha degradar-se, degenerar até morrer,

como vimos com as civilizações particulares ou locais? Deve ser; porque o ritmo vital é a condição de tudo o que realmente existe: só as idéas da razão são reais, absolutas e eternas!

AS RAÇAS HUMANAS

E A

CIVILISAÇÃO PRIMITIVA

LIVRO PRIMEIRO

Ethnographia geral

I

As classificações ethnogenicas

Em breves palavras resumiremos o estado das opiniões ácerca da unidade ou pluralidade de origem dos homens, porque este problema, directamente relacionado com o thema da nossa obra, não é para ella, todavia, essencial. Veremos até que ponto são credoras de attenção as doutrinas, e chegaremos á conclusão de quanto é difficil classificar as raças humanas a não ser por um processo descriptivo, isto é, segundo os seus caracteres actuaes, embora d'esses caracteres seja licito inferir hypotheses mais ou menos verosimeis quanto á origem.

O credito de que por seculos gozou na Europa a ethnogenia biblica é facto inteiramente transacto para a sciencia. Nem a tradição paradisiaca, nem

a do diluvio e da dispersão dos filhos de Noé, teem hoje mais valor do que o de lendas e mythos. Mas o principio de uma apparição mais ou menos mysteriosa e phenomenal da especie humana e a unidade absoluta d'essa especie são doutrinas ainda defendidas por varios naturalistas. Quatrefages, o continuador e representante da tradição classica franceza, de Buffon até Cuvier, é, senão o mais profundo, o mais popular dos sectarios da unidade da especie. Os grupos humanos, diz elle, por differentes que sejam ou nos pareçam, não são mais do que raças d'uma unica especie, e não especies distinctas: não existe pois senão uma especie humana, tomando esta expressão no sentido que se lhe dá fallando dos animaes e dos vegetaes. Todas as differenças physicas dos homens proveem do clima, da herança, e dos cruzamentos que são fecundos entre todos os homens, ao passo que são estereis os hybridos animaes. — Sem alterar o modo de propôr a questão, acceitando o terreno em que ella se collocava, Agassiz affirmava o contrario: « As differenças que existem entre as raças humanas são correspondentes ás que separam as familias, generos e especies de outros animaes. » D'ahi Agassiz buscou determinar os varios centros da criação humana e enumerou nove *reinos* distinctos pelos caracteres da fauna e da flora: 1. polynesio, 2. australio, 3. malayo ou indio, 4. hottentote, 5. africano, 6. europeu, 7. mongolio ou asiatico, 8. americano, e 9. arctico. Esta classificação, porém, não conseguiu vingar. Ao mesmo tempo que os botanicos e zoologos negavam a independencia de caracteres dos nove reinos, a anthropologia mostrava tambem que cada um d'elles continha no seu seio homens das mais diversas physionomias e typos inconfundiveis.

Para uma questão embrenhada de dificuldades como esta é, a theoria da unidade apresenta sem duvida commodidade e nitidez, reforçando-a a auctoridade da tradição, que a opposta, como todas as doutrinas innovadoras, não tem por si. Contra a unidade levanta-se, porém, o argumento capital da irreductibilidade absoluta das familias de linguas. Em vão se tem tentado estabelecer relações de parentesco original entre a familia linguistica indo-europêa e a semita, que nada teem de commum além do processo de formação pela flexão; e com maior evidencia são irreductiveis a um typo anterior estas linguas e as aglutinantes, como as da familia ural-altaica, o drayida e o basco. Ora, sendo a lingua uma propriedade essencial da especie humana, e como que um caracter *physico* do homem, é claro que a possibilidade de reduzir todas as familias linguisticas a um só tronco é condição indispensavel para a solidez da doutrina da unidade da especie. Nem colhe para o caso a influencia do clima e a herança, porque, salvo negando-se a exacção dos methodos linguisticos, o que equivale a negar essa sciencia, a irreductibilidade das familias linguisticas importa dizer que a dispersão da primitiva humanidade se teria dado antes de formadas as linguas; e como a falla é um caracter *especifico* do homem, isto equivale a afirmar que, ao dispersarem-se, esses individuos ainda não eram humanos. Não o sendo, onde fica a noção de especie? O problema é tão grave que a imaginação dos semitas creou para o resolver o mytho da torre de Babel.

Taes explicações, ocioso é dizer, já não satisfazem hoje; mas tampouco o polygenismo, embora respondesse satisfactoriamente ao problema da autonomia irreductivel dos typos linguisticos, satis-

fazia, porque os seus reinos ou especies de homens, além de não se apresentarem na correlação allegada com a zoologia e com a botanica, não explicavam a variedade de typos humanos provada em muitos, senão em todos esses reinos descriptos. O fundo do problema não está na unidade ou pluralidade, mas sim na propria noção de especie. Com effeito, se não se podem reduzir os typos humanos a uma unidade especifica, tampouco é possível agrupal-os nas varias especies propostas pelos polygenistas.

Todas as variedades conhecidas, diz além d'isso Latham, poderão reduzir-se a uma só especie, mas talvez haja especies por descrever. E suggerindo este facto, o ethnographo inglez refere-se a um typo singular de abexins: os dokkos. Dokko, a terra d'esses monstros, está a um mez de jornada de Kaffa, ponto além do qual só vão os mercadores de escravos. Os dokkos são pigmeus, andam nús, comem insectos e pequenos reptis, e trepam com agilidade simiana ás arvores para colher os fructos; vivem no seio de brenhas de bambus tão densas que com difficuldade penetram n'ellas os caçadores de escravos. Estes, vendo-os pousados nas ramadas altas, attrahem-nos com objectos brilhantes e assim os captivam. Vivem em promiscuidade; as mães só reconhecem os filhos enquanto os amamentam; não teem governo, nem leis; são cobardes como macacos, e fogem assim que os atacam. Lamentando o seu captiveiro, pulam, pondo as mãos no chão, escouceando, gritando — yer! yer! (E' o seu nome de Deus, diz o ingenuo missionario anglicano, dr. Beke.) A falia que teem é uma especie de murmurio que só elles e os caçadores entendem. Domesticados, tornam-se escravos submissos e excellentes.

Todos sabem que a tradição de pigmeus na Africa vem desde Herodoto (II, 32) mas não nos parece que as circumstancias em que esta historia se conta a possam confundir com as concepções mais ou menos extravagantes dos viajantes pouco escriptos. A Abyssinia partilha com o extremo Oriente o privilegio de fornecer á ethnographia singulares monstruosidades. As amazonas do exercito do Preste-João trouxeram uma vez ao soberano um exemplar de homem marinho, que Pero da Covilhan ¹ diz ter visto: « não fallava, comia ervas e não bebia; tinha o corpo coberto de couro muy espesso e rijo e cabello grosso e pouco, e os pés e mãos largas mais que nenhum homem e não dormia senão muy poco, os olhos resgalados sem pestanejar com as capellas dos olhos.» O Preste mandou-o tornar ao rio, onde « andam muitos homens e mulheres marinhos, os quaes (os *cafres*) tomam em laços que armam em algum faval verde a que elles muito acodem, e caíndo nos laços os tomam a braços.» (*Lendas da India*, III, 1.^a p. 77) ² Se o dr. Beke viu na Abyssinia os pigmeus dokkos, Pero da Covilhan diz ter tambem visto os hercules da

¹ V. *Hist. de Port.* (4.^a ed.) I, 181-2.

² Supprimindo todas as citações dos viajantes e ethnographos, com o proposito de não sobrecarregar livros que se destinam ao commum dos leitores, entendemos todavia conveniente indicar as fontes, quando nos referimos aos nossos chronistas e exploradores. Ao passo que qualquer pessoa medianamente instruida póde encontrar as origens das referencias do texto, tanto mais que no fim da obra o indice bibliographico auxilia os curiosos: succede que o repositorio de observações ethnologicas, dos escriptos dos nossos viajantes e missionarios, principalmente da Renascença, jámais foi aproveitado pela sciencia contemporanea. Aquelle pouco que fizemos n'esta obra, no sentido de usar d'esses materiaes, é apenas uma amostra do muito que a erudição tem a fazer. Por este motivo julgamos conveniente citar as fontes nacionaes.

Ethiopia remota.» São gentes pretas, homens de corpo meão com os cabellos crespos e curtos; ambos os sexos andam nus, cobrindo as suas vergonhas, como Adão, com folhas grandes de arvores. E' gente de grossos membros e vivem em covas debaixo do chão. São de forças muy grandes e todos são trabalhadores, que de outras terras os veem buscar para carretar e trabalhar. *Tem rabos como cães*, assim homens como mulheres, e cada homem ou mulher carregará como uma boa azemola. Comem por quatro pessoas, uma só vez á noute. Pero da Covilhan os viu na côrte do Preste.» (Ibid., 78-9) Sião, a terra dos elephantes brancos e dos famosos gemeos, parece ser um paraizo de monstruosidades naturaes. Ahi nasceu uma familia de homens cobertos de cabello. O avô, por nome Shive-maong era de constituição robusta e em tudo regular. Crawford viu-o aos trinta annos: parecia ter o dobro. O cabello cobria-lhe todo o corpo, salvo as mãos e os pés: na cara media oito pollegadas, era mais basto na região spinal e nos hombros, mais curto no peito e mais raro nos braços, pernas, e ventre. Só aos seis annos o cabello começara a crescer-lhe. Casou, teve filhos, reproduzindo o phenomeno. Yule viu uma filha que só tinha nú o beijo superior e todo o resto do corpo vestido de cabello de seis a oito pollegadas; viu mais dois netos um com, outro sem essa anomalia.

Hunter conta o caso de um homem-peixe: era um pequeno de treze annos, sem fallar, nem andar; era pigmeu e idiota; vivia na agua submergindo-se por espaços incriveis. Fernão Mendes Pinto descendo o Pituy (?) teria visto as tribus dos baças e fungãos «gentes muito grandes frecheiros que têm as patas dos pés redondos como bois, mas

com os dedos e unhas como homens, tirando as mãos que as têm muito cabelludas. Nas costas, embaixo, quasi na arreigada dos lombos, têm hum lobinho como dois punhos.» (*Peregrin.* III, 9) Nas Molucas, refere na *Informação das cousas* (*Coll. de not. hist. ultram.* ed. da Academia, VI, 186) o auctor ter visto «hum homem que tinha na anca um mamillo como hum dedo pollegar, que vulgarmente chamam rabo e dizem que ha muitos por casta; os mais dos velhos teem nos tornozellos e joelhos e cotovelos callos quasi de polegada de comprido, e agudos como esporões de galo: dizem que nascem da continuação dos acentos, o que não creio por os ver a escravos e em partes que não roçam, mas parece-me ser alguma novidade como os rabos.» Estes caudatos não são unicos: vamos encontrar mais no Brazil, d'onde os jesuitas referem singulares monstruosidades: «Uma (nação) é de anões de estatura tão pequena que parece affronta dos homens, chamados goyazis. Outra nação é de casta de gente que nasce com os pés ás avessas; de maneira que quem quizer seguir seu caminho ha de andar ao revéz do que vão mostrando as pizadas: são os matuyús. Outra nação é de gigantes de dezeseis palmos de alto, valentissimos, adornados de pedaços de ouro por beiços e narizes: são os curinqueanes.» (*Vasconcellos, Chron.* (ed. 1865) I, p. XLII) Do Brazil, tambem falla um roteiro anonymo nos homens caudatos: «O que dizem (os indios) da nação de Ugina, ou Coatatapiiya é mais notavel; porque affirmam terem todos caudas e que procedem de indias que se fecundaram com os monos chamados Coatá.» Allega o auctor do roteiro argumentos e provas em favor da sua affirmativa. (*Coll. de not.* VI, 52-3) Da Africa diz-nos o P. Santos ter visto em Quiteve e em Monomotapa cafres «alvos e louros como fra-

mengos, sendo seus paes negros como pez ;» (*Ethiop-oriental*, I, 16) e o caso mais extravagante das historias dos nossos navegadores é o de Quilôa : «Teve Francisco Barreto ¹ noticia de dois monstros que alli havia, filhos de um bugio e de uma negra que se dizia ser mulher de um xeque. Trabalhou pelos haver e levar a elrey D. Sebastião, mas como eram de elrey de Quilôa não os quizeram resgatar» (*Hist. trag. mar.* I, 254)

As lendas mais ou menos mythologicas da Antiguidade, vulgarisadas pela educação classica, o indiscreto espanto, o exagero e acaso a phantasia dos viajantes, diminuem o valor d'estes *milagres* da natureza, a muitos dos quaes faltam as condições necessarias para serem cridos. Mas em tão variados testemunhos de casos que seria demasiado extenso reproduzir, não haverá senão mentiras? Que muitas monstruosidades sejam phenomenos teratologicos a que a indiscricção do viajante dê um valor ethnographico, é fóra de duvida; mas para a anthropologia os casos teratologicos teem um valor eminente, ² desde que á idéa de especie se substituiu a da evolução.

Negada a fixidez das especies em historia natural, é obvio que as theorias mono e polygenistas perdem todo e qualquer valor scientifico ethnogenico. Já em 1809 Lamark annunciava o que hoje é accete: a especie é um momento, em que um equilibrio transitorio de condições e funcções produz um typo organico. Tal conclusão formulam as indagações de Darwin e Wallace na zoologia, as de Goethe na botanica, as de Lyell na geologia, as de Schleicher na linguistica. Sobre essas con-

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (3.^a ed.) p. 17-18.

² V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) p. VI-IX e 224-9.

clusões, como se sabe, Hæckel construiu a sua anthropogenia, que, se é monogenista, porque o homem provém de *uma* série evolutiva, é também polygenista no sentido de que, no momento em que a falla veio caracterisar o typo humano, já os homens deviam estar divididos em doze raças naturaes, ou *especies*.¹ Da theoria monogenista o transformismo accêita a influencia do *meio*, a hereditariêdade, etc., dando-lhes porém uma latitude tal que vae ao ponto de fazer, por successivas gradações, de um monero um homem. Do polygenismo accêita a doutrina da irreductibilidade de um certo numero de typos humanos primitivos, restringindo porém o valor d'este facto e negando-lhe um alcance especifico no sentido antigo da palavra.

Hypothetica como todas as theorias scientificas, a transformista constroe sobre a sua hypothese uma supposição, para poder conciliar a unidade da creação com a dispersão posterior dos homens. Assim, segundo Hæckel, as transformações, desde o 17º ao 22º momento da sua série,² ter-se-hiam dado u'um continente perdido, a Lemuria. No 17º grau a evolução teria creado um animal semelhante ao kanguru, da familia dos marsupiaes, do qual descenderia o lemur*(18º) contemporaneo da idade terciaria: um pro-simio, que se transforma em pitheco caudato (19º), este em anthropoide sem cauda no periodo miocène (20º), o anthropoide em pithecanthropo ou homem-pitheco alalo (21º) — estado em que, dispersando-se, os proto-homens deram origem aos homens primitivos dos tempos quaternarios. A Lemuria, esse vasto paraizo transformista, teria sido uma massa continental que, occupando

¹ V. *Elem. de Anthropotogia* (3.ª ed.) p. 184-5. — ² *Ibid.* p. 47.

em parte o mar das Indias, ligava a Asia, a Africa e a Australia. Madagascar, Ceylão, os ilheus do oceano indico e o archipelago da Sonda seriam os fragmentos ou reliquias do continente despedaçado.

Concepções d'esta ordem são decerto insusceptíveis de demonstração; mas não ha tampouco duvida que, onde a sciencia não póde ir, vae a verosimilhança; e é mais verosimil a supposição de Hæckel (emquanto outra hypothese não vier, se vier, substituir-se-lhe) do que as das theorias mono ou polygenista. A Lemuria coaduna-se com a idéa racional da evolução, e as theorias antigas importavam a idéa irracional da criação *ex abrupto* de uma ou de muitas especies de homens.

Abstrahindo da ethnogenia, limitando-se ao campo descriptivo ou ethnographico, varios methodos de classificação das raças ou especies de homens se têm proposto, a principiar pelos caracteres physicos, a terminar pelos caracteres moraes ou sociaes. Os naturalistas anthropologos anteriores a Buffon e Linneti, diz Latham, são como os grandes homens anteriores a Agamemnon. A geographia foi a base da classificação ethnographica de Linneu:

- | | | |
|----|------|------------|
| 1. | НОМО | americanus |
| 2. | | europæus |
| 3. | | asiaticus |
| 4. | | afer |

e além d'estes quatro typos normaes, o (5) *homo monstruosus*, categoria excepcional em que o auctor incluia os patagonios, os hottentotes e os chinezes. D'este ensaio rudimentar provém, no principio do seculo (1808), a theoria de Blumenbach,

na qual ao *habitat* se junta, como característica, a côr da pelle, acompanhada por observações osteologicas. Os typos de Blumenbach são cinco :

1. Raça branca — caucasia
2. amarella — mongolica
3. negra — ethiopica
4. vermelha — americana
5. parda — malaya

Cuvier, por seu lado, não reconhecendo a autonomia dos dois ultimos typos (4-5), reduzia as raças naturaes humanas a tres: branca, amarella, negra, incluindo os americanos e malayos na stirpe mongolica.

Como o leitor vê, na successão d'estas theorias, isto é, de Linneu para Blumenbach e Cuvier, ha um progresso: a principio bastara a distribuição geographica a uma classificação méramente exterior; agora buscava-se já um elemento de caracterisação e um methodo em alguma cousa mais essencial e intima: a côr. Mas, sérias objecções se levantavam. Na raça caucasia Blumenbach, incluindo a maxima parte dos europeus, os georgios, circasianos e mais povos do Caucaso, e os judeus, arabes, e syrios, fundia n'um typo homens evidentemente diversos; dando tambem lugar a que uma generalisação ainda mais temeraria viesse, nas mãos de Cuvier, a servir para assentar a theoria monogenica ortodoxa nas bases novas da sciencia. O Caucaso tornava-se o berço da humanidade, e todas as raças descendiam de um typo pro-caucasio. Em que lugar pôr, comtudo, os australios e os papuas que principiavam a chamar para si a attenção dos observadores?

Ainda hoje a côr, qualquer que seja o numero de raças primitivas em que se dividam os homens,

é o mais popular dos methodos de classificação. E entretanto nenhum ha mais falso. Nem ethnica, nem geographicamente, é possível descobrir os elementos de uma classificação accetavel; e se o clima é geralmente reconhecido como uma causa da coloração da pelle, muitos querem que os alimentos o sejam tambem. Abbadie observou na Abyssinia que os hazzos, vivendo exclusivamente de carnes e leite ou lacticinios, são rosados; ao passo que os tigrés, com a sua alimentação vegetal, são escuros como negros. A instabilidade e insufficiencia da côr, e de todos os caracteres congeneres a que chamaremos *de aspecto*, tornam superficiaes as classificações que os tomam por base; embora, com effeito, seja possível (salvo excepções numerosas) delimitar vagamente regiões e povos por taes meios.

Uma grande parte da população da Africa é negra na pelle e com esta côr apparecem geralmente reunidos outros caracteres physicos: o cabello crespo, o nariz chato, os labios grossos. A' medida que nos approximamos da Asia todos estes caracteres diminuem: o arabe é mais branco, tem melhores feições, cabello mais corredio do que o nubio; e o persa progride ainda sobre o arabe. No Industão, comtudo, a côr da pelle escurece de novo, e nas regiões humidas alluviaes do sul da peninsula vê-se pelle tão negra como a da Africa e cabello antes crespo do que liso. Além d'isso, o bello oval da face e as feições regulares do indio das castas elevadas do norte torna-se excepcional: os beiços engrossam, a pelle endurece. Mais além, na peninsula dos reinos de Ava e Sião, vêmos egualmente uma pelle tão negra que grande parte da população de Malaka se tem classificado como preta. Nas ilhas acham-se verdadeiros negros: os negritos, da Nova-Guiné e na terra de Van-Diemen; e á affi-

nidade de caracteres physicos entre os negros africanos e oceanicos corresponde uma afinidade de incapacidade moral ou intellectual. Por outro lado, achamos na extremidade de cada uma das partes do mundo populações que a muitos respeitos se assemelham, — v. g. na Asia, America e Europa boreaes, os eskimós, samoiedes e lapões, — juxta-postas a raças singularmente distinctas: o norueguez e o pelle-vermelha, robustos e bem apessoados, ao lado dos enfesados habitantes das regiões arcticas. No extremo austral de Africa, tambem, o hottentote está ao lado do cofre; no da America, o fuegiano ao lado do patagão.

Não ha duvida pois que, prescindindo de uma exactidão rigorosa, tomando no seu conjuncto os caracteres de aspecto, em vez de preferir qualquer d'elles com exclusão dos outros, é possivel dividir o mundo em áreas ethnographicas. Mas se d'esse modo temos um mappa das raças humanas ou um quadro puramente descriptivo, nada comtudo poderiamos inferir d'elle para a ethnogenia; nada ficamos sabendo a respeito da filiação, afinidade, stirpe, descendencia, que são considerações scientificas essenciaes, desde que a sciencia attingiu o grau de profundidade correspondente á idéa da evolução. O methodo pittoresco já não satisfaz: é mistér buscar um criterio mais intimo.

Tal foi o proposito de Retzius, que suppoz tel-o achado na conformação dos craneos e no desenvolvimento das maxillas. Conforme a cabeça é dolicha ou brachia, conforme a face é prognatha ou o inverso, conforme estes dois caracteres typicos se combinam, assim se classificam e filiam as raças humanas:

1. Dolicho-ortognathas (os germanos, celtas, latinos, gregos, indios, persas, arabes, judeus.)
2. " prognathas (os africanos, chinezes, australianos, eskimós, e muitos americanos.)
3. Brachi-ortognathas (os ugro-finnios, turcos, slavos, lettos, albaneses, rethos, bascos.)
4. " prognathas (os ugro-finnios, turcomanos, circassianos, afghans, tartaros, mandchus, mongolios, malayos, polynesios, lapões, e muitas raças americanas.)

Este systema, cujo valor tivemos já occasião de apreciar de um modo a nosso vêr sufficiente, ¹ ganhou creditos immerecidos. A indeterminação inevitavel das fronteiras de sciencias apenas em via de formação (como são todas as que podemos reunir sob o titulo generico de embriogenia social, ou Ethnologia) foi a principal causa da consideração excessiva dada á Craneologia. Entretanto, se ella tem um sério alcance em paleontologia humana, ² porque dos homens pre-historicos apenas nos restam os ossos, a confusão d'este ramo de sciencia com a ethnogenia, ou evolução, descendencia, e historia de todas ellas, fez com que se alargasse a estes dois ramos scientificos um methodo que não resiste á critica mais superficial.

Se a craneologia, preconizada pelos anthropologos, conseguiu ganhar um certo credito, dando assim á tentativa de Retzius um immerecido destino, não tiveram egual fortuna as varias tentativas de buscar o methodo de classificação e descendencia, ethnographico e ethnogenico, nos caracteres mo-

¹ *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 180-2 e 244-53. — ² *Ibid.* pp. 167-76 e 254-9.

raes dos povos e principalmente na mythologia, summa ou synthese d'esses caracteres. Taes ensaios, indistinctos na sua propria multiplicidade, insusceptiveis de rigor scientifico na sua propria subtiliza, não conseguiram sair do campo da poesia psychologica para o da sciencia, pois não acharam quem metesse hombros a empreza de tal modo temerária. Sem duvida, os caracteres moraes dos povos são de um valor inestimavel em ethnologia; sem duvida são essenciaes para determinar, conjuntamente com outros, as descendencias ou affinidades ethnicas. ¹ Mas, assimelhando-se no seu caracter de vaga indeterminação aos indicios do aspecto physico, não proporcionam criterio, nem seguro, nem definido bastante, para servir de base a um methodo ethnologico.

Além das circumstancias allegadas, dá-se com os caracteres moraes uma outra de um alcance gravissimo. Nós sabemos que no espirito de todas as raças humanas a semente da civilização contém virtualmente os elementos de um progresso identico: ou por outra, tem uma unidade especifica, conforme diz Peschell. A' medida que as civilizações progridem, o desabrochar das suas manifestações, tanto mais ethnicamente diferenciado quanto é mais rudimentar o estado dos povos, tende constante e universalmente a unificar-se. Assim, os caracteres de um certo povo, coincidindo com os de um povo diverso, *podem* com effeito denunciar affinidade ethnogenica, mas podem tambem significar apenas o phenomeno, bem frequente, aliás, de uma idéa se formular de um modo igual em duas raças sem parentesco. Muito do que á primeira vista, diz Latham, parece definido, especi-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) pp. 260-7.

fico e característico perde o seu valor como prova de afinidade ethnica. Em regiões distinctas, em tribus afastadas, a superstição toma fórmãs communs; e crédos que nascem e crescem espontaneamente parecem como que deduzidos de uma mesma origem. Tudo isto faz, conclue o nosso auctor, com que os factos da historia natural da religião sejam faceis de colher, mas difficeis de avaliar, pois a existencia de certos caracteres moraes nem sempre corresponde a caracteres ethnogenicos. Diversos modos de architectura ou esculptura, de industrias como o tecer ou armar navios, não podem tampouco ser attribuidos ao mesmo principio que faz com que o ninho de um pardal seja diverso do de um falcão, ou uma colmeia de um formigueiro.

Além do motivo allegado, ha um motivo de ordem historica para que assim seja: é a transmissão. Evidentemente um rito, um uso, um estylo, uma arte, podem entrar no dominio de um certo povo por modos alheios ao do desenvolvimento espontaneo; e sendo assim, torna-se tambem incontestavel que o seu valor ethnogenico desaparece. Não só os cruzamentos (e n'este caso ainda haveria uma revelação apreciavel) podem dar a um povo os habitos e idéas de outro: tambem as conquistas o podem conseguir. E além d'este meio, em que se acha um contacto, ainda quando não chegue a haver uma confusão de sangue, as idéas, ritos e usos podem chegar ao dominio de um certo povo, apenas pela tradição gradual, como uma noticia que vae de bocca em bocca propagando-se por expansão e sem que se desloque o vehiculo d'ella, o homem.

De tudo isto resulta que as varias tentativas até aqui enumeradas, e ainda hoje seguidas por mui-

tos, no estado cahotico proprio das sciencias em via de constituição, não conseguem fundar um methodo ethnologico seguro. Podem servir com mais ou menos propriedade para classificar, n'um mappa, as raças humanas; podem servir á ethnographia que é propriamente descriptiva, mas não podem constituir a ethnogenia: isto é, a historia, a descendencia, a filiação, a affinidade das raças de homens.

A ethnographia principiou por um methodo geographico (Linneu); d'ahi passou ao methodo mais particular da côr da pelle (Blumenbach); e preocupando-se com a questão das relações, não lhe bastando a secca descripção dos homens, desceu mais fundo, por um lado até á anatomia humana (Retzius), por outro até psychologia collectiva. Mas, ao passo que o methodo anatomico, mais particularmente osteologico, e mais particularmente ainda craneano, cáe por simples, o methodo dos caracteres moraes esvae-se por complexo. Emquanto contra um se levanta o facto da acção positiva da civilização sobre o physico do homem, contra o outro levante-se o facto natural da identidade virtual da civilização, e a consequencia da frequente identidade de fórmulas que as idéas espontaneamente revestem.

Não restará solução? Resta. «Diga-se o que se disser quanto á constancia da lingua, affirma Latham, é fóra de duvida que a identidade de idioma é, *prima facie*, prova de identidade de stirpe.»¹

O methodo linguistico é ainda o mais capaz de satisfazer as exigencias scientificas. Ao mesmo tempo que constitue a ethnographia sobre uma base solida, delimitando as raças humanas por um caracter definido, fixo, sem fronteiras vagas como a côr, nem confusões inherentes como a religião,

¹ V. *Syst. des Mythos Relig.* p. VII.

nem puras convenções arbitrarías como a craneologia: constitue tambem a ethnogenia, por isso que nas palavras se encontra a historia real, a descendencia e as affinidades dos que as proferem. O camponez da Lithuania, na Prussia, depois de separado por quasi incontaveis seculos dos seus antepassados da India, declina ainda os verbos como o grego ou o sanskrito, e é quasi capaz de entender vocabulos d'este ultimo idioma.

Gradualmente vieram accumulando-se os subsidios necessarios para a definitiva constituição da ethnologia pelo methodo linguistico. A partir do tempo heroico das descobertas, Pigafetta, companheiro do nosso Magalhães na sua viagem de circumnavegação, foi o primeiro collecter de especimens dos idiomas desconhecidos. Já no seculo XVIII o abb. Hervas, colligindo os subsidios recolhidos pelos jesuitas nas missões, publicava o seu *Catalogo*; já Humboldt dava á luz o seu ensaio sobre o vasconço. ¹ Depois, vieram os estudos de Reiland sobre a lingua malaya, e os dos missionarios catholicos sobre as dos negros (Cannecatim), sobre a dos chinezes, sobre a dos brazis (Luiz Figueira). Em 1801 publicou-se o *Mithridates* de Adelung que é para as linguas como um Blackstone; e Adelung e Klaproth (*Asia polyglotta, Sprachatlas*) ficaram como classicos — os Buffon e Blumenbach da linguistica. No nosso tempo coube a Prichard a honra de combinar pela primeira vez a ethnographia com a linguistica, abrindo o campo ás investigações varias que conduziram á constituição de uma sciencia, cuja expressão mais completa está no celebre tratado de Fr. Müller.

Antes de formularmos as observações que o me-

¹ *Hist. da civil. iberica* (3.ª ed.) p. xxii.

thodo linguistico nos suggere, exporemos pois o quadro da classificação de Fr. Müller. ¹

A. Ullotrices

Raças

PAPUA (1-4)
HOTTENTOTE
(5-6)
CAFRE (7-9)

NEGRA (10-13)

Ramos Linguisticos

Papua.

1. Hottentote — 2. Boschimano.

Bantu.

1. Mandingo — 2. Jalofo — 3. Felupe —
4. Bidschongo — 5. Nalu — 6. Banyum
— 7. Bulanda — 8. Limba — 9. Laudo-
ma — 10. Sonrhai — 11. Hausa — 12.
Bornu — 13. Kru — 14. Ewe — 15. Ibo
16. Mbafu — 17. Mitschi — 18. Musgu
— 19. Bagirmi — 20. Maba — 21. Nilo-
tico.

Lophocomi

Eriocomi ²

B. Lissotrices

AUSTRALIA
(14-15)

MALAYA (16-18)

MONGOLICA
(19-22)

ARCTICA (23-24)

AMERICANA
(25-28)

DRAVIDA
(29-30)

NUBIA (31-32)

MEDITERRANEA
(33-36)

Australio-tasmanto.

Malayo-polynesio.

1. Ural-altaio — 2. Japonez — 3. Coreo —

4. Linguas monosyllabicas.

1. Yukagirico — 2. Korjaktico — 3. Kam-
tschadal e Aino — 4. Jenissei, Ostjak e
Kotten — 5. Eskimó.

1. Kenai — 2. Atapaskico — 3. Algonki —
4. Iroquez — 5. Dakotah — 6. Pani —
7. Appalchi — 8. Koloschi — Ntuba — 9.
Oregon — 10. Californio — 11. Yuma —
12. Sonora, Texas — 13. Mexicano —
14. Azteque — 15. Maya — 16. Antilhas
— 17. Caraiba — 18. Tupi — 19. Andino
— 20. Araucanio — 21. Guaycuru-
abipon — 22. Puelche — 23. Tehuelche
— 24. Pecherez — Chibcha — 25. Qui-
chua.

1. Munda — 2. Dravida — 3. Singalez.

1. Fulla — 2. Nubio.

1. Basco — 2. Caucasio (a) Lesghi, Ava-
ri, Kasikumuki; b) fsherkesse, Abcha-
sis; c) Kistis; d) Georgio, Lazi, Min-
grelho, Suanir.)

3. Linguas hamito-semitas.

a) ling. hamitas: lybio, ethiope, egyptio;
b) semitas: chaldaico, syrio, hebraico,
samaritano, phenicio, ao norte; e ethiope,
hamiarico, arabe, ao sul.

4. Linguas indo-europeas.

a) grupo indio; b) iraniano; c) celta;
d) italiano; e) thraco-illyrio; f) grego;
g) letto-slavo; h) germanico.

Euthycomi

Euplocomi

¹ V. os quadros de pp. 184-5 nos *Elem. de Anthropol.* (3.^a ed.) Os numeros das raças, entre parenthesis, são os dos quadros alludidos.

² V. Os quadros ethnologicos da Africa, no *Brazil e as colonias port.* a p. 280-2 da 3.^a ed.

Erraria, porém, quem imaginasse que a affinidade linguistica exprime sempre affinidade ethnogenica. E' sabido que um povo póde mudar de lingua sem alterar o sangue, e é por isso que um quadro das linguas actualmente falladas jámais coincidirá com o quadro das raças ou sub-raças de homens, conforme se vê da classificação supra. A lingua póde ou não ser um *character*, mas a sua qualidade superior está em proporcionar um *methodo*.

Se nos periodos historicos se não observa o phenomeno da criação de novos ramos linguisticos, vê-se porém o do seu desaparecimento, ou com a extincção de raças, ou até sem ella. Em San-Domingos achamos negros fallando francez. O allemão moderno abafou uma lingua slava, o polabio, e uma lingua letta, o velho-prusso; outro tanto fez o latim aos seus affins osco e umbrio; outro tanto faz o castelhano ao basco, e o inglez ás linguas americanas setentrionaes. Os normandos perderam em França o seu dialecto scandinavo, os burgundios o seu dialecto germanico, a exemplo do que na Italia succedeu aos lombardos. No sul da America-central (San-Salvador, Nicaragua, Costa-Rica) grande parte dos indigenas fallam castelhano. Nos confins da Asia e da Europa, os bashkirs fallam turco, embora se creia que a sua lingua natural tivesse sido a madre do madjiar da Hungria. O bulgaro de hoje assimelha-se ao russo, e era um dialecto turco. Ha decerto ainda sangue etrusco nas veias dos florentinos, mas não ha palavras etruscas na sua falla.

Se parassemos aqui, decerto haviamos de concluir negando á lingua o merecimento eminente que lhe attribuímos. Mas o proprio facto d'estas circumstancias apparentemente contradictorias é um argu-

mento a favor da doutrina desposada n'esta obra. Como se poderia affirmar que um povo mudou de lingua, se esta não conservasse consigo a prova dos accidentes por que passou? Quando é que a observação dos caracteres physicos ou moraes leva a affirmar com segurança os cruzamentos de raças, as superposições de povos n'uma certa região, como o faz o methodo linguistico com a etymologia, com a onomastica e a toponymia? Aquillo que em vão se tem buscado nos caracteres physicos (côr, estatura, craneos, etc.) e nos caracteres moraes, isto é, uma fixidez typica ou especifica, irreductivelmente distincta para individualisar as raças humanas: é isso o que a lingua possui. Ha propriamente especies em linguistica: os hybridos são esteris; só se fixam pelo cruzamento as linguas affins, variedades de uma mesma especie, vindo a predominar a superior. Portanto, se é um facto que causas externas, fortuitas n'este sentido, podem fazer mudar a lingua de um povo, sem que isso contradiga o que se acaba de affirmar com referencia ás linguas em si e independentemente dos homens que as fallam: não é menos verdade que, por via de regra, as relações da lingua e do sangue são tão fortes que, por debaixo dos successivos stratos linguisticos sopostos pela historia, a sciencia vae descobrir raizes profundas, irrefragaveis monumentos ethnicos. Assim, por exemplo, o latim, impondo-se á familia celta do occidente da Europa, veiu a caracterisar-se de diversos modos quando se formaram as linguas romanicas; reagindo o fundo natural contra a superfetação linguistica, e dando de si cruzamentos varios; ¹ e para além d'este phenomeno que a etymologia attesta, ficam ainda os nomes geographicos

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. 122-5.

a attestar a natureza da falla, a natureza do sangue dos primeiros que denominaram os rios, os lagos, os montes.

A etymologia para os cruzamentos entre linguas de uma mesma especie, e para as reliquias de linguas vencidas, os nomes de pessoas historicas e os geographicos: eis ahi os principaes elementos da linguistica como methodo ethnogenico. A lingua é pertinaz como tudo quanto vive. Ainda quando deixa de ser fallada, fica escripta em nomes immorredouros. Na Hespanha veiu o latim, veiu depois o arabe; mas, apesar d'essas duas invasões dominadoras, ainda hoje se conservam nomes geographicos phenicios. E antes de deixar de ser fallada, uma lingua tanto mais tempo leva a agonisar quanto maior é a sua autonomia: assim, nos Pyreneus o vasconço, batido pelo francez e pelo castelhano, resiste ha seculos, ha talvez millenios; assim o albanez da Albania ainda falla skipetar, embora comprimido pelas linguas invasoras que o rodeiam: o turco, o grego, o slavo.

Bascos e caucasicos, duas reliquias ethnicas, apresentam-se na Europa como dois monumentos archaicos linguisticos; e o character singular e irreductivel d'essas linguas dá a prova de que as populações não descendem de nenhuma das varias raças que successivamente impozeram á Europa o seu dominio e a sua falla, mas sim representam a população precedente ás edades historicas iniciadas por esses accidentes. Portanto, a linguistica, sem poder ser base de um quadro descriptivo das raças, denuncia de um modo luminoso a ascendencia, sendo assim o unico methodo ethnogenico. Sem duvida, grandes ondas de sangue ibero correm na Hespanha que falla as suas linguas romanicas; grandes ondas de sangue skipetar circulam na po-

pulações da Albania que fallam turco ou grego : por isso a lingua não coincide com o sangue ; mas o caracter singular do vasconso e das linguas caucasias, conservadas como reliquia por nucleos de população ethnicamente resistente, basta para lançar luz sobre o problema ethnogenico da Hespanha e do Caucaso.

N'estes dois casos os monumentos estão vivos ; em muitos outros, ou restam só nos livros e inscrições, ou até apenas nos nomes geographicos : isso augmenta a difficuldade, sem prejudicar a doutrina. Foi com ella que a ethnographia chegou a isolar autonomicamente as quatro raças ditas mediterraneas ¹ e cujas linguas são irreductiveis : indo-europêa e semito-hamita, caucasica e basca.

Assim, concluindo, devemos assentar em que a linguistica, embora não possa servir de base para um quadro actual ethnographico, porque as linguas falladas muitas vezes não correspondem á natureza do sangue, é o methodo eminente para determinar a filiação e descendencia dos povos, sem ser exclusivo dos subsidios de outras ordens, physicos e moraes. Em volta da analyse linguistica e como auxiliares, explicações, correctivos, devem agrupar-se os caracteres physicos, as tradições historicas, e até certo ponto a physionomia moral.

Esta superioridade do methodo linguistico só podia ter-se reconhecido quando a idéa concreta de

¹ A formação de uma raça mediterranea, incluindo estes quatro ramos, é um ponto em que, parece, o systema de Fr. Muller é inconsequente. Se a irreductibilidade de typo linguistico é o caracter de autonomia ethnogenica — porque se fundem estes quatro typos, confessadamente irreductiveis, n'um todo que só tem como base uma expressão geographica, nem exacta porque os aryanos da India e os iranianos não podem chamar-se mediterraneos, nem até verdadeira por outro lado, pois os aryanos são invasores e não aborigenes da Europa ?

evolução chegou a dominar todas as sciencias, dando um valor absoluto á filiação, subalternando o valor da descripção, que era tudo emquanto na sciencia dominavam as idéas racionais-abstractas. Sob este aspecto, como já se disse, o merecimento da linguistica é secundario: muitas vezes, em regiões lavradas pelo arado da historia, a lingua deixa de ser correlativa ao sangue.

A excellencia do methodo provém dos caracteres singulares da faculdade da falla. Espontanea, retrata em si a physionomia primitiva das raças, partilhando assim o valor dos caracteres physicos; mas, ao passo que estes, por excessivamente restrictos em numero (quatro, quer na osteologia cephalica de Retzius, quer na comiologia de Müller) não são capazes de individualisar as varias raças humanas, a lingua, já pela variedade e numero das suas fórmas primitivas, já por exprimir os sentimentos e impressões espontaneas, tem uma como que escala de notas sufficientemente vasta para denominar todas as especies e variedades de homéns. E' pois como os caracteres physicos por ser tambem natural, sobrelevando-lhes em merecimento por ser o vehiculo das impressões moraes. A isto accresce a singularidade da sua constituição; porque uma vez formada, é invariavel e especifica: podem os homéns que a fallavam tel-a abandonado ou terem-se extinguido: ella fica ainda nos monumentos mudos quando deixou de circular pelos labios vivos. Desde que existe, tem um ser proprio independente do homem que a creou ou a aprendeu; e n'isto differe essencialmente dos caracteres do corpo humano, necessariamente extinctos com elle, e além de originariamente poucos, modificaveis por todas as influencias, externas, ou internas, de *meio*, ou de civilisação. Accresce finalmente a eloquencia. Os mo-

numentos linguísticos têm em si, inherente, a propria historia: lê-a todo o que aprendeu essa especie de leituras, ao passo que os caracteres physicos são mudos, os moraes são vagos; uns, obscuros e identicos na sua confusão, outros, embora luminosos, também identicos na extrema complexidade com que exprimem por fórmãs, nem sempre varias, um ideal immanente e um destino virtual constante.

II

Viagem á volta da terra

Feitas as observações precedentes, instruido o leitor ácerca do methodo preferido, podemos agora largar do porto para a longa viagem a que o convidamos. Utilisaremos, passando, todos os subsidios que a sciencia nos presta, apontando pela lingua a stirpe, pelo *meio* as condições, esboçando as phisionomias, caracterisando as regiões: tudo isto dentro dos limites compatíveis com as proporções d'esta obra. Veremos que, se a divisão do mundo em partes não deixa de ter bases geographicas, tampouco deixa de as ter ethnographicas.

A America era dos americanos, cuja unidade de typo se mantém apesar de graves differenças: ¹ é hoje em parte dos indo-europeus, germano-saxões ao norte, ibero-latinos ao sul. Toda a Africa é negra ou cafre, salvo nas suas abas sobre o mar Vermelho que são nubias, como o Sudão, e salvo na sua

¹ V. *O Brazil e as colón. port.* (3.^a ed.) p. 133-46.

zona mediterranea. A Oceania tem sobre o fundo papua ou negrito laivos ou camadas de sangue malayo-polynésio, e manchas recentes de sangue saxonio. Na Asia os turcos, irradiando da Tartaria, veem tocar na Europa e na Africa, alastrando-se até ao polo; a lingua de Constantinopla entende-se no Lena, ao passo que a raça caucasia, comprimida n'um recinto breve, falla mais de uma duzia de linguas reciprocamente inintelligiveis. D'aqui se vê como as áreas ethnographicas são varias, como um ramo de linguas póde differenciar-se em maior ou menor numero. Assim, no Canadá e nos Estados-Unidos do norte, a área algonqui mede-se por graus de longitude e latitude, e na Luisiania e no Alabama por milhas. Na America do sul uma lingua, o guarany ou tupi, avassalla metade do continente; na Africa, desde o equador até ao Cabo tudo é bantu, ¹ ao passo que entre a Gambia e o Gabão a raça negra falla mais de vinte linguas.

As differenças de populações limitrophes, como o cafre junto ao hottentote, o noruegez ao laponio, o pelle-vermelha ao eskimó, e a variação das áreas ethnographicas, são documentos de invasão e conquista que muitas vezes alargam o dominio de uma lingua, sem importarem uma mudança de sangue; por outro lado, o insulamento (como o dos yakuts turcos na Siberia, o dos iroquezes entre os algonquis, o dos madjiars, que são finnios ou ugros, entre slavos e germanos) dá sempre indicio de migrações, colonias, ou passadas conquistas.

Por isso no velho-mundo, ou Asia-Europa, é mais difficil do que no novo destrinçar as populações pela sua ascendencia. Os malayos, os mongolios, os dravidas constituem o fundo da popula-

¹ V. *O Brazil e as colon. port.* (3.^a ed.) p. 273-6.

ção da Asia; os hindus são na India uma sobreposição de sangue aryano. Em torno do Mediterraneo, isto é, na Europa, na Persia, na India, e n'essa faixa de Africa quasi europêa, excluindo os nubios que são transição para os negros, e os bascos e caucasicos que são reliquias, encontramos tres grandes familias de homens e tres áreas ethnographicas. A dos hamitas vae do valle do Nilo, deitando os braços até ao longo das costas do golpho persico: é a menor em extensão e em numero. Vem depois a dos semitas, no valle da Mesopotania, nas aguas do Tigre e do Euphrates, sobre as faxas de terrenos araveis entre o Euphrates e o deserto, sobre o districto de entre o Tigre e a cordilheira de Zagros, deitando tambem ramos para oriente na Arabia, para occidente até ao Mediterraneo na Syria. Afinal chegamos á familia aryana, cuja singular expansão lhe conquistou um dominio enorme. Subindo pelo Ganges, nas abas austraes do Himalaya em direcção nordeste, passando por Cabul ao Hindo-Kush, d'ahi pelos montes de Elburz, pelo sul do Caspio, até á Armenia, deixamos limitada a área asiatica, banhada nas duas fronteiras oppostas pelo oceano indico. Incluem-se n'ella, além das regiões que o aryano habita, aquellas em que impera com o nome de persa, ou hindu, ou inglez, sobre as populações indigenas. Galgando o Caucaso, em cujos recessos antigas familias humanas conseguiram manter-se insuladas, o aryano foi aos confins occidentaes do mundo, até á Hespanha, caminhando como uma onda, rolando para noroeste, alastrando a Europa, repellindo para um lado o ibero, para o lado opposto os ugro-finnios até ás fronteiras alvas das regiões boreaes. Se na área asiatica dos aryanos as familias d'essa stirpe se distribuem com grave desigualdade, na sua área europêa o chão

occupado por slavos, latinos e germanos é proximoamente egual, em extensão e densidade. ¹

Esboçadas assim as áreas ethnographicas, con-vém annunciar o roteiro da nossa viagem. Começaremos pela Asia, a partir das regiões do Ural e do Altai, descendo pelo Japão até á China e á Indo-China, visitando o Dekkan e passando de Ceylão á Sonda. Teremos assim travado relações com os mongolios e dravidas. — A jornada seguinte irá do

¹ Eis aqui uma estatistica das raças humanas, transcripta (Om. d'Halloy, *Races hum.* 5.^a ed. p. 115) como nota, por isso que a classificação a que obedece é diversa da que se adoptou n'esta obra :

POVOS	EUROPA	ASIA	AFRICA	AMERICA	OCEANIA	TOTAL
Germanicos	84	0,05	0,4	29,5	1,7	115,65
Latinos	91,3	0,05	0,7	12	—	104,05
Gregos	4	1	—	—	—	5
Slavos	84	3,3	—	—	—	87,3
Esso-kymris	7	—	—	4	—	11
Bascos	0,9	—	—	—	—	0,9
Lybios	—	—	12	—	—	12
Semitas	4,3	8,2	7,5	0,01	—	20,01
Persas	0,5	10,5	—	—	—	11
Georgios	—	0,9	—	—	—	0,9
Circassianos	—	1,3	—	—	—	1,3
Madjiars	5,4	—	—	—	—	5,4
Finnios	4,2	0,4	—	—	—	4,6
Turcos	4,5	19,5	—	—	—	24
Hyperboreos	0,01	0,07	—	—	0,05	0,13
Mongolicos	0,12	7,9	—	—	—	8,02
Chinezes	—	469	—	—	—	469
Ethiopes	—	—	10	—	—	10
Hindus	0,15	160	0,25	—	—	160,4
Iado-chinezes	—	18	—	—	—	18
Malayos	—	27,2	—	—	0,15	27,35
Vermelhos	—	—	—	10	—	10
Negros	—	—	69	7	0,15	76,15
Hybridos	—	0,05	0,4	17,5	0,05	18
Total, milhões	290,4	727,4	100,2	80	2,1	1:260

archipelago de Sonda á Australia, á Nova Guiné, a Tasmania, visitando esses fragmentos de terras que mancham as vastidões do oceano indico e do Pacifico, dando-nos a conhecer os malayos, os negros da Australia, e os papuas. — D'estes remotos confins do mundo, d'estes infimos typos da humanidade, passaremos a outros infimos, os boschimanos, subindo a Africa, visitando hottentotes, cafres, negros, negroides e semito-hamitas, até chegarmos á Hespanha dos iberos, provaveis irmãos dos berberes.¹ — Do extremo occidental do Mediterraneo passaremos ao seu extremo oriental no Caucaso, e pelo Caucaso iremos estudar as populações aryanas da Asia. — Visitaremos finalmente de norte a sul toda a America e as regiões boreaes dos confins da Asia e da Europa.

Para conveniente orientação do leitor poremos aqui, n'um quadro, o programma da nossa derrota — que ao mesmo tempo servirá de schema ethnographico do mundo, com excepção da Europa.

¹ V. *Hist da civil. iberica* (3.^a ed.) p. xx-xxxv.

PRIMEIRA JORNADA

Da Siberia ás Indias (Mongolios e Dravidas)

URALAIOS	1.	Samoyedes	do norte: <i>Yurukus, tavagys, ostiaks.</i> sul: <i>Soiots, kamás, koibales.</i>	
	2.	Finnios	ramo <i>chude</i> : lapões, finlandios, livonios, esthonianos. <i>bulgaro</i> : tcheremisses, mordvinianos. <i>permico</i> : zirianes, votiaks. <i>ugrico</i> : vogules, ostiaks, hungaros.	
		Tartaros	ramos: 1. <i>yakut</i> ; 2. <i>turco siberio</i> ; 3. <i>kazan</i> ; 4. <i>kirghiz</i> ; 5. <i>turcomano</i> ; 6. <i>usbek</i> ; 7. <i>nogai</i> ; 8. <i>baziane</i> ; 9. <i>osmanli ou ottomano</i> ..	
		Mongolios	ramos: 1. <i>kalka</i> ; 2. <i>sunid</i> ; 3. <i>burid</i> ; 4. <i>songario</i> ; 5. <i>olot ou kalmuko</i> .	
3.	Tungus	ramos: 1. <i>mandchu</i> ou <i>daurio</i> ; 2. <i>tungusko-siberios</i> ; 3. <i>yakutsk</i> ; 4. <i>lamut ou tchapogir</i> .		
	Coréo-japonezes	ramos: 1. <i>aino</i> ; 2. <i>coréo</i> ; 3. <i>japones</i> .		
4.	Indo-chinezes	ramos { <i>a</i> } de Bulti e Ladak; { <i>b</i> } de Nepaul; { <i>c</i> } 1. <i>bhôt</i> } de Bhôtan; { <i>d</i> } do Thibet. 2. <i>sinico</i> — da China propriamente dita. 3. <i>birmano</i> — da Birmania, Pegu, Arakan. 4. <i>thay</i> — de Sião e Birmania (láos, khanti, shan e siamezes propr. ditos.) 5. <i>kho</i> — de Cambodja. 6. <i>annamita</i> — da Cochín-China.		
		5.	Dekkans	1. <i>dekkán</i> ou <i>tamul</i> (gonds, tuluvas, malabares tamules, telingas, todas, brahuis.)
			e	2. <i>vindhya</i> (bhills, mina, kôles, pahârias, khonds, veddahs.)
		6.	Singalezes	

SEGUNDA JORNADA

De Malaka á Polynesia (Malayos, Papuas e Australios)

MALAYA	7.	Sundane-sios	1. <i>Malayo-jãos</i> { de Sumatra, Jáva, Borneo, etc. de Malaka (semang, sakai, hala, orang-benna.)
			2. <i>Tangalas</i> — das Philippinas, Mariannas, Formosa, etc.
	8.	Polynesios	<i>Samoa-Tongas</i> , maoris (Nova Zelandia), tahitis, raratongas, marquezes, havaís. (Sandwich).
1. <i>Sakalaves</i> , mahafaes, negros ou negritos.			
9.	Malgaches	2. <i>Malgaches</i> , propriamente ditos.	
		3. <i>Ovas</i> , de extracção malaya.	

Madagascar

- | | | |
|------------------|---|---|
| PAPUA | } | 10. Negritos { 1. <i>Mincopis</i> (Andaman); 2. <i>Nicobares</i> ; 3. <i>Semang</i>
(Malaka); 4. <i>Timores</i> ; 5. <i>Negritos-del-monte</i>
(Philippinas e Sulu). |
| | | 11. Melanesios <i>Vitis</i> (Fidji), annatons, erromangos, etc. |
| | | 12. Néo-Guinezes { 1. <i>Néo-guinés</i> , propr. ditos.
2. <i>Arrus</i> , keys, mysols, etc. |
| | | 13. Tasmanios |
| AUSTRALIA | } | 14. 15. Australios , do norte e sul. |

TERCEIRA JORNADA ¹

A Africa: do Cabo ao Mediterraneo, (Hottentotes, Cafres, Negros, Nubios, Afro-mediterraneos)

- | | | |
|-------------------|---|--|
| HOTTENTOTE | } | 16. Boschimanos. |
| | | 17. Hottentotes. |
| CAFRE | } | 18. Bechuanas. |
| | | 19. Zulus. |
| | | 20. Congos. |
| NEGRA | } | 21. Negros (Ibos, krus, fantis, ashantis, etc.) |
| | | 22. Senegambios (Mandingos, jalofos, felupes.) |
| | | 23. Tibbus (Sonrhai, kanoris, darfurs, etc.) |
| | | 24. Suddans (Baris, dinkas, nuers, shillucks, etc.) |
| NUBIA | } | 25. Fullos { <i>Fullos</i> , de oeste (borghus, sakatus, etc.)
<i>Diurs</i> , bongos, mittus.
<i>Mombuttus</i> , sandehs ou niam-miams. |
| | | 26. Dongolenses { <i>Barabras</i> , ou berberes da Nubia.
<i>Dongolas</i> , fundji, do Kordofan e Sennar.
<i>Bedjas</i> , do Taka, e nubios proprios. |

¹ Para o que diz respeito ás raças hottentotes, cafre e negra, v. os mappas ethnogenico e ethno-geographico, no *Brazil e as colonias portug.* (3.ª ed.) p. 280-2 que, por já impressos, se não reproduzom.

MEDITERRANEA anstro-occidental, ou da Africa

27. **Semito-hamitas**

SEMITAS	do norte	<i>Gallas</i> { Bertuma, ou gallas de leste. Boran " oeste. (linguas somali, dankali e galla). <i>Ethiopes</i> { Schoho, no litoral; tigrés e anharas, nas montanhas.
	do sul	<i>Aramesanos</i> { syrios, phenicios, judeus, meso- <i>Canaanitas</i> { potamios, etc. <i>Arabs</i> { do Nedzhed (beni-Tamar, etc.) do Hedzhaz (koreish, etc.) do Yemen (merkedes, beni-kelb, etc.) Cachim, hillel, machin, na Berberia; M a g d y e h, ellahomych, no Egypto; Hetsenat, chonkrych, etc. até á Nubia. Mouros, de Marrocos; mestiços do Senegal.
HAMITAS	do norte	<i>Egypticos</i> { Coptas. Fellahs.
	do sul	<i>Amazigues ou berberes</i> { de Marrocos, (<i>amasirques</i>) shulu, suzoz, etc. <i>Tuaregs</i> { Saharianos { h ó g g â r, azkâr, uelmenidem, tademekket. Suddanianos { b o r n ú s, tnyl- kum buzanes, kelovi (mestiços.)

28. **Bascos.**

QUARTA JORNADA

Do Caucaso á India (Mediterraneos da Asia)

MEDITERRANEA austro-oriental, ou da Asia	29. Cauca- sios	}	1. <i>Adigés</i> { Tcherkesses, abassis, crimóos ou occidentaes } (cruz. de cossacos);	
			2. <i>Mizjehis</i> ou centraes;	
			3. <i>Leaghi</i> { Gruzios (georgios); gurlios (min- ou orientaes } grollos); suanos; lazi, — na Georgia.	
	30. Indo- europeus	}	}	1. <i>Tadjiks</i> { ou persas, na Persia e fóra d'el- la; parsis na India; fellis, bakhtiyaris, lacks (<i>filiyaks</i>) na Persia.
				2. <i>Biluches</i> no Biluchistan.
				3. <i>Kurdos</i> { no Kurdistan e fóra d'elle; dehe- lalis, melas, chakakis, haide- ramlis, selalys, yezidis, nes- torianos.
				4. <i>Armenios</i>
				5. <i>Afghans</i> { 1. Durani; 2. Ghill; 3. Berdura- ni; 4. Eusof; 5. Khyberis, afridis, etc.
				6. <i>Kafirs</i> nos montes do Hindu-kush.
	}	}	}	1. <i>Cashmirs</i> — 2. <i>Hindis</i> — 3. <i>Gudjerátes</i> — 4. <i>Mahrattas</i> — 5. <i>Bengalis</i> — 6. <i>Orissas</i> .

QUINTA JORNADA

Da Groelandia á Terra-do-fogo (Americanos)

ARCTICA

31. **Hyperboreos** — kanchadales, kurilios, koniaques, tusquis, etc.
32. **Esquimós** — e groelandezes.

AMERICANA

33. **Norte-americanos**
1. *Tinche* ou atapaskas (kenais, kutchins, chippenayanes, etc.)
 2. *Algonquis*: abenakis, mic-macs, delavares, mohicanos, shaunis, illinois, kikapus, miamis, etc.
 3. *Iroquezes* ou mingos: mohauks, cayaguas, oneidas, onondaguas, tuscarras, hurons, etc.
 4. *Apalaches*: cheroquis, catobas, natchez, etc.
 5. *Prados*: siús, dakotás, osagos, assinibonanas, etc.
 6. *Occidentaes*, ou chimuks da Columbia, oregonos, californios, utahs, comanches, etc. do Texas e Novo-Mexico.
34. **Centro-americanos**
1. *Mexicanos* { Nahua-tolteques, aborigenes (?)
Azteques (otonis, mixteques, zapotèques, etc.)
 2. *Mayas*: pipiles (S. Salvador) níquiranes (Nicaragua).
 3. *Pueblos* { Moquis, pimas, papagos, de raça
comanche; e zumis, xemes, etc.
no Sonora e Texas.
35. **Sul-americanos**
1. *Chibcas* ou muiscas do Cundinamarca.
 2. *Quichua-aymaras*, yunkas, do Perú.
 3. *Caraibas*, das Guyanas e das Antilhas.
 4. *Guaranys*, do Brazil.
36. **Patagonios**
1. *Pampas*, (tobas, meobobis, guayeurus, abipones).
 2. *Chacos*, mestiços dos *Charruas*, negros do Uruguay, extinctos.
 3. *Araucanios*, ou chilenos.
 4. *Puelches*
 5. *Tehuelches* } da Patagonia propriamente dita.
 6. *Pecherzes*, da Terra-do-fogo.

1. — DA SIBERIA ÁS INDIAS

(Mongolios e Dravidas)

As fronteiras do continente da Asia-Europa para o mar do polo são baixas, alagadas, parallelamente cortadas pelos rios que descem da cordilheira do Altai, e pelos montes Yablonoi que se estendem até á ponta oriental da Asia, no estreito de Behring. Uma zona de montanhas isola da metade austral a metade setentrional do continente. Os tres grandes cursos do Obi, do Yenesey e do Lena dividem em tres zonas hydrographicas esta região conhecida pelo nome de Siberia. E' ahi que habitam os samoyedes, desde o Mezena sobre o mar Branco e já para além do Ural, até ao extremo opposto da Asia, entestando por um lado com os finnios, pelo opposto com os kurilios e kamchadales, vagueando por esses gelados confins do mundo. Internando-se pela Siberia no valle do Lena, vêm apparecer ainda junto ao lago Baikal, já na região dos montes; mas encostados aos tungús e tartaros, os seus limites austraes regulam por 60°. São uma gente mesquinha e feia, atrophada pelo frio, pequena, embora um pouco mais alta que os lapões. Dizem-nos russos, porque a Russia impera nominalmente sobre o seu *habitat*: de facto são selvagens errantes pelos charcos gelados de um lançol de terras frigiditas onde já não ha arvores, apenas musgos. Pastoreando os seus rengifers, estão nos confins do mundo e nos da humanidade.

A ethnogenia, depois dos trabalhos decisivos de Castren, reconhece o parentesco de samoyedes e finnios (raça uralaia), isolando esse grupo do tungú-

turco-mongolico (raça altaia). A ethnographia divide d'esta fórma os samoyedes :

Do norte	}	YURUKUS,	do Mezena ao Yenesej, no litoral.
		TAVAGYS,	do Yenesej ao Chatunga, idem.
		OSTIAKS,	nas cabeceiras do Obi e do Yenesej, até Tomsk.
Do sul	}	SOIOTS	dispersos na Siberia interior, internando-se até ao lago Baikal e á Mongolia chinesa, no Altai oriental e entre os montes de Sayan.
		KAMÁS	
		KOIBALES	

Repellidos para o norte pelos mongolios, os samoyedes foram até além do Ural assentar nas margens do Mezena, confundindo-se ou cruzando com os finnios: as tribus ugro-ostiaks do Obi são a prova d'isso. Por outro lado, confinam com os tungús, tartaros e kalmukos, cuja physionomia partilham.

Os finlandezes da Finlândia, hoje russa, são considerados os mais genuinos representantes d'esse antigo strato ethnico sobre o qual assentaram, no que é Russia da Europa, principalmente, as camadas de invasores arianos. A vastidão do antigo *habitat* da raça finnia, deprimida, repellida, como a samoyede, mostra-se pelas distancias extremas dos varios nucleos resistentes ainda hoje observaveis. Os finnios dizem-se tambem ugrios, de Ugoria nome do Ural, isto é, da região de entre o Volga e o polo. Ugoria em ostiak é *ogor*, alto. D'essa zona de montanhas desce com effeito o lançol da gente ugoria, ou finnia, que ha quinze ou vinte seculos iria pela Asia até ao Turkestan e ao Caucaso, e pela Europa não se sabe até onde: acaso não fossem outros os habitantes (furfooz ¹) da Europa central no periodo quaternario. Depois, repellida na Asia até ao valle do Obi transuraliano, e fragmentada na Eu-

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) p. 173-4

ropa pelas conquistas de invasores principalmente slavos, ainda no X e XI seculo da nossa éra se encontrava no centro da Russia. Ainda hoje, além dos muitos laivos de sangue finnio que ha decerto nas populações europêas do norte oriental da Europa, se vê na Hungria um retalho isolado; e na Russia é finnia, ou pelo menos inclue finnios authenticos, toda a zona que fica ao norte de uma linha traçada do Baltico por Nijni-Novogorod, sobre o Volga, ao Ural; ha finnios na Laponia, na Finlandia, em Archangel; finnios nas provincias balticas, no Volodga, no Viatka e em Perm. Desde o extremo norte da Suecia-Noruega vem, pois, um sub-strato de população afflorando em varios pontos da Russia, apparecendo nas vertentes do Ural, e ao sãl, nas planicies da Hungria. Insulados no meio de brancos arianos e de asiaticos amarellos, os finnios, grupo ethnico restaurado pela linguistica, não contam hoje mais de quatro milhões de homens dispersos em cerca de vinte nucleos de importancia diversa. São os representantes dos *fenni* de Tacito, localizados nas boccas do Vistula; são os *finni*, os *zuomi* ou *suumes* de Strabão e Ptolomeu, habitantes da Polonia; são os *estes* que Jornandes localizou ao sul dos esthonios de hoje. Por aqui se póde avaliar até onde ia ainda na Antiguidade o dominio da raça finnia. E quando no seculo XII os bremezes foram dar ás boccas do Dvina, acharam ahi populações selvagens faltando ignotas linguas, chamando-se a si proprias livas, lettos, wendes, curones, semigales, esthones: eram evidentemente os descendentes dos *estes* de Jornandes, restos das populações finnias conhecidas pelos antigos.

Ainda, pois, nos tempos historicos o *habitat* dos finnios era enorme; ainda hoje, desde o Ural até ao Baltico, mede quasi quinze graus de latitude e mais

de quarenta de longitude. Dir-se-hia uma população gigantesca, e entretanto já vimos que não passam de quatro milhões de homens. Será pois deserto esse vasto trato de Europa? Não. Embora a parte boreal o seja quasi, a outra não o é; mas deixou de pertencer á raça finnia, apenas hoje se-nhora das zonas geladas que ninguem lhe disputa, e afflorando insulada nas zonas propicias, no meio da população densa de aryanos, principalmente slavos.

No sangue, porém, d'essas novas camadas de habitantes correm de certo muitos laivos do dos antigos; assim como o sangue dos finnios mais authenticos de hoje está cruzado com o dos povos vizinhos da Europa e da Asia. Na Finlandia que foi sueca até 1809, abundam os elementos scandinavos; e os madjiares da Hungria, que não são hunos descendentes dos soldados de Attila, documentam as fronteiras austraes d'essa zona de cruzamentos slavo-finnios que vae do Danubio ao mar do norte. Os esthonianos e os lettos, finnios authenticos, nada semelhantes aos slavos em caracteres phisicos, adoptaram porém um dialecto dos povos de quem se sujeitaram ao dominio. Invasida de um lado pelos aryanos, a área finnia foi-o do outro pelos tartaros e mongolios das successivas lévas que passaram o Ural para oeste: é o que, por exemplo, se vê nos bachkirs dos governos de Perm, de Viatka, de Samara e Orenburgo, n'essa região onde no seculo IX se formou a confederação hungara. O bachkir é para o asiatico um estrangeiro (*ostiak*), nem turco nem mongolio, mas ugro-finnio com mistura de sangue estranho. Assim, emquanto no centro da área finnia os nucleos de população insulada se esvaem, pelas suas fronteiras os cruzamentos attestam a antiga vastidão d'ella: o norte-altaico passa a mon-

golio para além do Ural, a turco nas margens do Volga, e a branco aryano na bacia do Baltico.

A ethnographia divide em quatro ramos as reliquias actuaes da raça finnia :

1. TCHUDE, incluindo finlandezes, lapões, esthonianos, livonios.
2. BULGARO, " tsheremisses, mordvinianos.
3. PERMICO, " zirianes, votiaks.
4. UGRICO, " voguls, ostiaks, hungaros.

O ultimo d'estes ramos, como um strato primitivo deslocado por sublevações, vem afflorar nos dois pontos extremos da área finnia, mostrando tambem dois polos oppostos de estado social. O hungaro, na fronteira de sudoeste, é um europeu civilisado; o ugro-ostiak e o vogul, na extrema fronteira nordeste, são quasi selvagens. De um lado, o madjiar é notavelmente bem conformado e robusto; do opposto, na região boreal, o ostiak é um ser mesquinho. Nas margens do Obi os ostiaks, nos pendores setentrionaes do Ural os voguls, nomadas os das steppes geladas ou *tundras* que se desenrolam para a Asia, caçadores os das montanhas, pescadores os das margens dos rios, arrastam uma vida triste, muda e condemnada como o solo ingrato para onde foram gradualmente repellidos. As mulheres tatuam-se, e a unica alegria d'essa vida alva e funebre das regiões arcticas são as mysteriosas lendas que illuminam como fogos fatuos as imaginações e os alvares phantasticos das auroras nas noites enormes. Ingrato o chão, gelado o rio, o ostiak tambem arrasta a sua existencia vegetativa com a natureza dormitando no torpôr do frio, seguido pelo seu amigo unico, o rengifer, companheiro das suas viagens sobre o gelo, das suas caçadas... Voguls e ugro-ostiaks não vão além de 25:000, espalha-

dos por campinas vastas, frias, brancas, desoladamente.

Os zirianes e votiaks dos governos de Perm, de Volodga e de Viatka, encostados ao Ural, espalham-se por essa região d'onde para norte correm o Dvina e os confluente do Petchora, para sul os ramos que trazem ao Volga as aguas dos montes. Pescadores e pastores os primeiros, laboriosamente agricolas os segundos, um clima mais benigno permite-lhes uma existencia mais suave, sem os levar á degenerescencia dos esthonianos sob o dominio slavo. O afastamento em que vivem garante-lhes uma independencia real nas planicies onde pastoreiam os rebanhos, nos valles onde aram a terra. Os zirianes sommam 150:000, os votiaks 235:000 cabeças.

Vem depois o ramo bulgaro que se póde dizer o dos finnios do Volga, porque os tsheremisses (165:000) habitam o curso superior do rio para cima da confluencia do Kama, por Nijni-Novgorod até e ainda além de Kostroma; e os mordvinianos (480:000) descem com o Volga, do Viatka meridional, pelo Kazan, pelo Orenburgo, até á Taurida por occidente, até Astrakan sobre o Caspio pelo lado opposto. São estes finnios — os tsheremisses internados quasi até Moscow, os mordvinianos nas fronteiras meridionaes de leste da Russia europêa — os que mais ganharam com a civilisação e os que mais se fundiram com os povos slavos. O tsheremiss, outr'ora nomada, vive hoje da cultura florestal; e é positivo que ha dez ou quinze seculos se dá um movimento incessante de cruzamentos entre essas primitivas populações ugro-finnias e as posteriores de stirpe aryana. D'esse cruzamento vêm os russos actuaes. Os vesses, os merianos, os muramianos e em geral as tribus que antes do seculo

IX occupavam toda a Moscovia eram sem duvida de raça finnia. Repellidas pelos slavos em parte, em parte absorvidas pelos invasores, foram christianisadas e perderam o uso da lingua natal no XI e XII seculos da nossa éra. Posteriormente a esses tempos, novos lançoos de povos de stirpe, ou propriamente bulgara, ou genericamente ugría, galgaram o Ural e o Volga penetrando até ao Danubio, atravez d'essa zona que assistiu — se não assiste ainda hoje — a um quasi constante fluxo e refluxo de povos de sangue diverso. No III seculo viu se o desenrolar de uma onda de ugro-finnios que veiu da Asia invadir o dominio outr'ora seu, mas já conquistado por arianos: eram os siriaks, os sabirs, que a partir d'então se estabeleceram na Sarmacia europêa, e foram, nomadas, até á Dacia e á Pannonia dos antigos. Outra onda mais ou menos affin, a dos uar-khumi, dos avaras, atravessou no meiado do VI seculo o Volga, estendendo-se até pela Crimêa, submettendo os bulgaros e os slavos, avançando até ao Adriatico; mas a ressaca veiu em menos de um seculo, e os bulgaros tornaram a ficar outra vez na posse da parte occidental do imperio avara. Tal é em breves traços a historia da familia bulgara, na maxima parte russificada, viva apenas em pouco mais de meio milhão de habitantes das florestas do Volga, e no nome de uma provincia recentemente destacada do imperio ottomano.

O ultimo dos ramos da raça finnia, o tchude, que inclue lapões e finlandezes, livonios e esthonianos, é mais importante do que qualquer dos tres anteriores, como área e como numero: conta mais de metade (dois milhões duzentos mil) do total dos descendentes da familia autochtona (ou como tal considerada) da Europa russa. Trigueiros como os bulgaros, teem como os ostiaks e voguls o cabello

com frequencia ruivo ou louro. Os dois grupos en-
cravados na Russia slava ou germanica sobre o
Baltico, esthonios e livonios, mostram claramente
o destino das raças que a sorte collocou sob o im-
perio de gente superior. Os livonios que outr'ora
povoaram a Samogicia, a Semigalla, a Livonia e a
Curlandia, foram pouco a pouco sumindo-se: livo-
nios puros não haverá mais de 2:000. Os estho-
nios, muito superiores em numero (635:000), le-
vam uma existencia de párias sob o dominio dos
seus senhores slavos.

Mas do outro lado do golpho, pelas planicies que
vão até ao mar arctico, estende-se a Finlandia e
para oriente o Olonetz onde corre o Onega, e o Ar-
changel onde corre o Dvina: é o *habitat* dos fin-
landezes (1.590:000), os *fenni* dos germanos, que
a si proprios se chamam *suomi* ou *suomalainen*, e
que a ethnographia subdivide em quatro grupos:
a) tavastas (600:000) ao sudoeste; *b*) kainús ou
quenas (50:000) ao norte; *c*) sayoles (840:000) ao
sueste; *d*) kyriales (100:000) a leste. O finlandez,
ou finnio propriamente dito, com aquelle doce ca-
racter desenhado por Jornandes e impresso na poe-
sia do *Kalevala*, louro nos cabellos, forte mas de
mediana estatura, com o vago olhar dos olhos par-
dos, molle, frio, indifferente e triste embora civi-
lisado, dá uma idéa das condições de vida proprias
d'essa região transitoria entre os gelos boreaes e os
climas mais benignos do Baltico. Boa parte do anno
encerrado pela neve, a outra parte vendo o chão
crivado de lagos, sarjado de rios lentos, tornar-se
um paúl: que motivos de consolação póde o finnio
triste esperar de uma natureza ingrata?

Porém a sua sorte é ainda feliz comparada com
a dos lapões seus irmãos, acantonados mais ao
norte ainda, para além do mar Branco, para além

do golpho de Bothnia, pondo sobre a cabeça da Suecia e da Noruega um capacete de gente (26:000) degenerada no corpo, e selvagem na cultura. Rachitico, inchado o ventre, pigmeu, o laponio é o unico selvagem nomada da Europa. Dizem-se a si proprios *sabmi* os lapões: não será o mesmo que *suomi*, o nome do finlandez? Da Finlandia crê, com razão, o laponio ter vindo; e o nome que dá á sua terra, traduzido, diz charneca. Serão as charnecas da proxima visinha região, tristes matagaes para quem os encara do Meio-dia, mas que ao habitante da terra ingrata a que só o rengifer resiste, parecem doirados oasis? Devem ser. Do sul para o norte, repellidos, condemnados, caíndo passo a passo com a perda da uberdade da terra n'uma vida cada vez mais miseravel, assim os laponios devem ter chegado a um estado selvagem, d'onde acaso não teriam saído ainda, quando emigraram para o norte, mas do qual poderiam ter emergido se os tivessem deixado ficar mais ao sul.

Lapões e finnios, em geral, querem os que se não satisfazem com tomar por autochtonas os derradeiros stratos de população de uma área, que tivessem vindo de leste desde as tundras das margens do Yenesei espalhar-se por toda a Russia. De que vale architectar hypotheses a que não se póde dar base positiva, quando com isso nada augmenta a solidez do nosso saber? Com as doutrinas acceitas em anthropogenia, em parte alguma do mundo se encontrarão autochtonas, pois que o paraizo humano se submergiu; e sendo assim, não é verdade que á sciencia cumpre apenas fazer anatomia da massa da população, descriminando as suas diversas camadas, marcando-lhes a filiação e relações?

Foi o que fizemos para o strato inferior da população da Russia. Achamos o imperio circundado

de manchas mais ou menos extensas, de nucleos mais ou menos sporadicos da raça primitiva. Para além das fronteiras, na Hungria, vimos um afflo-ramento ; outros dois sobre o Baltico ; depois, nas regiões do norte os laponios, os finlandezes, e dando a mão no mar Branco á familia samoyde cis-uraliana, os vogules e ostiaks ; afinal, descendo para o sul ao longo do Volga até á Crimêa e até ao Caspio, a área dos permicos e dos bulgaros. No centro d'estes limites fica a Russia slava, cujo estudo ha de ser feito quando, travadas relações com a stirpe indo-europêa, entrarmos na ethnographia da Europa aryana.

Agora temos de afastar-nos da Europa para onde as raças ditas uralaias nos trouxeram, e de ir ao ponto de partida da nossa digressão observar os povos visinhos dos samoyedes : tungús, tartaros, mongolios, congregados por afinidade n'uma raça unica, a altaia.

Orientação analoga á que observamos no *habitat* da raça ugro-finnia é a da raça tartara, estendida quasi parallelamente, confinando com a anterior, mas desenvolvendo-se em uma área tres ou quatro vezes maior, desde a Armenia, desde a Crimêa e desde o Volga, atravez da Asia, Siberia em fóra, até ao Lena.

A força de expansão dos tartaros só foi excedida pelos aryanos, mas o limite da sua capacidade ethnica faz com que sejam ephemeras as suas conquistas. Espontaneamente, chegam depressa a um estado barbaro e culto, pastores ou nomadas e por vezes fixos e agricultores ; mas a indole do seu genio é mais apta para as guerras e, para as con-

quistas aventureosas, do que para a vida urbana civilisada: apenas em Samarkand e Bockhara puderam fundar um estado indigena, e de todos os seus imperios ephemeros, de todas as dynastias que levantaram na Bactriana e na Persia, apenas resta a Turquia dos osmanlins em via de decomposição. Mercenarios, como os da milicia pretoriana dos kalifas de Bagdad e os das cohortes dos Seldjukidas, bravos e pacientes, audazes mas lentos de intelligencia, fundam com energia sem serem capazes de conservar.

Uma nuvem de inconstancia fatalista paira sobre toda essa região vastissima dos tartaros, pondo á mercê dos visinhos um povo entre todos corajoso e forte. Obedecendo aos russos, obedecendo aos persas, e para oriente aos chinezes, o tartaro mostra a fraqueza intima da sua violencia na extensão singular dos territorios por onde se espalhou, desde o Mediterraneo até quasi ao Pacifico.

Oriundos, ao que se crê, do valle do Lena, naturaes de Yakutsk onde a temperatura média é de 7°, foram descendo para sudoeste, ora em correias guerreiras, ora em lentas migrações, trazendo comsigo a familia e as tendas, o gado e as armas: viva imagem e producto natural d'essas planicies remotas que de um mar a outro mar desenrolam um oceano de tundras tão grande como a quarta parte, ou mais, do massiço continental da Asia-Europa, campo aberto a todas as viagens, estrada franca das grandes migrações. O deserto é como o mar, já o dissemos; as impressões, usos e ambições que elle levanta no espirito dos nomadas são as dos marinheiros, nomadas de outro elemento. Um navio é como uma tenda. Descendo do seu berço gelado, o tartaro seguiu navegando atravez das tundras que vêm desde o Indighirka até ao

Kolinsk inferior, solidão immensa batida pelo vento norte, assolada pelos temporaes da neve. Chegando ao Caspio parou: pelas margens orientaes d'esse mar se pôde limitar d'este lado a área tartara, com os kirghis que pastoreiam os rebanhos de camellos sobre a steppe salgada de Astrakan. Para áquem do Caspio ha tartaros, mas insulados, na Armenia, sobre o Volga, na Crimêa, na Turquia e suas dependencias da Africa setentrional. Por occidente, na região uraliana, o tartaro foi encostar-se ao finnio, cruzando com elle em muitos lugares, batendo-o e repellindo-o em outros, insinuando-se até quasi ao centro d'essa triste planicie da Russia, que é o deserto dos Scythas de Hyppocrates, de verão queimado pelo sol, de inverno pelo frio. Interrompida ao norte pelos montes do Valdai e do Ural, limitada ao sul pelos Carpathos, essa vasta planicie asio-europêa, leito de vasa que um mar geologico nivellou ¹ tem no centro Moscow, a 145 m. de altitude. D'esse cume desce gradual, insensivelmente, em todas as direcções. Vae até á Hollanda que necessita de diques para se defender do mar; vae até Astrakan cuja cota é ainda inferior; estende-se pela Polonia, pela Prussia, pela Allemanha; entre o Danubio e o Theisse, como entre o Dnieper, o Don e o Volga, é mosqueada de *pusztas*, lameiros fer-teis onde o cossaco pastoreia os rebanhos, região de paúes e dunas que se prolonga até á Dinamarca. Para leste, a partir do Dnieper, é que a verdadeira steppe começa, empobrecendo progressivamente a pastagem, sobre um chão sem arvores, coberto de uma vegetação herbacea cada vez mais dura, até chegar aos cardos do Caucaso e das charnecas da Circassia. D'ahi, passado o Caspio, fica para norte

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) p. 95.

à planície da Siberia que além do Ural continúa a europêa, e para sul o Turkestan : vasta planície de arêa dos desertos de Kharesm, de Kysyl, de Arys, de Kukt-chasary, que vae por nordeste até aos montes Alatan e por sueste até ao Ferghana, internando-se pela Persia, pelo Afghanistan, pelo Thibet e pela Mongolia chinesa. São estes os limites austro-orientaes da área tartara da Asia, área de tundras ou saharás, paludosa ou areenta, gelada pelo frio e queimada pelo sol alternadamente : área ingrata e monotona, com a excepção unica da ridente Bockhara onde vive o usbek.

A escassa productividade do solo e a vida pastora e nomada, caracteres genericos do tartaro e do seu *habitat*, fazem com que a uma área vastissima corresponda uma população insignificante. Onde o turco domina, o numero dos dominadores é minimo; onde o tartaro vive sob o dominio alheio, a população é rara por ser nómada.

Eis aqui os ramos da familia tartara : 1. yakutes ; 2. turcos da Siberia ; 3. turcos de Kasan ; 4. kirghiz ; 5. turcomanos ; 6. usbeks ; 7. nogais ; 8. bazianes ; 9. osmanlis ou ottomanos. Esta divisão segue a ordem do acantonamento de nordeste para sudoeste, principiando em*Yakutsk, acabando em Constantinopla, do Lena ao Danubio.

Os yakutes, uma centena de milhar de homens mais ou menos isolados nas regiões boreaes entre os tungús e os samoyedes, são considerados pelo typo e pela lingua como os ascendentes remotos de toda a familia turca. A região que habitam é o ponto onde se tocam as tres stirpes boreaes : ugro-finnios, turco-tungús-mongolios, e arcticos (hyperboreos, eskimós). D'ahi veiu a opinião temeraria de considerar os yakutes como americanos que teriam passado á Asia. Como o samoyede, como o

laponio, como o eskimó, como todos os boreaes, o yakut é um barbaro ou semi-selvagem.

Conserva-o n'esse estado o clima, pois quanto á capacidade da raça, a historia dos turcos mostra que, se não attingem a civilisação fixa e urbana senão de um modo transitorio, podem subir espontaneamente ás condições da vida nomada assim que o meio o permite. Oriundos das fronteiras setentrionaes da China, cujos annaes lhes chamam huing-nu, os turcos apparecem na historia desde o III seculo. Repellidos pelos chinezes, vieram acampar nas cabeceiras do Irtysh, irradiando d'ahi para o occidente; no VI seculo, a tribu a que os chinezes chamam tukin fundou um estado ephemero entre o Altai e o Caspio; e no fim d'essa era já o turco chegava ao Volga e ao mar de Azof. Por seu lado os oighurs, descendo dos montes, assentavam no Turkestan chinez; e os seljuks iam até ás margens do Iaxartes, ás planicies de Bokhara e ás do Khorasan. D'ahi, submettendo as populações precedentes, corriam até á Armenia, á Persia e ao Euphrates. No fim do XI seculo dominavam em quasi toda a Asia-menor, quando dois seculos depois ahi chegaram os osmanlis emigrados da Persia oriental por uma invasão mongolica. Assoldados pelo sultão seljuk de Iconium a quem Othman succedeu no throno, os osmanlis apossaram-se no seculo XIV de Adrianopla e dos Dardanellos, e em 1453 de Constantinopla, pondo termo ao imperio romano oriental. Estava formada a Turquia, mas a Europa ameaçada pôde comtudo resistir á onda invasora que descia desde os confins boreaes da Asia.

Tal, é em rapidos traços, a historia da expansão dos turcos. Resta-nos agora vêr como se distribuem os ramos actuaes d'essa familia.

Na Siberia, os khanatos formados com o des-

membramento do imperio de Tchingis-khan foram russificados no XVI seculo: ahi habitam as tribus de Tobolsk, de Tomsk e do Yenisei. Os outros ramos dos turcos siberianos são: o dos barabas de entre o Irtish e o Obi, e o dos uranhates sobre o Chulym, em ambos os quaes o cruzamento mongolio dos tempos do imperio de Kiptchak alterou a genuinidade do sangue.

Na Russia europêa, os turcos ou tartaros do Kazan (700:000) espalhados nos governos de Perm, de Simbirsk e de Oremburgo, sobrepondo-se ao primitivo strato da população mordviniana de stirpe ugro-finnia, são as reliquias da invasão de Tchingis-khan e do imperio de Kiptchak fundado pelos filhos do heroe mongol. No fim do XVI seculo Tamerlan substituiu a hegemonia turca pela mongolica n'essas populações hoje sob o dominio da Russia, e nas quaes são tambem muitos os laivos de sangue mongolico.

Outrotanto succede aos kirghiz (1.250:000) que se pretende virem de um cruzamento de hakas, descendentes dos antigos messagetas, e de môngolios. O kirghi, pequeno, tostado, mas agil, sempre a cavallo sobre a steppe, é como um centauro. Constitue tres hordas: a *grande*, mais feroz e selvagem, acampa nas fronteiras da Mongolia e do Turkestan chinez; a *pequena* entre o Yemba e o Ural, vagueando do Aral ao Caspio; a *media*, que é a mais poderosa, entre o Sarasu e o Yemba. Politicamente os kirghiz são russos; oriundos de entre o Yenisei e o Tom, são geographically siberianos; socialmente, ou são puros selvagens, ou barbaros salteadores de caravanas, audazes bandidos, habeis caçadores de aguias.

O turcomano representa com mais pureza o typo. «E' esta gente vermelha e não alva, andam nus

da cincta para cima, comem carne crúa e untão os corpos com o sangue d'ella, pelo que são fedorentos.» (Gaspar da Cruz, *Trat. da China*, iv) Mais acobreados do que amarellos, o nariz achatado e por vezes inteiramente chato na ponta, os olhos longos, a fronte fugidía, rara a barba, pequena a estatura, delgados os musculos: taes são os caracteres typicos do turco. Ao sul de Bokhara e Samarkand, ahí onde o terreno sécca, principia o Turkestan, russo, persa, chinez. Ha turcomanos no norte da Persia, no oeste da Armenia, no sul da Georgia, no Shirvan, no Dagesthan, no Khorasan. Mais ou menos sujeita a governos variamente consistentes, a existencia das tribus turcomanas é barbara e nómada. São salteadores por officio, indomitos por natureza: odeiam «a sombra de uma arvore e a tutella de qualquer principe.» Habitam em tendas brancas de lenço ou de feltro de lan, creando gado e cavallos. E' gente branca e ruiva; as mulheres são formosas. Vivem em aduares de quinhentas ou seiscentas tendas que mudam conforme o tempo. (*Itiner. de Tenreiro*, 15)

O cruzamento com povos mais bem conformados modifica o typo: é o que se vê nos osmanlis filhos das gregas e georgias dos serralhos da Turquia, e nos uzbeks de mães tajiks ou persas. E ao mesmo tempo que o typo physico melhora, observa-se um augmento de capacidade. Assim os uzbeks de stirpe turcomana vivem em Bockhara e são agricultores; assim os turcos da Europa lavram a Rumelia e vivem nas cidades, embora descendam dos salteadores do Turkestan. Senhores de Constantinopla desde 1453, a hegemonia da familia turca pertence aos osmanlis, cujo numero na Europa é escasso (700:000), mas em todo o dominio da raça ascende a onze ou doze milhões. Com o imperio politico estendeu-se a área da lin-

gua osmanli, fallada hoje na Turquia, na Syria, no Egypto, em Tunis, em Tripoli, ao lado das áreas das outras linguas turcas: o chagatai no Turkestan, o tataro em Kipchak e na Siberia.

Reliquias das invasões historicas dos tartaros no dominio ugro-finnio já mais ou menos aryanisado, estão ainda na Russia os nogais insulados a oeste do Caspio, a norte do mar Negro, com uma tribu na Crimêa, outra no Volga sujeita aos kalmukos, o grosso d'essa gente que pastoreia entre o Kuban e o Kuma. Estão ainda tambem os bazianes em tres estações: os kumucks sobre o Sunga, os karakalpaks junto ao mar de Aral, os bashkirs no Orenburgo. A Russia slava, que fundiu em si as populações primitivas ugro-finnias, insula os restos das invasões dos tartaros destinadas a extinguir-se com o tempo. Essa onda que veiu até Constantinopla, ameaçando os arianos em geral, e em varios pontos opprimindo os slavos, não só parou: reflue. São hoje os slavos, sob a hegemonia da Russia, que vão Asia em fóra submeter ou exterminar as hordas dos tartaros; ao mesmo tempo que gradualmente repellem da Europa oriental os osmanlis, até ao momento, acaso proximo, em que, restaurando para o dominio ariano os Dardanellos e Constantinopla, acabem de expulsar o turco da Europa. Do outro lado do Mediterraneo, os latinos, (francezes, italianos e hespanhoes,) na Berberia, na Tunisia, no Egypto, em Tripoli, batem diariamente o dominio tartaro, substituindo-se ao osmanli no imperio das raças indigenas, e tendendo a realisar agora o que no tempo das Cruzadas não foi possivel conseguir para a Syria. N'um futuro que se não figura remoto, o Mediterraneo tornará a ser o que foi na mão dos romanos: um mar europeu.

Nas manchas de sangue tartaro que vimos formarem as reliquias de um dos stratos da população russa, andam laivos mais ou menos profundos de sangue mongolico. As lévas e tribus de Tchingis-khan, o Alexandre mongolico (ou tungú), eram formadas com elementos das duas raças, e a hegemonia d'esse vasto imperio herdado pelos turcos começou por pertencer aos mongoes, que no IX seculo achamos nas cabeceiras do Amur, e com o seculo XIII entram na historia conduzidos pelo seu heroe. A nação mogol achava-se então constituida ao sudoeste do Baikal perto do Onon, tendo por capital Karakorum, nas vertentes austraes do Altai: era um aggregado de tribus mongoes e tungús a que depois se juntaram os turcos. Foi essa nação que conquistou a China, fundando a dynastia Yuan; que depois se alargou ao Tangut, ao Thibet, á Persia, á Russia, chegando em 1240-1 á Polonia e á Silesia. No fim do seculo XIII o imperio mongolico abrangia tudo, desde a China até á Polonia, desde a India até á Siberia: era a Asia inteira e metade da Europa. Ephemero como todas as obras da raça dita amarella, a este imperio succedeu o mesmo que ao de Alexandre: fragmentou-se logo em estados independentes, na China, no Turkestan, na Siberia, na Russia austral e na Pérsia, para voltar a unificar-se no XIV seculo sob a hegemonia do turco Tamerlan, desde Smyrna até Delhi, desde o Don até ao Nilo, dissolvendo se outra vez á morte do restaurador (1405). Passou, assim, como um cyclone de dois seculos a expansão da raça mongolica, ainda inferior á turca na capacidade de fixar o dominio, trocando a vida de barbaros nomadas pela de gente culta. Destroçados, repellidos, ou submettidos por toda a parte, d'essa historia mongol não resta uma nação viva. Toda a área

ethnica é politicamente chinesa, ou russa, ou turca; e nas regiões conquistadas, ficaram apenas pequenas tribus na Siberia, sobre o Don e o Volga, e na Persia.

A área propriamente mongolica é o plan'alto central da Asia, e os seus limites são por leste os montes Khingan na fronteira mandchu, por sudoeste a grande muralha da China, por sul a estrada das caravanas de Su-chan a Hami, por sudoeste o Turkestan oriental, por occidente o Irtish, e por norte as montanhas do Altai. A Mongolia é o baluarte da Asia, elevado (1:000 m.), frio como a vizinha Siberia, desolado e nú, raro de vegetação e de gente. São tres milhões e meio de kilometros quadrados com egual numero de homens, vagueando sobre terrenos ondulados, pedregosos, tão escassos de vegetaes que a bosta dos rebanhos serve de combustivel e o vinho ou cerveja são o kumiss, de leite de egua fermentado.

A população mongolica divide-se em cinco ramos: 1. os kalkas; 2. os sunid; 3. os buriates; 4. os songarios; 5. os olotes, ou ulotes, ou eleutes, ou kalmukos. D'estes ultimos destacou-se um ramo, emigrando no seculo XVI até Astrakan que tomou, localisando-se sobre o Volga, sobre o Don e sobre o Dnieper, na Russia. Das antigas conquistas orientaes restam na Persia e no Cabul os aimâk ou hazâra, vivendo principalmente nos montes paropamisanos, entre Herât e Cabul.

Os kalkas e os sunid são vizinhos. Os primeiros vagueiam mais para norte e oeste na provincia de Irkutsk e nas margens dos rios que alimentam o Baikal, internados nas cordilheiras altaicas, estendendo-se até á Dzungaria e pelo Turkestan chinez até ao Koko-nor, o lago azul. Os segundos, mais para leste, occupam o traçado da estrada de Viatka

a Pekin. Fronteiros ficam os kalmukos na raia turca, povoando a Dzungaria e a região de pequenos lagos para o norte de Yarkand e Khoten, já visinhos do Thibet. Os songariés, dispersados pelos chinezes, vivem insulados em varios pontos da Russia asiatica, entre os turcos da Bokharia, e nas margens do Koko-nor; os buriates, na fronteira de leste, descem das alturas dos Yablonoi até á raia da China por sul, até ao alto curso do Lena por norte. Assim a área dos mongoes, estendendo-se em certos pontos para além do plan'alto que lhes deve o nome, apparece circumscripta pelos turcos e indo-chinezes ao sul, e pelas varias familias tartaras a oeste e norte, indo confinar com os tungús por leste.

O mongol é immundo; o chinez denomina-o fedorento. Habitante de uma zona onde não chove, quasi ignora a agua e desconhece as abluções. E' um ser resequido e duro, horrido no aspecto, infantil no genio. Timido como uma creança, feroz na colera ou no fanatismo, é tambem simples, credulo, cheio de bonhomia como um selvagem caduco. Nomada, tudo na raça é vario e instavel: as obras e o genio; tudo é tambem excessivo: ora delira de alegria, ora cae n'um torpor melancolico. Não é alto, mas tampouco pigmeu. O tronco é espesso, as pernas curtas, os hombros largos: uma constituição athletica. Os gordos são raros. Sobre um pescoço curto e cheio assenta uma cabeça espherica, singular. O cabello é negro e duro; a face larga e chata, o nariz deprimido, a pelle amarellada, a testa breve, o mento proeminente e agudo. Ladeiam esta face grandes orelhas, afastadas, e corta-a uma bocca de labios espessos, carnudos, com grandes dentes obliquos; animam-na os olhos negros, perspicazes, como de gente errante, olhos

obliquos e afastados, com sobrancelhas raras, também pretas.

Tal é o typo mongol, reproduzido nos seus affins ou antepassados tungús: os tong-chu dos chinezes, que também tiveram em Attila um Alexandre, também visitaram a Europa (no v seculo) n'uma correria prolongada desde as cabeceiras do Amur até á França. Dir se-hia que á maneira que nos internamos pelos ramos da arvore mongolica, vamos achando na sua historia mais accentuados os traços fundamentaes do character: a instabilidade, a violencia, a acção decidida e uma impotencia organica para a fixidez em condições de vida superior.

Os imperios dos tartaros, dos mongoes, dos tungús, são progressivamente ephemeros. Da empreza dos primeiros ainda resta a Turquia, da dos segundos nada resta, e a dos terceiros foi apenas como um cyclone que veio correndo desmanchar-se n'um diluvio de sangue, na matança dos campos catalaunicos (451). O imperador de Constantino-*pla* ainda arremeda a civilisação dos occidentaes; Tchingis-khan ainda fundou imperios: Attila, o flagello-de-Deus, dizia que a herva não podia brotar onde passasse o seu cavallo. Ha um crescendo de furor destructivo, e uma progressão de incapacidade organica desde o tartaro até ao tungú. O turco da Europa oscilla entre a civilisação e a barberie em que vive nas suas cidades da Asia; o mongol é barbaro; o tungú selvagem. Caçadores de arco e setta, semelhantes no aspecto e nos habitos aos indigenas do Canadá, os tungús, vagueando

nas regiões boreaes do Oriente, vão confinar com os arcticos americanos, ligando assim por uma identidade theorica de stirpe ¹ as raças dos dois continentes que o breve espaço do estreito de Behring separa.

A área tungú é enorme: vae do oceano arctico ao coração da China, incluindo a Mandchuria; vae do Yenisei, no coração da Siberia, confundindo-se com os tartaros e samoyedes, até ao oceano Pacifico. Os tungús da Siberia são nominalmente russos, os da Mandchuria effectivamente chinezes. Estes ultimos receberam a civilização chinesa, e como os usbecks, saíram tambem do estado nomada. Conquistaram a China quatro seculos depois dos mongoes (1644), e, assim como os osmanlis foram os soldados do sultão de Iconio, assim os mandchus são o extravagante exercito dos soberanos do Imperio-do-centro. Encorporados na China, repeliram para o litoral do Pacifico os coreo-japonezes da Corêa e os ainos das boccas do Amur, que a ethnogenia considera irmãos dos hyperboreos seghalianos e kamchadales.

Mas, da mesma fôrma que os osmalins deixaram apoz si uma cauda de tribus gradualmente inferiores, desde a civilização formal da Turquia até á barbarie das tribus errantes; da mesma fôrma que os mongoes repetem a escala descendente até á quasi selvageria: assim tambem os mandchus vêm seguidos pelas tribus tungús quasi propriamente selvagens. São (1) os daurios de norte e noroeste da Mandchuria a leste do lago Baikal; são (2) os do tunguska na Siberia russa; são (3) os de Yakutsk na mesma região, confinando com a área tartara;

¹ V. *Elementos de Anthropologia* a p. 184-6, o quadro ethnogenico das raças humanas.

são finalmente (4) os lamutes ou tungús-do-mar, do litoral de Okhotsk, desde o Aldan até á península do Kamschatka, transição para as raças boreaes do continente americano.

Essas populações do mar de Okhotsk — os kamchadales e os koriaks do Kamschatka, os ainos das ilhas Kuriles, os seghalianos e lamutes das boccas do Amur, e os indigenas da Corêa — representam o fundo primitivo de uma população cruzada com elementos sino-mongolicos e iniciada na cultura chinesa, não só na ilha de Nyphon, como na Corêa. São essas populações boreaes que, com as tribus samoyedes e tartaras ou mongolicas da extrema Asia setentrional, constituem o que a ethnogenia chama raça hyperborea e considera affim dos groenlandezes e eskimós, hyperboreos geographicamente americanos, estabelecendo por essa estrada polar o caminho das migrações e o traço de união entre as raças do velho e as do novo-mundo.

Os ainos vêm, como indigenas, desde as ilhas Lu-chu, pelo Japão,* até Jesso; d'ahi pela costa fronteira do continente asiatico até á Kamschatka, espalhando-se pelas ilhas Kuriles e povoando esse cordão umbilical do archipelago aleutiano, que está quasi ligando a Asia á America na península de Alaska. Esses proto-japonezes, pescadores nas Kuriles, selvagens em toda a parte, e que ainda em tal estado se viam no começo da nossa éra na provincia de Sendai (Nyphon), apresentam como característica singular o extraordinario desenvolvimento do systema piloso. São os mais vellosos de todos os homens: a barba cáe-lhes longa sobre o

peito, tem os braços, o pescoço, as costas cobertos de pellos. São regulares de feições, e pequenos de desenvolvimento; adoram, como os ostiaks, o urso, e ignoram o uso do cavallo. Que especie de cruzamentos extrairam d'essa raça os japonezes de hoje? Provavelmente os dos chinezes, cuja cultura se introduziu no Japão, sem contudo obliterar a individualidade da raça; porque o japonês é uma lingua polysillabica inconfundivel com a chinesa, affim sem ser descendente do mongol e do mandchu; e porque o typo physico tampouco se confunde. A cabeça é oval, abobadada a frente, elevada a testa; a face tem uma expressão doce, grandes olhos, espessas sobrancelhas arqueadas; o nariz não é chato, a bocca é rasgada, a barba espessa.

Pelo Japão chegámos outra vez, emigrando do norte, a regiões temperadas. Acompanhando as raças uralaias na sua expansão, fomos até á Moscovia; acompanhando as altaias, fomos até á Turquia. D'ahi regressámos até aos confins boreaes da Asia com os mongolios e tungús, descendo pelo Oriente até ao Japão, onde, se por um lado observamos como se ha de passar para a America, vemos pelo outro a transição para a China propriamente dita. A metade setentrional do continente asiatico está conhecida nas suas raças; pelo Japão entramos agora na metade austral, para além da Mandchuria, da Mongolia, do Turkestan. Passamos á terra dos indo-chinas e dos dravidas.

Começaremos pelos Himalayas, de occidente para oriente, desde as fronteiras afghans até á China, desde o Turkestan até o Yunnan, trilhando essa

corda de montes que separam o Thibet propriamente dito da India e de Birmah-Sião. As populações himalayas e as thibetanas formam o primeiro grupo da familia indo-chineza, e podem dividir-se n'estes ramos :

1. BULTI E LADAK, nas cabeceiras do Indo encravados entre as vertentes austraes dos Himalayas e os montes de Karakoram.
2. NEPAUL, na região d'este nome, descendo do Himalaya ao valle do Ganges.
3. BHÔTAN, idem, ao valle do Brahmaputra no curso inferior, com as tribus selvagens do Assam.
4. THIBET, na vasta região montanhosa d'este nome, comprehendida entre os Himalayas pelo sul, o Bulti-Ladak por oeste, o deserto de Gobi ou Shame por norte, e por leste as provincias chinezas do Szechen e Shensi. No plan'alto thibetano nascem os grandes rios da India (Indo, Ganges) e da China, o Huang-ho e o Yangtzé.

Tal é o dominio do grupo bhôt (*forte*), *bult* em Bultistan (com o suffixo persa *stan* = região), *bet* em Thibet: grupo unificado por uma lingua propria; raça na maior parte cruzada com elementos mongoes; povo em geral nomada, mas que apresenta a graduação inteira desde os estados primitivos até á vida agricola, indo desde o fetichismo barbaro das tribus do Assam até ao fervor mystico dos mosteiros de Thibet, a Terra Santa do buddhismo. Chinez ou mongolico de aspecto, o bhôt é athletico de constituição, mas nem por isso conseguiu independencia politica: vive sob o imperio dos chinezes no Thibet, dos aryanos (hindus ou ingleses) na India himalaya.

Os bulti-ladaks, cujo *habitat* o leitor conhece, são uma gente robusta e forte, baixa de estatura

(1,55) com a cara chata e larga, cabello preto, olho obliquo e estreito: a pura physionomia mongolica. Vivem n'um feodalismo espontaneo, sob o governo de chefes militares: fórma quasi geral nas populações iranianas de entre a Persia e a India. A zona de cortadas montanhas que habitam conserva-os n'este estado politico e dá á sua vida economica um character multiforme: são pastores nos plan'al-tos e chapadas dos montes seccos, frios de neve no inverno, ardentes no verão; são agricultores no fundo das grotas em que as torrentes depositam os humus das serras. A falta de agua, instigando-os, ensinou lhes a irrigação. Os bultis, raiando com o Turkestan, são mahometanos; os ladaks são bud-dhistas.

A vida n'essas elevadas serranias é cruel, mas o homem, quando póde resistir, avigora-se na lucta contra um clima duro. Rareia o ar em alturas como as do Himalaya habitado. Em Phutaksha, no Ladak, ha cearas de cevada a 4:500 m. Kibar está a 4:200 m. Pouco mais alto vae o limite a que o homem resiste. Em 5 a 6:000 m. passa-se, mas não se vive. Na portella de Karakorum, da estrada de Yarkend a Leh que liga a India com o Turkestan, contam-se 5:400 m. e já ahi as neves são perpetuas, a vegetação nenhuma. O viajante passa dorido, suffocado por uma circulação febril (110 a 124 pulsações) rebentando-lhe o sangue pelas cavidades da face; e os cavallo morrem como os homens, com frequencia. Do alto d'esse collo da montanha desenrola-se uma paysagem desoladora: tudo é calado e branco, em ondulações de neve n'um vasto lançol ou cemiterio immenso. A terra apparece amortalhada, e n'esse ingente carneiro, como as prendas que os homens põem nos tumulos, vêem-se os esqueletos dos viajantes e as ossa-

das dos cavallos perdidos ao longo dos caminhos. No plan'alto do Pamir, ás cabeceiras do Oxus, ha um lago a 4:900 m. A agua tem um leve fetido e uma côr avermelhada. Não ha som. Se um tiro de espingarda não se ouve, como se ouvirão palavras? Fallar, cansa; doze golpes de picareta extenuam um homem. Apenas resta, quando um temporal surprehende o viajante, deixar-se cahir sobre a neve e morrer, ahi onde se extingue a atmospherá.

Desçamos os montes, prosigamos de oeste para leste. Nas vertentes austraes dos Himalayas, contra os valles do Ganges e do Brahmaputra que os torneiam por oriente e por occidente para irem depois reunidos vasar-se no mar de Bengala, encontramos outros ramos da familia bhôt: os de Nepaul, os do Bhôtan, os do Assam, successivamente. N'essas regiões o sangue bhôt representa o strato primitivo da população, ou cruzada, ou submettida, ou repellida para os juncaes mortiferos das baixas fluviaes onde habita a cholera. O sangue paropamisano e cashmir, sikh e bengali, sino, mongolico e turco circula misturado com o indigena nas varias regiões em que os aborigenes se acharam em contacto com tartaros, mongoes, tamules e hindus: só é puro sangue bhôt a dos selvagens das montanhas inacessiveis e dos juncaes dos rios.

São indigenas no Nepaul as tribus dos chepang, dos haiyn e dos kusundas, errantes no meio de uma população aryana, abrigados nos refojos das montanhas, vivendo mal, da caça e dos fructos silvestres. E' vasto o peito d'esses montanhezes forçados a respirar com velocidade um ar rarefacto, mas as pernas são rachiticas, a estatura redusida. A oeste do Nepaul estão, no Sikkim, os lepchas ou rongs, também selvagens nas montanhas, também escuros na côr, com as orelhas proeminentes,

os olhos um tanto obliquos, e os beiços estendidos até á prumada do nariz. Mais para oeste, no Bhôtan, o typo modifica-se: o olho é mais obliquo, as sobranceiras são raras, a face é chata e estreita, a pelle fina, a côr mais aberta. Quasi não tem barba, mas são mais altos. Com as evidentes infusões de sangue chinez ganharam uma cultura relativamente superior. Passaram da arte de fermentar, commum a quasi meio mundo, á de distillar. Fazem o chong, *malt* de trigo, cevada ou arroz.

Para além do Bhôtan, porém, nas montanhas do Assam e nas lezirias do Brahmaputra, desde o Tistâ até ao Iravady, vagueiam as tribus selvagens de stirpe bhôt n'uma zona que mede dezoito graus em latitude (28 a 10° N.) por seis de longitude e que inclue toda ou quasi toda a peninsula da Indo-China. Que essas tribus errantes constituam o primitivo strato da população da Indo-China, que nos seus usos tão semelhantes aos polynesios se deva achar uma explicação para o problema ethnogenico das raças dos insulares da Oceania: eis ahí o que muitos pretendem. A raça malaya perderia de tal modo a autonomia primitiva que no plano d'este livro e na doutrina que seguimos lhe é attribuida.

Incontestavelmente bhôts são as tribus montanhezes do Assam e as das baixas fluviaes que ligam a India ao Thibet e á peninsula transgange-tica. Nagas (ing. *naked* = nú) é a denominação commum dos akas, dos doffas, dos mishmis, dos singphos, tribus barbaras de montanhezes que vivem errantes pelas cumiadas em aldeias de duas ou tres dezenas de casas, cultivando a terra como os germanos de Tacito: *arva in annos mutant et superest ager*.—As tribus das baixas, pagans de religião, pretas de côr, singularisam-se pela acclimação perfeita n'um ar empestado de sementes

malignas: são os bodos, do Sikkim até ao Assam; são os kocchs ou koktsks ou kukshs que vivem ao norte de Bungpúr, de Purnea, de Dinajpur, de Mymansing; são finalmente os dhimaes de entre os rios Konki e Dhorla, raiando com os districtos bodos e kocchs.

O Brahmaputrâ conduz-nos pelas quebradas orientaes da cordilheira himalaya ás suas vertentes setentrionaes e ao centro do Thibet, ultima das nossas regiões da área bhôt. Para formar uma idéa do relevo do Thibet, diz um auctor, tome-se uma folha de pergaminho, amarrote-se comprima-se na mão, e estenda-se depois sobre uma mesa. E' uma zona de labyrinthos de montanhas sobreelevadas, onde a neve se despenha em tormentas hybernaes e de verão correm tempestades devastadoras: só no outomno é serena, clara, e branda. Os picos sobrepõem-se aos picos, as grotas e despenhadeiros cortam a prumo as encostas, não ha palmo de terra que mereça o nome de planicie; e por essas encruzilhadas o vento, insinuando-se, ruge em permanencia, batendo ós muros dos conventos dos monges mysticos, seguros nas ladeiras aprumadas contra as penhas núas.

Ao norte do Himalaya, o Brahmaputra chama-se Tsampu; e na zona d'esse rio que vae até á divissoria das aguas occidentaes do Sutlej Indo, na faxa das vertentes setentrionaes da cordilheira, está a região austral do Thibet, onde o povo bhôt vive n'um estado de cultura semelhante ao que primeiro observámos no Ladak. O buddhismo que tem aqui a sua Jerusaleim, dá uma fórma religiosa superior aos instinctos moraes; e as montanhas, localizando a população, fixam as villas, forçam a uma agricultura requintada em artificios, com as encostas cortadas em taboleiros, com uma irriga-

ção habil contra as séccas, com processos particulares contra as neves inimigas. Da cevada, os thibetanos da montanha fazem pão; dos animaes domesticos abundantes tiram carne; dos rebanhos das cabras celebres a lan com que se vestem.

Ao norte d'esta zona, por Yarkend e Khoten no Turkestan, a entestar com a Mongolia, está a outra região que se liga directamente ao grande plan'alto da Asia-central. A's montanhas substituem-se as steppes, á vida agricola a nomada, á pureza do sangue uma mestiçagem mais ou menos pronunciada com turcos e mongoes. Nos declives orientaes do plan'alto asiatico descem dois dos grandes rios da China, o Huang-ho e o Yang-tze, internando-se no Shensi, no Szechuen e no Yunnan. A área bhôt cuja peripheria vimos ir esbater-se com as populações dravido-aryanas da India, e com as populações indo-chinezas de stirpe thay pelo sul, funde-se com a área sinica nas fronteiras orientaes pelas tribus sifâns, mestiços que habitam nos declives desde o Koko-nor até á raia do Yunnan; funde-se com a área turca nas fronteiras do norte pelas tribus hors ou horpas das montanhas de Nyenchlen-tangla e Kuen-lun, que levam a Bokhara sobre o Oxo.

Pelo Thibet chegamos á China; da área bhôt passamos á sinica; dos estados varios, tentativas e momentos successivos da civilisação dos mongolios, ao typo da civilisação d'essa gente; das tribus selvagens ou barbaras a uma nação requintada; de regiões seccas ou geladas, frigiditas ou ardentes, a uma região temperada e fertil; das montanhas e steppes aos largos valles e rios fe-

cundos; dos quasi desertos, a uma terra onde os homens são de mais. A Mongolia tem um habitante por kil. quad. (3.500.000 h.); o Thibet tem um pouco mais de seis (10 milhões para 1.500.000 kil. quad.); a China tem 149 (500 milhões para 3.360:000). Typo da civilisação dos mongoes porque dá a medida da capacidade de cultura ingenita na raça, a China é como foi Roma para a civilisação antiga dos latinos: um imperio. A unidade consiste no facto eminente da civilisação sob a hegemonia de um certo ramo, e não na homogeneidade ethnogenica da população.

O imperio dos latinos tomou o nome da cidade que lhe foi o embryão; não era o nome de um povo, era o de um lugar: de Roma, romanos. Na China nem se dá isso: nem á raça, nem á historia pediu o nome, apenas á phantasia. A denominação que nós, europeus, lhe damos desconhecem-n'a. A d'elles é varia, como a imaginação. Dizem-se pelo nome da dynastia reinante, dizem-se por metaphoras. São o Imperio-celeste, o Imperio-do-Meio, a Flor-central. O seu monarcha não é o chefe-dos-chinezes: é o Leão coroado, o Filho-do-Sol no throno do mundo, etc. (V. Fernão-Mendes, *Peregrin.*) China, modificação de Sin, Tshin, Dzhin, é uma palavra de origem aryana, hindu, e por isso tambem europêa: é a Sinæ (Thinæ) dos escriptores classicos, esse appellativo que os indios davam aos occupadores de certas regiões. Desconhecida como a China era dos antigos, a designação de sinæ, não tem, pois, valor ethnographico.

Typo da civilisação mongol, momento supremo do desenvolvimento de uma raça para o qual todos os ramos d'ella gravitam nos seus momentos evolutivos, a China apresenta um caracter tambem semelhante ao da Turquia. E' a Roma do

buddhismo, cujos logares santos ficam no Thibet; assim como a Turquia é a Roma do mahometismo que tem em Meka a sua Jerusalem. Um imperio foi sempre a definição politica de uma religião trasladada do foco de criação mystica, e ao mesmo tempo a definição social da capacidade de uma raça. Por isso a China, apesar da sua fórma monarchica, differe, como constituição, da Roma centralisadora, idealista, afeiçoando o mundo inteiro ao typo da sua *urbs*; por isso a China reproduz o organismo da Turquia, que é para o caso dos tartaros o que o Celeste-imperio é para os mongoes do Oriente; por isso o imperio consiste n'uma aggregação de senhorios, com uma vassalagem mais ou menos definida. O feudalismo, momento espontaneo da evolução das sociedades, expressão politica superior da vida barbara, parece exprimir o limite da capacidade social-organica dos mongoes. A idéa de Estado nunca saê, nunca saíu entre elles, nem na Turquia, nem na China, dos limbos inconscientes do poder militar ou religioso; o imperador nunca deixou de ser um chefe militar ou um sacerdote, para se tornar o magistrado eminente da nação, como foram os Cesares romanos e os reis dos tempos modernos.

Por isso á vastidão do imperio não corresponde na China a homogeneidade do corpo social. Se em tempos remotos conseguiram o dominio conquistando, hoje a immobibilidade proveniente de terem attingido o maximo grau de desenvolvimento compativel com a sua capacidade ethnica, dá-lhes uma caducidade pronunciada que apenas lhes permite insinuarem-se, dominarem, como gente rica e habil, capitalistas que por toda a parte vão adquirindo, comprando, explorando. São os chinezes no extremo Oriente, como na nossa Europa os france-

zes. As terras, os nomes, os povos não mudam ; mas sob esses elementos naturaes existe dominador o capital chinez.

Como na Europa succede com a França, coube tambem á China o melhor pedaço da Asia, o mais adequado para o desenvolvimento local da riqueza. A China propriamente dita é uma região temperada. Está entre 22 e 30° N. E' plana comparada com o Thibet; accidentada se a referimos ás stepes do Turkestan. E' suavemente ondulada como a França, cortada de rios caudalosos que banham amplos valles pingues. Tem tambem um pequeno desenvolvimento de costas, o que contraria a emigração, impedinde as tentações de aventuras longiquas. Do chinez e do francez, não se sabe qual amará melhor e mais o seu torrão.

As qualidades latentes no mongol em geral, mas mais particularmente no bhôt himalayo, poderam desenvolver-se na China de um modo que o *habitat* alpestre impedia ao Thibet. A unidade monarchica proveiu da unidade do territorio ; a agricultura, substituindo-se ao pastoreio, veiu da natureza do chão. O commercio que o thibetano ignorava, aprendeu-o a China com a densidade e o contacto das populações, e com a posse de portos maritimos e grandes rios navegaveis. Esses rios, correndo todos oeste leste, orientando assim parallelamente as regiões onde a população assenta, dando-lhe uma latitude constante a par de uma conformação igual : eis ahi as condições que permittiram, se não determinaram, o desenvolvimento da civilisação-typo da raça mongolica, n'uma limitada região (ainda assim vastissima) se a compararmos com a área do imperio, e n'um ramo particular e prolifico de entre os varios ramos de stirpe mongol.

O sangue chinês, porém, augmenta constantemente fóra da área da China propriamente dita. Introduz-se para o norte na Mandchuria tungú; para oeste na área dos tartaros, vindo encontrar-se agora na Asia os dois imperios que hoje, no velho mundo continental, representam duas das grandes familias humanas. Frente a frente estão os russos e os chinezes, n'um contacto mais proximo do que ás vezes se crê. E essas relações são já antigas. No tempo em que nós sondavamos o extremo Oriente, já havia na China « . . . somma de artilheria de pau como bombas de navios, sómente os vasos dos leytos em que se atacavam as camaras eram chapeados de ferro e tiravam pelouros como de falcões e meias esperas. E perguntando nós quem inventára aquelle modo de tiros, nos disseram que uma gente que se chamava Alimanis de uma terra por nome Muscoo. (Fernão Mendes Pinto, *Peregrin.* II, 171)

Quando as Cem-familias, avós do ramo sinico, migraram dos montes Kuen-Lun para oeste, sem conhecimento de metaes, homens da idade-de-pedra, acharam já povoado o seu actual dominio por uma população aborigene do nome commum de miáo-tze. Esse strato primitivo das populações chinezas é tanto menos visivel, quanto o desenvolvimento e unidade da civilisação e da população são maiores; e não fallando nos mandchus de stirpe tungú que habitam uma provincia do imperio, mas não a China propriamente dita, vêem-se ainda hoje, reduzidas a um infimo estado, as reliquias d'esses aborigenes filiados na stirpe bhôt.

Degeneradas, selvagens, vivendo nas covas dos montes, seu derradeiro refugio, essas tribus em via de extincção dão mais uma vez o documento da natureza das leis da concorrência-vital e da

degenerescencia, consequente da queda e do insultamento. Os sifân do Thibet oriental, dos quaes já fallamos, os kiang puro-thibetanos do norte, e os miáo-tze primitivos habitantes da China, hoje espalhados nas provincias de Hirkvang, de Szechuen, do Yunnan, de Kweichan e de Kvangsé: eis ahi os vencidos pela civilização chinezá, correspondentes ás tribus italianas exterminadas ou submettidas pelos latinos.

Mas na peripheria do imperio ainda outras tribus de uma physionomia diversa (os lolos do sueste, os tankia do litoral, bem semelhantes a eskimós) nos levam a suppôr que no solo actual da China a população primitiva não era apenas bhôt: seria tambem thay, seria talvez tambem malaya.

Segue-se pois, naturalmente, estudar a região da Indo-China, a área da familia thay-birmana: siamezes, pegús, annamitas, arakans, avas. Se á maneira que avançámos fômos vendo nos tungús, tartaros, mongolios em geral, e especialmente nos chinezes, o desenvolver da civilização da raça, agora, descendo para o mar-do-Sul, observamos nos indo-chinezes o exemplo de civilizações de ha muito caducas: como Grecias, depois da conquista romana. O infeliz mongolio descendo á condição de degenerado vae confundir-se com o malayo no extremo da peninsula, e d'ahi o malayo cruzar com o negro na Polynesia. Se os tungús, mandchús, thibetanos, chinezes, indo-chinezes, malayos e jaus são descendentes de uma stirpe commum, quem do norte viajar para o sul, parte dos lamutes selvagens para a civilização chineza que é o equador ethnico, descendo outra vez por graus succes-

sivos até á selvageria polynesia. Ladeando a China, estão por norte, como barbaros, os mandchus, thibetanos; estão pelo sul, caducos, os indo-chinezes.

A península transgangetica, entre o golpho de Bengala e o golpho de Tonquin, regada pelo Iravady, pelo Meinam, pelo Mekong, descendo desde a garganta por onde se internam o Brahmaputra e o Yang-tze até á ponta de Malaka e ao cabo de Cabodja divididos pelo golpho de Sião: eis o *habitat* da familia thay-birmana, bem definido por costas maritimas, constituido no interior em estados indigenas. Birman, Sião, Camboja, são ainda quasi independentes¹; mas o Annam, na costa oriental, está submettido aos francezes desde a ponta da Cochinchina; e os inglezes têm toda a costa do oeste, desde o Tenasserim até ao Pegú, pelo Arakan, até ás raias dos dominios da Inglaterra na India. A ethnogenia d'este grupo humano não é segura. Todos o consideram um producto mestigo; mas dizer se o fundo é sino-mongol, se é bhôt, se é um fundo autonomo, não se póde. Alguns querem que o indo-chinez provenha de cruzamentos de sino-mongoes com dravidas e com malayos já eivados de sangue negro papua. Com effeito, ha pontos da península transgangetica em que a côr é negra e os cabellos manifestam a tendencia para a implantação em méchas. Os ka-mois do norte do Mekong chegam a ter um accentuado typo papua.

Como quer que seja, a ethnographia encontra n'esta região quatro grupos distinctos:

1. BIRMANO, nos arakans, pegus, birmanos ou avas, ao norte.

¹ A Birmania caiu sob o protectorado inglez; o Camboja sob o francez. — N. da 2.^a ed.

2. SIAMEZ OU THAY, nos läos, khanti, shan e siamezes propriamente ditos.
3. KHO ou cambodgiano e
4. ANNAMITA ou cochin-chino — no sul e oriente da península.

A área de cada um d'estes grupos não coincide porém com as fronteiras dos estados, segundo vae vêr-se. A população do Tonquin e do Annam, a que os chinezes chamam Ngan-nan, é um ramo incontestavel da familia sinica. Os annamitas são os mais brancos dos transgangeticos; são baixos em geral e os homens mais pequenos de toda a Asia; têm os braços longos, as pernas curtas e grossas. As mulheres passam por singularmente bellas. Nos homens, os labios são proeminentes sem serem grossos, o bigode é mais espesso do que a barba. Lembram o typo malayo, melhorado; mas ao contrario dos malayos, são doceis, affaveis, submissos e molles. São evidentemente intrusos. O strato anterior da população vê-se repellido, como sempre, para a periphéria da zona, nos khos ou kamers do Camboja no extremo sul-oriental da grande península, sobre o delta do Mekong. De oriente os annamitas, de occidente os siamezes, tomando para si o valle de Mekong, repelliram os khos contra o mar, como estranhos, e tão distinctos que as linguas kho e thay são reciprocamente inintelligiveis.

O siamez (thay) tem uma face larga, o occiput achatado, a testa breve, pequena a bocca, uma expressão dura e um ar grave. A côr é um castanho avermelhado. O siamez de Bangkok, na bocca do Meinam, e o do curso inferior do rio, exercendo sobre as populações affins uma hegemonia como orgão de uma civilisação, é um ramo da familia thay cuja área é a mais vasta da Indo-China, cujo estado vae descendo desde uma civilisação

desenvolvida até uma perfeita selvageria á maneira que subimos o Meinam. Esse rio correndo de norte a sul, de Chang-mai a Bangkok, tem trinta cataractas que encerram e isolam as populações thay do norte do imperio, os láos, conservando-os n'um estado barbaro ou selvagem, de desaggregação em tribus ou feodos como os do Thibet. Bangkok está para o Zimay, como Pekin para o Ladak. Tambem o Zimay é a terra-santa dos birmanos; e Chang-Mai, a capital da terra dos láos, uma Jerusalem assente ao pé do sacrosanto Golgotha onde se vê a pegada de Buddha. Ainda para além do Meinam, no Yunnan chinéz, ha láos. Se os láos do Yunnan são identicos ou affins dos miaotze, a população primitiva da China teria sido formada pelas duas stirpes bhôt e thay. Ao norte de Birmah, insulados no Assam, os khantis mostram por outro lado até onde foi a expansão da familia thay: a lingua dos khantis é a lingua de Bangkok.

E sem duvida o fundo da população birmana no interior é tambem láo. Os birmanos chamam shans aos que em Sião se dizem láos. E se a suzerania de Bangkok chega a ser nominal apenas, tambem a de Mandelay se torna tanto menos real, quanto maior é a distancia a que estão as tsaubaurchias, ou feodos hereditarios dos shans. O birman é mais robusto e mais escuro do que o annamita; pretende-se que tenha vindo do nordeste do Indus-tão, descendente da stirpe dravida, fundar o imperio de Ava. Mas nas populações do litoral do Arakan, do Pegu e do Martaban apparece a gente mon, que o birmano diz talieng: um strato de sangue anterior e indigena, de ascendencia tão diversa que a lingua mon é inintelligivel para birmanos e siamezes.

Na península transgangetica achamos, pois, como stratos de população primitiva, os môns a occidente, os láos no centro, os khos a oriente. Os môns foram submettidos pelos birmanos, os khos pelos annamitas: só os láos, em parte sujeitos ao imperio de Ava, poderam, descendo o Meinam, crear para si o imperio de Bangkok. Hoje os khos de Camboja obedecem aos francezes, os môns aos inglezes; e emquanto, no centro da península, os velhos imperios de Ava e Sião arrastam a sua vida condemnada por caduca, pelos litoraes as populações repellidas foram caíndo n'um estado de decrepitude, ou placidamente torpe, ou feramente selvagem. Quando nós portuguezes singravamos n'esses mares, quando exploravamos, saqueando, essas costas, os nossos chronistas já diziam: «é gente assim esta de Pegú e de Siam muito dada ao vicio da carne.»¹

Se a península transgangetica foi por oriente invadida pelos annamitas de stirpe sinica, já tambem se indicou a suspeita de que os invasores de occi-

¹ «...Pelo que para mais delicia d'ella costumam nos membros genitales trazer cascaveis, uns de ouro outros de prata, cada um conforme a sua possibilidade. E são tão dissolutos e desenfreados n'esta parte que trazem nas mesmas partes diamantes e outras pedras de grande preço. E o rei costuma ter 500 mulheres.» — V. M. Correia, nos *Comm. aos Lusíadas*, x, 123; ap. Barros, III, Dec. II, 5. — Duarte Barbosa no seu *Livro* (ed. da Acad. p. 366) diz dos pegus que andam nus, são fracos e muito legeriosos. «Trazem suas naturas nhus cascaveis redondos, cerados, e muy grandes, cosidos e soldados por dentro antre ho couro e carne, por fazerem grande soma e trazem muitos destes até cinco, deles saom douro outros de prata ou metal segundo hos que hos trazem e quando andaom fazem grande som, ho que haom por grande honra e gentileza; e quanto mais honrados, trazem mais: has molheres folgam tanto com isso que nem querem homens que hos nom tenham e nom digo mais deste costume pola deshonestidade.»

dente proviessem da stirpe dravida, que no Indus-tão nos apparece como sub-solo indigena no qual veiu assentar a camada aryana. Tal seria a relação ethnogenica das duas peninsulas do mar das Indias. O nosso estudo, apesar de obedecer agora a uma direcção geographica, não póde, comtudo, deixar de, aqui ou além, subordinar-se a principios diversos. A' medida que vamos observando as populações, vamos-lhes descrevendo tambem, quanto possivel, as filiações: com a ethnographia ficamos conhecendo a ethnogenia; e para clareza e para evitar fastidiosas repetições, é indispensavel tratar á parte o que diz respeito á raça aryana: raça-typo que, espalhando-se em ultimo lugar sobre toda a terra, unifica ou tende a unificar as civilisações locaes n'uma civilisação tambem typica. Assim, estudando os stratos ou lanços de população ugro-finnia e tartara da Russia, deixámos de fallar da camada superior slava; assim, tambem, indo agora estudar a população da India, deixaremos de tratar das duas camadas recentes de aryanos sobrepostas aos indigenas, uma nos tempos remotos das migrações, outra a contar da viagem de Vasco da Gama¹ e até á constituição actual do imperio inglez.

A área da raça dravida está inscripta dentro dos limites naturaes da peninsula industan: o Indo e os Himalayas pelo norte, com as costas maritimas por todos os demais lados. A área peninsular á qual se aggregam, como dependencias, as ilhas de Ceylão, das Maldivas e Laccadivas, entesta pelo norte com as áreas bhôt no Himalaya, e môn no Assam-Birman. Mas a expressão de raça dravida incluye já em si, não uma camada de população homogenea, mas sim dois stratos successivos: o vin-

¹ V. *Hist. de Portugal* (4.^a ed.) I, p. 209-22.

dhya que toma o nome das montanhas onde principalmente habita, e o dekkán ou tamul, espalhado mais para o sul da península. Uma invasão tamul retalhou e dispersou a população vindhya; depois a invasão aryana acabou de fragmentar os stratos ethnicos anteriores. A lingua dos kolás e sontaes (vindhyas), diz Withney, é absolutamente distincta da dos brahuis e mais tribus tamules. O sub-solo vindhya que afflora ao norte nos khonds de Bengala, afflora ao sul nos veddahs de Ceylão. A ilha apresenta assim na sua população mestiça, na confusão das suas linguas, nas reliquias de tribus das suas montanhas, a summa da ethnogenia do continente. Falla-se ahí hoje o inglez; ainda o indigena falla um dialecto portuguez,¹ ainda falla o malabar: só a primitiva lingua vindhya dos veddahs se perdeu. E sobre o veddah assentou o homem tamul, sobre ambos o malabar, mais tarde o europeu: «Os matos são de laranjas e limoeiros e de outras muitas arvores de fructa, diziam de Ceylão os nossos quinhentistas. Os moradores fallam a lingua do Malabar e Coromandel, e são gentios, ainda que nas partes do mar vivem alguns moradores mouros, mas sujeitos ao rei da terra que é gentio. Andam todos nus da cinta para cima e trazem as orelhas furadas de modo que a pelle chega aos hombros, e nos dedos muitos anneis.» (V. Barros, III, Dec. II, 2 e Couto, IV.)²

Vejamos agora como se distribuem na península os varios ramos ou tribus das duas familias dravidas.

1. V. *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*, por F. Ad. Coelho; op. 1881.

² V. *Quadro das instit. primitivas* pag. 3.

A. Os dekkans ou tamules

1. Os GONDS habitam o immenso districto florestal de entre os Vindhya e os Ghats orientaes e uma linha que vá d'esta região, na foz do Godavery, até ao centro do valle de Nerbudda;

2. Os TULUVAS, nas florestas que cingem os Ghats occidentaes em Canará;

3. Os MALABARES, nas de entre Kandragiri e o cabo Comorim, ou Camori;

4. Os TAMULES, cujo nome se tornou generico, na costa oriental de Palikat a Bangalor e em Ragakotta e Palghat;

5. Os TELINGAS, de oeste da bahia de Bengala; OS KARNATAS e OS MALABARES de Ceylão;

6. Os TODAS, nos Nilghirris, puros de cruzamento aryano, com os BRAHUIS das montanhas de Sindh.

B. Os vindhyas, pre-dekkans

1. Os BHILLS, nos rios Tapti e Nerbudda e na extremidade oriental da cordilheira dos Ghats;

2. Os MINA e MERAS, nos montes Kalikho, de Agmir até ao Jumma;

3. Os KOLA ou KOLES, nome generico d'onde vem o de carregadores (coolies), parece dividirem-se em dois grupos: um dekkkan, o outro vindhya denominado MUNDA, cujos affins são os nos de Singbbum e os SOTAL de Chuta-Nagpur;

4. Os PAHARIA que as invasões tamul e aryana expulsaram das montanhas do Rajmahal, dispersos;

5. Os KHANDA, ou KHONDS, em Ranapur, a leste do lago Chilka, a tocar na bahia de Bengala.

Não é pela genuinidade de sangue, porque além da penetração das duas raças vindhya e dekkkan veio a raça aryana cruzar com essas gentes que ainda hoje representam a quarta parte da população da Índia: não é pela genuinidade de sangue, dizemos, que havemos de coordenar as tribus indigenas, nem acantonar-as de um modo mais restricto e systematico do que o expresso na propria designação que se lhes dá: vindhyas, dekkkans. As invasões retalharam-nas e dispersaram-nas. Tão pouco se podem determinar categorias de estado social, porque vindhyas e dekkkans, segundo tem mais ou me-

nos sangue hindu, conforme o *habitat* se presta mais ou menos á expansão de uma restricta capacidade, variam de um modo indistincto. Geographicamente, só se póde dizer que a área aryana vae do Indo ao Ganges-Brahmaputra, e do Himalaya aos Vindhya. Socialmente, só se póde dizer que o dravida é pária, menos do que escravo, entre os arianos; sendo selvagem, ou quasi, nos seus dominios proprios.

Nas montanhas o dravida existe n'uma condição infima em que é relapso, ou da qual nunca chegou a sair; nas planicies vive fóra das povoações em cabanas dispersas, sem mais propriedade do que o burro e o cão, banido e condemnado pelo hindu, vagueando sobre uma terra que não cultiva. Nas montanhas é troglodita, cannibal e fetichista. O gond das cabeceiras do Nerbudda vive em covas; os todas dos Nilghirris pastoreiam bufalos. A côr de todos é negra, aclarando, porém, á maneira que soffreram cruzamentos de sangue hindu. Assim, os todas são de um castanho acobreado, com o nariz aquilino dos brancos, a barba farta, mas a fronte fugidia. Já nos ghonds e bhills o typo é outro: côr completamente negra, olhos pequenos, cavos e avermelhados, nariz chato, testa breve, proeminencias averrugadas nos cantos da bocca, beiços grossos, fartos cabellos crespos. E por fim nos yakkas-veddahs de Ceylão e nos maravars do cabo Camorim vêem-se typos, ou de uma absoluta degradação, ou de uma especie quasi inhumana: pequenos, rachiticos, brutos, simiescos.

Já notámos as relações continentaes dos dravidas, entestando com os bhôts e os môns: haverá relação entre os aborigenes da India e os negros papuas? Serão estes a continuação da raça dravida, os malayos a da raça mongolica, e provém

os polynesios do cruzamento d'estas como que caudas dos dois typos ethnicos? Não falta quem assim julgue; e com effeito, não será para notar que os traços da physionomia negro-oceanica vão, de um lado, encontrar-se nos confins do mar das Indias em Madagascar, e, do outro, nas fronteiras da península entre os brahuis do Biluchistan, e ainda para além, n'uma tribu da costa de Oman, os gabas? Teriamos, pois, nos dravidas o resto de um primitivo lançol de gente negra, cuja área occuparia todo o oceano austral, da Africa até á America? Provirão essas gentes da Lemuria perdida? Seria o negro a côr primitiva de um ser apenas humanizado na fôrma? Seria o africano irmão do papua e do preto californiano?

Interrogando, paramos sempre nos confins do saber. O mysterio da nossa origem, o segredo dos nossos primeiros passos apresentam se como problemas em que nenhuma affirmações são licitas, mas sómente hypotheses quando se estribem em noções racionaes, e não contradigam regras averiguadas.

Interrogando, pois, esse remoto passado, acaso escondido nas profundidades do oceano, terminamos a nossa primeira jornada. Viemos desde o polo, atravez do continente massiço, acabar nas duas penínsulas da Asia: embarquemos para a viagem da Oceania.

2. — DE MALAKA Á POLYNESIA

(Malayos, papuas e australios)

Nas vastas steppes da Asia central vimos o mongolio nomada: nomada no mar é tambem o malayo nos seus barcos, vogando com as correntes e

monções. Um primeiro problema surge perante os exemplares de uma raça tão diffundida por afastadas ilhas, irradiando da ponta de Malaka para occidente até Madagascar, para oriente até ao Pacifico. Pulverisaram-se essas terras do mar da China, do mar de Sunda, quando a raça malaya já se tinha sobreposto, n'um continente perdido, aos indigenas de côr negra? Ou foram longiquas navegações que levaram os homens de Malaka até ás regiões remotas? Se tal continente existiu, houve n'elle uma civilisação malaya como o attestam as ruinas de Banabé; se taes viagens se fizeram, tambem os malayos tinham então, e deixaram de ter depois, navios capazes de atravessar os vastos mares. Como quer que seja, o malayo é a ruina de um povo civilisado do extremo Oriente. Ou destruida por um cataclismo geologico, ou apenas degenerada pelo insulamento, a civilisação malaya desapareceu. O habitante da península, o indigena de Sumatra e Java, ou é selvagem, ou caduco; os das ilhas de Bornéo, das Celebes, das Molucas, das Philippinas, são selvagens.

Já insinuámos a hypothese que retira a autonomia primitiva á raça malaya. Ha, com effeito, graves affinidades de lingua entre ella e o ramo thay de raça mongolica. Provirá pois a gente das ilhas do mar da Indo-China do cruzamento com as populações negras da Oceania: essas populações de que se deveria vêr um ramo nos aborigenes da India? E' o que muitos pretendem. No tempo das viagens vogavam no Oriente tradições de antigas conquistas dos *chinezes* ¹.

¹ «E no reino de Calicut ha arvores de fructo muito antigas que nos dizem os da terra haverem sido plantadas pelos chinas e nos baixos de Chilão que correm da ilha de Ceylão para a costa do Coromandel se affirmam pelos da terra que se perdeu uma muy grossa armada chin que vinha so-

Ou mestiça, ou autónoma, ou de estirpe indochineza em Malaka, Sumatrá e Java, e cruzada com sangue negro na Polynesia,¹ o facto é que, ou o sangue, ou a historia, individualisaram um typo malayo. Ao inverso dos que o fazem descender do mongolico, outros consideram-no paralelo, aventando a hypothese de um remoto povo promalayo, do qual se teriam formado dois ramos: (1)

bre a India. E assi os da terra dizem, os chins foram senhores de toda a Java e Jantama que é o reino de Malaca e de Siam e de Chapa, como communmente se affirma por aquellas partes: pelo que affirmam alguns serem muitas d'estas gentes achinadas pela muita mistura que os chinas tiveram com todas ellas, principalmente com os jáos.— Gaspar da Cruz, *Trat. da China*, II.

¹ Para esclarecimento do leitor, pomos aqui a divisão geographica da Oceania, comprehendendo todas as terras entre as costas da Asia e da America, incluindo o archipelago das Indias orientaes, os do Pacifico e a Australia e seus satellites: Tasmania, Nova-Zelandia. Crawford julgou existirem ahi 5 raças pardas e 8 negras; mas foi Humboldt o auctor da classificação ethnographica ainda vigente: malayos, polynesios, papuas, — embora modificada, como se vê do quadro de pag. 31-2. As regiões oceánicas são pois:

1. MALASIA	(ou Sundanesia); peninsula de Malaka, e ilhas da India oriental: Sumatra, Java, Bornéo, Celebes, Molucas, Sulu, Philippinas.	raça malaya
2. POLYNESIA,	ilhas do Pacifico oriental: dos Navegadores, da Reunião, de Sandwich com a Nova-Zelandia.	polynesia
3. MICRONESIA:	longa faxa de pequenos grupos de ilhas e recifes de coral no Pacifico do norte, a leste das Philippinas, incluindo Pelen, Ladrões, Banabé e outras.	negro-oriental
4. MELANESIA,	Nova-Guiné, Arru, Mysol, e outras ilhas como a Nova-Irlanda, Salomão e as Novas-Hebridias.	
5. AUSTRALIA	ou Nova-Hollanda, com a Tasmania.	

o da Sundanesia ou Malasia, com a Polynesia e Madagascar; (2) o mongolico.⁴

Esse typo malayo considera-se formado em Sumatra. D'ahi reagiu posteriormente sobre o continente, emigrando para Malaka pelo XII seculo da nossa éra, e espalhando-se pelas ilhas proximas; de fórma que a sua área historica abrange, além da ponta continental, as ilhas principaes da Malasia, os ilheus do sul das Philippinas até á costa occidental da Nova Guiné, os de entre Java e Sumatra, e os da ponta leste de Java. Mais vasto ainda é o dominio da lingua malaya. Pura nas Philippinas, fallada desde Madagascar até ao extremo Oriente, desde a Formosa até á Nova-Zelandia, abrange 70 graus em latitude por 200 em longitude, espalhada em archipelagos, retalhada porém e mais ou menos pervertida pelo contacto rebelde do chinez nas costas da Asia, e pelo contacto degenerador dos idiomas indigenas das populações negras oceanicas.

O que succede á lingua succede ao typo; e a ethnographia d'essas regiões de ilhas é confusa, já pelo abastardamento dos invasores, já pela juxtaposição dos indigenas. Destrinçar, nos exemplos de selvageria, quaes vêm da degenerescencia, quaes representam o estado primitivo dos aborigenes, é muitas vezes impossivel. Por outro lado, nas regiões ainda asiaticas, onde o malayo está na visinhança do indo-chinez, as influencias sanguineas ou apenas moraes são tantas, que, se se póde dizer que ha um typo malayo, é mistér juntar que não ha hoje uma civilisação malaya, mas sim indo-chineza.

⁴ V. o quadro geral ethnogenico nos *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed. 184-5).

O malayo-typo de Sumatra tem o craneo deprimido inferiormente, os ossos molares afastados, os beiços grossos e salientes, o nariz chato, a testa alta e saliente sobre os olhos. A pelle é mais ou menos escura, branqueando nas mulheres. Camões chama aos malayos *namorados*, e aos jáos *valentes*. O sensualismo commum dos povos caducos da Indo-China, e uma fera audacia, uma crueldade ingenita peculiar, e opposta aos seus vizinhos mongolicos, denunciam com effeito os malayos. Junte-se a estes defeitos ou qualidades a intelligencia viva nos limites da capacidade oriental, uma intelligencia feita de astucias e mentiras, e teremos o malayo, sujeito a furias, amando o prazer, atrevido e sem consciencia, sanguinario e amoroso, valente mas perfido, feroz na credulidade. Os nossos pintaram o jáo grossete, de largos peitos nús, ampla face, mal conformado, correndo de adaga em punho, clamando *guanico!* a matar quem topava na carreira, por assim o ter promettido ao seu deus em occasião de perigosa moléstia. (*Livro de D. Barboza, 373*) Sensual e feroz em terra, é atrevido pirata no mar; mas os dotes de força da raça vão pouco a pouco definhando á medida que o observador se afasta do centro ethnico. Os bajús das ilhotas de Singapura vagueiam no mar, ciganando, já sem robustez para piratear.

E esse typo que definha com rapidez, é apenas o que representa o estado culminante do desenvolvimento da raça. Sob as camadas de malayos dignos de tal nome ha em toda a Malasia selvagens da infima especie. Na peninsula de Malaka a população culta, ou pelo menos mahometana, divide-se em tres grupos: (1) semang, (2) sakai, (3) hala; mas sob elles os orang-bennas (*orang* = homem) ou homens-do-solo, de Johore, têm apenas uma

religião primitiva e vivem selvagemmente nus, cobertas as vergonhas com o *chavat* de pano ou de cortiça batida, com os dentes limados e as orelhas furadas. Em Sumatra os orang-lubus vivem nos juncaes como brutos; os pagais tatuam-se escrevendo no corpo o numero dos inimigos que matam. Os macassares, os madurés, os bugís são verdadeiros selvagens. Como as tribus do Assam, tambem os pagais expõem os cadaveres sobre um cadafalso, até que apodreçam; uso peculiar tambem aos dayaks de Bornéo, cuja physionomia tira ao mongolico: olhos obliquos, maçans do rosto proeminentes, pernas curtas, fronte chata e fugidia, mas com isto um traço singular — a fórmula dos pés, curtos, largos, chatos, e virados para dentro.

Será o dayak de Borneo o pro malayo, e deverá vêr-se nos seus caracteres mongolicos, não a prova de uma descendencia, mas o documento inverso? Como quer que se opine a respeito do problema ethnogenico, facto é que na abundancia dos seus exemplares selvagens, na incoherencia das suas qualidades, na falta de cunbo proprio da sua civilização, os malayos que da India receberam o seu nome historico (*malé*, montanha: homens-dos-montes) e todos os elementos de uma cultura superficial ou viciada, demonstram uma capacidade inferior.

E' o que nos demonstra egualmente o exame das populações polynesias, producto de um cruzamento variado de sangue malayo e negro-oceanico, e todas mais ou menos selvagens, por degenerescencia em uns, por origem em outros. Quanto mais o viajante avança, da Nova-Zelandia para as ilhas de Hawai ou Sandwich, mais o typo polnesio se afasta

do malayo. O centro ou fóco de formação e expansão do primeiro está nos archipelagos de Tonga e de Samôa: o kanak é acastanhado na côr, tem feições regulares, olhos negros, barba rara, cabello preto e corredio, ás vezes ruivo, o nariz curto, direito e aquilino, mas sempre largo e chato na extremidade, os beiços ora espessos ora delgados, a face oval, as maçans do rosto proeminentes, a fronte desenvolvida, e é brachicephalo. Entre as ilhas de Viti e Tonga passa a linha divisoria dos polynesios (500:000) e dos negros oceanicos. Viti já é negra. Para oeste da Polynesia, pelo norte da Melanesia e das ilhas da Sonda incluídas na Malasia, fica o grupo de ilheus denominado Micronesia e cuja população, segundo a theoria de Crawford, é o resto degenerado de uma raça primitiva d'onde saíram polynesios e malayos. Esta hypothese, a que já alludimos, funda-se principalmente nos vestigios evidentes de uma civilização perdida: ruínas, templos e cidades. Mas, por se verem as reliquias de uma civilização, não é mistér suppôr uma raça especial extincta, pois se sabe como um ramo destacado de uma raça culta póde degenerar. Toda a área polynesia é uma prova de phenomenos de degenerescencia mais ou menos pronunciados. A migração dos polynesios para as ilhas remotas do Pacifico é relativamente recente. Fornander data-a do I a II seculo da nossa éra, pondo a occupação das ilhas Hawai ou Sandwich no VI. Crendo-se, como se crê, que os polynesios são de stirpe malaya; sabendo-se que, ao estabelecerem-se primeiro nas vizinhanças de Taiti levavam comsigo o uso dos metaes¹ já manufacturados nas ilhas malayas, vê-se a prova da degenerescencia no facto de esse uso se

¹ V. *O Regime das Riquezas*, p. 126.

perder no novo *habitat* que é desprovido de jazigos metalliferos. E quando, já regressados á idade de pedra, os polynesios abordaram as ilhas do Pacifico, onde, como por exemplo na Nova-Caledonia, ha metaes, o estado em que tinham caído não lhes permittiu utilisarem-nos.

Ceylão illustrou-nos, conforme vimos, ácerca da ethnographia da India. As ilhas, mais restrictas em área, com limites naturaes determinados, prestam-se melhor á destringença dos elementos constitucionaes da população. E quando esses elementos reproduzem resumidamente os do continente, como se dá em Ceylão, a ilha é como que um typo. E' isso o que succede a Madagascar, para com as populações oceanicas. Sobre um fundo negro que uns dizem cafre e outros querem filiar nos papuas, assenta uma camada de malayos. O apparecimento d'este sangue n'uma paragem tão remota do seu dominio proprio não é tão difficil de explicar como o do sangue negro; porque os malayos, navegadores, é sabido que trilharam os mares da India, ao passo que os negros oceanicos jámais saíram do estado primitivo em que não ha mais barco do que uma taboa, um tronco, talvez nem escavado. Se nos negros de Madagascar ha pois sangue affin do papua, não se poderá explicar o phenomeno pela revolução geologica que teria destruido um primitivo continente negro (dravida-papua-africano-californio) do qual nós veriamos as estilhas nos archipelagos de entre as costas da Africa e America dispersos no mar das Indias?

A existencia dos malayos em Madagascar não reclama, porém, tão aventurosas hypotheses. O malayo é ou foi, o phenicio do oceano indico, trilhando-o em todas direcções, já porque o guiava o instincto nomada, já porque uma navegação mal

equipada o punha á mercê das correntes e das monções que de outubro a abril levam direito da Sonda a Madagascar. «E assim acontece muitas vezes, com as grandissimas correntes, esgarrarem para fóra do boqueirão muitos juncos de jaos, e chins que por aqui perto, da banda de dentro navegam, que vão dar á ilha de S. Lourenço (Madagascar) oitocentas leguas d'esta paragem, da qual gente a maior parte d'ella é povoada.» (*Hist. trag. marit.* 1, 445)

«Tradição é antiga, dizem os chronistas, que os *chinas* povoaram esta ilha e que d'elles ainda dura alguma gente como consta das cartas que escreveram do Japão os padres da companhia de Jesus.»

(G. de S. Bernard. *Itiner. da Índia*, II.)

Eis aqui o quadro da população de Madagascar:

1. Raça negra	a) <i>Sakalaves</i> , selvagens de oeste da ilha no estado primitivo. b) <i>Mahafues</i> idem	} 240:000
2. Mestiços	<i>Malgaches</i> , na costa oriental; cruzamento negro-malayo-arabe.	
3. Malayos	<i>Ovas</i> , no plan'alto central da ilha; occupando metade d'ella. Quasi brancos algans; physionomia malaya.	} 1.600:000

Navegando agora outra vez para Oriente, é nas ilhas de Andaman, e Nicobar, no golpho de Bengala, que achamos o primeiro exemplar da população negra aborigene do mar das Indias, se não incluímos os homens infimos de Comorim na mesma classificação. Esses negritos ou papuas, aos quaes se reúnem tribus de Malaka, vão depois apparecer nas Philippinas (25:000) e na Melanesia em geral,

como fundo de uma população sobre que assentaram os elementos polynesios, ou malayos. Entretanto os caracteres geraes são bastante accentuados para dividirem em (1) negritos, (2) melanesios e (3) néo-guinés, a raça papua, a saber :

Negritos , em	}	1. Nicobar ; 2. Andaman.
		3. Timor e Flores.
		4. Peninsula malaya, entre os semang e os wawas, nos districtos montanhosos de Perak, Kedah, Kalatan e até na Cochinchina.
		5. Philippinas e Sulu, tribus repellidas para o interior: aitas, igolotes, negritos-del-monte.
		Fidji ou Viti, nas Philippinas, etc.
Melanesios , nas		Fidji ou Viti, nas Philippinas, etc.
Néo-guinés , em	}	1. Nova-Guiné.
		2. ilhas visinhas: Arru, Key, Mysol, Salvati, etc.

Dos negritos, que são os infimos homens, o mincopi de Andaman é o infimo. Pequeno (1,52) como um orango ou um chimpanzé, tem dos anthropoides a agilidade peculiar aos habitantes das florestas: salta de ramo em ramo nas arvores em que vive. Andanú, e é negro na pelle lustrosa em que o cabello crespo se implanta ás mechas. Esta inserção é a do boschimano de Africa, infimo typo da humanidade na outra metade do velho-mundo. «A cabeça, os olhos e os dentes fazem-nos parecer cães,» disse Marco Paulo, o primeiro europeu que os descobriu. Menos brutos são os néo-guinés, ou papuas propriamente ditos, que tem uma estatura regular; mas os arfaks, que habitam as montanhas de noroeste da ilha, aproximam-se mais do typo andaman ou mincopi, ou negrito, do que do papua: pelle menos escura, cara comprida, fronte baixa, nariz grosso arqueado e chato na base, sobrancelhas salientes, grande bocca de beiços espessos.

Do cruzamento d'estas gentes com os polynesios, ou directamente com os jáos e malayos, pro-

vém a terceira variedade, cujo typo se encontra nos vitis das ilhas Fidji: a variedade melanesia. A partir do estreito de Marianna para o norte, a população, até ahi exclusivamente papua, mistura-se gradualmente com as raças do grande archipelago da Asia. A zona dos papua-malayos ou melanesios estende-se ao longo da costa septentrional da Nova-Guiné, vae pelas ilhas de leste até Fidji, regressando a entestar com a área australia no estreito de Torres. Se para além da Nova Hollanda mencionarmos os já extinctos indigenas da Tasmânia, ou terra de Van-Diemen, teremos completado o nosso roteiro do dominio papua.

O australio, confinando com elle, distingue-se porém, já pela lingua em que se não encontra uma só palavra malaya, já pela conformação do cabello que é corredio e basto. São 200:000 homens condemnados a acabar de morrer: homens que a ethnographia encontra n'um estado primitivo e a anthropologia reconhece como incapazes de saírem d'elle. Nos papuas-australios por um lado, nos boschimanos e fuegianos da Africa e America, pelo outro, encontramos, nos confins do mundo, os infimos exemplares dos homens. Para além da população negra do Oriente, para além do Pacifico, na California, achou-se um typo negro semelhante ao pelasgiano; para áquem vê-se em Madagascar um negrito. Por outro lado, o cabello, traço physico eminente, põe os hottentôtes ao lado dos papuas. Já perguntámos se não seria licito encontrar em taes factos documento de uma unidade primitiva em toda a familia negra; e esta pergunta nos induz a seguir de Madagascar para o continente africano, partindo do sul para o norte, do Cabo para o Mediterraneo. E' facil a transição do papua ao boschimano. São ambos negros ou castanho-escuros, ambos lophoco-

mios, ambos infimos na sua especie duvidosa entre homem e anthropoide.

**(Hottentotes, Negros, Nubios e
Afro-Mediterraneos)**

Pouco ou nada temos a acrescentar ao que já escrevemos ácerca das raças da Africa austral.¹ O leitor d'estes livros conhece-o, e seria ocioso repetir-lhe o que já sabe: digamos pois apenas o indispensavel para preencher esta parte do quadro das raças humanas. Os hottentotes, nome que teem dos hollandezes, dizem-se a si proprios *koin* ou *koikoin*, isto é, homens. Nós portuguezes chamámos-lhe *vaqueiros*, porque os achámos vivendo com os seus rebanhos, alimentando-se de leite das vaccas, usando dos bois para a carga e para o combate. Como nunca nos estabelecemos no Cabo, foi aos hollandezes que coube o dever de os expulsar d'essa zona adequada para a vida de uma raça superior. E qual deixa de o ser a esta infima raça de gente? Pequenos (1,52) como os negritos, enfesados, inconscientes da vida e por isso imprevidentes, com o seu nariz chato, os beiços enormes, as maçãs do rosto salientes, os olhos pequenos, profundos e affastados, quasi nús, besuntados de graxa, polvilhados de ochre vermelho, esverdeados na cabeça e no pescoço: são os hottentotes um verdadeiro typo de homem? Kolben chama-lhes immundicies vivas, quando os pinta com a pelle aos hombros, capa que dura a vida inteira e vae para a cova com o cadaver. E essa capa e os anneis de couro com que se adornam servem-lhes para enganar o estomago nas longas fomes do seu terreno safaro. Mas, inferior ainda

¹ V. *O Brasil e as colonias port.* 3.^a ed. v. 2.

ao hottentote propriamente dito é o boschimano, que nem conhece metaes, nem tem gado, nem sabe fazer uma canôa embora vagueie no litoral.

O bechuana estabelece a transição do hottentote para o cafre propriamente dito, que é tanto mais avançado em estado social, quanto mais proximo se encontra do litoral do oriente, onde vive desde seculos em contacto com os arabes. Foram estes quem lhes deu o nome de *kafirs*, infieis, de que nós portuguezes fizemos *cafres*. A si proprios dizem-se *bantus* ou *aba-utus*, plural de *umu-utu*, homem. Quer no typo, quer nos habitos, a sua superioridade ao hottentote é manifesta: «Era o vestido d'estes cafres um mantão de pelles de bezerro com o cabello para fóra, as quaes untão com graixa para serem molles: o calçado, de duas e tres solas de couro crú pregadas umas nas outras, de fórma redonda, nas quaes anda o pé atado com correias.» (*H. trag. mar.* I, 133; naufr. da náó S. Alberto) As duas áreas, cafre e hottentote, tocam-se pelos bechuanas, atravez do Kalahari: os cafres para oriente, os hottentotes para occidente. Mas a área bantu, subindo a costa até ao cabo Guardafui e internandose, Zambeze em fóra, além do equador, abrangge quasi toda a Africa austral (pois o dominio hottentote é minimo) e ainda uma parte da Africa central, na região dos grandes lagos.

Com a área bantu confinam por oriente os núbios e ao longo do Sudão, até ao golpho de Guiné, os negros, cujo estado social vae desde a vida nomada até quasi á urbana, desde a caça á agricultura, desde a pedra lascada ao ferro forjado depois de fundido o minerio.¹ Os traços fundamentaes dos momentos successivos da civilisação acham-se,

1 V. *O Regime das Riquezas*. p. 126.

póde dizer-se, todos; mas acham-se expressos de um modo rudimentar, combinados e complicados por fórma que nem por isso os negros deixam de ser incluídos entre os selvagens. Isto mostra quanto seria viciosa uma classificação ethnographica tendo por base e methodo os caracteres sociaes, mostrando tambem o limite da capacidade da raça negra. Se outras raças não podem passar do estado caçador ou pastoril como os visinhos hottentotes, por exemplo, esta, no seu desenvolvimento, chega aos typos superiores de vida collectiva: tem cidades, ara campos, trabalha os metaes; mas tudo isso fica estacionario, primitivo, como um esboço apenas, porque uma intelligencia infantil não lhe consente que tire d'essas premissas as conclusões evolutivas consignadas na historia das raças superiores.

Assim o negro não é, evidentemente, como o polynesio, por exemplo, um caduco e degenerado. A robustez e a conformação do typo physico exprimem a verdade da sua historia: é um homem mais ou menos primitivo. O guiné ou o mina são os melhores exemplares da raça negra, que tem no delta do Niger o fóco da sua área actual. Ahi pullulam as linguas: o odji fallado pelos achantis, pelos fantis, pelos akins, pelos akuapins; o ga fallado em Akra; o negbe em Whydah; e o eué pelos dahomés, yorubas, efiks, etc. Essas linguas, distinctas, mas todas affins, fazem crer que as tribus ou nações do golpho de Guiné chegaram ao seu *habitat* de hoje já diferenciadas, vindo de pontos distantes pelo valle do Niger parar e reunir se no litoral. Em Calabar termina um grupo cuja extensão para o interior parece consideravel, pois vae até ao Adamoa: é um feixe de linguas isoladas, como o mbafu, o mitchi.

No Senegal, o *habitat* do negro confina com o marroquino, e as raças indigenas apparecem mais ou menos cruzadas com sangue berbere, e mahometisadas: são os jolofos e mandingas que entre o Senegal e o alto Niger teem o nome de bambaras; são os sutus de Rio-Nunes e os veios da Serra-Leoa. Para além do Niger, a entestar com as populações hamito-semitas e nubias do valle do Nilo e das margens do Sahará, e mais ou menos cruzadas com ambas, vivem as raças suddan e tibbu. No Sudão, os sonrhais, os negros de Haussa que Barth quer que sejam os atarantas de Herodoto, os kanoris e outras tribus de Bornu, os baghirmis, os nadais do Darfur, são tibbus; confrontam com os negros do alto-Nilo: os chillucks da margem esquerda e os djurs e os lonohs e os nuers da margem direita, raiando com os dinka, affins dos barris ferozes que chegam ao lago Victoria.

Entre estes typos extremos da raça, extremos geographicamente e extremos em civilização, incluem-se todos os graus ou estados da gente negra cuja área, ao sul do Sahará, vem desde o Atlantico até ao Nilo, entestando primeiro com a área bantu, depois com a nubia.

Essa região interior do Sudão, nas planicies de Senaar e nas margens do Nilo branco, entre a Abyssinia e a Nigricia, é o ponto de contacto de numerosas raças. Ahi raiam as áreas negra por occidente, hamito-egyptia por norte, etbiope a leste, e bantu pelo sul. Entre estas gentes de sangue diverso, estão os nubios que, embora penetrados por ellas de todos os lados, mantem distincto o nucleo breve de uma das mais antigas e caracteristicas especies de homens. A Nubia e o Sudão, atraves-

sados pelas estradas das caravanas que vêm do Oriente a Tomboktu, teem em Cobe, no Darfur, uma dos centros de commercio circum-sahariano: Andjelah é o segundo, Murzuk em Fez o terceiro. Uma embriaguez de côr seduz essas populações das zonas seccas onde a luz é deslumbrante. Ao longo do Niger e junto ao Tchad domina o azul com que se tingem as barbas. Em Sackatu as mulheres pintam os cabellos com anil, com vermelho os dentes e as unhas das mãos e dos pés; as de Nyffé trazem os cabellos e os sobr'olhos azues, as pestanas negras a khol, os beiços amarellos, os dentes vermelhos; as nubias em geral tingem da mesma côr a palma das mãos e as unhas, de preto as palpebras e os labios, carregando as orelhas com brincos e os braços e pés com anneis de prata.

Duas grandes divisões constituem a raça nubia: (1) os fullos, ou africanos vermelhos; e (2) os nubas ou nubios, propriamente ditos, a saber:

Fullos	}	Fullos, a oeste, espalhados no Sudão, a entestar com os mandingas (borghus, sakatus, etc.)
		Diurs, bongos, mittus.
		Mombuttus, sandehs ou nyam-nyams.
Nubios	}	Barabras, ou berberes da Nubia.
		Dongolenses, fundjis.
		Bedjas, do Taka (tribus hadendoas, halenga, bisharis).
		Nubios proprios: hadharébe, ababdeh, etc.

O nubio é mais ou menos preto, tirando para o vermelho e não para o branco como o negro: quando a côr clareia faz-se castanho, não se faz pardo. Schewinfurth, o grande explorador do Sudão e da Nubia, inclue na stirpe dos africanos vermelhos os mombuttus e os nyam-nyams, androphagos, caçadores de uma ferocidade celebre: são o typo do barbaro na expansão superior da força e da liberdade natural. Barbaros tambem são os

barabras e dongolenses do Kordofan, tribus que pela lingua (tumale, tekele, koldagi, kondchara) se incluem no ramo nubio; barbaros os bedjas, os ababdehs do deserto de entre o Nilo e o mar Vermelho e das montanhas parallelas á costa. Mais para o interior, sobre o Nilo-branco, na raia austral da área nubia (6-8.º N.) os diurs, os bongos, os mittus apresentam ao lado dos nyam-nyams habitos pacificos de agricultores.

Se a zona dos fullos leva para oeste a área nubia ao longo do Sudão até quasi á Senegambia, a zona dos do Nilo-branco leva-a pelo sul e para leste á nação dos gallas, que são negros por caracteres physicos, mas ethiopes pela lingua, isto é, filiados na raça hamito-semita, em cujo seio vamos entrar.

São de oito a dez milhões os gallas, que, divididos em mais de vinte tribus agrupadas em dois ramos: (1) bertumas, ou gallas de leste; (2) borans ou gallas de oeste, se estendem na vasta área que tem por norte a Abyssinia, por oeste o Nilo-branco, indo acabar na ponta do Djar-ha-fûn ou Guardafui por leste, contornando o golpho de Aden e descendo pela costa dos somaulis até ao Zanzibar. Pelo sul os gallas raiam com a Cafraria.

Pelo norte, conforme se disse, entestam com a Abyssinia e com os ethiopes; e a affinidade é tal que Müller inclue as linguas de ambos no segundo grupo, ou ethiopico, das linguas hamitas: bedscha, e somauli-dankali-galla. Latham, porém, e os inglezes, consideram o gheez, ou antigo-abexim, um dialecto arabe, e d'ahi incluem os ethiopes no ramo semita, não no hamita. A lingua fallada no Tigré e no Anhara é uma derivação do gheez, e

os ethiopes seriam (com os somaulis-gallas, mais ou menos cruzados com negros) um povo semita, arabe, encravado ao occidente do mar Vermelho, dentro da área hamita.

Ritter, o celebre geographo, divide o paiz em tres grandes regiões habitadas por tres camadas ethnicas, distinctas, embora descendentes de uma stirpe commum, ficando sob ellas, no litoral, os somaulis, negros e barbaros :

- 1.º terraço — o imperio do Baharnegash; (o «barnegaes» das *Lendas*)
- 2.º « o reino de Tigré, antigo estado de Axum;
- 3.º « o paiz dos Anharas, já sobre o Nilo.

A politica e a ethnographia coincidem por tal fórma com a constituição orographica da Ethiopia que é uma vasta encosta, descendo em socalcos desde as regiões niloticas até ao mar Vermelho, ora torrada e secca, ora umbrosa e vicejante nos valles fundos das montanhas. Qualquer que seja o grau de unidade de descendencia dos ethiopes, um *habitat* tão diverso nas suas varias zonas basta para determinar physionomias, habitos e estados afastados. O somauli da costa, selvagem quasi, barbaro o ethiope nilotico, negros ambos: é nas zonas medias que se acha essa lendaria côrte do Preste-João, com o seu christianismo bastardo por ter ficado insulado para além do Egypto musulmano, com a sua existencia nomada á maneira das côrtes da Persia, com o seu regime entre feudal e monarchico-sultanesco, isto é, senhorial, sob um commando militar-religioso hereditario. E' tambem na zona media que a côr passa do negro ao acobreado, que as feições adquirem traços europeus, e a estatura se desenvolve produzindo um bello e robusto typo de homens. Descendo para oeste, na bacia do Hanach, entra-se na terra dos gallas ne-

gros, selvagens caçadores de feras. Descendo para leste, no litoral, acham-se os schohos ao sul de Massuah, mestiços de somaulis e gallas, negros de todo ou quasi, com o cabello encarapinhado, pastoreando independentes os seus rebanhos. Já assim era no tempo em que nós avassallavamos essas terras: «Os moradores (de Macua, Arquiquo, Barbosa e Zeila) são mouros (arabes) e pela maior parte negros, mas tratam-se bem e andam a cavallo.» (M. Correia, *Comm. aos Lusíadas* x, 50)

A mysteriosa Ethiopia, imperio christão que a Edade-media localisava nos confins do mundo e em busca da qual nós descobrimos o caminho da India, ficou desvendada pela embaixada que regressou a Goa em 1526 com Heitor da Silveira. Mas da bocca d'esses proprios embaixadores vieram tradições de estranhas cousas e a Ethiopia, se perdia o character mysterioso como um reino e uma christandade, ganhava a fama de uma terra de singulares phenomenos naturaes, como Sião, ou o Pégú. São uns os seus bugios,¹ são outros as suas amazonas.²

1 Brehm (*Thierleben*, 1, 79-82) tomou parte em um combate com armas de fogo contra um rebanho de bugios na portella de Mensa. Os bugios responderam rolando sobre os flancos da montanha tal quantidade de pedras que os assaltantes bateram em retirada, ficando a caravana impedida de passar muitos dias. Veja-se em Darwin (*Desc.* I, 54) o character das combinações e manobras dos bugios.

Compare-se agora esta noticia com a dos nossos embaixadores: «Em algumas terras ha tantos bugios que no tempo que os pães estão maduros se juntam ás quadrilhas do povo que com arcos e fundas vão pelejar com elles, porque lhe não comam a novidade, e os correm dos campos, até os fazerem recolher ás serras, onde os bugios não podem entrar senão pelas portas que para isso têm abertas, e como são dentro mettidos lhe tomam as portas com que os bugios não podem tornar e assi os tem prezos até que acabem de recolher os campos.» *Lendas da India*, III, 1.^a parte, p. 75-6.

² Ha (no reino de Mante, junto das terras do Preste) umas mulheres

Atravessando para além do mar Vermelho, entramos na Arabia e na área incontestavelmente semita. Essa área, limitada á região de entre o mar Vermelho e o Euphrates, com o Mediterraneo por limite ao norte e o oceano indico por fronteira austral, expandiu-se desde os tempos prehistoricos, colonial, commercial, e militarmente em todos os sentidos. Dos tres ramos semitas, (1) arameano, (2) hebraico, (3) arabe, o primeiro occupa Babylonia desde o tempo das dynastias hamitas e vem até á Syria. O segundo, comprehendendo judeus, canaanitas e phenicios, espalhou as suas colonias por todas as ilhas e costas do Mediterraneo, propagando o alphabeto e o uso dos metaes, abrindo uma edade nova á historia primitiva da Europa. Desde o mar Negro até á Hespanha, o phenicio que passava as Columnas-d'Hercules para ir até ás ilhas Cassiterides (britannicas) em busca de estanho, tinha lançado uma rede de feitorias, algumas das quaes, como Carthago, chegaram a ser verdadeiros imperios. Semitas de Canaan eram tambem as tribus dos Hyksos, os reis pastores que em 2167 (Lepsius) conquistaram o Egypto, governando-o por cinco seculos. Semitas, finalmente, eram as colonias de judeus, da Asia-menor, da Grecia, da Italia, ás quaes S. Paulo veiu ensinar o christianismo e que fundaram as primitivas egrejas. O terceiro ramo, o arabe, teve na sua historia religiosa um

de grandes corpos e forças e muy trabalhadoras a que chamam pagodynias que são como amazonas. Ellas têm a posse e o mando do reino. Quando querem praticar com algum homem pedem licença á rainha. E se com ellas entra no reino algum homem sem licença o matam, e se alguma mulher mete homem sem licença a matam. Os filhos que lhea naceem dão a criar a cabras e ovelhas e outras alimarias que para isso têm buscadas quando andam prenhes; e como os filhos sabem comer os levam e deitam fóra do reino e nunca mais os veem, nem conhece o filho á mãe, nem a mãe ao filho. (*Ibid.* III, 1.^a p.).

motivo de expansão maior, ou na necessidade d'essa expansão a causa de uma historia religiosa diversa da christan. Ao passo que o christianismo, prégado na Europa, se hellenisa, destacando-se da Judéa esmagada pelo romano: o mahometismo é a religião de um povo que se levanta em exercitos tendo por apóstolos generaes. Prégando o Islam, enquanto combatem ou commerceiam, os arabes saem da sua peninsula e arrastam na orbita da sua attracção as populações por onde passam. Exercitos que já não são arabes, mas que o espirito mahometano inspira, submettem o Egypto e toda a Africa do norte até Marrocos. O copta, o nubio, o berbere, fazem mais do que obedecer: identificam-se, arabisam-se, e os restos d'essa onda que rolu pela Africa vêem-se por toda ella na religião e no sangue. Os mouros de Marrocos são tambem semitas, mas de uma invasão anterior ás conquistas dos generaes mahometanos. De Marrocos passaram os arabes á Hespanha conquistando-a, até aos Pyreneus; e a sua demorada occupação das provincias meridionaes da Peninsula deixou profundos vestigios. Para o lado opposto da Africa, semitas assentaram na Ethiopia, e se ella por excepção ficou christan, o mahometismo e o sangue arabe foram por via dos missionarios e mercadores descendo ao longo da costa de Zanzibar até Moçambique, produzindo os cruzamentos negroides e os sultanatos da Africa oriental. Para além do golpho persico e do oceano indico, na Persia, no Beluchistan, na India, os arabes submeteram tambem as populações iranianas e aryanas a um dominio politico e religioso mais ou menos fixo. ⁴

As migrações, colonisações e conquistas dos se-

mitas do norte correspondem aos primordios da historia, e a sua influencia na civilisação indo-europêa principia pelo ensino do alphabeto e da metallurgia para acabar pelo christianismo. A área semita da Antiguidade abrangia (além das feitorias e cidades, dos litoraes e ilhas mediterraneas) a Syria, a Phenicia, a Palestina, a Mesopotania, a Chaldêa, a Assyria. A Susania e a Arabia eram o dominio dos semitas do sul, ou arabes, cujo papel historico é recente, e cuja influencia é diversa. Ao passo que o christianismo, hellenisado, se tornou a religião dos europeus, identificando-se por seculos com a nossa civilisação typo, e condemnando a raça mystica dos judeus d'onde essa religião procede: o islamismo, sem passar a mãos alheias, conservando o seu character semita, foi o instrumento de submissão dos iranianos a uma hegemonia arabe. A Persia não pôde fazer á religião de Mahomet o que a Grecia fez á religião de Nazareno; a Persia decaiu, pois; e o islamismo, excellente codigo para raças inferiores, passou a ser instrumento de cultura dos negroides e negros africanos, e tornou-se a religião turca. Os arabes voltaram tambem como os judeus a viver obscuros; Meka e Jerusalem ficaram como afastados monumentos, lugares-santos no meio de paizes e gentes abatidos.

A área onde o semita é indigena vem, como já se disse, desde o Mediterraneo até ao mar da India, ladeada pelo mar Vermelho a oeste, pelo Euphrates e pelo golpho persico a leste. Por norte, na religião mediterranea da Syria e da Palestina, o terreno é em grande parte montanhoso, arborisado e humido: d'ahi o character fixo da civilisação dos syrios e phenicios. No centro, a Arabia é um areal e um deserto, prolongamento do que vem de Marrocos acabar na Persia; e ao sul, nos declives da

India, o Yemen volta a apresentar-se risonho e vigoroso. Assim, a população da Arabia, em parte agricola, é na maior parte nomada, e a condição de existencia que a natureza local determinava foi ainda favorecida pela situação geographica.

Estendida entre os valles do Nilo e do Tigre-Euphrates, onde a agricultura e a civilização de Memphis e Babylonia se desenvolveram em éras remotas creando emporios commerciaes e fabrís, a Arabia tinha, de ambos os lados, como que celleiros onde podia abastecer-se. Intermediario, o arabe era o conductor das caravanas, era o commerciante, trocando os seus cavallos, os seus camellos, as cabras e carneiros dos seus rebanhos, pelo pão e pelos utensilios e armas. As civilizações proximas não lhe faziam sentir os inconvenientes do seu estado barbaro. E quando o commercio definhava, o arabe suppria-se roubando, se é que de primitivas razzias não veiu gradualmente a origem das trocas pacificas. ¹ O solo e a historia de mãos dadas concorriam para manter a Arabia no estado nomada.

Tres zonas geographicas congregam a população da Arabia :

O NEDZHED, ou Arabia central, contendo as populações affins e vizinhas da Syria, ora pacificas e agricultoras como os beni-Tamar, dos mais primitivos stratos ethnicos; ora nomadas e guerretros como para os lados Shammar.

O HEDZHAZ — a faxa que deita sobre o mar Vermelho, habitada pelas tribus beduinas indigenas, entre as quaes ainda ha representantes do sangue dos koreish do tempo de Mahomet. Em Dzhidda e Mekka, nos lugares-santos (á maneira de Jerusalem) a população é cosmopolita, como convém aos tabernaculos de religiões catholicas, universaes, ou proselyticas. turcos, persas, indios, africanos, todos os san-

¹ *O Regime das Riquezas* pp. 89-102

gues unificados pelo Alcorão; se vêem representados junto á Santa-Kaba, o sepulchro-santo do Islamismo.

O YEMEN, o HADRAMANT, o OMAN, constituindo a Arabia-felix dos antigos são a região intermedia das cidades do litoral austral e do deserto interior. Por essas montanhas vivem selvagens os merekedes, raça dos asyr; os beni-kelb (*kelb*, cães) que se diz fallarem como que ladrando. Nas cidades litoraes, Maskat, Kuriat, Rustack — assoladas pelo grande Albuquerque na sua expedição de Ormuz, — misturam-se as raças varias que rodeiam o mar das Indias: persas, malabares, afghans, africanos, etc.

Fóra da Arabia, as migrações e conquistas espalharam pela Africa setentrional manchas de população arabe ethnographicamente apreciaveis: ¹ são os cachim, os hillel, os machil, que, mais ou menos cruzados com berberes, vão pelo deserto tocar-se com os negros ou negroides suddans em varios pontos. São, no Egypto, onde o cruzamento com o hamita não é commum, os magdyeh de oeste e os ellahomyeh de leste do Nilo. São, no interior até á Nubia, os hetsenats, os mohammedyehs, os chonkryehs e muitos outros. São, finalmente, os mouros de Marrocos que indo até ao Senegal formam ahi as tribus mestiças dos trazzas (das margens do Senegal até ao Tiris e para além do Dugana), dos darmankurs (entre o Tiris e o Azuad), dos braknas (de Dinar até para além de Saldé), e dos doviches, no Tagut, todos musulmanos, ferozes, vivendo de rapina.

Assim, desde os confins occidentaes da Africa,

¹ Os ethnographos dão á população arabe de fóra da Arabia os seguintes numeros:

No Egypto (beduinos)	70:000
Em Trípoli	300:000
Em Tunis	500:000
Na Argelia	1.500:000
Em Marrocós	3.000:000

trilhando o Sahará que vae até á Persia, póde dizer-se que temos uma área arabe, no coração da qual a Arabia-deserta é uma zona interior d'essa faixa ardente onde não chove. Encerrada entre as montanhas de Babylonia e a Mesopotamia do Euphrates, entre a Syria, a Arabia-petrêa, e a Arabia feliz, ou Yemen, a Deserta consiste em vastos e cansados arcaes onde se não vê uma pedra, nem uma herva, nem trilho, nem carreira. O chão fulvo ondeia em temporaes como os do mar, compacto e homogeneo tambem na sua massa. Não ha uma sombra, nem uma nuvem no céo metallico, nem um dentado recorte no horisonte, nem um fio de agua pelas ondulações da areia. De dois em dois dias de jornada encontra-se um poço de agua pôdre, (Godinho, *Relação do novo caminho, etc.*, xviii, 131-2) e o solo ardente mirra, mumifica o viajante que morre nas tempestades do deserto. N'esta solidão caminham imperialmente as fêras: os tigres e os leões em jornada para o Euphrates onde vão beber; caminham submissos os camellos das caravanas que vão da Persia e da Chaldêa á Syria, á Mesopotamia; vagueia o *alarve*, astuto contra as fêras, cruel com os mercadores, vivendo de rapina. Se o leão ruge no silencio do deserto, o alarve, a cavallo sempre, com a barba espessa, a cabeça rapada, a tez negra, a ossatura saliente, os olhos negros fusilando encovados, sobre a pelle a ampla tunica branca, sobre a tunica a samarra de pelles, na cabeça o turbante negro, na mão a lança, na sella o arco, as frechas, o alfange e a massa de ferro: o alarve sempre armado, hospitaleiro em casa, ladrão no campo, fallando parece combater, «e que a falla lhe sáe do intimo das entranhas.» (*Ibid.* 133-41) Seria algum dos *beni-kelbes*, que fallando como que ladrão, o que ao nosso viajante serviu para o retratô?

Quando não é alarve, salteador de caravanas, o arabe pastoreia nas encostas as cabras e carneiros, agricultando os humus fertéis dos valles. Vive de legumes, de peixe secco, da tamara das palmeiras, do leite dos rebanhos, azedo, fermentado, ou feito em queijos. Veste uma cabaia ou tunica branca, da garganta aos bicos-dos-pés, e na cabeça põe um turbante vermelho. Usa umas espadas curtas e largas, brechis são lanças, e é grande atirador de espingardas. Carrega-as com um só pelouro, mas mettido tanto á força que ao sahir é palanqueta. Para atirar, encosta a espingarda, e quando não tem a quê, senta-se: dos dedos dos pés faz forquilha. E' ruim o atirador que mirando o olho deu na sobrancelha. São estes arabes gentis cavalleiros, valentes, bellicosos. (*Ibid.* x 69) São estes os arabes que o nosso viajante observou na primeira metade do seculo XVII: serão muito diversos os de hoje? Não é de crer; porque o estado das populações é tanto mais duradouro quanto a condição é mais primitiva. Assim a natureza conserva ainda hoje os primeiros typos rudimentares de seres vivos, e muitos dos intermediarios, ou se perderam, ou definham extinguindo-se. Um kraal de africanos existe sem alterações por milhares de annos, um aduar de beduinos dura seculos, uma aldeia de montanhas não se transforma: só a cidade diariamente muda, progredindo ou decaindo. Hoje Roma é um turbilhão de palacios, amanhã um monte de ruinas.

Voltemos para a Africa, pousando a nossa tenda de campanha nas margens pingues do Nilo. O mar Vermelho é breve e pouco fundo; e o Egy-

pto, a Barberia, com as suas gentes hamitas, chamam-nos para terminarmos esta nossa jornada.

Se ha exemplo da influencia de um lugar no desenvolvimento de uma civilisação, esse exemplo é o Nilo e o antigo imperio do Egypto. O valle do rio é o verdadeiro berço de uma civilisação indigena e typica. Mas se ha tambem exemplo frisante do papel eminente que têm as faculdades ingenuitas da raça e os acasos da historia, o Egypto é esse exemplo; porque a sua civilisação, tão bem nascida, tão accentuada, tão desenvolvida, definiu ao contacto dos gregos e latinos, para vir a cahir n'uma barberie sob o dominio dos turcos.

O Nilo creou uma breve faxa de alluviões, tão breve que em media se transpõe em tres ou quatro horas de jornada, mas tão fertil que basta para o alimento de milhões de homêns. Vasando os plan'altos arborisados da Africa central, correndo entre duas cordas de montanhas que por leste e oeste o encaminham, defendendo-o das areias invasoras do Sahará e das dunas que se sobrepõem em terraços até ao mar Vermelho, o rio vem trazer ao Egypto os humus das serras da Nubia, da Abyssinia, da terra dos gallas, do paiz dos negros na região dos lagos. Fluctuando, a riqueza de um povo caminha assim meia-largura do continente, até assentar nas baixas da praia mediterranea. E o rio, primitivo conductor do solo pingue, traz consigo a humidade que refresca o ar, e cada anno, em cada cheia, um novo subsidio de humus fecundantes. No solsticio do verão, quando a neve dos picos das montanhas principia a derreter se, quando as chuvas se entornam pelos tropicos, o rio incha, sobe e alarga, pausadamente porque as aguas vêm de muito longe, por uma estrada plana e dilatada. Pelo fim de julho, o Nilo trasborda,

alagando passo a passo o valle inteiro, até á raiz das montanhas marginaes. Ao cabo de setembro chegou ao maximo: seis metros acima do nivel minimo da estiagem. Começa então a descer, com pausa, chronometricamente; e a sua cheia, estendendo sobre a terra um vasto lançol de agua nos mezes de verão ardente, dá ao Egypto um clima temperado, entre os dois climas torridos do Sahará e da Ethiopia.

Já desde Herodoto se repete que o Egypto é uma dadiwa do Nilo; e não falta quem tenha apontado a serie de motivos naturaes determinantes do desenvolvimento da civilisação hamita. A seclusão do valle é logo um motivo de congregação e caracterisação ethnica. A luxuriante fertilidade da zona encravada entre desertos seccos é um evidente motivo de selecção. Congregada a gente sobre um solo periodicamente regado e adubado, é de vêr que a agricultura primaria sobre o pastoreio. Mas, perante cheias annuaes, sentiu-se a necessidade de abrigar os rebanhos, defender as casas, observar os periodos do phenomeno e suas leis; e como essas cheias duram tres mezes, forçoso foi descobrir meios de andar sobre a agua, e de marcar os terrenos apropriados para que, outra vez a secco, podesse saber-se de quem eram. Prevêem-se as consequencias de taes circumstancias. Para além, nas montanhas nubias onde ha cataractas e um curso torrencial em grotas apertadas e rapidas, o rio divide: aqui associa. Se é um vasto lago parado, como é de verão, basta uma taboa para navegar; se de inverno faz do chão uma área plana, a terra convida a um contacto que a propagação da gente e os limites naturaes da bacia fluvial tornam necessario. Além d'isso, para além dos montes ficam as tribus de

salteadores, do deserto e das montanhas, invejando a fortuna adquirida, escutando se o egypcio dorme para cair sobre elle e saquear-lhe os campos. A riqueza e a unidade do territorio são pois causa da unidade das instituições sob o commando de um monarcha. Mas a acção benefica da protecção social, favorecendo mais ainda a propagação da gente, traz comsigo a relativa pobreza. Já o chão que o Nilo enriquece não basta. E' mister dissecar os paúes que elle de inverno deixa alagados; é mister levar a rega ás encostas dos montes, acima do nivel maximo das cheias. Vico denunciou a historia social de Roma como o typo da historia das instituições civis: é mister denunciar a historia economica do Egypto como o typo da historia economica das collectvidades humanas.

As causas naturaes deram as instituições unitarias, provenientes da necessidade de defeza, consequentes da multiplicação da gente e da grandeza das obras hydraulicas: diques e açudes para conter e distribuir as aguas fecundantes do Nilo. A necessidade acordou a industria, a industria trouxe comsigo a criação de um mecanismo bastante poderoso para a execução das grandes obras. Não é isto o que observamos na Europa dos nossos dias, com a sua idade de ferro e vapor? Mas essa civilisação que assim se formou evolutivamente, sob o imperio das condições naturaes, tomou do genio objectivo da raça os caracteres de monotonia e passividade que a sua architectura revela, que a constancia e fixidez dos phenomenos do rio-mãe, a solemnidade da paisagem, a profundidade azul do firmamento puro infundem, e que se traduzem não só nas pyramides que são collossos, mas tambem na religião da Morte de que as pyramides são templos.

As causas naturaes existem ainda hoje, e não é temeridade affirmar que por este lado o Egypto de agora não differe essencialmente do antigo; mas os motivos moraes-organicos da civilisação perderam o merito desde que no Mediterraneo appareceu uma raça mais bem dotada, e a civilisação caiu, vindo a sociedade por fim a tombar tambem em ruinas. Assim se demonstra como não basta o *meio* para produzir o homem. Se o Nilo não seccou, porque motivo caiu o Egypto? O Nilo continúa a fertilisar o chão: cresce hoje o assucar e o algodão onde outr'ora viçavam as cearas; mas já desde seculos não ha uma civilisação egypcia. Apenas agora, ao lado do turco só capaz de mandar, combater e gozar, sómente homem no campo e no harem: apenas agora, depois das tentativas mallogradas dos romanos, os descendentes dos latinos estão ao lado do khediva, governando-o a elle como a um sultão e ao Egypto como a uma colonia.

O Egypto é hoje uma vasta massa de população, ainda como nos tempos antigos mais ou menos escravizada. Sobre os fellahs acamam, explorando-os, uns milhares de homens de varias raças. ¹ O fellah e o kopta são indigenas, os mais são forasteiros. O fellah, submisso e humilde, movendo a braço as chadufas para levantar a agua dos poços, guiando os bufalos da saki, a nora indigena, é o homem de trabalho do Egypto, o lavrador das plantações que o Nilo rega. Placido na expressão da bocca quasi muda, como uma sphinge, lavra, rega, sachas as

¹ Raças do Egypto (1844 ap. Brace, *Races of the world*)

Fellahs — mahometanos	1.600:000	Caucasios	5:000
Koptas — christãos	150:000	Judeus e syrios	12:000
Turcos — osmanlis	12:000	Gregos e romanos	7:000
Arabes — beduinos	70:000	Berberinos	5:000
Negros, escravos	10:000	Inglezes, francezes, etc.	9:500

propriedades do khediva e dos senhores, ou antes dos banqueiros de Paris e Londres que tem tudo sob hypotheca. O turco devora o fellah, o judeu moderno devora o turco. A isto chegaram as cousas desde os pharaós, tristemente. É o fellah, com a tez côr de barro, a barba rara, as palpebras fortes velando os olhos, tem ainda o antigo typo egypcio. A sua miseria fal o creança, pueril e tonto, como um palhaço. Veste uma longa camisa azul atada á cintura por uma corda; põe na cabeça um panno de algodão azul tambem, ou branco; anda descalço com as pernas nuas. Os filhos, egualmente nús, pulam no lodo negro á porta das tocas de argila onde o fellah habita, com a porta apenas para luz e ar, e por mobilia uma panella, uma esteira, uma bilha. Chamam-se entre si irmãos e ainda injectam nos braços velhos symbolos tradicionaes, tatuando-se; ainda as mulheres pintam as unhas de vermelho, como fazem os seus remotos parentes da Nubia.

O fellah é mahometano; o kopta que já não falla mas ainda escreve a sua velha lingua, é christão. O fellah é proletario, o kopta é burguez: commerciante, industrial, scriba no Cairo. Como burguez extingue-se, fundindo o sangue com o dos invasores; mas nos exemplares puros que ainda restam vê-se o classico typo egypcio. A estatura é mediana, a tez parda, os cabellos negros annellados. Tem pouca barba, o nariz largo, os beiços grossos, as maçans do rosto salientes. Poucos habitam o Delta, a maioria d'elles vive no medio e no alto Egypto, melancolicos, taciturnos, humildes, obsequiosos; mas perfidos e dissimulados, arrogantes e duros com os inferiores. Não é tudo isto o que vêm inconscientemente da decadencia progressiva?

Não está bem assente a ethnogenia das raças que assentam dos dois lados do mar Vermelho : semitas a leste, hamitas a oeste. Essa familia humana, negra na côr mas europêa nas feições, é objecto de controvertidos pareceres. Emquanto uns defendem a inclusão de arabes-mouros-ethiopes (com os gallas, somaulis, etc.) no ramo semita, isolando-o dos egypcio-tuaregs, ou ramo hamita, outros não reconhecem a autonomia d'esse ramo ; outros ainda consideram como membros d'elle os nubios e os gallas e ethiopes. O leitor viu qual d'estas classificações preferimos. Com effeito, as affinidades são muitas, e d'ahi vem a opinião de que os hamitas se teriam destacado de um grupo de pro-semitas, antes que a individualisação das raças a que se chama propriamente semitas se tivesse dado. Assim nós incluimos os dois grupos de gentes sob a denominação de hamito-semitas. O judeu ao norte, o arabe ao sul, são os dois typos do segundo ramo ; o egypcio e o tuareg são tambem os dois typos do primeiro, ao qual a civilisação do valle do Nilo marca o limite de capacidade da raça que nas populações saharianas se conserva n'um estado selvagem ou barbaro.

Auctorisarâ o que sabemos, a suppôr que os hamitas, egypcios e tuaregs, sejam historicamente autochtonas na Africa setentrional? Por outra : não haverá vestigios de algum remoto strato primitivo da raça negra, a raça africana? Ha. Os tuaregs tambem têm os seus ilotas, os imgh'âds, raça degenerada sob a escravidão, quasi negros que se suppõe descenderem de populações anteriores, subjugasdas pela invasão dos berberes. Ainda hoje aos imgh'âds, que são servos ruraes, é prohibido o uso de lança e espada. Tambem no Egypto, diz Lenormant, é já insustentavel a theoria de que a ci-

vilisação represente o desenvolvimento de uma raça africana cujo primeiro foco estivesse em Meroé e que passo a passo tivesse descido até ao mar. Mas se a migração dos hamitas encontrou sobre o Nilo uma população autochtona selvagem, imgh'âd ou outra, sobrepoz-se-lhe e dominou-a de fórma a absorvel-a.

A éra d'essa remota migração dos hamitas na Africa, a éra da migração dos mouros de Marrocos, que são arabes semitas, estão por determinar. Quando a historia tomou conhecimento da Africa, já ella era essencialmente o que é ainda: egypcia, tuareg, marroquina. Herodoto é o seu mais antigo historiadór, e os gregos conheciam o Nilo até Khartum, tinham noticias exactas da Nubia; mas Eratosthenes considerava o Djar-ha-fûn (Guardafui) um finisterra austral. A partir da éra dos phenicios o litoral afro-mediterraneo é o theatro de repetidas invasões e colonias, a scena de grandes tragedias; mas a influencia d'esses movimentos ethnicos limita-se á costa, sem penetrar no interior que desde seculos ou millenios se conserva n'um estado proximamente constante. Depois dos phenicios que fundam Carthago, vêm os romanos que a destroem, acabando por sujeitar ao seu imperio (no I século) toda essa região á qual dos *nomades* chamaram Numidia. Apenas a Nubia e a Ethiopia escaparam ao dominio imperial. Em 476 sobrepõem-se aos romanos os vandalos de Genserico, um seculo depois batidos pelos byzantinos, a quem os arabes vêm desapossar, em 638, do Egypto, em 647, da Cyrenaica. Essa conquista religiosa e politica estava consummada até Gibraltar antes do fim do VII século; ⁴ mas a stratificação ethnica só teve logar no XI com a invasão das tribus arabes ainda hoje re-

⁴ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. 73-5.

presentadas na população da Africa mediterranea. Depois dos arabes vieram os turcos governar em Argel, em Tunis, em Tripoli, no Egypto, enquanto Marrocos se regia com dynastias indigenas. Por fim, a contar do seculo xv em Marrocos com os hespanhoes, ¹ e do nosso seculo em Argel e Tunis com os francezes, o dominio eminente dos litoraes passa ás raças herdeiras da civilisação e da lingua dos romanos.

O character accidentado e dramatico da historia do litoral da Africa mediterranea contrasta com a mudez das regiões interiores, d'onde saem periodicamente os cavalleiros de Jugurtha e Masinissa, os exercitos almuhades e almoravides, depois os guerreiros de Abdel-Kader; os que ameaçavam Carthago e eram seus mercenarios, os que se bateram contra os romanos, os que vieram duas vezes conquistar a Hespanha, ² os que finalmente supportam, sem se submeter, o jugo da França. A razão d'esse contraste é geographica: está no Atlas, a muralha que ladeada ao sul pelo impassavel fosso do Sahará impediu os romanos de penetrar na Africa. Para além do Atlas está o Sahará, para além do Sahará a Nigrícia ignota, isolada — essa região a que os antigos chamavam portentosa. O deserto é um massiço de areia secca que mede em área tres vezes a França, duas o Mediterraneo, caminhando de oeste para leste, desde o Atlantico até á zona do Nilo entre 15 e 30° N. Levantado acima do mar entre de 400 a 1:000 m. é um vasto systema de dunas de areia fulva. Diz-se Falat o deserto puro, Kifar o medio, Fiafi a região dos oasis. O deserto nú ondula em pó como o mar em agua, e ao pôr do sol no hori-

¹ *Hist. da civ. iber.* (3.^a ed.) 175-6 e *Hist. de Portugal*, (4.^a ed.) l. III, 2.

— ² *V. Hist. da civ. iberica* (3.^a ed.) p. 84-8.

sente parece verem-se chammas de vulcões. Em depressões graves palpita a agua dos schotts carregada de sal que, branqueando a areia, brilha como diamantes. Nos niveis baixos, por norte em direcção do Egypto, por oeste na estrada de Timbokotu, apparecem com as nascentes os oasis, verdadeiras ilhas, pontos viçosos que se destacam na vastidão parda, como a rocha escura sobre o langol azul do mar.

Não se creia que o Sahará acaba com o Nilo. Descendo em terraços successivos para o oriente, vae reaparecer além do mar Vermelho. A linha nortesul dos oasis, a linha parallela do Nilo e a linha pouco divergente do mar Vermelho, são como tres valles no systema das montanhas de areia — fundo de perdidos mares sublevado pelas forças titanicas do laboratorio da terra. Todos os tres valles estão, como já se disse do Nilo, encaoados em cordas de affloramentos de rochas que os determinam e os defendem da invasão das areias. Passado o ultimo, o do mar Vermelho, o Sahará inclina um tanto para norte e na fórma de um triangulo truncado, tendo por base o oceano, atravessa a Asia nossa conhecida, dos Himalayas ao Altai, incluindo a Arabia e a Persia, Cabul e a Bokharia, o Sindh, o Thibet e parte do Turkestan chinez. Se a esta área adicionarmos a africana, obtemos quasi a quarta parte dos continentes que atravessa. O nosso globo é ingrato.

Foi este isolador, o Sahará, que tornou a India, a China e a Africa por tantos seculos ignotas á Europa, da mesma fórma que o mar tornava ignota a America; e só quando o progresso da navegação permittiu longas viagens, só então foi possível travar relações intimas com as regiões remotas. A' America, isolada pelo mar, só por mar se chega:

a estrada do polo é longa e fria; mas quem sabe se faltarão muitos annos para que vejamos consummada a victoria sobre a fatalidade geographica do deserto — Moscow ligado a Pekin, atravez do Gobi; Constantinopla a Calcutta, atravez da Persia; Alger á Senegambia, passando em Timbokotu, atravez do Sahará; e os europeus, com as suas artes, avassallando o mundo inteiro, centauros montados no dorso da locomotiva?

Decerto assim virá a succeder; e só quando o caminho-de-ferro trilhar de lado a lado o Sahará, acabarão, morrendo, a sua longa existencia barbara, essas tribus que até hoje o Atlas tem defendido do europeu exterminador por destino famoso. Até agora, acastelladas nas serras cujas gargantas defendem, ou acampando nas planicies breves marginaes do deserto, ou trilhando-o nos seus camellos em caravanas, commerciendo, ou salteando os que jornadaem, os berberes teem, na vastidão inhospita do Sahará e nos desvios inaccessiveis das montanhas, a guarida segura com que se defendem a si e ás suas velhas, poeticas e democraticas instituções. ¹

A área berbere ou amazig pertenceu outr'ora a faixa litoral d'onde as invasões de phenicios, romanos e arabes a repelliram para traz dos montes. Os antigos mauritanos e getulos vinham desde o Egypto até ao Atlantico e povoavam as Canarias; hoje a sua área, circumscripta pelo norte, vae pelo sul do Sahará, de oeste para leste, raiar com os mouro-negros, com os suddans e nubios: shillucks, no extremo de Marrocos, tibbus e fullos na direcção do nascente até á Nubia. ² N'um extremo os

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. xxv-xxxv.

² "... e som chamados Alarves, e Azenegues e Barbaros (*berberes*). E todos andam como já se disse, scilicet, em teendas, com seus gaaos

tibbus e depois o Egypto, no opposto Marrocos onde o numero de mouros, de sangue arabe (tres milhões) é consideravel e grave a invasão de hespanhoes e judeus, ⁴ delimitam as outras fronteiras da área amazig, contendo uma população de doze milhões de homens :

Em Marrocos	8.000:000
Argel	3.000:000
Tunísia	800:000
Tripoli	500:000

A principiar de oeste os (1) AMAZIRQUES marroquinos são os primeiros. São brancos e altos, robustos, louros, bem conformados. No norte do imperio são os suhulus; no sul vivem, trogloditas, nas montanhas do Tafilet; e diz-se que a tribo dos suzos é aquella com quem os indigenas das Canárias, já extinctos, tinham mais traços de afinidade. E' mais que provavel o cruzamento dos berberes marroquinos com os mouros, e é sabida a alliança de sangue que nas fronteiras senegalianas produziu os sillucks, inscriptos entre os negros do Sudão.

Negros, berberes e mouros tocam-se em Marrocos e combinam-se em varios graus. O amazirque

per onde lhes praz naquello que pode. Estes guerream com os negros mais per furto que per força, porque nom fteem tamanho poder como elles.» — *Azurara Conq. da Guiné*, p. 366-7.

* «Uns (mouros) são azuagos que descendem de christãos, outros se chamam andaluzes que são os que passaram á Barberia das guerras de Granada, outros descendem de judeus tornadiços e muitos de turcos, e os que são verdadeiros e naturaes são arabes e nós lhes chamamos vulgarmente alarves.» Jeron. de Mendonça, *Jorn. de Africa*, p. 189. Além d'esses arabes, mouros, com effeito quasi indigenas por se desconhecer a historia e a epocha em que vieram, é necessario mencionar o fundo amazig de Marrocos, que o chronista, ou não viu, ou confunde com a camada de população moura.

é um pastor, o shiliuk vive de carnagem e saque, quando não pastoreia: as mulheres acompanham-o nas empresas de rapina. O mouro das fronteiras do Senegal é um ser asqueroso, mediano de estatura, rijo nos membros delgados, com os cabellos emmaranhados caíndo-lhe sobre os hombros, a face nua de barba. É acobreado e vive como negro, excedendo porém os negros em astucia e perversidade. Degenerado, é um iniciador: guerreiro e negociante, sacerdote, ou operario, ou truão e musico. Vive nomada sem ser pastor, habitando em tendas de pelle de camello, explorando o trabalho dos seus escravos negros para o fabrico de objectos de industria arabe: armeria, bijuteria. Mas como degenerado, essa iniciação que dá ao negro e ao berbere, vem corrompida com os vicios orientaes, com a depravação torpe, ainda mais triste do que a bestialidade selvagem.

Saíndo de Marrocos, entrando em Argel, encontramos nos districtos do norte (2) o KABILA, nos do centro (3) o SHOVIAN, cada qual com a sua lingua, ambos agricultores, susceptiveis de um futuro sob o dominio dos francezes. No sudoeste da colonia franceza, no de Tunis e de Tripoli, Sahará em fóra até Timbokotu, até Bornu sobre o Tchad, até ao Darfur, vivem (4) os TUAREGS, noma-das, commerciantes e pastores, que envolvidos nas suas djebas ou sotainas brancas ou pretas, jornada-do em camellos, com a cabeça e a cara cobertos pela chachia, o craneo rapado, largo o bigode e um rabicho entrançado como os chinezes, vão confundir-se com as tribus suddanianas. Em Bornu reina a gente tuareg; no Fezzan os tynlkuns, entre Asben e Haussa os buzanes, nos oasis de Air os kelovi são já mestiços negro-berberes. O sangue tuareg puro, o mais bello typo da raça

amazig, o mais denodado e aspero defensor da ingênita independência pessoal, constitue tres ramos: a) os hoggâr, mais numerosos; b) os azkar, ambos localizados entre Ghat e Tauat; e c) os uelimenidens e os tademekkets, sobre o Kuara, sobre o Niger, a leste de Timbokotu.

Tal é a raça amazig cuja afinidade com os primitivos habitantes da península hispanica tem sido affirmada por muitos.¹ Mas como o problema dos bascos se tem igualmente levado para outros campos, pelo caminho de hypotheses varias e até singulares, nós só poderemos tratar esse assumpto quando chegar o momento de estudarmos as raças da Europa. Concluindo a nossa jornada africana, viemos chegar ás raias da Hespanha e ahi depa-ramos com os bascos, um enyigma ethnogenico; mas na digressão que fizemos pela área semita da Asia fômos quasi tocar no Caucaso. Tambem o Caucaso, como o Pyreneu, abriga uma reliquia de populações remotas; tambem os caucasicos como os bascos são um enyigma. A nossa jornada seguinte começará, pois, d'ahi para sueste, direcção á India, onde já nos achámos, atravessando o Irân, para estudar o strato de população aryaña que as migrações pozeram sobre as camadas anteriores de gente mongolia e drauida.

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.² ed.) Introd. II.

(Mediterraneos austro-orientaes ou da Asia)

A zona das montanhas do velho mundo vem bordando a bacia do Mediterraneo pelos dois lados: ao sul o Atlas, ao norte os Pyreneus e os Alpes. Pelo oriente o Caucaso e o Tauro, delimitando o massiço montanhoso da Asia menor, unificam o systema orographico que mais além bifurca em direcção sueste com o Himalaya, indo acabar quasi no mar de Bengala, e em direcção nordeste com o Altai, o Yablonoï, o Stanovoi, indo acabar sobre o Pacifico no estreito de Behring.

O Caucaso, por tanto tempo considerado como o berço da raça branca, está no coração d'esta zona de montanhas, ligando o mar Negro ao mar Caspio, debruçado sobre as steppes dos kirghiz, e á entrada do plan'alto do Irân, marcando a fronteira setentrional da raça mediterranea na Asia. As suas montanhas vêm de noroeste a sueste, da foz do Kuban que está em frente da península de Kertch na Crimêa, até ao promontorio de Baku sobre o Caspio, deitando duas vertentes para os dois mares vizinhos.

Os persas chamam ao Caucaso a *montanha das linguas*; no tempo de Herodoto, as caravanas levavam consigo sete interpretes. E' uma accumulção de gente de sangues diversos, de diversa falla, essa Babel da extrema Europa ou das portas da Asia, ponto forçado de todas as migrações que, vindo de oriente para occidente, ahi deixaram restos, fragmentos, specimens, individualizados sem se fundirem, por ficarem n'uma região alpestre. A ethnogenia não sabe o sufficiente para destringar a meada emmaranhada das populações do Caucaso, e por isso as põe ao lado dos bascos, elevando-a

á categoria de um dos quatro typos dos povos mediterraneos. Mas o estudo das physionomias e das linguas caucasias basta para nos mostrar a extrema variedade de combinações que se deram sobre um fundo ethnico, porventura adighé, segundo os naturaes dizem, ou tcherkessio ou circassiano, conforme se diz na Europa, e que se julga ser o representante dos zychos dos antigos. O povo ADIGHÉ constitue o ramo occidental da familia caucasica, ¹ incluindo a Circassia e a Abasia, restos d'um habitat outr'ora muito mais vasto do que hoje. Estendendo-se em antigas edades desde o Caucaso occidental até á Crimêa, ainda no seculo XVI os adighés viviam nas margens do Azof, descendo pelo Bosphoro cimmerico até ao Don. Repellidos pelos russos e turcos, acolheram-se ao valle do Kuban, no que se diz grande e pequena Kabardia, e á zona de entre o estreito de Yenikale e o porto de Sukhumkale no declive meridional do Caucaso. D'esta antiga extensão da área adighé vêm a opinião de que a população da Crimêa seja circassiana de sangue, e mais ou menos adighé o sangue dos cossacos. (Klaproth) Latham considera linguisticamente kirghiz = tscherke, ou circassiano. Como os kirghiz de stirpe tartara, os adighés levam uma

¹ Eis aqui a estatística da população do Caucaso:

	(Müller, ap. Klaproth)	(Berger, Peter, Mitt. v, 1860)		
Tcherkessianos ou adighé	280:000	290:549		
Abasianos	140:000	144:346		
Ossetes	60:000	27:339	Suan	10:000
Georgios	50:000	46:456	Ubichian	25:000
Mizjehianos ou tshetshos	110:000	117:080	Tuchinian	11:456
Lesghianos	400:000	399:761		
Turcos	80:000	44:989		
	<hr/> 1.120:008	<hr/> 1.070:520		

existencia aventureira, vivendo mais ou menos de rapina; mas nada mais do que um estado social semelhante os póde confundir com os vizinhos.

Os MIZJEGHIS ou tshetshes constituem o ramo central caucasio, entre o precedente e o ramo oriental ou LESGHIS, da Georgia. Ahi o ossete destaca-se de todas as populações vizinhas pelo caracter aryano da lingua. Habitando ao norte de Tiflis, é para Klaproth o descendente dos antigos médos, para outros é affin dos teutões, ou parente dos vandalos: um enygma ethnogenico, ou antes linguistico, no meio dos varios ramos da população da Georgia, aryana por typo, turco-mongolia por lingua. Esses ramos são (1) os georgios; (2) os mingrelios ou gurios; (3) os suanes ou tzanes; (4) os lazis ou lesghis, compondo todos o antigo reino de Karthli ou Djurdshistan a que os russos chamaram Grusia. Mahometanos, os georgios, mais ou menos penetrados pelo sangue turco, fallam o avario, o kasikumüko, o akuska e o kura.

Nas fronteiras da Asia iraniana, os caucacios, provaveis reliquias de migrações primitivas da raça indo-europêa, retratam ainda hoje, nas fórmãs da sua existencia, o estado em que do Oriente vieram á Europa os actuaes dominadores d'ella. As montanhas isolam e conservam por indefinidos tempos caracteres e habitos que o contacto dos homens e as necessidades do desenvolvimento social obliteram nas planicies delimitadas e nos valles. Nada melhor, portanto, nos póde dar uma idéa dos caucacios, do que o estudo d'essa remota migração dos aryanos: estudo tambem indispensavel, antes que do Caucaso passemos ao Irân, depois á India.

Quem é capaz de localisar o berço primitivo e

abandonado, o nucleo disperso d'essa afortunada gente a quem uma indubitavel superioridade de constituição moral e intellectual destinara para realisar a civilisação typica do nosso mundo? D'onde quer que fosse, partiram, para oriente, para occidente. O ramo da India e da Persia, por falta de condições proprias, pelo contacto com a expansão dos mongolios, se domou os indigenas tartaros e dravidas, não pôde levantar-se além do estado relativamente barbaro em que adormeceu para a historia. O ramo da Europa, ao contrario, exterminados, dominados ou absorvidos os indigenas finnios e iberos, garantido contra o mongolio pela steppe da Siberia, acantonado contra o mar do occidente n'uma zona tão abençoada quanto a terra o consente, deu de si a civilisação europêa; e contornando por mar a terra, foi de um lado apoderar-se dos continentes incognitos, (America, Australia, Africa) do outro lado acordar os dormentes da India. Por terra, Siberia em fóra o slavo, por mar nas fronteiras da India, na Indo-China, e aavez da America, o francez, o inglez, o allemão, cercam finalmente a raça mongolica e a China, typo da sua civilisação, n'um circulo invasor e aggressivo que todos os dias se estreita. O movimento de expansão e propagação dos *arioi* começado ha trinta, ha quarenta, ha cincoenta seculos —quem sabe?— dura ainda: só concluirá já agora, quando, europeisado o mundo inteiro, a historia chegar ao seu termo; só quando diante da face dos brancos tiveram beijado a terra nos seus sepulchros as faces coloridas dos homens não aryanos. O que succedeu de um modo quasi absoluto á Europa ibera e finnia, é o que succedeu ao Oriente dravida em menor escala: é o que se vê na America, e se verá no resto da Asia e na Africa.

A toda a parte onde o indo-europeu fôr com a energia superior do seu braço, em toda a parte onde a sua civilização puder enraizar-se no solo, desapparecerão da terra, exterminadas ou absorvidas com as suas civilizações, qualquer que seja o momento em que se encontrem, as nações, as hordas, as tribus, de todas as gentes. Cada raça tem uma capacidade organica; a civilização corresponde, pois, a um phenomeno natural ethnico; mas ha na terra uma civilização typo, destruidora das passadas civilizações de Babylonia, do Egypto, do Perú, do Mexico, destinada a destruir a ultima d'essas civilizações particulares, a China, por isso que ha uma raça superior excepcionalmente dotada, á qual compete o dominio exclusivo da terra pelas leis da concorrência-vital e da selecção.

Ha cincoenta ou cem seculos os áryas seriam uns milhares: hoje são seiscentos milhões, metade da população do mundo; então viviam n'um ignoto recanto do occidente da Asia central: hoje povoam ou dominam duas terças partes das terras, e imperram navegando em todos os mares do globo. D'aqui por seculos, não muitos, succederá ás terras o que já desde o seculo XVI, desde Colombo, Gama e Magalhães, succede aos mares.

E nas éras remotas anteriores ás primeiras migrações, o árya não sabia que cousa fosse o mar: não tinha palavra com que o denominasse; e quando primeiro o viu chamou-lhe Deserto: tanto o oceano se confunde com a steppe! Se os áryas não conheciam o mar, o seu berço era evidentemente interior: uns indicam a região do Euphrates, outros a do Oxus, uns o plan'alto de Pamir, outros o valle da Mesopotamia. A tradição persa do *Vendidah* localisa o junto do Belurtag e de Samarkand; e entre os da India não corre mais do que a vaga in-

dicação de uma viagem do nordeste. Entre o Caucaso e a Bactriana, algures, foi o primitivo nucleo da familia aryana. D'esse nucleo destacaram-se primitivamente dois ramos: (1) o iraniano, semente dos médos e persas da Antiguidade; (2) o aryano, semente dos indios e dos europeus. As migrações aryanas do occidente precederam muito as do oriente; segundo as revelações da linguistica mais ou menos corroboradas pelas noticias historicas. Atravessando o Caucaso, espalhando-se na alta-Asia, e batendo as populações finnias, as tribus aryanas foram gradualmente seguindo-se, para mais tarde apparecerem na Europa com os nomes de celtas, teutões, slavos, lithuanios, etc.; emquanto de oeste os pelargos (?), os ligures, os phrigios, os lydios e outros, tribus mais ou menos conhecidas que successivamente occuparam a Asia-menor, representam um papel analogo ao dos precedentes. Rawlison põe a fundação do imperio dos médos entre 1160 e 540. Agora porém, no programma da nossa viagem, não entra o estudo da irrupção dos áryas na Europa: esse assumpto demanda mais especial attenção. Limitamo-nos n'este momento aos dois ramos asiaticos da raça: o iraniano e o hindu.

Os mais antigos hymnos vedicos mostram-nos os áryas da India em lucta com os indigenas do alto-Indo, repellindo-os ou escravizando-os. Duncker data a formação dos *Vedas* das mais remotas edades aryanas da India, de 1800 a 1500, lançando a descida dos hindus para a era de 2000, isto é, pelo tempo em que o reino de Elam florescia no valle do Tigre e do Euphrates, em que a Assyria estava sob o dominio babilonico, e o reino de Memphis governado pelos Hyksos. Bunsen porém suppõe que a era vedica ascende de 4 a 3:000 annos antes de

Christo. As tradições dos persas, no *Zend-Avesta*, descrevem como já de arianos a vasta área do Turkestan oriental: a Turquia do sul, o norte da Persia, o Afghanistan, Cabul, e a região dos sete rios que são o Indo, os cinco do Pundjab e o Sarasvati. Ao Ganges, os arianos só chegam em epochas relativamente recentes. O caminho que trouxeram, de noroeste, é proximamente conhecido. Parando em frente das muralhas do Himalaya, desceram pelas ribeiras do Pundjab até ás boccas do Indo, espalhando-se então por toda a península, mas principalmente na metade cis-vindhiana e mais pelo occidente. Fundando imperios mais ou menos consistentes, exterminando, escravizando, ou cruzando com as populações dravidas, o povo ariano ainda hoje apresenta nos exemplares mais puros das castas brahmanicas, e sobre tudo nos cantões do Himalaya, uma pelle branca e cabellos claros e louros, como europeus. Os instinctos metaphisicos da raça, lançando-a n'uma embriaguez de especulações transcendentemente delirantes, condemnaram-na depois a soffrer o jugo de arabes e mongoes; até que em nossos dias, depois de uma longa viagem, de uma separação aturada, a India, descoberta por nós portuguezes, veiu a cair na mão dos inglezes, como um edoso avô que recebe a tutela de um descendente remoto e já desconhecido.

Crê-se ter sido entre o VIII e o VII seculo que o ramo iraniano penetrou no Khorasan, no Irân e na região que vae do Caspio ao Tigre; são d'esse ramo os historicos persas e médos, os carmanianos, os sogdianos, os hyreanianos, os sagarcianos, os bactrianos de Herodoto: todos esses a quem genericamente os persas diziam sacios, e os gregos scythas da Asia. Espalhando-se como em leque,

da margem direita do Indo ás montanhas da Asia-menor, os iranianos—afgahns a oriente, parthos e armenios a occidente, desde os montes do Ararat até ao Ponto e nas margens do Caspio; medo-persas no centro, desde o Aral até ao golpho de Ormuz—caminham sobre as camadas primitivas dos elamitas, dos chaldeos, dos assyrios; galgam os montes da Cilicia e da Cappadocia; destroem os imperios da Lydia, da Syria, do Egypto, vindo por fim chocar-se nas costas da Jonia, da Thracia e da Grecia com irmãos já afastados e desconhecidos: os hellenos. Os choques de aryanos-hellenos com iranianos sob a hegemonia da Persia formam esse movimento historico de que Alexandre é o heroe e que termina pela victoria da Europa.

Entre os persas de hoje, altos de estatura, com um perfil verticalmente longo, distinguindo-se dos indios pelo desenvolvimento abundante do systema piloso, vê-se ainda o puro iraniano. O tadjik de desde o Turkestan até ao Cabul meridional e até Herât, é quem, ou trilha a Asia de Orenburgo até á China commerciendo, ou lavra os campos do Aderbidjan repetindo a vida de muitos avós. Descende directamente dos áryas primitivos, ou é o representante vivo dos primeiros iranianos. Os chinezes chamam-lhe Tao-tchi. A sua área ethnographica vae para além das fronteiras da Persia mosqueando o Turkestan, o Afghanistan, o Biluchistan. Dentro da Persia propriamente dita, o tadjik é o habitante das cidades e das baixas agricultadas; fóra d'ella encontra-se nos arrabaldes de Cabul, em Kandahar, em Ghazna, em Herât, em

Balkh, em Bokhara ao lado dos usbeks, onde os seus habitos mudam: é, como se disse, o corretor do commercio da Asia central, desde Orenburgo até á China. Na India, e á maneira que se acclima para o sul, a côr morena do tadjik ennegrece, chegando a preto nos parsis de stirpe persa.

Na Persia, ao lado do fundo tadjik vê-se o fundo iliyah—appellativo com que se designam populações do vario sangue, nome porém sem valor ethnogenico e que apenas quer dizer montanhez. O iliyah, com effeito, vive nas regiões alpestres, o tadjik nas baixas; o iliyah é nomada, o tadjik é mahometano shiita. O contraste das duas faces da população da Persia é sobretudo notavel no Khorasan, onde o tadjik tem um typo aryano puro, e o iliyah um typo turco-mongol accentuado. Se a área tadjik, pelas reliquias visiveis desde o Cashmir, desde as aldeias suburbanas do Afghanistan, desde a Bokharia, até ao Turquestan chinez, é vasta sem ser compacta; se o sangue persa se encontra assim raiando por uma parte consideravel da Asia: na Persia propriamente dita acham-se tambem abundantes elementos estrangeiros, embora nacionalizados pela lingua. A localisação e a structura da Persia fazem d'ella uma terra de passagem. Afóra o norte e os districtos que bordam o Caspio e as confluencias do Tigre, o imperio é uma arida steppe que vem da Arabia e segue para o Turkestan: está no centro da grande faixa de desertos que principia em Marrocos. As conquistas, as colonias, as migrações, os governos, tudo tem concorrido para fazer da Persia um aggregado de gentes varias, reunidas em feixe por uma lingua apenas. Os turcos têm dado dynastias, a Arabia deu a religião á Persia. No Erivan e em grande parte do Aderbidjan o primitivo strato da

população é armenio, no Shirvan é caucasio ou dioscuro; o Daghestan é apenas persa em nome. O Aderbidjan que por um lado confina com a Armenia e é armenio no fundo, apparece turco ao norte e kurdo a oeste, na região alpestre mais *méda* do que *persa*, onde floresceram os magos, e as linguas são ainda hoje numerosas: diz-se que em Dizmar se falla o *phlevi*. Assim, em parte alguma da Persia a população é homogenea. E como o seria, estando onde está, e depois das vastas campanhas dos Darios e dos Xerxes com os seus exercitos de homens de todas as castas e sangues? O Aderbidjan é, como se viu, armenio, persa, kurdo e turco. O Irak, na sua face occidental, é kurdo. O Khorasan é turco, afghan, hezareh. O Khuzistan é arabe, bem como as partes orientaes de Fars, as bordas do golpho persico e os districtos austraes maritimos de Kermen e Mekran. Nas cidades, os baneanos e os gypsios, de sangue indio, commerciantes, ciganos, juxtaoem-se á população *tadjik*, como uma especie de *iliyahs* urbanos.

Iliyah, segundo se disse, é o nome que o persa dá a todas as populações montanhezas ou nomadas, algumas das quaes nem por isso deixam de ser de sangue *tadjik*, embora na maior parte o não sejam, a saber:

De origem persa

1. OS *FELLIS* que habitam no occidente do Luristan.
2. OS *BAKHTIYARIS* das proximidades de Lur, nas vertentes austraes do plan'alto do Irân.
3. OS *LACKS* espalhados por toda a Persia, especialmente nos districtos de Kazvin, de Fars e no Mazanderam.

De origem não-persa

4. OS *KARASCHIS*, nome de desprezo (*keredji*, *karaschi*—negros) que o persa dá aos gypsios nomadas, de origem india e da mesma tribu que se espalhou pela Europa.

5. OS KAJARES e AFSHARES de stirpe turca, no norte.
6. OS AIMAKS e AZARAS, tribus mongolicas, mencionadas antes.
7. OS ARABES, immigrados, de Nejd.
8. OS KURDOS, tambem iranianos, mas não tajiks, mais ou menos cruzados com os naturaes.

O Biluchistan é um senhorio da Persia. O BILUCH, nomada, salteador, de sangue iraniano, é tambem, como barbaro, um iliyah. Egual denominação cabe aos BRAHUIS, dravidas do ramo tamul (como já vimos) que porventura, ficando n'estas remotas paragens para attestar o caminho da sua migração, foram repellidos pelos iranianos para as montanhas do Biluchistan, para Kelat, para Sakavaran e Ghalavan.

A suzerania da Pérsia é nominal apenas n'essa região que a separa da India. O khanato de Kelaut póde dizer-se independente, e os habitos do biluches não se domam a um governo distante. Fallam, sim, persa, mas vivem de pastoreio ou rapina, como os kurdos. São negros: a côr vae escurecendo á medida que progredimos para o sul. Vivem, como os tartaros, em tendas de feltro estendido sobre uma armação de paus de tamarqueira. A tenda chama-se *gedaun*: um grupo de tendas é um *tumun*, uma aldeia. Tumun é o grupo, *kheil* diz-se o lugar: umas tantas kheils formam uma tribu. Enrolada a *gedaun* sobre o dorso dos camellos, o *tumun* viaja: por toda a parte ha tamaras, a agua vae n'um odre, o gado produz leite, os alforges levam queijos e pão. Cada familia tem até uma duzia de camellos: não são ferreiros as estradas das caravanas? O biluche carrega as bestas com os roubos que vae vender ás cidades; e quando não se occupa em saltar os caminheiros, caça escravos. Os camellos, em vez de fardos, levam então no dorso, amarrados, os infe-

lizes com os olhos vendados, a caminho do mercado onde lhes raparão a cabeça á navalha. O *cabello* attesta a liberdade.

Os biluches confinam com a Persia pelo oriente, os KURDOS enfrentam de occidente, desde o Tauro, na corda dos montes que separam a Armenia da Mesopotamia. O biluche está sobre o mar da India, o kurdo veiu quasi até ao Mediterraneo. Os kurdos são de tres a quatro milhões de homens espalhados no Kurdistan propriamente dito, mas tambem dispersos em varias direcções. O nome que se lhes dá é historico: é a traducção de *goriadicí*, de *karduchi*, acaso de *khasdim*, acaso de *chaldœi*, diz Latham. São os descendentes dos *karducheos* do Anabasis, esses que maior damno fizeram, do que todos os exercitos de Artaxerxes, aos celebres dez mil gregos da retirada. Kurdo, segundo Gibbon, foi o celebre Saladino; kurdo o historiador Albufeda.

Para fóra do Kurdistan encontram-se laivos sporadicos de sangue kurdo na Persia oriental, na Asia-menor, na Syria; no Luristan os *bakhtiares*, outros nos *pachaliks* de Haleb e Damasco, no sul da Georgia e até na Russia. A área kurda vêm, assim, de noroeste a sueste, desde o mar Negro até ao fundo do golpho persico, ladeando a área *tadjik*, por oeste, correspondendo aos *biluches-afghans* que a ladeiam por leste e com os quaes os kurdos apresentam affinidades notaveis na *phisionomia* e nos habitos.

O Kurdistan propriamente dito, confinando por norte com a Armenia, por leste com o *Adjerbidjan* e o Irak persas, pelo sul com o *Khusistan* e Bagdad, por oeste com o Tigre, é nominalmente turco para oeste dos montes Zagros, e persa para leste; mas de facto o dominio politico da Turquia

e da Persia é uma pura ficção de que não tem conhecimento os independentes e rudes montanhezes. O kurdo é uma lingua iraniana, fallada mas não escripta; o kurdo é um homem de stirpe iraniana tambem, mas penetrado por sangue arabe, turco. Eis aqui as divisões das tribus kurdas:

- | | | |
|----------------|------------------|---|
| 1. DICHELALIS | com 5:000 tendas | } Todos montanhezes, nomadas, salteadores de caravanas. |
| 2. MELAS | » 2:500 » | |
| 3. SCHAKAKIS | » 50:000 » | |
| 4. HAIDERANLYS | » 6:000 » | |
| 5. SELALYS | » 3:000 » | |
6. YEZIDIS — 50:000 homens dispersos na Mesopotamia, na Syria do norte no Kurdistan, na Asia-menor, na Armenia. São os unicos, dos kurdos, não convertidos pelo islamismo, conservando o culto solar, ou acaso christãos que acceitaram o manicheísmo. Yezidis é o mesmo que guebros.
7. NESTORIANOS — 140:000 h. a que se dá uma origem semita, e que tomam o nome d'essa primitiva seita christian. Uns vivem sob o dominio dos kurdos, independentes os tiari (50:000) do valle do Zab. Uns são feroces e bravios como kurdos, outros mansos pastores, outros servos dos musulmanos da planicie.

Deslindar bem a natureza do sangue em populações de tal modo baralhadas, confundidas por dezenas de seculos de uma historia atormentada, é sempre difficil, muitas vezes impossivel. O nestoriano passa por semita, mas tem um ar iraniano. O armenio que no VII seculo antes da nossa éra se crê ter vindo ao Aarat e depois se dispersou como o judeu, tem nas veias muito sangue turco e persa.

O montanhez kurdo, bandido como o albanez, sempre em guerra, indomavel como todos esses povos que estão entre os quatro mares — Mediterraneo e Negro, Caspio e Persico — vae apparecer ainda no Luristan, mas diverso de aspecto das familias mais setentrionaes. O kurdo do golpho persico lembra o afghan, nas suas longas cabelleiras

negras anneladas e nas sobrancelhas espessas, mas na fronte fugidia, no occiput pyramidal, não terá o documento de laivos de sangue turco?

Se o cruzamento com tartaros é o mais grave na área iraniano-turca, a mistura com índios e dravidas é o mais grave na área biluche, que já examinámos, e na afghan que nos resta para terminar o estudo da familia iraniana.

Aos AFGHANS ou pushtuns, como a si proprios se chamam, chamam os índios patans — são os *patanes* dos nossos chronistas. A lingua pushtu ou pukhtu é fallada desde o valle de Pishin, ao sul de Candahar até ao Kafirstan, e desde as margens do Helmand até ao Indo: é uma região tão grande como a peninsula iberica e em que a área linguistica coincide com a área ethnographica. A mesma gradação de côr que observámos na Persia se encontra aqui: o afghan dos plan'altos occidentaes é branco como um europeu, o do indo é quasi negro. Estas são as divisões da familia afghan:

1. OS DURANIS, de oeste; divididos em nove tribus: Populzye, Allekzye, Baurikzye, Atehikzye, Norzye, Alizye, Iskhankzye, Khugauizye, Madkuzye, — *zye* corresponde ao *mac* dos escocezes ou ao *beni* arabe ou hebraico.
2. OS GHILS, de leste; divididos em oito tribus.
3. OS BEBDURANIS, de nordeste, no curso inferior do Cabul e entre o Indo e o Indo-Kush, nas fronteiras do Pundjab.
4. OS EUSOFES, de entre o Indo e o Punjkora, pelo sul até Cabul.
5. OS KHYBERIS, afridis, e mais tribus montanhezas das fronteiras da India.

O afghan é o directo descendente de uma raça aryana alliada á persa depois da separação. A zona que habita caracteriza o por modos diversos: é agricultor como o tadjik, ou nomada pastor como o iliyah, bandido como o kurdo ou o biluche. A'

maneira do Kurdistan ou do Biluchistan, os afghans são uma nação feudal, sem imperio, embora no VII seculo dessem o governo á India, em dynastias que Tamerlan e os mongolios derrubaram.

Herât e Candahar, cidades hoje disputadas entre inglezes e russos, porque o Afghanistan é já o ponto onde uns e outros se tocam avassallando a Asia, são lugares-santos e pertencem aos duranis, sunnitas, e eivados de civilisação persa. O durani vive em tendas de feltro, *kizhdi*, cujos agrupamentos constituem kheils ou aldeias, mas a sua existencia é relativamente fixa. Grosso, forte, o durani faz um culto dos cabellos e da barba, espessos como os do biluche, e de não os cortar têm um aspecto terrivel e barbaro. Cabul é ghil; Peshavur é dos berduranis, já em parte sob o dominio inglez e já semi-indios, com o sangue do Indostão e a côr fechada da pelle a attestar a sua differença das tribus occidentaes. No mesmo caso estão os eusofs, mas não sob uma sujeição semelhante: são os mais livres dos afghans, sem serem os mais barbaros. Preferem a agricultura á vida pastoril, porque habitam valles ferteis e não montanhas escalvadas, e vivem sob um regimen militar feudal e agrario muito semelhante ao dos germanos de Tacito. E igualmente livre, mas barbaro, sanguinario, bandido como o kurdo cuja phisionomia lembra, o khyberi, senhor do famoso passo que lhe dá o nome, vive como o biluche. E' já inteiramente negro; e o chão regado, viçoso, pingue, de Herât e do Afghanistan oriental simili-persa, torna-se aqui um dedalo de montanhas escalvadas, de precipicios medonhos em cujos fundos as aguias escondem os seus ninhos.

Tambem como uma ave de rapina, escondido atraz de alguma sebe, o khyberi espreita o ini-

migo, defendendo a estrada augusta, portas do Afghánistan confiadas á sua guarda. O passo de Khyber, a oeste de Peshavur, é um estreito corredor de oito leguas, tão estreito e tão fundo que não vê sol. Ahi morreram trucidados os inglezes; ahi o khyberi exige a passagem de quem quer se aventure, da India para occidente. Por entre os recessos da montanha escavada, escarpada, vivendo como troglodita em covás, caçando para comer, salteando para viver, o negro afghan com o seu turbante preto, a tunica azul escura, as sandalias de palha, carregado de armas, uma espada, uma lança, uma espingarda e forquilha como os antigos arcabuzeiros, barbudo, ameaçador, e bravo, impera sobre as montanhas, sombrio e funesto como as aguias que pairam nos ares.

O papel que o khyberi têm nas montanhas orientaes do Pundjab, é o do kafir (arabe: *infiel*, o mesmo que *cafre*) nas montanhas setentrionaes do Indo-Kush: o sangue dos kafirs é mais ou menos persa.

Chegámos á fronteira da India, porventura seguindo a mesma derrota que ha muitos seculos levaram as gentes aryanas; chegámos á India com os povos chamados brancos (embora muitos sejam escuros) e achamol-a como a deixámos na nossa jornada anterior: achamol-a coberta de dravidas. A região é a mesma que visitámos, mas o strato de população que estudamos agora é outro, superior em todos os sentidos, por dotes e por ordem de deposição. Sobre a India vindhya está a India dekkán ou tamul; sobre a dravida, a aryaná.

Mas não esboçámos então a physionomia natural da península, reservando-nos para o fazer agora,

porque, escravizada a população dravida, é a hindu que também caracteriza predominantemente essa parte da Asia. Dos duzentos melhões de homens em que é orçada a população, mais de tres quartas partes, ou são aryanos, ou aryanisados.

Os montes Himalayas, já visitados na nossa jornada pela área bhôt, são o traço primordial da península. Bordando o grande plan'alto da Asia central, tartaro, mongolico, bhôt; correndo de noroeste para sueste, a cordilheira, nas suas cumiadas e nos seus ramos subalternos e parallellos, abrange a largura de 350 kilometros e desenvolve-se na extensão de 2:400, levantando aos ares as maximas eminencias terrestres, cristas de rocha toucadas de neves eternas sobre o fundo azul-pardo do céu dos tropicos. Passada para o sul a cumiada, desenrola-se uma zona subalterna de montes cortados e abruptos, onde não ha ainda, nem hervas, nem relvas, apenas rochedos nús. D'este segundo andar das serras baixa-se ao terceiro, cuja depressão é consideravelmente maior. Eleva-se em media a 3:600 m. e já apparece vestido de florestas verde-negras de pinheiros, carvalhos, vidoeiros. A India começa; mas que differença, entre as baixas distantes onde crêsce o algodão, onde o sol queima, e estes declives banhados por um ar fresco e subtil! Desçamos ainda: a contar de 1:500 m. para baixo, estendem-se as mattas das figueiras indigenas. Depois achamo-nos na verdadeira India: para oeste a região montanhosa do Indo, para leste as baixas paludosas do Ganges, cortadas de charcos, vestidas de massiços intrincados de juncos, povoadas de febres, berço da cholera, patria dos elephantes que pastam em rebanhos, patria das cobras collosaes, dos crocodilos dos paúes e dos negros selvagens de Bengala que já conhecemos.

Os Himalayas estão para o Indústão como os Alpes para a Italia: determinam o clima. Como uma muralha, abrigam-no por um lado do sopro desolador dos ventos do norte que esterilizam o grande plan'alto da Asia central; ao mesmo tempo que na face opposta retém as nuvens do sul, condensando os vapores do mar em chuvas que temperam o ar e vivificam o solo. A altura excepcional dos montes determina, apesar da latitude, a accumulção de grandes neves, e das neves e gelos nascem tres dos maiores rios do mundo: o Indo, o Ganges, o Brahmaputra.

Foi a esta área, filha e pupilla dos Himalayas, que ha obra de quarenta seculos vieram os que a si proprios se diziam áryas, isto é, chefes ou nobres. Era a intuição de que no seu sangue estava com effeito a semente dos futuros senhores do mundo inteiro? Não: o chefe, o nobre, significava apenas o dominador do çudra, dravida negro, submettido e precito.

Do valle do Indo, onde primeiro acamparam, os hindus foram avançando para leste até ao Ganges-Brahmaputra, para sul até ao interior do Dekkan, alastrando sobre o strato denso da população dravida o strato absorvente e prolifico das suas tribus. Escravisada, exterminada, ou repellida, a camada indigena refugiou-se nos montes Vindhya que de lado a lado separam a bacia dos tres rios da metade meridional da peninsula; emigrando para o sul, fugiu para as zonas periphericas. Hoje ahi os vemos com os nomes de bhills e kôles, que ainda no Gudjerât, ou Guzerate, contam por dois terços da população; com o nome de pahârias; finalmente com o de tamules, telingas, tuluvas, de stirpe dekan, habitando os litoraes, menos negros e mais cultos. Conhecemos já essas gentes escuras na côr,

sombrias na capacidade, infelizes n'um destino cruel: não é d'ellas que nos occupamos agora; é do árya, o chefe, o nobre, que veiu e as venceu, expropriando as de um solo immerecido, reduzindo as á condição de miseravel casta çudra, negra. Casta, entre elles, diz côr: a pelle attestou o destino e a historia das duas raças. O árya, porém, branco, louro, de olhos azues nas vertentes do Himalaya, tambem engrandece á maneira que vae descendo para o sul, onde ha brahmanes tão pretos como dravidas. Mas embora o sol e o ar tinjam a pelle, a casta fica sellada nas feições e na estatura, porque não se confundem as de áryas e de çudras. O chefe, como nobre, é alto, symetrico, flexivel e leve; tem uma face oval, uma testa ampla, a bocca e o queixo sem saliencia, um mento redondo, perpendicular, um nariz erguido e delgado, e tem barba, o indicio da nobreza. De oeste veiu o hindu, e ainda hoje a densidade relativa das duas raças attesta o caminho da migração.

A principiari, pois, de oeste, o ethnographo encontra (1) o CASHMIR na região que denomina, em Kamaon, em Sirmor, zonas nitidamente isoladas do Ladak, mais ou menos confundido com os vizinhos afghans. O Cashmir é um paraíso, o seu habitante é mahometano. A iniciação de oeste, atravez da área iraniana, é bem evidente; e os caracteres da India central não se fazem sentir ainda. O solo, encerrado em montanhas que são fortalezas, viça como um jardim sarjado pelas aguas limpidas das serras, despenhando-se em cataractas pelas anfractuosidades das rochas, regando taboleiros de flores permanentes. Nos telhados das casas crescem tulipas.

Raiando com os cashmires, com os biluches e com os afghans, descendo com o Indo até ao mar, encos-

tando-se contra os Vindhya e atravessando o Jumma e o Ganges até aos Himalayas, na fronteira do Nepaul, ficam os districtos centraes, antigo reino de Delhi, coração da India aryana, comprehendendo as actuaes provincias inglezas do Pundjab e do Sinde, o deserto e os districtos de noroeste. Ahi vivem (2) os HINDIS, rajput e jut, de religião sikh, mahometana e india, fallando um systema de dialectos (urdu, hindustani, etc.) de um ramo linguistico particular.

Cercados pelos hindis, acantonados contra o mar na peninsula de Cambaya, internando-se pelos valles do Nerbudda e do Tapti e descendo pela costa até ao nosso Damão, ficam (3) os GUDJERATES, lavradores das planicies. E proseguindo para o sul, de Damão até Gôa, passando em Bombaim e povoando a India portugueza, estão (4) os MAHRATTAS, montanhezes, pastores, mais ou menos bandidos. São a extrema fronteira austro-occidental da área hindu; são a unica tribu árya que transpoz os Ghatts. A sua lingua, a mahratti, é fallada em todo o Berar e em parte do districto de Nagpur; mas se a falla os denuncia arianos, o aspecto assimelha-os a çudras. O infimo dos rajputs, diz Elphinstone, conserva ainda um ar de dignidade; o primeiro dos mahrattas revela mesquinhez. Pelas fronteiras do norte a sua área vae tocar com a dos bhills e dos kholes, dravidas dos Vindhya; pelas do sul confina com os gonds e os telingas dekkans. Os mahrattas, ou se perverteram ao contacto dos indigenas, ou representam tribus inferiores: são negros e pequenos, irregulares de feições, porém audazes.

Para além das provincias inglezas do noroeste, está o governo de Calcutta, isto é Bengala, onde nas duas margens do Ganges, mais ou menos pe-

netradas por dravidas e bhôts, cujas áreas ahi se tocam, ficam (5) os BENGALIS orçados em trinta milhões, internando-se ao longo do Brahmaputra no valle do Assam. Os bengalis são os mais orientaes dos áryas; não foi além a migração, senão quando, a partir do XVI seculo, voltou a progredir circularmente depois da paragem na Europa, com os portuguezes, com os hollandezes, com os inglezes. Mas, assim como na costa occidental os mahrattas levaram o sangue aryano para o sul, assim na costa oriental fizeram os (6) ORISSAS, que fallam o urija, estendidos desde Ugli até ao sul de Gandjam, a entestar com o dominio telinga.

Um triangulo que tenha por base a linha de Cambaya a Bengala, isto é, a cordilheira transversal dos Vindhya-Sautpura e por vertice o Cashmir, eis ahi a área aryana da India. Para o sul desenhase um triangulo invertido, cujo vertice está no cabo Comori, dominio quasi todo dravida, apenas penetrado nas duas zonas maritimas, de oriente e occidente, pelos orissas e mahrattas. O centro d'esse triangulo do norte é Delhi, a antiga capital do imperio mongolico da India¹, quando os aryanos adormecidos pelo opio da transcendencia se curvaram obedientes e submissos ao duro mando do barbaro. «Foi antigamente este reino (de Delhi) de gentios dos quaes alguns que ficaram, em memoria de se verem privados de suas fazendas e terras, andam pelo mundo como ciganos, descalços e despídos e sem cousa alguma na cabeça, cingidos com grandes cadeias de ferro e cheios de cinza pedindo de porta em porta: são tidos dos

¹ V. sobre o Grão-Mogol e a dynastia mogol ou tartara da India, Barros IV, 1 e Couto, Dec. X, 12. Para a geogr. polit. Couto, IV, 4, 6, 10 e VI, 5.

outros gentios por santos e lhes fazem grandes esmolas.» (Correia, *Comm.* VII, 20) Tal é o *jogue*, que na penitencia buscava a remissão dos seus peccados. O tartaro era o castigo divino: não vimos nós em Attila um flagello de Deus? O nosso viajante Godinho (*Relação do novo caminho, etc.*, pp. 36-8) encontrou-os de terra em terra, vagueando rotos e remendados, nús «ou apenas com um trapo cobrindo as vergonhas,» polvilhados de cinza dos pés á cabeça, sem eira nem beira, casa nem cama, errantes em tribus, feiticeiros e santões, sublimes na sua extravagancia asceta, nojentos na sua immundicie, repugnantes na sua abjecção. Deus enlouquece, e os tresvários da imaginação dos indios, reproduziram-se na Europa da Edade-media, escholastica, mendicante e franciscana. *Sancta, sanctis!* Tudo é divino e puro, diz o *jogue*; na natureza não ha cousa torpe. A bosta da vacca dá a cinza sagrada da penitencia, a urina do animal sagrado lava. Ao pescoço do *jogue* vão cadeias e cilícios, «outros se enterram vivos junto dos caminhos com um só respiradouro por onde os passantes lhe deitam de comer,» — não tivemos nós tambem emparedadas e *stylitas*? «Alguns vi em Surrate dos quaes um havia que ha dez annos não baixava os braços, tendo-os no ar tão hirtos que lhe não era possivel abatel-os ainda que quizesse. As mãos tinha fechadas em punho e as unhas tão crescidas que dando volta pelas costas das mãos serviam de cordeis com que lh'as atavam. O cabello cobria-lhe parte da cara, e tudo o mais ficava á mostra.»

O mongol entrou em Delhi: não entrou o turco em Byzancio? Atacada pelo defeito da sua qualidade, arrebatada por essa embriaguez de saber transcendente, causa eminente da sua superioridade, a raça aryana, esquecendo a terra pelo céo, a

realidade pela imaginação, não pôde resistir ao choque de homens barbaros, brancos, incapazes dos delirios da intelligencia, só abertos á embriaguez da carnagem e do amor. A Europa resistiu e venceu o turco; mas a India curvou a cabeça, continuou dormindo, continuou sonhando... Veiu o tartaro, veiu o mongolio, veiu o arabe: vieram todos mandal-a. Por fim chegou por mar o portuguez, cuja indole quasi carthagineza apenas lhe deixou imperar como tyranno sanguinario; cuja fé ardente e ferrea lhe mandou converter para Christo os homens que tinham já trilhado todos os céos, esgotando a taça de todas as combinações transcendentales. Acordal-os, vendo n'elles irmãos em vez de *gentios*, foi-nos a nós impossivel. Nem sequer se sabia ainda que os indios fossem irmãos nossos. Hoje que o inglez o sabe, a India acorda.

5. — DA GROELANDIA Á TERRA-DO-FOGO

(Arcticos, americanos)

Esta nossa ultima jornada será breve, embora seja extensa a área que temos a percorrer. Extensa é, mas pouco interessante, pois aqui não temos de nos occupar de 70 milhões de europeus que hoje habitam a America, apenas dos 2 ou 3 milhões de selvagens restantes da sua população indigena.¹ Caminhando para uma extincção final proxima, os naturaes da America teem para a ethnographia um valor secundario; mas o proprio facto da sua existencia primitiva e isolada n'um

¹ V. o que ácerca dos americanos em geral e dos brasileiros em especial se diz no *Brazil e as colon. portuguezas*, (3.^a ed.) pp. 133-45, e que por esse motivo se não repete aqui.

continente cercado de mares por todos os lados traz consigo observações importantes para a sciencia da civilização, e levanta problemas graves de ethnogenia.

A unidade typica dos indigenas americanos é o primeiro traço que prende a attenção do observador. Entre as raças da America do norte e as do sul ha de certo differenças, mas que não são comparaveis ás que distinguem as raças africanas das mediterraneas, nem estas da malaya. O cabello, caracter physico eminente, é em todos os americanos longo, duro, grosso e lizo, abundante sobre o craneo, mas raro na face e sobre o resto do corpo. O nariz é sempre convexo, quasi sempre proeminente e mais ou menos volumoso: umas vezes porém delgado, outras chato na base. A côr varia desde o extinto charrua do Uruguay, desde o caraiba, desde alguns californios, todos negros, até ao acobreado do pelle-vermelha, ao esverdeado do quichua; mas a côr, como o leitor sabe e ha bem pouco viu nos aryanos da India, não póde servir de base para classificação. Outro tanto succede á estatura, que tambem na America vae desde o patagonio gigantesco, pelo pelle-vermelha que ainda é alto, até ao peruviano, até certas tribus da Columbia ingleza, inferiores ao regular. Müller encontra na America 26 familias de linguas e Wilson diz que se não fallam menos de 1:200 idiomas, mas todas estas variedades não auctorisam a reunir em grupos ethnogenicamente distinctos as raças da America, embora descriptiva e geographicamente isso se possa e convenha fazer. Todos os americanos parece provirem de uma origem unica; e acaso esta opinião ficará acceite, porque em breve não haverá mais documentos vivos para a re-ctificar, ainda quando isso houvesse de fazer-se.

Essa unica origem qual é? Por onde chegou o homem á America: por occidente, por oriente? Foi até lá dos confins da Asia, ou da Europa? Varias hypotheses se aventam. Uma d'ellas liga-se directamente ao problema dos bascos, prendendo-se com a hypothese do submerso continente atlantico. O basco, o indigena da Africa setentrional, o extincto habitante das Canarias, e por fim o americano, seriam irmãos ou affins; e a viagem de Colombo por mar, na direcção de oeste repetiria em outro elemento a viagem de homens pre-historicos.

As migrações pela contra-costa da America dão lugar a hypotheses mais numerosas, e porventura mais verosimeis.

Mencionaremos em primeiro lugar aquella que anteriormente aventámos da unidade da raça negra — africana, dravida, papua e americana — unidade geographicamente expressa n'um continente submerso de que a poeira de ilhas dos mares do sul restaria como documento? Tal hypothese lançaria a primitiva povoação da America para os periodos geologicos, indo além da de Häckel que, suppondo a existencia d'esse continente, não crê que o homem tivesse passado d'ahi directamente á America.

Outra opinião suggerida pelo character com effeito singular das civilisações indigenas do Mexico e do Perú, no meio do estado selvagem de todo o continente, é a de uma migração maritima atravez do Pacifico, levando á America as sementes ethnicas do extremo Oriente. Esta theoria, inadmissivel tal qual, vae porém aproximando-nos da que parece reunir em seu favor a maior somma de probabilidades. Os caracteres mongoloides das raças americanas, isto é, a cabeça pyramidal dos eskimós e a fórma e disposição dos olhos, são indicios

de uma afinidade ethnica. A gente que subindo pela Asia chegou até á extrema Siberia oriental, constituindo ahi as familias tungú e coréo-japoneza de stirpe altaica, seria a que, alongando-se até ao estreito de Behring, passando de ilha em ilha no cordão das Aléutianas, teria chegado á península de Alaska e d'ahi invadido toda a America. D'essa gente o leitor viu já o ramo que se chama hyperboreo (kamchadales, kurilios, kuniaques, tusquis, etc.) quando fômos do Japão até á extrema Asia: resta vêr agora o ramo eskimó, mais propriamente americano.

Exaggere-se a physionomia mongolica, deprima-se a estatura, amesquinhe-se a especie, entorpeça-se a intelligencia: tudo isto o frio d'essas regiões boreaes é capaz de produzir, e ter-se-ha um eskimó ou um groelandez; porque este ultimo pouco ou nada differe do primeiro. Falla tão similhantemente que entende a lingua do Labrador, do Mackensie, das terras litoraes de Behring, que são a área eskimó. Seis ou sete mil são apenas os groelandezes; e todos os arcticos não excedem cento e trinta mil. O typo d'essas gentes é melancolico pela sua falta de expressão. Baixos (1,58) e massiços, com as mãos e os pés pequenos, a côr clara, cabellos negros, castanhos ou louros, uns com a barba espessa, outros rara como os do Labrador, os eskimós teem a cabeça pyramidal mongolica, a face chata quasi circular, mais larga nas maçans do que na testa, os olhos pequenos, o nariz minuscúlo e deprimido.

A área eskimó, tão vasta como fria, desolada e

nua, parece ter-se outr'ora estendido muito mais para o sul. As tradições historicas dos indigenas da America-do-norte fallam de gentes muito semelhantes aos arcticos, pescando e caçando no que hoje são Estados-Unidos; ao mesmo tempo que se encontram affinidades e analogias; senão no typo physico, ao menos nos caracteres dos costumes e da lingua, entre certas tribus americanas e os tusquis hyperboreos. Se, com effeito, a população da America tem uma origem exclusiva nas migrações pelas Aleutianas e pelo estreito de Behring, é mais do que natural que os invasores rapidamente se dirigissem para as terras do sul. Ahi, a adaptação lhes teria feito mudar de habitos. Para além de Behring não ha rengiferes; e se se tornaram ichtyophagos nas costas, tornar-se-hiam caçadores nas zonas mais temperadas em que o bufalo abunda. Da localisação veio a differença: d'ahi a lucta que accentuaria mais ainda as variedades ethnicas, e da lucta a selecção, repellindo uns para a região desolada dos gelos, garantindo por fim a outros os terrenos ferteis em caça. Estes ultimos são os americanos do norte.

O norte-americano, pelle-vermelha, é o caçador por excellencia — alto, ossudo, com musculos secos e rijos. Tem um aspecto de guerreiro, impassivel, fleugmatico; tem no character uma coragem fria e cruel, uma colera facil, uma decisão rapida; e na vida, ou por genio, ou pela condemnação que lhe impoz o europeu, um silencio triste, uma indifferença apathica e taciturna. Não chegam já a

trezentos mil, esses indios. ¹ E' uma gente que se extingue, um typo humano que desaparece. O cabello duro, negro e corredio, a côr terrosa, uma face longa que as maxillas salientes fazem quadrada, uma grande bocca de labios delgados e dentes fortes, uns olhos profundos e negros, um nariz proeminente e espesso: eis o typo americano que mais ou menos já transparece nos cidadãos europeus da republica, e talvez assim se não perca, como vae perder-se em breves annos o que resta da raça indigena.

Seis familias contam os ethnographos na gente americana do norte. A primeira é a TINNEH ou chippenayan, ou athapaska, a mais setentrional, confinando com a área eskimó, partilhando as regiões boreaes. As tribus d'esta familia são:

1. OS KENAI, de entre o Yukon e o Atua, na Alaska, antes de 1867 russa, hoje no dominio da republica americana.
2. OS KUTCHINS, na bacia do Mackensie, nas duas vertentes das Montanhas-de roca (*Rocky-mountains*) do Canadá inglez.
3. OS TAKULLIS, ao noroeste da Columbia britannica, na bacia do Fraser.
4. OS CHIPPEUAYANES, no centro do Canadá desde as Montanhas-de-roca até á bahia de Hudson. E' n'este ramo que se filiam os QUALHIQUAS, OS TTALSKANÉS da Columbia britannica; OS OMKUAS do Oregon: OS HONPAHS da California e OS APACHES, NAVAJONES e LIPANES do Novo-Mexico.

A segunda familia norte-americana é a dos ALGONQUIS, principaes victimas da immigração europea, antigos habitadores da região central do continente. A área algonqui ia outr'ora desde o La-

¹ Caçadores	98:000	
Semi-civilisados	52:000	V. Mulhal, <i>Prog. of the world</i> , 482.
Aldeados	100:000	
Cidadãos americanos	24:000	
	<hr/>	
	274:000	

brador até á bahia de Hudson, descia no litoral até ao cabo Hatteras, cortava a confluencia do Ohio, atravessando d'ahi ao Oregon. O melhor do Canadá, o melhor dos Estados-Unidos, a Terra-Nova, a Nova-Escocia e o Brunswick, onde hoje estão Halifax, Montreal, Quebec; a região dos lagos americanos com Nova-York, Philadelphia, Washington, Baltimore, Cincinnati e Chicago: esse coração da America europea era algonqui ha duzentos annos. Algonqui-tinneh era pois toda esta metade do massico continental e as populações dispersas e os dialectos isolados são as reliquias de uma grande familia humana e acaso de uma lingua morta: uma especie de *latim* americano, segundo Adam pretende.

D'essas passadas gentes eram os abenakis do Maine e do baixo Canadá, os mic-macs da Accadia e da Terra-nova, os montanhezes das margens de S. Lourenço, os delavares ou leni-lenapes tão celebres na historia da colonia americana. Algonquis eram os mohicanos de Cooper; algonquis os do Kentucky; do Ohio os shamús; os illinoís do estado a que deram o nome; do Visconsin os kikapus, os miamis, os ottoganís; junto aos lagos os ojibuaís, os ottavés, os saltos. De tantas tribus repellidas e exterminadas, ainda hoje restam os cris lançados para o norte do Canadá entre o lago Superior e a bahia de Hudson, os pés-negros do alto Missouri, os arrapahoes e os cheyennas das planicies, confrangidos por uma invasão desapiedada e invencivel, recuando sempre no terreno, recuando sempre nos graus successivos da vida selvagem.

O terceiro grupo é o dos IROQUEZES, a quem os delavares chamam mingos, e que viviam insulados no meio da grande área algonqui confederados em cinco passadas nações — os mohauks, os senecas,

os cayugas, os onondagas, os oneidas — ás quaes se reuniram os tuscaroras, os eryés, os viandots e os hurons. De tudo isso pouco ou nada resta : apenas os hurons, que tendo cruzado com os francezes do Canadá, perderam muito o feitio de indio.

O quarto grupo é o APALACHE, ou antes foi, porque a área d'essa extincta gente, a zona que está entre a fronteira algonqui e o golpho do Mexico, ao longo do Mississipi, é europêa. Outr'ora foi dos cheroquis e dos catobas, dos chikasós e dos choctas, dos criks, dos natchez do Mississipi e dos seminolas da Florida.

O quinto grupo está para além do Mississipi nas planicies dos PRADOS, caçadores de bufalos, cavalleiros infatigaveis, inimigos crueis da gente branca invasora : são os panús do rio Vermelho e no norte do Texas, são os siús rivaes, são os dokotas (dos quaes se extinguiram iowas, omaha, kansas, dando o nome aos actuaes estados da União) os osagos, os menitarris, os corvos, os mandans, os assiniboanas. No sexto grupo, finalmente, entram as tribus do litoral de oeste, desde a Columbia, pela California até ao Mexico : os serpentes, os vtahs, de além dos montes, os comanches, os arizonas, os thlinkits e koloches de Nutka, os chimuks da Columbia, os origons, os californios, tribus varias que mais ou menos accentuadamente caracterisam a transição para as raças da America central.

O selvagem não tem historia ; deixará tambem de a ter a sociedade que chegar a assentar definitivamente as bases da sua organização natural. A Historia está entre os dois periodos, corresponden-

do á elaboração das idéas e das instituições. Antes e depois ha datas e numeros, não ha dramas: a estatística e a chronologia bastam para dar conhecimento dos movimentos collectivos. A America do norte que não saíu do estado selvagem não tem pois historia; mas a America central onde os hespanhoes acharam a civilisação mexicana, tem-na; e se não nos compete agora contal-a, é mister porém dar uma idéa, embora summaria, dos povos que ao que se crê concorreram, chocando-se, sobrepondo-se, para produzirem a civilisação do Mexico. ¹

O plan'alto de Anahuac foi o *habitat* de raças varias, em graus diversos de cultura; ahi se desenvolveu a sociedade dos maya-quichés e dos nahuas. Em nenhum d'estes dois troncos, porém, parece que devam filiar-se os povos actuaes indigenas do Mexico. Antes da ultima camada ethnica precedente á dos europeus já successivos estados se tinham succedido conforme nol-o referem noticias apercebidas atravez das tradições mythologicas do Mexico. No Chiapas, junto a Palenque, houvera em tempos remotos o imperio dos Chans, que eram de origem maya, o reino tambem maya do Yucatan, e um terceiro estado nahua-tolteque ao qual as guerras deram a victoria, confundindo-se os mayas sob o dominio hegemonico dos tolteques. No v seculo da nossa éra ter-se-hia porém dado uma reacção, sendo os dominadores repellidos para o norte, onde fundaram o imperio de Cholula, florescente no vi seculo, imperio nahua-tolteque, isto é, de gente affin das tribus do sexto grupo dos americanos do norte. Foi n'esse impe-

rio que os azteques, de filiação incognita, appareceram impondo o seu dominio, creando a civilisação que os hespanhoes encontraram com um poder que abrangia toda a America central até ao Panamá. Mas nos estados do Chyapas até ao isthmo, o Mexico tinha apenas suzerania: a gente era maya, raiada de laivos antigos de sangue nahua, como os pipiles de San-Salvador e os niquirans do Nicaragua.

A civilisação mexicana attingiu um grau de desenvolvimento notavel, sem sair da idade do bronze e da pedra polida. As cidades vetustas do Yucatan, de Guatemala, de Palenque, de Copan, e as ruinas monumentaes do Anahuac, attestam o poder de concentração da sociedade e o fomento a que chegaram as suas industrias; ao mesmo tempo que os seus cultos ferozmente doces, ternos e sanguinarios a um tempo, documentam o caracter indigena ou espontaneo das idéas.

Quem fossem os azteques ignora-se, mas que fossem americanos não se duvida; e dos azteques se crê descenderem, e não dos maya-quichés, nem dos nahuas, os otonis, os mixteques, os tarasques, os zapotèques, os totonaques mexicanos, descendentes degenerados de um povo culto, especie de coptas ou fellahs d'este Egypto americano, ao qual os hespanhoes fizeram o que os persas e romanos fizeram ao africano.

Não seriam porém os azteques e tolteques affins de umas tribus singulares ainda hoje vivas para o norte, no seio da União americana? No Arizona, no Novo-Mexico, no Texas, insulados entre os apaches, vivem os comanches e os pueblos cujas affinidades são muitas, embora diversos os habitos. O comanche, bellicoso, caçador, sempre em guerra com o apache, parece vir da mesma stirpe que o

moqui, o pima, o papago, apesar dos habitos pacificos, da vida agricola e phalansteriana d'estes ultimos. A lingua inclue-os a todos na familia sonoriana. Os pueblos (zunis, xemes, etc.) differindo pela estatura, pois são quasi anões (m. 1,56 os homens, 1,32 as mulheres), vivem tambem sedentaria, pacifica e agricolamente, uma existencia quasi civilisada no seio das hordas selvagens dos pellevermelhas. Não estará n'estas tribus do Arizona, do Texas, do Novo-Mexico, um resto das sementes que outr'ora germinaram, produzindo a civilisação da America central?

Passando o isthmo, entrando no continente austral, ainda os hespanhoes encontraram no vasto valle de Cundinamarca a civilisação feudal dos chibcas ou muyscas, e um estado de seiscentas leguas quadradas dividido em tres governos: Iraca, a terra-santa dos chibcas, ao norte Hunza (hoje Tundja na Nova-Granada), e Funga ao sul. A civilisação americana, estendendo-se para o sul na região occidental, vinha assim desde o Mexico até ao Perú, onde imperavam os Incas, sobre a nação dos QUICHUAYMARAS, cuja área occupa um terço quasi do continente. Quichuas e aymaras são hoje a mesma gente que eram no tempo dos Incas, e apenas se distinguem por fallarem ramos diversos de um idioma primitivo. Dão-lhes por berço os valles parallellos do interior dos Andes, d'onde essa gente montanheza teria descido á costa a exterminar os yunkas, ignota raça que por seu turno teria expulso outra, primitiva, de pescadores selvagens. Serão os restos d'esses que vagueiam pes-

cando nas ilhas da Patagonia e na Terra-do-fogo, tão miseraveis e mais selvagens ainda do que os eskimós, correspondentemente repellidos para as regiões boreaes? E' possível, é até provavel. Sobre as ruinas, portanto, da proto-civilização dos yunkas ter-se-hia desenvolvido a cidade do quichuas e o imperio de Cuzco destruido pelos europeus.

O quichua-aymara, actual indigena andino, não é alto (m. 1,60) mas é herculeo, fórte de ossatura, com um arcaboço desenvolvido pela respiração violenta das regiões elevadas. E' de um pardo azeitonado, tem a cara larga e redonda, sem prominencias nas maçans do rosto; tem a fronte chata, não por natureza, mas pelo habito de comprimir o craneo alongando-o muito, segundo o molde conhecido pelo nome de «deformação aymara». Mas o caracteristico da sua physionomia é o nariz: saliente, extremamente curvo sobre o labio superior, como um bico de aguia, na face que tambem respira nos altos como as aves que tambem são hercules.

Do lado opposto do continente, desde o Orinoco até ao Amazonas, habitava o CARAIBA, ainda hoje visivel nas Guianas. O seu nome indigena é carabi, carini, canibi, palavras que significam guerreiro. O caraiba, ramo setentrional sul-americano de d'Orbigny, é com effeito um pirata e um cannibal. Nunca chegou á civilização fixa, mas chegou a embarcar, tomando para si as Antilhas, onde apenas na Trindade existirá comtudo ainda algum. No continente, o que resta, vagueia pelas margens arborizadas do Oyapock, pequeno em membros, vigoroso, amarello-avermelhado na côr, com a cara redonda e chata, o nariz curto e largo, os olhos pequenos, negros, vivos, os beiços finos, nú ou

quasi, com uma tendencia pronunciada para a obesidade, e uma semelhança notavel com os brazis.

Do ramo GUARANY, ou brazil, diremos nada por já o conhecermos de outra parte,¹ passando por sobre elle ao sul, á zona dos PATAGONIOS. Entre ambos é mister, porém, não esquecer os pampas e os chacos (tobas, nicobobis, mataguayos, abipones): os pampas errantes, caçadores do guanaco que os alimenta e veste com os ponchos macios; atiradores de bolas, centauros correndo na planicie o rapido nandu, avestruz americana, sobre cavallo que o europeu acclimou e vagueiam em manadas. E' mister não esquecer tampouco os chacos, provavel cruzamento dos brazis com os extinctos charruas do Uruguay que eram negros, ou patagonios pretos.

O verdadeiro patagonio, puelche ao norte, tehuelche ao sul, é quasi um gigante (m. 1,70 a 1,77); sem ser negro, é mais escuro do que o pampa, e é um selvagem caçador. Simili-patagonio em tudo menos na altura (m. 1,62) é o araucanio da cordilheira andina, que tambem apresenta certas affinidades com os aymaras visinhos.

Assim, a área da America austral apparece dividida em tres grandes regiões: a do norte ou caraiba; a do centro, aymara a oeste, guarany a leste; e a do sul para além de 35° ou patagonio-pampeano-araucania. Os tehuelches vão até ao estreito de Magalhães; e além d'elle, na Terra-do-fogo e nas ilhotas de occidente, vive a gente miseravel dos pecherezes ou fuegianos, que são como os hottentotes na Africa, ou os andamans na Asia: o refugio das raças do continente. Chegamos outra vez a um dos fins do mundo, e achamos outro dos

¹ V. *O Brazil e as colon. portuguezas*, (3.^a ed.) l. III.

infimos exemplares de homens, n'esses infelizes acantonados em rochas batidas por um mar sempre agitado, envolvidos em nevoeiros gelados que as erupções dos vulcões não dissipam. A natureza é fera, o homem é quasi um bruto, o horisonte pardo. Attingimos os confins de tudo. Para além que ha? Sombras; as sombras dos polos da terra, as sombras da origem do homem. Para além tambem do que andámos, nada mais ha a visitar. Trilhámos o mundo, observámos todas as variedades dos seus habitadores humanos. Vimos os estados mais variados, as physionomias mais diversas, os terrenos mais differentes. A civilisação brota e cresce, embora com força particular e por modos especiaes por toda a parte: dir-se-ha pois ainda que não ha regras, nem principios no desabrochar da cultura social dos homens?

LIVRO SEGUNDO

As raças da Europa

I

As raças pre-historicas

Os áryas chamavam TURYA, barbaro, a todos os estranhos á sua descendencia; os persas chamaram depois TURAN aos infieis do norte e de leste do Irân, que não adoravam o sol. Assim os arabes chamaram kafirs, ou cafres, ou infieis, aos paropamisanos e aos negros; assim os romanos chamaram nomadas, barbaros, aos hamitas africanos, numidas e berberes. Turan são os infieis, os barbaros, tartaros e mongolios da Asia central; e Max-Müller pretende que a raiz *tura* signifique essencialmente a velocidade do cavallo ou do cavalleiro, indicando por ahi um dos traços physionomicos das tribus turanianas, ou mongolicas.

Tal foi o ponto de partida de uma theoria, a que muitos motivos de ordem não scientifica deram e dão ainda hoje uma circulação consideravel. A rebeldia constitucional da razão philosophica para se conformar com os limites irremediaveis do saber, e as tendencias simplistas da imaginação humana, eis as duas causas que concorrem parallelamente

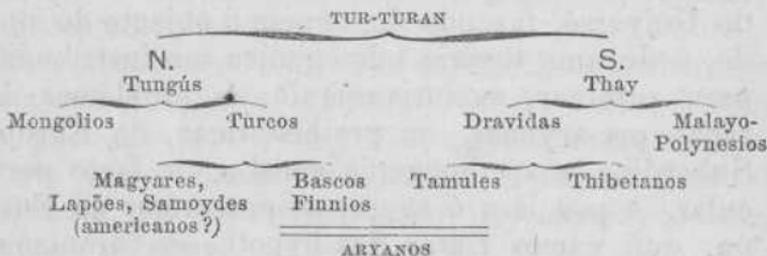
em favor de uma theoria generalisadora. Ao mesmo tempo que a ethnologia mostra a variedade irreductivel de tantos typos humanos, a archeologia descobre, para além das ruinas classicas, um sub-strato de velhas civilisações arruinadas; e a anthropologia acha nos jazigos geologicos, alluviões, cavernas, ou tumulos, restos humanos evidentemente anteriores aos mais antigos homens de que nos dá noticia a historia. A' urgencia de interpretar as tradições religiosas biblicas de modo que as descobertas recentes da geologia não destruisssem a exactidão litteral do livro do Genesis, veio juntar-se, mórmente na Inglaterra protestante, a necessidade de assentar a ethnogenia em theorias que confirmassem a lenda do Paraiso, do Diluvio e da dispersão posterior dos filhos de Noé, semente supposta de todas as raças humanas.

D'estes dois motivos, um inconsciente e subjectivo, outro religiosamente pratico e intencional, nasceu a theoria turaniana. N'ella porém temos ainda que registrar mais um traço: a preocupação instinctiva, que fez outr'ora da Terra o centro do Universo, fazendo do homem o objecto do mundo, e de uma theoria ethnogenica um instrumento para resolver, exclusivamente, os problemas das raças pre-aryanas, ou pre-historicas, da Europa. Subordina-se a ethnogenia geral a um facto particular, e por isso é agora, ao entrarmos na Europa, que vamos tratar das hypotheses turanianas.

Os turanianos (descendentes do *patriarcha* Tur!) teriam tido uma lingua primitiva d'onde descendem todas as linguas aglutinantes: turanianos são os ural-altaios, os indo-chinezes, os dravidas, e os americanos que provém dos altaios; turanianos são os europeus, bascos e finnios, que provém de uralaios; turanianos, os malayo-polynesios que pro-

vêm dos indo-chinezes. Turaniano é pois tudo o que não é aryano ou semita. Segundo a theoria proposta e defendida por Bunsen e Max-Müller, ter-se-iam dado duas migrações primitivas: uma para o norte, outra para o sul: a primeira pelo curso do Amur e do Lena fixou a raça tungú; a segunda, descendo o Mekong, o Meinam, o Iravady, o Brahmaputra, fixou a raça thay ou siameza. Depois, d'estes primeiros nucleos destacam-se outros: ao norte os mongolios, alongando-se para oeste até á cordilheira do Altai; ao sul, abrangendo os archipelagos austro-orientaes, os malayos. Depois ainda, destacam-se os terceiros e ultimos ramos: ao norte, os turcos estendendo-se até ao Ural e ás fronteiras da Europa; ao sul, os dravidas que, passando o Himalaya, assentam na India. D'estes dois ultimos ramos separados, veem, na India, os tamules, na Europa os finnios e os bascos, todos submettidos pelos arianos; veem nas regiões boreaes os samoyedes, e na Asia central a familia bhôt.

Um schema summaria a theoria:



Que prova, ou que base ha para fundamentar uma tal descendencia? O methodo adoptado é o linguistico; nem tradições, nem monumentos, nem provas historicas, nem semelhanças physicas propugnam em favor d'ella: apenas o facto da aglutinação e do monosyllabismo que caracterisam essas

linguas não-aryanas, nem semitas. Mas basta essa prova? Coaduna-se ella com a essencia do methodo ethnolinguistico? Por fórma alguma. O monosyllabismo e a aglutinação que, para muitos linguistas, mas não para todos, passam por estados successivos do progresso que termina com os idiomas de flexão, podem servir para caracterisar e descrever as raças humanas, mas não valem para lhes determinar a filiação; porque, se esses estados são momentos evolutivos, taes momentos ou estados hão de achar-se em gentes de origens varias. A filiação dos povos encontra-se na identidade das radicaes das palavras, e a supposta familia turaniana inclue raças cujas linguas teem raizes irreductiveis entre si, embora tenham um processo, ou dois processos communs de formação de palavras.

A hypothese de uma familia turaniana, por meio da qual se pretende estabelecer um laço de parentesco entre linguas inteiramente diversas, diz Renan, parece-nos gratuita e proveniente de processos que não são os verdadeiros na sciencia. A' parte o vasto grupo de linguas tartaro-finnias que seriam o nucleo da familia turaniana, é mysterio confessar, continúa, que os idiomas congregados sob tal nome não teem senão um caracter commum: o de não serem indo-europeus, nem semitas. E' verdade Max-Müller objectar que, sendo o proprio das linguas turanianas pertencerem a sociedades nomadas, não é de surprehender que taes linguas apresentem por toda a parte um caracter sporadico, sem terem chegado á concentração das indo-europêas e semitas, que depressa serviram de órgãos a vastas associações politicas. Tal resposta, conclue o linguista francez, é demasiado commoda: uma classificação deve assentar em caracteres positivos de afinidade e não em um caracter negativo commum.

Esse grupo de linguas, a que Renan chama tartaro-finnias, reúne sem duvida por laços de estreita afinidade as varias populações que habitam desde a Finlândia até ao Amur, occupando a zona do norte da Europa e da Asia; e a cohesão do ramo a que a ethnogenia allemã chama ural-altaio e incluye (como o leitor viu) madjyares-samoyedes-finnios ou uralaios, com tartaros-turcos-tungús-mongolios ou altaios, não póde negar-se mais depois dos trabalhos celebres de Rask, de Castren, e do proprio Max-Müller. Mas, se a esse ramo Müller reúne com razão os americanos e os hyperboreos, como affins, a reunião de dravidas, de indo-chinezes, malayos e bascos, não se fundamenta em razões plausiveis.

Por isso, já hoje na propria Inglaterra a China deixa de figurar como civilisação turaniana, correspondente á mysteriosa Accadia do occidente; por isso, a *raça turaniana* se reduz já às proporções restrictas de abranger apenas tungús, mongolios, turcos, samoyedes e finnios; e n'estes termos turaniano não quer dizer mais, nem menos, do que ural-altaio, como o leitor sabe. A theoria perde o seu valor ethnogenico, e a palavra, sem importancia particular, não é preferivel á expressão geographica dos allemães. Indo-chinezes, coreo-japonezes manteem-se como ramos distinctos da stirpe mongolica; e isoladas, como é dever, ficam as duas stirpes dravida e malaya. O basco segue sendo um enigma; mas a archeologia que na Assyria descobriu, sob as ruinas da Babylonia, ruinas de mais antigas cidades, achando para além dos imperios semitas e iranianos vestigios de civilisações indigenas, deu o nome de accadios a esse ignoto ou supposto povo que, combinando-se com os sumirs, kuschitas ou hamitas indigenas, teria

do origem á grande civilisação primitiva de Babilonia e da Chaldêa, que é uma especie de China transacta, representante da familia turaniana occidental, desenvolvendo-se para estes lados da Asia antes dos semitas e arianos.

Ha já mais de vinte annos que surgiu a hypothese da existencia de uma gente *turaniana*, isto é, fallando uma lingua aglutinante, habitando antes dos assyrios a região do Euphrates, e iniciando na civilisação os semitas posteriores de Babilonia. Hincks deu a essa gente o nome de accadios. Posteriormente, as successivas descobertas da archeologia da Assyria teem sido motivo para alguns consolidarem com os vestigios reaes, ou suppostos, dos accadios a theoria ethnogenica turaniana.

O inglez Layard teve a fortuna de achar, explorando em Ninive (hoje Koyundjik) as ruinas do palacio dito de Assurbanipal ou Sardanapalo e a velha bibliotheca-nacional da Assyria, perto de dez mil tabuletas escriptas, contendo tratados de grammatica, direito, historia, mythologia, astronomia, etc. Esses velhos tombos são tijolos chatos, quadrados, escriptos em cursivo cuneiforme de ambos os lados. Cada tijolo tem um numero, como folha de um livro; as letras foram gravadas a buril na argilla molle antes da cocção: assim escreviam os babilonios e assyrios, que não tinham outros livros mais do que os *coctiles laterculi* mencionados por Plinio, que nem usavam tinta, nem penna, nem pincel, nem papyro, nem pelles curtidas, nem taboas, folhas de palmeira ou cascas de arvores, como outros povos da Antiguidade; e da incisão

triangular produzida pelo stylete na argilla vem o nome de cuneiforme, que se deu a essa escripta.

Nos tijolos de Ninive pretendem os assyriologos achar a historia escripta do povo accadio predecessor do semita na civilisação do valle do Euphrates. Accadia foi a proto-civilisação visinha da Europa. Já nas eras mais remotas de que ha noticia os accadios tinham caído, e os confins da historia só descobrem os restos ou vestigios da sua passagem. Ha trinta seculos, embora o seu nome, como se pretende, continuasse ainda a designar a Chaldêa, já d'elles não havia talvez mais do que uma vaga reminiscencia. Aos seus successores hamito-semitas, a essa população em cujo seio se teriam fundido, haviam porém legado a escripta cuneiforme, os numeros, a magia, as instituições, os livros sagrados; e a civilisação de Babylonia, tal como a conhecemos, é o producto mixto e a combinação ethnica de accadios e semito-hamitas. Ainda ha vinte e seis seculos existia nas bibliothecas das cidades da Chaldêa, onde estavam as escholas sacerdotaes, um certo numero de livros sagrados de Accad: eram o alicerce dos estudos sabios do clero; mas já dez seculos havia que a lingua accadia, empregada todavia ainda epigraphicamente, como o latim na nossa Europa, tinha deixado de fallar-se e de escrever-se: era uma lingua morta. Foi só no tempo de Assurbanipal que o sacerdocio da Assyria se emancipou da supremacia das escholas chaldêas ou accadias; e como o protestantismo europeu traduzindo a Biblia em vulgar, assim o clero babylonio reeditou os velhos textos, na edição bilingue accad-assyria das escholas palatinas de Assur, edição que é a de Ninive, descoberta por Layard e armazenada hoje no Museu britannico.

Que para além da Babylonia semita, conhecida e como que classica, ha largos tempos de historia perdida, é indubitavel; muitos, porém, se recusam a admittir que pelos monumentos d'essa historia seja licito resuscitar a civilisação de um povo, nem hamita, nem semita, isto é, turaniano — do povo accad, ou accadio. A filiação turaniana dos accadios provém de uma supposta afinidade linguistica entre o idioma entrevisto atravez dos symbolos graphicos dos ladrilhos de Ninive e as linguas da alta Asia. O accad seria um parente proximo dos ural-altaios, e mais directamente dos finnios: seria pois o terceiro dos ramos turanianos (basco-finnio-accadio) componentes do strato primitivo da população das regiões mediterraneas.

Eis o que uns dizem; mas outros, Renan e Hallevy entre elles, negam o fundamento de taes inducções: nem ha monumentos, nem nomes geographicos em que se estribe similhante hypothese; ao contrario, todas essas provas ethnicas depõem a favor de uma origem exclusivamente hamito-semita; e os textos que se supõem accadios seriam apenas escriptos em ideogrammas, em vez de o serem em caracteres phoneticos. Babylonia, diz Renan, teve sem duvida antes da chegada dos assyrios e iranianos uma verdadeira civilisação, e é muito provavel que possuísse e até creasse a escripta cuneiforme; mas vae além de tudo o que é licito, considerar esses predecessores dos assyrios como ural-altaios ou *turanianos*. Só quando nos provarem, conclue, que foram turcos, finnios, húngaros (ou seus descendentes) os auctores da mais intelligente das civilisações presemitas, o creremos: provas positivas não as ha até agora.

Se as houvesse, seria acaso necessario juntar mais um povo, o accad, aos dois povos primitivos

da Europa, o finnio e o basco; pois se pretende que esses velhos *turanianos* da Chaldêa tivessem estendido a sua influencia até á Grecia prearyana. Mas ainda quando a existencia dos accadios e a sua filiação no ramo turaniano se demonstrassem, o leitor sabe que isso não alteraria as nossas conclusões ethnogenicas; porque, segundo vimos, turaniano não quer dizer mais do que ural-altaio, contra a opinião de Bunsen e Max-Müller.¹

Temos pois sobre o solo da Europa, antes das mais remotas migrações aryanas, duas familias: a finnia (turaniana, se se quizer) e a basca.² As reliquias da primeira já foram reconhecidas por nós no livro precedente. Nem uma nem outra, evidentemente, vem da stirpe aryanas; e se a descendencia dos finnios é hoje conhecida, a dos bascos continúa ainda a ser ignota. Como um affloramento isolado e insulado, os bascos (784:000, dos quaes 130 francezes e o resto hespanhoes) estão nos Pyreneus (Biscaya, Navarra, Alava e dep. de Labourd e Soule em França) desafiando ha muito as indagações da sciencia. Menos de um milhão de homens importa, assim, muito mais á ethnogenia do que vastos agglomerados de gentes conhecidas. O povo basco ou eusk (eusk—*ara*, lingua; *kerria*, região; *aldunac*, povo) fallando os seus tres dialectos, biscayno, guipuzcoano, laburtanino, demonstra nas palavras a singularidade da sua ori-

¹ V. a religião dos accadios e babilonios em *Syst. dos mythos religiosos*, pp. 128-35.

² V. *O Regime das riquezas*, p. 2.

gem, e o estado social primitivo em que essa lingua se manteve, e em que esse povo se conservou, até entrar em contacto com arianos e semitas. O boi, o carneiro, a cabra, o cavallo, acompanharam nas suas migrações para a Europa os pastores arianos que os traziam domesticados; e sendo indo-europêas, ou semitas, as palavras com que no euskara de hoje se denominam esses animais, infere-se que a condição anterior dos euskaldunacs não attingira ainda o estado pastoril.

A paleontologia humana tem registrado na Europa quaternaria a existencia de dois typos accentuadamente distinctos: um gigantesco e dolichocephalo, outro pigmeu e brachicephalo; um que em anthropologia se diz *cro-magnon*, outro que se diz *furfooz*.¹ D'esses dois typos, indigenas da Europa, se fazem descender, de um lado, os finnios com todas as raças ural-altaias; de outro lado, os bascos, e as raças da Africa setentrional, com os extinctos habitadores da submersa Atlantida, e com os americanos que teriam emigrado atravez d'esse continente.² Ainda para além, nos mais remotos periodos de que na Europa ha restos humanos incontestaveis, encontra-se a raça paleontologica anterior de Canstadt, cuja área se teria estendido desde o Rheno (Neanderthal) até á Italia (Olmo) até Gibraltar (Forbes).³

Circumscrevendo no tempo e no espaço a vastidão das nossas indagações; não querendo ir além nem dos tempos quaternarios, nem das fronteiras europêas e mediterraneas, achamo-nos pois com um *furfooz*, *laponoide*, *proto-finnio*, e com um *cro-magnon*, *proto-basco*. A área do primeiro duvidosa-

¹ V. *Elem. de Anthropol.* (3.^a ed.) p. 171-76. — ² *Ibid.* p. 124-7 — ³ *Ibid.* p. 167-71.

mente passou para o sul dos Alpes, mas é fóra de duvida ter passado os Pyreneus, pois que a craneologia peninsular denuncia a existencia d'esse typo.¹ O Meio-dia, porém, não parece ter sido mais do que o campo de irrupções ou migrações afastadas; e o coração ou nucleo ethnico localisa-se na bacia do Rheno, abrangendo os Paizes-baixos e a França de leste, a Allemanha, e a Prussia até ao Baltico. Nas tradições teutonicas e celticas vive uma raça de anões boreaes, mineiros, trogloditas, magos, feiticeiros, amarellos ou negros de côr, malignos e astutos: serão os furfooz vencidos pelos aryanos? Os finnios, os esthonianos, os lettos e livios, essas populações balticas hoje insuladas entre os slavos, serão os descendentes da raça quaternaria europêa? O povo ou povos que na epocha das invasões successivas de celtas, germanos e slavos cruzaram com os adventicios, eram os furfooz? Crê-se que sim.

A área basca, ou ibera, deveria ter occupado o meio-dia da Europa e a metade occidental da bacia mediterranea: a Hespanha, a Aquitania, a Sardenha, a Corsega e a Sicilia, a Africa até ao Sahará, e a Italia; indo para além do Adriatico confinar com a* área oriental asiatica dos ugro-finnios, cujos representantes europeus quaternarios seriam os furfooz. Cro-magnons se dizem os iberos da mesma epocha; e os euskaras dos Pyreneus estariam assim para com elles, como para com os precedentes os livios da Livonia, por exemplo; da mesma fórma que os hamitas africanos seriam para o ibero pre-historico o que são para o finlandez os seus afastados irmãos da Laponia e da Siberia.

Eis ahi as conclusões mais verosimeis que se

¹ V. *Elem. de Anthropologia* (3.^a ed.) p. 254-9.

apuram dos estudos recentes. Antes das primeiras invasões aryanas habitavam a Europa duas espécies de homens; os seus restos apparecem acantonados, isolados, nos dois extremos austro-occidental e norte-oriental; dando um a mão á Africa através do Estreito, collado o outro á Asia pela Sibiria, exprimindo em ambos estas visinhanças geographicas as affinidades ethnicas. Taes são, repetimos, as conclusões; e, se para o caso da descendencia dos finnios e iberos dos dois typos quaternarios ellas são verosimeis, sem serem incontestaveis; se para o caso da afinidade dos iberos e hamitas não teem mais consistencia do que a de uma hypothese: para o caso da afinidade dos finnios e uralaltaios, em geral, a sciencia não suppõe, affirma.

O estado d'essas populações pre-aryanas da Europa era selvagem, caçador ou pescador, e sem conhecimento dos metaes. A iniciação na vida agricola e pastoril veiu á Europa com os aryanos que, ou exterminaram, ou absorveram a quasi totalidade dos seus anteriores habitantes. A iniciação na metallurgia veiu aos primeiros aryanos europeus (segundo uns affirmam e outros negam) das civilizações hamito-semitas do Nilo e do Euphrates por mão dos phenicios, medianeiros e não invasores. Nem sempre a uma nova idade historica corresponde uma nova camada de gente. E a mesma penetração que se dá nas successivas camadas ethnicas, dá-se na successão das edades. Vamos estudar agora as camadas de população aryana da Europa, mas já sabemos como ellas não impediram a conservação dos restos das camadas anteriores. Assim tambem a éra dos ibero-finnios se póde chamar idade de pedra, a dos celtas de bronze, a dos germanos de ferro; sem que pedra e bronze e ferro marquem periodos susceptiveis de determinação chronologica.

II

A invasão aryana

Deixámos no Irân e na India os dois ramos asiaticos da familia dos áryas; mas se para o oriente as migrações iam seguindo até ao extremo da península gangetica, outras columnas se destacavam em sentido opposto contornando o Caspio e o Ponto-Euxino dos antigos que nós dizemos mar Negro. Ahi separa-se um grupo para o sul: são os futuros gregos e latinos; outro grupo sobe o Danubio, passa ao Rheno, atravessa o estreito, espalhando-se pelo centro da Europa e até ás ilhas britannicas e á Hespanha: são os celtas; outro ainda se destaca n'um certo ponto da viagem e vae subindo para o norte até ao Baltico: são as tribus godas e teutonicas. Atraz d'estas avançadas ficavam nas fronteiras da Asia outras familias da mesma stirpe acantonadas na Russia e na Germania, desde os Carpathos até ao Elba, desde o Euxino até ao Volga: eram os scythas, os sarmatas dos antigos, e os slavos, ultimos dos aryanos da Europa que ganharam nome na historia moderna.

A historia posterior da familia aryana na Asia e na Europa, esta nossa historia sem par entre a das varias raças de homens, mostra o grau de capacidade latente nos cerebros dos nossos primeiros ascendentes; e o estado quasi maravilhoso que a civilisação aryana attingiu, vê-se logo embryonario nos mais antigos rudimentos de instituições e nas primitivas idéas transcendentis. A'

linguística, sciencia por excellencia moderna, tão certa como subtil, tão segura nos seus methodos como profunda nas suas observações, devemos nós hoje o poder determinar pelas linguas que fallamos a familia de que descendemos, e o estado, senão a éra, em que uns dos outros nos separámos para nos diferenciarmos com o tempo. As palavras cujas raizes mostram concordancia phonetica nos varios ramos dos indo-europeus, pois d'esses tratamos agora, são o documento de conquistas anteriores á separação e a prova dos estados sociaes attingidos successivamente. Quando no sanskritto, de um lado, e em todos os ramos linguisticos da Europa aryaná, do outro; ha palavras communs para designar os membros da familia, a casa, o pateo, o jardim, a cidadela; para designar o cavallo, o cão, o porco, o carneiro, a cabra, o rato, o ganso, o pato; quando ha raizes communs para a lã, o linho, ou o canhamo, para certas armas e instrumentos, para os numeros elementares e para a divisão lunar do anno: fica provado o estado de civilisação em que se achava o nucleo primitivo no momento em que d'elle se destacaram os ramos emigrantes.

Assim a linguística diz ser quasi certo que os primitivos aryanos, ou desconheciam ainda a agricultura, ou ella tinha apenas um papel subalterno; que eram pastores, sem serem nomadas, pois construíam casas e cabanas; que, se é duvidoso que soubessem tecer, sabiam de certo coser os alimentos e temperavam-n'os com sal; que já concebiam os numeros até cem, e mediam o tempo pela lua; que já, sobretudo, e isto é a prova da sua singular capacidade, havia uma familia, relações fixas entre marido e mulher, havia clans sem haver sacerdotes, porque o pae era o sacerdote por excellencia, o *padre*, com o lar por ara sagra-

da ¹. Se entre os povos de hoje é licito buscar exemplos do viver primitivo dos áryas, são as tribus afghans, entre lavradoras e pastoras, que porventura se mantiveram até nós no estado remoto dos seus e nossos antepassados. Congregados em familias reunidas em aldeias, os áryas mostraram desde todo o principio a sua coragem firme para o combate, a sua energia para o dominio, a sua capacidade para crearem com a vida sedentaria as instituições fixas e progressivas da cidade. Já eram artifices forjando, batendo, adaptando os metaes e a madeira ás necessidades dos seus usos. Tinham bigornas de pedra, e se não sabiam fundir o ferro, sabiam forjal-o; sabiam trabalhar côm a prata e com o ouro, de que faziam anneis e braceletes para os pulsos e para o pescoço. De troncos de arvores escavados faziam barcos ainda sem quilha nem velas: só com remos para navegar nos rios, porque desconheciam o mar. Tinham rebanhos e cavallos domesticados para montarem em combate. A casa era uma barraca de postes ligados, com uma cisterna, uma cosinha, uma horta e em volta de tudo o vallado e o fosso: a casa era uma cidadela e o árya um soldado. A força da sua intelligencia, a força do seu braço, alliavam-se á crueza

¹ Eis aqui alguns exemplos dados por Mommsen: (*Rom. Hist.* I, 17)

Sanskrito	<i>dam</i>	Latino	<i>domus</i>	Grego	<i>domos</i>	casa
"	<i>doaras</i>	»	<i>fores</i>	»	<i>dura</i>	portas
»	<i>veças</i>	»	<i>vicus</i>	»	<i>oikos</i>	aldeia
»	<i>náus</i>	»	<i>navis</i>	»	<i>naus</i>	barco
»	<i>aritrám</i>	»	<i>remus</i>	»	<i>eretnos</i>	remo
»	<i>akshas</i>	»	<i>axis</i>	»	<i>axon</i>	eixo
»	<i>jugam</i>	»	<i>jugum</i>	»	<i>zugon</i>	jugo
»	<i>vastra</i>	»	<i>vestis</i>	»	<i>esthes</i>	vestido
»	<i>çatam</i>	»	<i>centum</i>	»	<i>ekaton</i>	cem
»	<i>devás</i>	»	<i>deus</i>	»	<i>theos</i>	deus.

do seu vencer na lucta, marcando-os desde todo o principio para senhores do mundo. O inimigo prisioneiro era um escravo: assim creavam para si, com homens, segundos rebanhos; e submettendo á sua vontade os animaes e os similhantes, cada dia se viam mais livres para as grandes emprezas da guerra e do pensamento; cada dia estreitavam mais os laços de uma cohesão social eminente. A familia tinha no *pae* um chefe e um sacerdote, e na propriedade um alicerce; a aldeia tinha na posse commum do solo o laço de união, a *Communa*. A aldeia é o embryão da cidade futura. A tribu tinha por chefe o melhor dos soldados. Muitos d'estes traços são geraes de certo á maior parte dos povos primitivos, como veremos; mas emquanto em outros a capacidade não consente que as sementes germinem e a planta se desenvolva, entre os áryas taes rudimentos eram os embryões das cidades em que vivemos, das sociedades a que pertencemos. Porque já no cerebro do pastor, cantando pelos montes os hymnos vedicos, ha inconsciente o pensamento agudo e profundo de um Hegel, de um Goethe; já na aldeia com as suas instituições, ha os elementos constitucionaes das sociedades europêas; já no obscuro fermentar da imaginação d'esses barbaros, as sementes da philosophia e da sciencia; já no seu decidido arrojio, no seu mando irresistivel, o motivo de um futuro imperio universal.

O ramo que se destacou para a Europa e subdividido formou depois as varias familias aryanas que a invadiram, ficou provavelmente alguns seculos entre a Persia e Armenia, aprendendo a agricultura, trocando de todo a vida pastoril pela sedentaria. Assim o quer Mommsen, embora Kuhn e Max-Müller digam que desde todo o principio o

árya era lavrador, que de *ar* veem todos os termos de lavoura e com elles o proprio nome do povo: árya=lavrador. A cevada e o trigo na Mesopotamia, a vinha ao sul do Caucaso, são silvestres; silvestre a ameixoeira, a nogueira e muitas outras arvores de transplantação facil. Foi ahi, diz Mommsen, que o árya se tornou agricultor, adquirindo os habitos com que chegou por fim á Europa; foi ahi que pela primeira vez viu no Caspio um mar; e como a palavra com que o mar se denomina é a mesma entre todos os ramos aryanos da Europa, sem duvida a familia chegou ao Caspio, talvez até ao Euxino, antes de se separar.

Quando este facto se deu, já tinham seculos de existencia as civilisações das margens do Nilo, do Tigre, do Euphrates: essas civilisações dos hamito-semitas, para além das quaes hoje se pretende enxergar uma remota civilisação de accads — gente tambem *turaniana*, como os selvagens ibero-finnios que habitavam a Europa á chegada das migrações aryanas. Ao lado d'essas civilisações trans-mediterraneas de leste e oeste, do Egypto e da Mesopotamia, internando-se na selva escura dos mata-gaes europeus, exterminando as tribus errantes dos seus selvagens nús, trogloditas, caçadores com dardos e settas de pedra ou de osso; observando o ceu, singrando nos mares, avassallando, conquistando, destruindo gentes e mattos, levantando villas e arando os campos, a onda das invasões aryanas foi passo a passo alastrando a Europa, desde o Caucaso até á Hespanha, desde a Italia e desde a Grecia até ás ilhas britannicas e até ás margens do Baltico; parando apenas nas fronteiras geladas do polo, e nas margens do vasto Atlantico, até que vinte ou trinta seculos de repouso, de imperio, de progresso, lhe permittissem em-

barcar para as longas viagens da ignota America para a avassallar.

Para além das familias indo-germanicas, vivas até hoje nas nações que as compõem; para além de italo-gregos, de celtas, de teutões, de slávicos; para além da Asia-menor e do mar Negro, indecisos nas fronteiras geographicas, indecisos na pureza do sangue, duvidosos quanto á descendencia e á historia, extinctos ou absorvidos, ou indeterminaveis hoje com o nebuloso auxilio das denominações dos escriptores antigos, encontram-se noticias de povos que, ou são geographicamente como que a retaguarda dos arianos europeus, ou representam as primitivas migrações envolvidas em sombras. Os scythas que foram e são ainda para uns tartaros, para Rawlison indo-europeus, para Dieffenbach iranianos; os scythas que desde o XV até ao IV seculo teriam constituido um imperio desde o mar de Azof até ao Baltico na área dos ramos germano e slavo, passam hoje por cousa nenhuma. Scythas, para os antigos, quereria dizer apenas os nomadas da Europa e da Asia do norte. Scythia seria pois uma expressão geographica, sem valor ethnogenico. Anteriores á *vinda* supposta dos scythas, teriam chegado á Europa os thracios que com os ligures e illyrios teriam formado uma primeira columna de invasores. Os thracios, no gremio dos quaes é mister incluir os davos ou dacos e os getas, estariam, sob o nome de cimmericos, no litoral do norte do mar Negro, á chegada dos *scythas* que d'ahi os teriam repellido. Mas estes cimmericos são para Dieffenbach iranianos e não arianos. Do seculo VIII ao VI, qualquer que fosse a sua stirpe, habitavam entre o Danubio e o Don, e na maré que vinha rolando da Asia foram impellidos até á Crimêa, e querem

alguns que muito mais longe, vendo n'elles os ascendentes dos cimbro e os paes da raça celtica.

Se os cimmericos eram os thracos, estes, deixando nas margens do Danubio as suas tribus de dacos e getas, espalharam-se rapidamente pela Attica, pelas ilhas, na Asia-menor, na Bithynia, na Phrigia. Seriam a gente de Baccho e Orpheu, os inventores da vara, do lagar e da charrua, os portadores dos mysterios eleusinos, os iniciadores da primitiva gente pelasga: tursânos, thyrrenos ou etruscos, com todas as tribus que os hellenos e os ligures acharam na Turquia da Europa e na Italia meridional. E enquanto os thracos se estendiam assim para leste na supposta área pelasga, os illyrios e os ligures seus companheiros de migração, acantonavam-se, os primeiros na região montanhosa que liga os Alpes aos Balkans, e sobre a encosta oriental do Adriatico; os segundos nas boccas do Pó. Com o nome de sículos, batiam os sicanos ibericos e os pelasgos œnотrios, na Sicilia, e por outro lado batiam os iberos para além do Rhodano, chegando talvez ao mar do norte e pelas costas mediterraneas á Hespanha.

Quem, estudando os modernos escriptores ethnographos, observar as confusões singulares que ha nas denominações de tartaros, cossacos, turcos, etc. póde fazer idéa dos erros a que levam as maiores confusões dos antigos geographos: appellativos tornam-se nominativos, nomes geographicos adquirem um supposto valor ethnico.

A theoria de Joubainville sobre as migrações aryanas na Europa assenta exclusivamente sobre as noticias dos auctores classicos, e divide em tres

ramos os povos que propriamente constituem a nova camada de população: (1) ligures, thracos, illyrios; (2) ombro-latinos, celtas, hellenos; (3) germanos, slavos. Sobre um strato de população autochtona que são os trogloditas de Lucrecio, de Virgilio, de Homero, de Eschylo, de Platão, de Aristoteles, de Diodoro e de Strabão, assentaram os iberos e os pelasgos; sobre estes as successivas camadas de arianos; sobre os ligures os celtas, sobre os thracos os hellenos, sobre os illyrios os latinos, principalmente, porque as áreas respectivas ter-se-hiam penetrado. Germanos e slavos, que só apparecem em scena no II e I seculos, respectivamente, teriam vindo sobrepor-se aos scythas d e stirpe supposta iraniana.

Trogloditas

Iberos	Pelasgos	Scythas
<i>Primeira invasão ariana</i>		
Ligures — Illyrios — Thracos		
<i>Segunda invasão</i>		<i>Terceira invasão</i>
Ombros, Celtas.	Latinos, Hellenos	Germanos, Slavos

Se os trogloditas dos antigos podem muito bem ser os ugro-finnios da ethnographia moderna, ou os furfooz da paleontologia humana da Europa; e se os iberos podem muito bem ser os cró-magnons: é pela primeira vez que encontramos no nosso estudo, entre os europeus remotos, esse nome de pelasgos, tão frequente nos escriptores antigos. Que são, quem são os pelasgos?

Eis ahi uma historia que passa por ser a d'elles. No seculo xxv teriam vindo da Asia, occupando até ao v seculo a futura Thracia, a Macedonia, o Epiro, e, descendo á Grecia, o Peloponeso, Creta

e as ilhas do archipelago. Batalharam no Mediterraneo com os iberos, tomando para si uma parte da área d'esses *atlantas* que desde o seculo L occupavam tudo, desde o Rhodano até ao Atlas, chamando-se iberos de um lado, lybios do lado opposto do Mediterraneo. Estabelecidos sobre a metade oriental da área iberica, os pelasgos foram submettidos, na Asia-menor pelos assyrios, nas ilhas e costas pelos phenicios, na Thracia, na Illyria e na Grecia pelos indo-europeus, thraco-illyrios que os helleno-latinos submetteram depois. Mas a nação dos pelasgos, que n'este primitivo ramo não conseguiu vingar, teve melhor sorte em outro ramo que pelo seculo X, já em plena epocha hellenica, teria vindo da Asia á Italia: são os etruscos. Alastraram-se sobre as populações insubrias, umbrias, latinas e oscas, sem lhes poderem alterar o sangue; mas enraizaram entre o Arno e o Tibre, na moderna Toscana, a Etruria antiga, creando uma civilisação propria, com traços singulares e terribes, e cujos vestigios abundantes, cujas mysteriosas inscrições deixam em duvida qual fosse a sua ascendencia. Eram semitas? Eram indo-europeus? A sciencia não o diz, mas que eram *pelasgos* affirmam-o a historia que vimos contando.

Outra historia não põe em duvida a ascendencia. Pelasga teria sido a primeira onda de indo-europeus; pelasgos os avós communs de latinos e gregos, na Asia-menor e na Phrigia junto do Meander e do Hermus. Varios ramos d'este nucleo primitivo e nebuloso, impellidos pelos phrigios e lydios, se teriam internado na Europa. Uns, passando o Hellesponto e o Bosphoro, teriam chegado á Grecia continental, outros ás ilhas; e á Italia teriam ido, um ramo directamente á Iapygia, outro, costeando o Adriatico, ao sul da Peninsula. Pretende-

se que tivessem sido uma gente boa e docil; attribuem-se-lhes as construcções cyclopicas da Asia e da Europa; dão-n'os como iniciadores da architectura, submettidos pelos hellenos, e acaso ainda vivos nos escravos da republica da velha Grecia.

Os gregos suppunham-n'os tão antigos que os confundiam com o solo, chamando-lhes «filhos da terra negra.» Mommsen, o grande historiador da Italia, considera-os uma fabula. Latham diz que o caso dos pelasgos é um especimen da insufficiencia de documentos sobre os povos da Antiguidade. Junta-se Niebuhr a Müller e Thirwall a Niebuhr, Pelion a Ossa e o Olympto a Pelion, e conclue-se apenas isto: que a lingua dos pelasgos era fallada em Kreston e em Plakea e que differia do grego n'um grau indeterminado. «A imagem tradicional do pelasgo, observa Grote, de toda a parte expulso, em parte alguma fixo; a imagem d'essa raça que está em todos e em nenhum lugar, surgindo sempre, para logo se desvanecer sem deixar vestigios; a imagem d'esta nação fugaz é para mim tão singular que ponho duvidas sobre a sua existencia historica.» Os «filhos da terra negra,» os pelasgos mysteriosos, seriam apenas para os escriptores gregos como as varias concepções de povos biblicos de que os escriptores christãos nos contam sabidas historias? Seriam como a raça dolmenica dos modernos archeologos da pre-historia? Muitas e muito boas auctoridades querem que sim. Todos concordam em que é pelo menos temerario pretender construir a historia dos aryanos primitivos da Europa e das suas migrações successivas, só com o apoio dos textos dos escriptores classicos. Nem por estarem mais proximos d'essas remotas edades, o estavam elles tanto que podessem usar senão de tradições por força vagas, e cujo valor não podiam

afferir, como nós podemos hoje, com os methodos da sciencia recente, determinar o valor real dos monumentos que ainda restam.

Vamos pois estudar agora, por familias, a camada de população aryana conhecida da Europa, registrando aquellas historias e aquellas filiações que os escriptores dos nossos dias têm determinado seguramente.

III

Os italo-gregos

Quem hoje observa a Grecia, encontra uma tal confusão de gentes que tem levado escriptores a negar que exista já uma população descendente da dos tempos classicos. Assolada pelos romanos, pelos slavos, pelos arabes, pelos turcos, a Grecia, a nobre Grecia, mãe de todos nós europeus civilizados, não soffreu menos no seu sangue do que nos seus monumentos incomparaveis. Homens e templos caíram em ruinas; viciou-se a lingua, conturbou-se o sangue. Da rede de colonias da Italia, da França, da Hespanha,¹ nada resta mais do que uma tradição, e aqui, além, signaes vivos na physionomia de alguns habitantes. Ha plantas que ao darem o fructo morrem: assim a Grecia, dando-nos a alma da civilisação que temos, acabou. A renascença de hoje é uma vida nova, diversa da antiga: em vez de iniciadora, a moderna Grecia é discipula das nações do Occidente que d'ella aprenderam; e as velleidades de archaismo são idéas de letrados ingenuos, sem alcance nem valor.

Avassallada pelo turco, já desde o ix até ao xv seculo da nossa éra a Grecia soffrera a invasão de ondas successivas de sangue slavo. Slavos, albane-

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) p. xxxii.

zes, italianos, turcos, bulgaros, vallacos, arabes, francezes, hespanhoes: todos os europeus mais ou menos se acham hoje representados no reino de que é chefe um saxonio; e ao lado dos europeus, o turco vê-se ainda habitando a Grecia forra, ou mandando nas provincias escravizadas. Quasi só na velha Laconia ha gregos de sangue antigo. Esses doricos, em cuja alma arderam as chammas mais ideaes do incendio com que a Grecia illuminou o mundo, passam por ter sido a ultima das tribus hellenicas estabelecidas na peninsula. A sua vinda, no XII seculo, determina a migração dos eolios, dos achaios e dos jonios para a Asia-menor, onde foram achar-se com povos irmãos, ou affins. Do estabelecimento dos doricos, da installação dos gregos precedentes na Asia e nas ilhas, data a civilisação grega, cuja expansão mediterranea, com as colonias dos litoraes e com a occupação da Italia meridional, parece ser posterior á idade de Homero.

Mas esses primeiros hellenos da Grecia, os jonios, eolios, achaios, e tambem os doricos posteriores, quem eram? d'onde vinham? Vinham, ao que se crê, da Italia, por mar. Vinham da Italia onde, por terra, nas viagens desde o Caucaso, um ramo dos aryanos já chegara destacado e agora se scindia em dois: o italo e o grego. Ao desembarcar, os doricos acharam a peninsula nas mãos dos primeiros occupantes; mas esses, quando chegaram, tel-a-hiam achado deserta? Não. As tradições classicas falam dos thracos que opprimiam os *pelasgos*; e a ethnologia diz-nos que, antes da Grecia vir a ser hellena, era skipetar ou albaneza. O grego classico não seria pois mais do que o cruzamento dos indigenas skipetars com os italos immigrantes; e o albanez de hoje, quasi que indubitavel descender de

dos illyrios da Antiguidade, é provavelmente também o descendente dos thracos hellenizados.

Assim a área skipetar da Albania actual — faixa litoral sobre o Adriatico e o mar Jonio, nunca mais larga do que 160 kilometros, ás vezes reduzida a 50, e que vem desde o Montenegro (43°) até Suli (39°) — é o resto de um vasto dominio adquirido de um lado pelos hellenos, do outro pelos slavos, do outro pelos turcos. Assim, o albanez, como o ibero nas suas montanhas, é a reliquia de um ramo indo-europeu, tão individualisado como o italo, como o celta, como o germano e como o slavo, e mais autonomo do que o grego que seria o producto da mistura de sangue skipetar (illyrio, thraco?) e italo.

Skipetar é o nome que a si proprio dá aquelle que nós chamamos albanez e os turcos arnaut. E' uma gente buliçosa e valente, mercenarios do Oriente, como os suissos o foram no Occidente, vivendo uma existencia bravia, entre pastores, ladrões e soldados nas montanhas, entre marinheiros e piratas nas ilhas, porque o albanez, embora não domine, estende as suas colonias por toda a Grecia e chega á Italia. Aventureiros audazes e valentes, tiveram no epirota Pyrrho um digno representante do seu genio. Na Albania constituem tres tribus: (1) os gheghs das fronteiras do Montenegro, da Bosnia e da Herzegovina, até ao Drin, ao norte; (2) os mirdits ao sul do Drin na provincia de Kroia; e (3) os toskis, ou albanezes do sul. Fóra da Albania, deveram á dissolução da Grecia antiga o repovoar em grande parte uma zona que primitivamente acaso fôra sua; fóra da Albania são quem habita Megaris e a Attica, á excepção de Athenas e Megara; são o melhor da Beocia e de parte da Locrida. Albanez é o sul da Eubêa, o

norte do Andros, todo o Salamis e uma parte da Egina. No Peloponeso são ainda mais numerosos; mais ainda na Corinthia, na Argolida, no norte da Arcadia e no oriente da Achaia. As vertentes do Taygeto lacedemonio são skipetars. Marathona, Platea, Leuctra, Salamina, Mantinea, Ira, Olympia, todos esses lugares eternamente gregos na historia epica dos civilisadores da Europa, são hoje habitados, como porventura o foram nas edades anteriores á da Grecia, por skipetars e não por hellenos.

Se o solo da Grecia aryana primitiva é skipetar, já se aventou a hypothese de que tambem o fosse o da Italia, com os iapygios do extremo sudoeste da peninsula; e se tal hypothese ganhasse consistencia, a unidade dos italo-gregos estaria assim achada n'estes ascendentes communs. Skipetar ou hellenica, isto é, tronco de onde se destacaram uma ou ambas essas camadas da população da Grecia, a affinidade dos arianos das duas peninsulas mediterraneas é proxima, e a separação dos dois ramos muito posterior á das primitivas familias europêas. Quando a columna da migração occidental se destacou, os arianos vinham ainda pastores: ainda não conheciam o mar. Crê-se ter sido na sua estação da Mesopotamia que trocaram pelos habitos lavradores o velho estado pastoril. Ainda então a columna se não dividira nos seus varios ramos europeus, como o prova a identidade do nome de arado, *arotrum* no ramo italo, *aran* no allemão, *orati* no slavonico, *ar* no celtico. Mas a separação do grupo grego do tronco italiano foi decerto posterior á dos slavos, germanos e celtas, porque as affinidades linguisticas dão a prova de uma existencia seden-

taria commum n'uma epocha bastante posterior. *Vesta*, a deusa do lar fixo do lavrador, em opposição á fogueira nomada do pastor, é em grego *Estia*. Um rei ou um heroe, Italo, seria o auctor da mudança dos habitos pastoris pelos agricolas. Os *samnitas* consideravam o boi como guia das suas primitivas colonias, e os nomes nacionaes dos latinos são expressivos: *siculi* = ceifeiros, *opsci* = lavradores. A casa grega que Homero descreve é como a da Italia, no seu traço essencial, no seu nucleo: o *atrium*, o *megaron*, onde está o altar domestico, o leito conjugal, a mesa, o lar e todos os elementos constitucionaes (cidade, familia, religião) da futura civilisação typo. Friccionando dois pedaços de madeira, todos os povos começaram por inventar o lume; mas a denominação das peças do apparelho é commum a italos e gregos: *trupanon* e *terebra* são a broca; *stopeus*, *tabula*, a tabua. Nos vestuarios acha-se o mesmo parentesco: a *tunica* é *chiton*, a *toga* é *himation*. O facto da rapidez com que as populações iapygias se hellenisaram mais tarde, nos periodos de expansão da civilisação grega, vem corroborar, com os acontecimentos historicos, as revelações linguisticas.

Filhos, pois, de uma stirpe commum, destacados quando ainda a columna não passara para oeste dos Apenninos, italos e gregos, desenvolvendo parallelamente as suas civilisações, diferenciaram-se dando ao mundo em dois exemplares typicos, as duas faces essenciaes do genio aryano, os dois aspectos mais graves da cultura eminente a que ao homem é dado chegar sobre a terra. A variedade de temperamento ethnico dos dois grupos, as influencias dos respectivos *habitats*, o contacto com os povos visinhos, concorreram para uma differençação profunda e excellente. O egypcio deu pro-

fundidade ao pensamento grego, o etrusco deu ao latino o quer que é de ferreo. O logar fez do atheniense o medianeiro, successor dos phenicios; o logar tambem fez do romano o dominador da Europa. Athenas e Roma foram as duas cabeças das duas republicas mães do mundo culto: uma ás portas do Oriente assimilava as conquistas scientificas e technicas, as artes, o commercio, e muitas idéas dos semito-hamitas de Babylonia, do Egypto, de Sidon e Tyro; outra, nas portas da Europa central, depois de civilisada e unificada a Italia, romanisava toda a Europa, ia á Grecia, ia á Hespanha e á Africa, ia ao Oriente, impor por toda a parte as suas instituições e o seu imperio. Mais forte e menos philosopho, o romano, cimentando a sociedade com o respeito universal, da familia pelo pae, da sociedade pelo chefe, de todos pelos deuses: o romano, utilitario e pratico, togado, vestido sempre, grave como um inglez da Antiguidade, respeitador dos usos, repellindo os excentricos, venerando as regras, venerando a moral e o *cant*, comprimindo os impetos, afeiçoando os individuos ao typo abstracto do cidadão: o romano creou a magestade do imperio, a força eminent de uma homogeneidade politica, de uma disciplina religiosa que vieram a ter a sua definição cabal no principado de Augusto e no poema de Virgilio. Epico é esse character filho de uma historia; e ainda hoje a Italia, na grave e mystica profundidade da sua philosophia: a Italia que foi de Dante, de Vico e do papado, se mostra a herdeira de Roma. E, entretanto, á maneira das hervas tenazes inçando o chão logo que a lavoura repousa, n'essa propria Italia classica rebentam espontaneamente as raizes intimas dos ascendentes dos hellenos na crise da Edade média, produzindo republicas bem semelhantes ás gregas.

O lugar e o trato com phenicios, um chão recortado em bahias e isthmos, com o mar insinuando-se por toda a parte, com as ilhas por dependencia da península, e as lições de uma gente commerciante e maritima, destinavam os gregos para um futuro diverso do latino. Se aos romanos chamámos inglezes, aos gregos convém o nome de francezes, na volubidade, na graça, na bravura, na audacia, qualidades brilhantes sem solidez, convindolhes tambem o nome de allemães, na profundidade ideal do genero lyrico e metaphysico. Como nação, em vez do imperio da Italia, vemos fallarem as tentativas doricás, vemos a sociedade (como em França) oscillar entre as varias formulas abstractas do communismo e do individualismo, e a fatalidade vencer na anarchia atheniense. Na Italia fórma-se o Estado, na Grecia nada se consolida; e a sociedade dissolve-se por nunca ter passado além da noção politica federal. Na Italia forma-se uma Igreja e um culto, e afinal o catholicismo; na Grecia a religião mantem-se pessoal, vaga, oscillante com as idéas e as theorias: é idealmente profunda em Eschylo, mas vae passando da poesia de Sophocles, á trivialidade de Evhemero, á impiedade voltairiana de Euripedes, ou ao mysticismo doentio do neo-platonismo, precursor dos messias, sem jámais poder tornar-se uma expressão social. Terra de artistas, pateo de sophistas, veiu a tornar-se a bella Grecia, patria do pensamento sublime e da divina poesia. Mais perto da luz, os gregos cegaram; mas depois de crearem obras que são as da intelligencia pura, e as da belleza absoluta. Mais susceptiveis de perceber o fundo das cousas mysteriosas, faltoulhes por isso mesmo a fé, escasseoulhes a força consequente, eminentes qualidades com que o romano

positivo deu campo e fórma ás idéas. A Grecia é um turbilhão luminoso e cahotico; Roma fez d'esse cháos um mundo real. Os horisontes vagos approximaram-se, a luz diffusa concentrou-se, o mundo na sua realidade pareceu e ficou mais acanhado; mas taes são as proprias condições da realidade que, para existir, restringe, contorna, delimita as cousas, e por isso as diminue.

Além do fundo iapygio, a ethnogenia encontra na Italia o etrusco a cuja influencia Roma deveu em grande parte o character grave e quasi ferreo da sua magestade. Singulares são esses homens massiços, obesos, com o nariz chato, a fronte fugidia, sem parecenças com os outros da Italia e da Grecia. Singulares nos seus ritos mysteriosos e funebres! Mysteriosa a sua lingua: vinte palavras apenas, como bastarão para que a sciencia de hoje diga quem eram e d'onde vêm? Em vão a linguistica indaga, em vão a archeologia busca: apenas se conclue que não são italo-gregos esses remotos habitadores da Toscana. Mas serão iberos? serão finnios? serão indo-europeus, afastados parentes dos visinhos italiotas? Os que os dizem *turanianos* nada adiantam, porque turaniano, por ser tudo, é cousa nenhuma. Este suppõe-os lydios tartaros ou mongoloides que, entrando na Europa pelos desfiladeiros do Caucaso e deixando os Balkans ao sul, teriam subido pelo Danubio ao Tyrol: tal é a historia de Herodoto. Outro pergunta se não serão ugro-finnios: o anão Tagés faz lembrar os mythos scandinavos. Mas as obesas imagens de Cervetri, as Gorgonas, os deuses quadrialados, as

sphinges, as chimeras, os leões e pantheras, os scarabeus do Egypto, não attestarão uma ascendencia semita, tambem insinuada na omissão das vogaes breves, no desdobramento das consoantes, e na escripta em direcção inversa? Os sacerdotes, as castas, a fatalidade são do Oriente; mas taes symptomas não teem a significação bastante para determinar uma stirpe. Serão bascos? A localisação induziria a crel-o; mas entre o euskara e o etrusco não se descortinam affinidades.

Mommsen diz poder-se affirmar que são indo-europeus, sem serem italo-gregos. Nada mais se conhece d'esses auctores de uma religião phantastica e funebre, d'esses mineiros mysteriosos, senhores dos numeros, sectarios mysticos de um culto sanguinario e horrivel, tão alheio ao claro racionalismo latino e ao luminoso idealismo grego, quanto os habitos dos homens dos metaes o são do placido lavrador, quanto o typo obeso e macisso d'esses homens o é do esbelto e nobre typo da Italia e da Grecia. Outros, sem affirmarem que sejam iberos, nem finnios, nem mongolios, nem egypcios, tampouco acham bastantes provas para dizer que sejam arianos. Ligures não são; representantes d'esse povo extincto e ignoto que construiu os milhares de *muraghes*, torres sepulchraes das ilhas do mar toscano, especialmente da Sardenha, tampouco, pois não se vêem *muraghes* na Etruria.

Os rasena (*ras*, etrusco + *ennae*, povo) ou thyrenos, como os gregos lhes chamaram, apparecem na ethnographia da velha Europa localizados em dois pontos, separados pelos celtas: (1) na Toscana de hoje, entre o Arno e o Tibre, desde os Apeninos até ao mar; a velha Etruria que do VII ao VI seculo attingiu o acume de uma civilisação propria

assimilada pelos romanos; (2) desde o Pó até ao Tyrol, no Veneto moderno.

Dos antigos, Livio, Plinio, Justino, pretendem que os etruscos do norte ahi se refugassem repellidos depois da conquista da Lombardia pelos celtas; mas os estudos modernos, desde Niebuhr e Ott. Müller, indicam ao contrario essa zona do norte e as montanhas da Rhetia como lugares onde os rasena ficaram na sua viagem para o sul, nos valles de entre Arno e Tibre. Do norte, pelos Alpes rhetios, teriam vindo pois á Italia, e antes da invasão celta seria rasena toda a zona da Italia desde o Tyrol, pelo Veneto, até ao mar thyrreno. Ao norte do Pó viveriam entre os ligures proto-celtas e os venetos de extracção illyria ou skipe-tar; ao sul viveriam ao lado dos umbro-latinos. Na primeira zona, a invasão celta varreu-os para o Tyrol: ainda em tempos historicos os grisões ou rhetos fallavam rasena. Na zona austral trans-apennina, o Tibre marcou por seculos a divisoria entre a Etruria e a Umbria-Lacio, entre a civilisação dos rasena e a dos latinos; e se a metade sul da Etruria se latinizou depressa, a região do Arno resistiu até ao tempo do Imperio.

Chegamos ao terceiro dos ramos da primitiva população aryana da peninsula: o italo que exterminou o iapygio e latinizou o etrusco. Que o iapygio precedeu a todos na Italia tem-se por certo; se o etrusco veio depois é duvidoso, mas parece averiguado ter sido precedido pelos italos de cujos dois ramos, o latino apparece primeiro, e o ombro ou umbrio depois. Determinar as epochas d'estas migrações, dizer quando e como estes povos se ramificaram á maneira do que succede com os bra-

ços de uma arvore, ou com o systema vascular dos animaes, ou com os rios que são especie de veias da terra, é impossivel. ¹

Parece que estas levas de gente desceraem successivamente na Italia de norte para sul, impellido diante si os precedentes. Parece tambem que os umbrios teriam vindo depois dos latinos. Se o iapygio foi levado até á Apulia, nos confins austraes da peninsula, e o etrusco repellido do norte do Pó, é mistér não esquecer que a configuração da Italia se presta a outra especie de movimentos de repulsão ethnica. Duas abas de serra olham, uma para o Adriatico, outra para o mar thyrreno; e os Apenninos são como uma espinha dorsal que vem desde a Lombardia e a alta-Italia cisalpina, até Napoles, bifurcando ahi para as duas pontas da Apulia e da Calabria. Quem descer pelas baixas litoraes de leste ou de oeste afugenta as populações para o centro montanhoso, e o facto da occupação das zonas maritimas não impede o curso de posteriores migrações pela zona alpestre.

E' isto o que se crê ter succedido á gente umbria. Já os latinos se tinham estabelecido ao sul, quando ella teria descido dos Alpes alastrando-se no centro da Lombardia, ladeada pelos ligures a oeste, pelos illyrios a leste. A toponymia confirma o que diz Herodoto. Precedendo os etruscos, foram os umbrios indo para o sul, chegando á Toscana, submettendo-se depois ao dominio rasena, facto d'onde se quer tirar a razão da facilidade com que a Etruria austral depois se latinisou. As luctas da invasão etrusca, depois as luctas com os latinos, disputando uma hegemonia que lhes não foi dado exercer, lançaram os umbrios para as montanhas, determinando uma migração ao longo

¹ V. *Hist. da republ. romana*, 1 p. 1 e seg.

d'ellas para o sul, até ao extremo da cordilheira. Os samnitas, ramo principal do tronco umbrio, foram assentar no Abruzzo, descendo até á costa da Apulia a confundir-se com os restos da familia iapygia para ahi lançada em éras remotas. Atravez dos tempos repetiam-se as cousas: os povos sobre-põem-se como ondas, vindo encontrar-se-lhes as babas espumosas sobre a areia da praia, indo encontrar-se as reliquias das raças nos confins da terra encostados contra o mar. A migração dos samnitas crê-se coeva dos reis de Roma. O avançar dos umbro-sabellianos ao longo da cordilheira central póde quasi traçar-se, porque os seus ultimos momentos pertencem já á historia.

Remota é porém a vinda dos latinos e diversa foi a estrada que seguiram, preferindo os litoraes de oeste. Ainda na Italia não teriam entrado os etruscos, ainda a expansão poderia dar-se com amplitude. Com effeito o sub-solo latino afflora por toda a parte, rompendo os stratos posteriores dos varios ramos de gente umbria e depois grega, quando já os hellenos, mais rapidos, se achavam desenvolvidos a ponto de tornarem por mar á Italia, a colonisar a terra da sua patria anterior. Uma acção e reacção correspondente se observa na peninsula, com os latinos que, tendo-se espalhado primeiro por toda ella, tendo ficado depois submettidos a etruscos, a umbrios, a gregos, a celtas, reagiram, indo com o seu imperio impôr o mando a toda a região primitivamente sua. Latina era a Campania antes das immigrações gregas e samnitas; latina a Lucania e o Brucio e toda a Italia propriamente dita entre os golphos de Tarento e de Laos; latina a metade oriental da Sicilia. Mas n'esta zona austral, os latinos, ou hellenisados ou submettidos pelas tribus sabinas, não chegaram a

ter um papel historico; apenas a ethnographia trata dos antigos siculos, italos, morgetes, ausonios.

Latino porém o valle do Tibre, foi ahi que o ramo eminente dos italos desenvolveu os seus doctes, creando a sua cidade; foi d'ahi que, expandido, impoz a hegemonia a toda a Italia, para impôr depois o imperio a todo o mundo conhecido, e deixar á eternidade o typo da historia das sociedades humanas, conforme disse Vico. O Lacio é uma planicie rugosa. De leste encerram-na os montes dos equos e sabinos historicos, de sul os montes volscos levantando-se a mais de mil metros. Pelo norte a campina vae subindo sempre, até ás terras da alta Etruria, deixando aqui e além, como ilhas, pequenos cerros erguidos, vulcões apagados, crateras mudas onde em vez de lavas ha lagoas. Lagoas, paúes de aguas pluviaes estagnadas estendem-se em manchas pardas nas depressões largas da planicie viçosa, cerrada de arvoredos, exhalando malaria. E esse pequeno canto do mundo, o Lacio propriamente dito onde os *prisci latini* assentaram, não mede mais de setecentas milhas quadradas: foi d'esse limitado recinto povoado de febres que saíram os civilisadores do mundo.

Teremos de contar a historia epica d'essa gente, mas por agora contentar-nos-hemos observando o embrião da futura republica. A' maneira do que succede na Grecia, ha ahi tres graus de congregação social, momentos evolutivos da definição do Estado futuro, caminho para um destino que Roma attingiu plenamente, e a Grecia não pôde chegar a fazer sair do estado de esboços em cidades federadas. Esse estado é já o dos *prisci latini* da liga do Lacio, que nas suas *ferias annuaes* teem um congresso politico e religioso em que se fazem as convenções entre os *povos* (*populi*) ou cidades (*civita-*

tes) e os sacrificios solemnes ao Jupiter *latiarius*. Cada *populus*, cada povo, cada cidade, consiste na aggregação de clans ou tribus com uma *caput*, capital, um nucleo, dir-se-hia um coração onde palpita a vida do gremio. A capital não é uma villa, é um templo e uma fortaleza, um tribunal e uma assembléa; a religião, a guerra, a justiça, o governo, teem uma habitação *commun*, porque representam aspectos varios de uma idéa latente ou apenas esboçada ainda: o Estado. Elevado n'uma collina, o *capitolio* sagrado, a fortaleza (*arx*) protectora domina as villas, *oppidi*, onde habita a população. Ainda hoje por certas montanhas se encontram as ruinas dos antigos capitolios dos italos, suppostos monumentos do pelasgo primitivo, hypothetico aborigene. No *oppidum* reúnem-se os clans, tribus rusticas denominadas pelo chefe, não pelo lugar. A tribu é ainda uma familia, porém mais extensa e numerosa do que a natureza a fez: pae, mãe, filhos. A tribu é a familia natural tornada em molecula social. Como o povo tem o capitolio, a tribu tem na casa, no atrio, o seu coração tambem: templo do lar, mesa dos ágapes, leito do connubio. Cada clan possui uma área de terra em *commun*; a agricultura é o *typo* da sua vida economica. O clan é uma *communa* rural: *vicus*, *pagus*, aldeia. ¹

Taes são os rudimentos do futuro imperio, tal o embrião da republica, cujas armas, cuja lingua, cujas leis, civilisarão o mundo. Pouco a pouco, gradualmente, dir-se-hia *crystallisando*, se vão formando os nucleos sociaes: *vicus*, *oppidum*, com os capitolios por corações dispersos em que palpita a vida dos pequenos gremios. E' uma formação espontanea, um desenvolvimento gradual que se en-

¹ V. *Quadro das instit. primit.*, p. 223, e *Hist. da repub. romana*, I, p. 5 e seg.

caminha para um destino cuja consciencia não existe ainda, mas cuja necessidade está tão latente na essencia das cousas, como está latente na materia, quando *crystallina*, uma certa fôrma invariavel. Já nas ferias latinas, cada anno, os congressos e sacrificios vão revelando uma cohesão mais geral, para além da cohesão do clan e da cidade. E, seculos decorridos, esses rudimentos darão de si a definição nitida de um Estado, órgão de todos os povos, *typo* da sociedade constituida, como o *crystal* que attingiu a perfeição das faces.

A' maneira que no berço latino a republica dos romanos se foi construindo organicamente, foi a expansão da gente alargando a área do seu imperio. Unificada a Italia, destruida a rival Carthago, os latinos foram á Hespanha, á Gallia, foram até ás ilhas britannicas, foram para o oriente e para além da Grecia, levando mais do que a sua dominação: levando as instituições, a lingua e os deuses. Assim a Europa viu, particularmente no occidente ibero e celtico, o phenomeno singular de nações que pela iniciação civilisadora como que adquiriam um temperamento, adquirindo sem duvida a sua primeira physionomia historica. Qualquer que seja o sangue indigena da Hespanha, é factó que a sua historia começa com os latinos, á romana. ¹ Assim, a civilisação cria uma segunda natureza, perante a qual se obliteram as qualidades da precedente. Que fica importando a côr do sangue, perante a expressão das idéas moraes, politicas e religiosas? perante a lingua que é parte da razão do homem? A latinisação do occidente da Europa decerto não exprime uma substituição de

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) liv. I, 1, 2.

gente: começa por uma conquista, segue sendo uma occupação militar. Porém o facto grave não está em cruzamentos ou colonias sem duvida pouco numerosos perante as massas de população indigena: está na iniciação d'essas populações em idéas alheias, n'uma lingua estranha, e em instituições forasteiras; iniciação tão grave que se o homem anthropologico, ou zoologico, ou natural, não muda, sem duvida o homem social, e é esse o que á ethnologia importa, passa a ser outro.

E' n'este sentido que a controvertida expressão de raças latinas se deve entender. Celtas da Gallia e da Hespanha, iberos da Hespanha e da França latinisaram-se. Na propria Italia do Pó se latinisaram tambem os celtas, e os ligures do litoral. Por isso, embora convenha registrar as variadas origens sanguineas da população da Hespanha, da França, da propria Italia, ás tres grandes nações do occidente da Europa convém o nome de latinas; latinas por lingua e por educação.

Se na Gallia, e na Hespanha, embora em menor grau, o sangue celta vem combinar-se com o das populações primitivas finnio-iberas, e por isso não nos compete agora tratar da sua ethnogenia: na Italia moderna, por sobre os successivos stratos iapygio, italo, etrusco, convém que registremos as camadas ethnicas que a historia assentou. O sangue teutonico dos lombardos é visivel sobre o lancol de celtas da bacia do Pó, no Piemonte, na Lombardia, em Parma, em Modena, em Ravenna, em Rimini, em Bolonha, na Romana. O sangue proto-celta do ligur vê-se em Genova; e em Veneza ha laivos de sangue slavo. Mas, á maneira que se desce para o sul, ou que nos internamos nas montanhas do centro, vamos vendo nos italianos de hoje os representantes das varias nações que os

latinos submeteram á sua hegemonia. Sobre os Apenninos, até ao Abruzzo e á Calabria, vivem os *banditti*, descendentes barbaros do antigo umbrio; na Toscana, a pequenez dos olhos, a espessura do labio inferior, o mento ponteagudo, a cabeça estreita e longa, a vastidão da testa, accusam, sob os cruzamentos celtas e teutonicos, a permanencia do typo rasena. No *transteverino* de Roma crê-se estar o typo latino classico; e o pastor sabino serve de modelo aos artistas da Italia, cujos melhores soldados se diz serem ainda os romanos. O napolitano ainda revela um grego, embora a população meridional da Italia soffresse, como é sabido, graves invasões de sangue phenicio nos tempos antigos, e de sangue arabe nos modernos.

A latinisação do oriente da Europa não foi decerto comparavel á do occidente, e entre os varios motivos que para isso houve é necessario pôr á frente de todos o grau da cultura e o desenvolvimento e propagação da lingua dos gregos. No Oriente, o romano encontrava perante si populações, ou tão civilizadas como elle proprio, ou vivendo na área de influencia da civilisação de Athenas. A divisão do Imperio em oriental e occidental, imperio grego e latino, exprime com a nitidez dos factos politicos um phenomeno da historia da civilisação europêa. Mas embora assim fosse, os exercitos e as colonias deixaram na região do Danubio restos consistentes nos nomes dos povos, em linguas, e até no sangue de alguns. Os vallacos dizem-se *rumanyos*, os gipsios *rommani*, uma parte da Turquia é *rumelia*, o grego moderno é denominado *romaico*, á maneira das linguas néo-latinas do occidente, chamadas *romance*. Além d'estes claros vestigios, resta uma nação já hoje independente dos turcos: a Rumania cujos habitantes, com maior

vaidade do que razão, se dizem descendentes das colonias enviadas por Trajano á Dacia e á Mesia. O sangue d'essas gentes é slavo, variamente combinado com turcos, hunos, bulgaros e madjiares; mas a área da lingua rumania é vasta, numerosa a população que a falla, nos seus dois ramos, (1) daco-rumano, (2) macedo-rumano, eivado de palavras albanezas e gregas e sem fixação grammatical. Os rumanios, ou latinos do Oriente, habitam a Vallachia, a Moldavia, parte da Hungria, a Transylvania a Bessarabia, e partes da Macedonia, da Thracia e da Thessalia. Vivem assim sob o governo da Austria, da Grecia e da Turquia, os que não vivem no reino da Rumania, e sommam ao todo de quatro a cinco milhões de homens.

Aqui termina o nosso estudo da familia italo-grega e para esclarecimento do leitor poremos os resultados averiguados n'um

Schema ethnogenico.



IV

Os celtas

Ao inverso do que acontece com os latinos succede aos celtas. A grande expansão do imperio dos primeiros trouxe consigo na Europa occidental a existencia de vastas e populosas nações de lingua e cultura latinas, mas em cujas veias é relativamente minimo o sangue do Lacio. Reagindo sobre a Italia, esses povos, latinizados, já pelas influencias naturaes da communitade da vida politica, já pela acção das invasões que afinal acabaram por destruir o Imperio, fizeram com que na propria Italia, segundo o leitor já teve occasião de vêr, as populações excentricas do valle do Pó e dos litoraes appareçam profundamente laivados de sangue não italiano. Em menor escala, é o mesmo que observámos na Grecia post-hellenica.

Aos celtas, dissemos, succede o inverso. A proximidade de um imperio visinho, em pleno movimento de expansão, atrophiou o desenvolvimento espontaneo da civilisação da Gallia, centro ou nucleo da antiga área celta da Europa. Latinisou-se a Gallia e a latinisação penetrou até as ilhas britannicas, vindo ao depois a raça teutonica sobrepôr-se, mas com varia sorte. Na França, esta ultima nem renovou a civilisação, nem mudou a lingua. Na Inglaterra impoz costumes e idioma; pois quando a Inglaterra vivia ainda semi-barbara, a

Gallia era já uma provincia latina do Imperio. As ramificações celtas do Oriente foram absorvidas como colonias destacadas; as da Italia e da Hespanha inteiramente latinisadas. Os seus idiomas desapareceram, restando apenas os vestigios onomasticos e toponymicos, para attestar uma ascendencia mais de uma vez denunciada no temperamento de certas provincias. ¹ De tudo isto resulta que, se ha uma vasta área de linguas neo-latinas, dentro da qual os nucleos de puro sangue de Lacio são breves e poucos, ha ao inverso uma vasta área de sangue celta, sem restarem mais do que pequenos nodulos de gente de stirpe celta fallando idiomas néo-celticos. O sangue celta é predominante em França, na Italia do norte, na Escocia, na Irlanda, no occidente da Hespanha; subalternizado nos Paizes-baixos, nas provincias rhenanas, na Inglaterra. A Gallia, imperio da raça e nucleo da expansão dos celtas trocou a sua lingua pela latina; mas nem a conquista de Cesar, nem a occupação dos romanos, ² nem as invasões posteriores dos teutonicos frankos e burgundios, ou dos normandos scandinavios, viciaram o fundo natural ethnico até ao ponto de tornarem o celtismo um caracter provincial ou local, como succede nas ilhas britannicas germanisadas, ou na Italia e na Hespanha. Embora latina de lingua, e depois franka de dynastia e de nome, a França é uma nação celta, e os celtas um ramo ethnico que desenvolve na França a sua civilização com falla e formulas latinas.

Mas as invasões e o dominio dos romanos vieram accentuar na raça dos celtas a direcção antiga leste-oeste das migrações d'essas avançadas aryanas na Europa central. Sem nos internarmos

¹ V. *Hist. de Portugal* (4.^a ed.) tomo II, pp. 1-7 e 46-7.

² V. *Hist. da repub. romana*, II, p. 281-306.

agora na apreciação difficil da éra relativa das entradas dos celtas nos varios pontos da Europa, é incontestavel que, ao avançar da onda latina na França, na Hespanha e na Inglaterra, se deve o acantonamento que hoje se observa nas reliquias dos celtas: na Galliza com uma lingua romance, na Bretanha, na Escocia, na Irlanda com idiomas formados sobre os elementos de uma lingua ignota, mãe que foi para essas como o latim para as nossas linguas occidentaes. Além dos celtas gallaicos, ainda no tempo dos romanos existiam os celtas da Lusitania austral, na região de desde o Guadiana ao cabo de S. Vicente, breve nucleo absorvido ou perdido; ¹ e a localisação de todos estes grupos, acantonados sobre a praia atlantica portugueza, gallega, bretan, irlandeza, basta para nos mostrar que um motivo commum impelliu até ao ponto derradeiro, além do qual era impossivel ir, as populações que, ramificando primeiro sobre o dominio ibero ou finnio, foram depois obrigadas a progredir impellidas por novas ondas de invasores.

As reliquias occidentaes dos celtas que ainda hoje fallam idiomas proprios, são apenas as da Bretanha, da Irlanda, do paiz de Galles e da Escocia. Nas ilhas britannicas os picts e scots apparecem como indigenas á data das invasões dos anglos que deram o seu nome, Inglaterra, á metade da ilha que occuparam. Encontraram deserto o seu *habitat* insular, esses primitivos celtas do norte da Europa? ou assentaram, como no centro d'ella, sobre as camadas de população pre-aryana? Como quer que fosse, o facto é que a resistencia á assimilação em parte alguma se denunciou como nas ilhas britannicas. Vieram anglos, vieram saxões, vieram romanos, vieram normandos; mas nem

¹ V. *Hist. de Portugal* (4.^a ed.) tom. I, p. 169.

a Escocia, nem a Irlanda, nem o paiz de Galles perderam a autonomia ethnica. Se hoje o desenvolvimento de uma civilisação eminente converteu as populações de Galles e da Escocia anglicisando-as, e fazendo descer as linguas néo-celticas á condição de dialectos locaes, a Irlanda mostra ainda na homogeneidade do seu temperamento, na sua rebeldia triste, a consistencia ethnica que mantem. Eutretanto a lingua que o irlandez falla é o erse dos highlandezes da Escocia. Escocezes, irlandezes, são dois ramos da gente gallica, e por seculos, ainda até ao XI da nossa éra, á Irlanda se chamava Scocia. Tambem o ramo gael inclue, além de irlandezes e montanhezes caledonios, os habitantes da ilha de Man, no mar interior do archipelago britannico. O segundo ramo néo-celtico é o cambro-armoricano, da Inglaterra austral, no paiz de Galles e no Cornualhes, e da França occidental na Bretanha. De um e de outro lado do canal de Inglaterra, kymris e bretões, seriam, ao que muitos pretendem, os descendentes dos picts historicos, assim como a familia gael a descendente dos scots.

Taes são as reliquias celticas, vivas na falla; mas o monumento historico d'esse povo, condemnado por genio a obedecer, não é a Inglaterra saxonia; nem a Hespanha entre latina e semita ou hamita; nem a Italia, entre latina e grega: é a França, e talvez sejamos tambem nós portuguezes, nascidos de um retalho da Galliza, fallando um gallego culto; nós portuguezes que, embora produzidos historicamente pela mistura do sangue minhoto e beirão com o estremenho e alemtejano, (iberico, turdetano?) revelámos as qualidades celticas nas nossas aventuras maritimas, nas nossas lendas messianicas, ¹ no lyrismo da nossa poesia,

¹ V. *Hist. de Portugal* (4.^a ed.) tomo II, pp. 79-84.

na inconsistencia e passividade que no nosso caracter se alternam com os accessos de furia africana ou de mysticismo semita: nós, finalmente, a quem os castelhanos chamam os francezes da Peninsula.

A nação representante da raça celtica é a França, cuja historia, nos seus azares, na facilidade com que é submettida pelos romanos e pelos frankos, e nos tempos modernos pelos hespanhoes e pelos allemães, mostra a inconsistencia d'essa raça celtica, tanto como nos dotes e defeitos do seu temperamento. Bravo sem ser corajoso, soldado sem ser militar, isto é, arrojado e temerario, mas incapaz da obediencia que dá a firmeza na derrota, o gaulez apresenta nos dotes marciaes a summa do seu character. Da guerra nasce a sociedade, filiada n'esse conflicto necessario que é uma formula da concorrencia vital: por isso no temperamento guerreiro dos povos se acham todos os elementos do seu character.

Supponha-se á Irlanda uma historia como a da Gallia, dêem-se-lhe os mesmos visinhos, e ter-se-ha uma França. Celta era toda a Gallia antiga, com excepção da zona iberica do Loire aos Pyreneus e de uma faixa irregular ao longo do Rheno; celta parte da Hollanda, da Suissa, e a Italia até ao Pó e ao Tibur: o que os romanos diziam Gallia cisalpina. Mas n'essa Gallia ultramontana e na região do Rheno, os lombardos e os allemães assentaram depois, predominando; ao passo que no centro da França governaram os frankos depois dos

romanos, mas sem alterarem gravemente a natureza do sangue nacional. No meio-dia as populações iberas foram celticizadas.

Assim a França ficou como órgão da raça celta; mas erraria comtudo quem na grande nação de lingua latina quizesse vêr apenas uma Irlanda coroada. A localisação da França e a passividade intima do caracter celta, apesar de uma rebeldia como que infantil, fizeram com que a successão dos tempos fosse circumdando o nucleo nacional de provincias ethnicamente diversas. Da combinação de todos estes elementos estranhos com o fundo indigena nasce a physionomia multiforme do povo que tão grande papel exerceu na historia moderna. Latinisado na lingua e nas idéas, o gaulez não podia porém adquirir o quer que é mais intimo, mais constitucional: ficou celta, embora falando latim.

Não tinha como o hespanhol a hombridade no temperamento, e por isso jámais vingou em França o profundo idealismo da Italia que na Hespanha se enraizou, embora modificado e perdendo em alcance o que ganhava em affirmação; por isso debaixo da cultura latina, forte, reflectida, racional, appareceu, apparece sempre, a espontaneidade gauleza pueril, inconsistente, folgazan, imaginosa, artistica sem attingir a poesia, formalistica sem concepção de idéas, mystica sem se elevar acima da esphera da natureza espiritualizada, incapaz de odios por falta de affirmação moral, e por isso mesmo ironica sem azedume, impia sem ser blasphema. Essa França guerreira, sempre vencida pelos visinhos: esse paiz de politicos levado por italianos principalmente, desde Cesar até Bonaparte: a França gauleza e bretan, a patria de Michelet e de Voltaire, de Descartes e de Ra-

belais, apparece-nos como o typo eminente dos dotes da raça que estudamos. Nebuloso e vago, não pelo alcance, mas pela infantilidade do genio intellectual, o celta satisfaz as exigencias do espirito sem attingir a exaltação religiosa de um hespanhol, nem a funda penetração de um italiano, nem a comprehensão ideal de um allemão. Mantém-se na região aerea das concepções imaginativas, dando corpo a chimeras e sonhos infantis. Assim a metempsychose dos antigos druidas ressurge, no espiritualismo dos modernos românticos: uma existencia real para além do tumulto, n'um céu phantastico, mais realista ainda quando esse céu se colloca em certos astros, Saturno ou Jupiter. Esta capacidade restricta da intelligencia reproduz-se na moral. Assim como não ha os desvarios, as loucuras mysticas, nem a correlativa impiedade blasphema, mas apenas a ironia, apenas Voltaire: assim tambem não ha propriamente heroes, sem haver tampouco abjecções, mas apenas um instincto de ordem que, por não obedecer a um criterio forte, não póde sopear a expansão do naturalismo alegre. Rabelais é um typo, e os costumes francezes relaxados, como athenienses, se não merecem a admiração do moralista, tambem não cáem nas devassidões e torpezas de todos os que sobem muito na escada do céu.

Mas, se o francez é amavel, cortez, bom, simples e ingenuo como uma creança, estas qualidades médias teem comsigo tambem da infancia a necessidade de pautar as cousas com nitidez e precisão. Por isso a França é a terra classica das mathematicas: é uma nova Grecia a patria de Descartes. Para além do positivo, real e pratico, a vista nacional vê as poeticas phantasias druidicas: um sonho, uma nuvem: essa intuição ao mesmo tempo

realista e chimerica que, illuminando um cerebro genial, deu Michelet. Por isso a chronologia, a historia, a critica das instituições apaixonaram o espirito francez; mas o genio celta teve de confessar-se impotente, quando se lhe deparou o estudo mais intimo da que podemos chamar biologia social, da ethnologia que abrange as linguas, os mythos, as tradições e os usos, creando-se uma ordem de estudos em que a intuição é tão necessaria como a critica, em que muitas vezes se adivinha o que se não acha, e é mistér sentir o que se não vê. A imaginação e o realismo francez tornavam egualmente impróprio esse genio para uma tarefa adequada á segunda-vista comprehensiva e objectiva do allemão.

De tal modo nos apparece o celta e a França, como nucleo ou coração, digamos assim, genuinamente nacional. Mas o proprio encanto da imaginação, a affabilidade infantil do character, a recta embora acanhada lucidez da intelligencia, a moderação nos tons, a ausencia dos contrastes necesarios nos fortes characteres accentuados: essa phisionomia que tornou Athenas classica, é a razão do moderno papel historico de Pariz. Medianeiro das idéas latinas, como o atheniense o foi das idéas doricas, o francez, sem genio para imperar como o romano, influe mas não domina.

A sua lingua celta perdeu-a, governaram-na sempre estrangeiros; mas juntando-se ao character o lugar, a França foi durante seculos o centro intellectual e geographico da Europa. Hoje que o pensamento obedece a influencias mais profundas, e que a civilisação se estende, Russia em fóra, até mais longe, Pariz, a nova Athenas, começa a achar-se como a antiga, reduzida ás condições de uma cidade cosmopolita, de prazer e lucro, sem indivi-

dualidade intellectual por viver já das idéas allemans, e sem valor central geographico. Tudo isto succedeu a Athenas quando Roma, estendendo a civilisação para o occidente da Europa, se tornou o foco da vida mediterranea.

E' por isso que hoje a França excentrica, na Europa culta, e a capacidade gauleza acanhada para a elevação a que chegaram os estudos, estão já subalternizadas politica e intellectualmente. Os dois motivos, geographico e ethnico, dão de si a diminuição de influencia, e esta leva á expansão das tendencias sybaritas e utilitarias. Pariz já hoje é como foi Corintho. A passividade e a communicabilidade do genio dos celtas, combinadas com o facto do seu nucleo nacional estar circumdado por gentes estranhas que a historia reuniu na França, fazem com que dentro d'ella, successiva e alternadamente dominem, com as condições varias, os varios povos afrancezados.

Nas costas do norte, os normandos são scandinavos; por leste os picardos e champanezes são belgas; os borguinhões são germanicos; os provençaes são ligures e italo-gregos; os gascões são iberos. As influencias meridionaes, mais accentuadamente latinas, fizeram-se sentir na historia da França até á grande revolução e á era de Bonaparte, enquanto a França foi o coração de uma Europa ainda latina. Hoje que o germanismo predomina, e o centro geographico e intellectual da Europa culta passou para além-Rheno, a França, passiva sempre, recebe a educação da Allemanha; e subalternizada, cede a influencia interna não ao provençal, nem ao gascão, nem ao burgundio, mas ao normando e ao belga, demittindo-se da historia, divorciando-se das tradições latinas, limitando-se a trabalhar, ganhar, enriquecer, accumulando bancos e minas, fa-

bricas e vapores; lendo entretanto Rabelais e Voltaire porque a folgança, o bom-senso e o scepticismo lhe quadram ás inclinações egoistas. Os sonhos dos druidas, na ponta extrema da Armorica, perdem-se nos nevoeiros do mar. Crescido, o celta, abandonando a educação meridional, prefere a belga. Vemol-o positivo e pratico. Pariz é um banco e um hotel; a França é uma officina. Mas sob a farta e gorda idade-madura, sob a sufficiencia abonada que dão os bolsos engurgitados e o estomago cheio, o francez bem contra vontade conserva, conservará sempre no sangue a ingenuidade infantil, quasi feminina do celta. Não o ouvimos todos os dias condemnar o que chama as tolices da sua historia, em nome do bom-senso pratico divinizado?

Resta-nos registrar agora a historia d'essa raça que veiu a dar de si a França, não por um desenvolvimento espontaneo, mas por via da latinisação e depois por via do concurso combinado das varias populações periphericas. Préviamente porém é mister fallarmos dos ligures que, se se não tornaram celebres por façanhas, teem dado lugar a opiniões famosas. Pela menção dos escriptores antigos sabe-se que na zona de entre Rhodano e Arno, ou Liguria, vivia desde o XIV ou XIII seculo uma gente fundadora de Genova e colonisadora das ilhas mediterraneas occidentaes: Baleares, Corsega, Sardenha, Sicilia. Abafada no seu desenvolvimento e dominada pelas invasões dos celtas, a nação ligur morreu.

Nem textos, nem tradições, nem monumentos, nos dizem a familia d'essa gente, deixando assim o campo aberto á phantasia dos eruditos. Como era de suppôr, os sectarios do turanianismo fizeram dos ligures finnios; outros fizeram-n'os iberos; outros lybio-numidas; porém a opinião mais geral e verosímil é que fossem apenas a avançada da invasão celta, arianos portanto, embora, como é natural, tivessem cruzado com os aborígenes da Provença quando se fixaram a leste do Rhodano.

Não é mais clara a historia dos celtas propriamente ditos. O seu genio aventureiro espalhou-os por toda a Europa, mas a falta de consistencia do seu character por toda a parte os tornou vassallos dos romanos, principalmente. Esse typo celta, herculeo, gigante, retratado por Cesar com os olhos azues e o cabello louro, apenas se vê hoje nos montanhezes das high-lands da Escocia. Celta quer dizer homem dos bosques (gael *koilte* — floresta) e a Gallia antiga era cognominada umbrosa. Assentando ahi, submetteram as tribus iberas que viviam desde o Loire e desde o Rhodano até aos Pyreneus, e as tribus ligures da Provença, abrindo, em França, ao que alguns pretendem, a edade da pedra polida, dos megalithos e das palafittas.

Mas d'onde, como, e quando vieram os celtas do continente e os das ilhas britannicas? Para este, a data d'essa invasão é tão remota que a considera indeterminavel: os antigos historiadores, achando os celtas fixados nos seus territorios, consideraram-n'os autochtonas. Para aquelle, a vinda é recente: póde datar-se do VII seculo antes da nossa éra, sem perigo de errar. Irrompendo de além do Baltico, diz um, sobem o Rheno, parando no centro da Gallia, onde se separam: fica um ramo na Celtica de Cesar, outro vae para leste em direcção do bosque

hercynio, outro desce para o sul ao longo do Rhodano, alargando-se d'ahi para a Italia e para a Hespanha. Uma versão differente propõe a hypothese de duas viagens parallelas. Desde as portas caucasias da Europa, os migrantes se teriam dividido em duas columnas: uma, tomando a direcção sudoeste, teria vindo da Asia-meior pela Syria, pelo Egypto e Berberia, entrando na Hespanha por Gibraltar; outra, subindo o Danubio, atravessaria a Prussia e a Suecia, indo parar á Escocia. Estes são os picts-scots das ilhas britannicas, aquelles os celtas e gaulezes de que fallam os auctores antigos. Da Hespanha, teriam os ultimos passado á Gallia onde se dividiriam: passando uns o mar e entrando na Irlanda e na Galles, seguindo outros para a Italia, outros pelos Alpes ao Danubio e até ao mar Negro.

Como quer que seja, a historia encontra os celtas localizados na Gallia, entre o Sena e o Garona, cruzando com iberos na Aquitania, com ligures na Provença, com germanos na fronteira de leste: celtiberos, celto-ligures, e belgas. Se porventura em éras remotas já tinham passado pela Hespanha, á Hespanha regressam, irradiando da Gallia, cruzando com os indigenas e formando as tribus celtiberas do centro: carpetanos, arevacos, etc. ou penetrando n'ellas como os rios que tambem ás vezes se introduzem no mar sem misturar as aguas, até aos confins extremos do Finisterra e de S. Vicente: callaicos, celtas do Guadiana, lusitanos. A serra Morena, diz Niebuhr, separava os iberos dos celtas. As montanhas d'onde correm para o mar o Tejo, o Douro e o Minho, e d'onde para o lado opposto descem os confluentes do Ebro eram habitadas por celtas; eram-no o entre Douro

e Minho, e o sul de Portugal, no Algarve. ¹ Estas tres nações celtas estavam insuladas na Hespanha; e se a primeira, celtibera, não tinha puro o sangue, tinham-no tão genuino os celtas gallegio-portuguezes que mereceram a attenção dos antigos, com especialidade o excellente Posidonio. Niebuhr considera os celtas anteriores na Hespanha aos iberos que, oriundos de Africa, os teriam repellido para os montes. Em tal caso a hypothese da via-

¹ E' necessario mencionar aqui a theoria recentemente defendida pelo benemerito archeologo o sur. F. Martins Sarmiento nas suas duas monographias — OS LUSITANOS, e ORA MARITIMA (Porto, 1880) — com singular engenho e um saber de ha muito reconhecido. Essa theoria expõe-se em breves palavras: os *lusitani* dos classicos não são iberos, nem celtas; são ligures; e os ligures não são celtas, sem deixarem de ser aryanos.

A Lusitania de que o author trata não é a de Augusto, mas sim a de Strabão, desde o Tejo até ao mar cantabrico; e dos habitantes d'essa zona diz Diodoro serem *iberos*, nem celtas, nem celtiberos. Que especie de *iberos* seriam pois? Ligures, diz o author, e por uma etymologia talvez aventurosa quer provar a identidade dos nomes: ligures = *ligusi*, *liusi*, e se juntarmos o suffixo *tani*, relativamente moderno, temos *liusi* ou *lusitani* — lusitanos.

Na Hespanha ha incontestaveis celtas, observa, mas que não têm relação alguma com os lusitanos, pois Diodoro diz claramente serem estes ultimos iberos. Esses celtas são os do Ebro, são os que irrompem ao longo do Guadiana, descendo até ao cabo de S. Vicente, tão poucos e tão insulados que breve teriam sido absorvidos. A invasão da Hespanha pelos celtas data de entre o vi e v seculo, e entre os lusitanos do occidente e os celtiberos do valle do Ebro estavam nos montes os oretanos, capetanos, etc. como divisoria.

A theoria assenta, pois, sobre a affirmação de Diodoro de que os lusitanos não são *celtas*. Ora não poderia Diodoro ter-se enganado? Seja licito a quem não é erudito apresentar esta hypothese simples. Porque o facto da toponymia ser celtica n'esse largo tracto de terra, desde o Tejo até ao mar cantabrico, sem serem celtas os seus habitantes, obriga a negar a unidade primitiva da familia celtica, desde que se negue essa filiação aos ligures-lusitanos. E' exactamente o que o author faz, e o seu empenho é portanto d'este lado mais escabroso do que se dissesse, como tanta gente disse, que os ligures eram iberos. Sendo os ligures iberos, sendo os lusitanos ligures, os lusitanos ficariam iberos, como diz Diodoro. Mas para o

gem pela Africa setentrional para chegar á Gallia teria a preferencia; e se os celtas depois ainda regressaram de Gallia á Hespanha, teriam encontrado ahí gentes proximas.

E' o que tambem se diz ter succedido no Danubio. Ahí os celtas, ao virem para a Europa, teriam deixado numerosos restos: ahí teriam voltado, mais tarde, expandindo-se do seu centro gaulez. São, com effeito, os do Rhodano que no IV seculo pas-

sur. Sarmiento os ligures são arianos, sem serem celtas. A celticidade da toponymia lusitana é-lhe suspeita, nem mais nem menos do que a das linguas britannicas e hybemicas, com as quaes ha nos nomes geographicos lusitanos graves affinidades. A celticidade d'essas linguas, diz, não assenta em melhores argumentos do que a dos dolmens já refutada. Se por outro lado o author admittisse os ligures na familia celtica, a sua qualidade de arianos não traria mais embaraços; o author não o faz porém, como vimos. E porque? porque os lusitanos, sendo ligures pela etymologia supra, não são celtas — Diodoro o affirma. E se Diodoro se enganou? E se a etymologia não tiver fundamento? Onde vae parar a theoria? Com que armas se ha de atacar a doutrina geralmente accete da unidade das linguas neo-celticas?

As analogias d'essas linguas, prosegue o author, só provam que as raças pre-celticas, thraco-illyrio-ligur, pertenciam a esse fundo que Schleicher denominou greco-italo-celtico, e não deve confiar-se demasiado nos authores antigos quando chamam celticas a certas palavras. (Deverá pois confiar-se muito quando negam a qualidade de celtas a certos povos?) Do facto da communidade de origem entre as raças pre-celticas e as celticas veem as affinidades que se acham entre a toponymia lusitana ou ligur e as linguas celticas. Mas ligures e celtas, embora oriundos de um mesmo berço, não se confundem: localisaram-se a tamanha distancia no tempo, uns em epochas ignotas, outros no VI ou no V seculo, que nos usos de lusitanos, gallegos, asturos, cantabros não vê Strabão affinidade com os dos celtas; achando porém muitas analogias, especialmente nos lusitanos, com os ligures da Provença e com os gregos. Justino assevera ter encontrado entre os gallegos tradições de consanguinidade com os gregos. De tudo isto conclue, pois o author: a) que os lusitanos são ligures; b) que os ligures, affins dos thracos, illyrios e gregos, arianos da primeira camada, sem serem celtas, proveem da mesma stirpe que os celtas posteriores; c) que por isso se notam as affinidades allegadas para a celticidade lusitana, a qual é falsa, sem importar a exclusão, nem de lusitanos, nem de ligures, da familia arya-

sam os Alpes alastrando-se no valle do Pó, submettendo e repellindo os etruscos, descendo até Roma que saqueiam em 390, fundando o que os romanos chamaram Gallia cisalpina: o Piemonte e a Lombardia modernas. Um seculo depois, defendida a Italia pela muralha do Apennino, que lhes vedava o caminho para o sul, os celtas tomam para sueste e as suas hordas vão pela Illyria, porventura acordando os retardatarios das primeiras invasões,

na. Os escriptores antigos fallam do povo de Habis e Gargoris (nomes evidentemente arianos) batendo os iberos no occidente da Hespanha; e o poema de Avieno (*Ora maritima*) na derrota da costa registra nomes de feitto celtico.

Além d'isso, nos monumentos pre-romanos do Minho, que o snr. Sarmiento tem estudado com tanta dedicação e tanto amor, o author dos LUSITANOS achou signos ou symbolos identicos aos dos dolmens da India. A distribuição dos megalithos na Europa é tambem um argumento na theoria do nosso archeologo. Se elle refuta a doutrina da celticidade dos dolmens, não é dos que negam o valor d'esses monumentos para a ethnogenia: os megalithos attestam a propagação dos povos arianos pre-celtas, — dos ligures, selloi, graici, etc. — e a abundancia d'esses monumentos nas costas occidentaes da Peninsula depõe a favor da identificação dos lusitanos com os ligures.

Mas esses monumentos, como se sabe, acham-se, póde dizer-se, por todo o mundo, o que prejudica de um modo grave a theoria que na Europa os torna obra exclusiva de um certo povo. Em frente da Hespanha, a Berberia está coalhada de megalithos, e esse facto é allegado como argumento a favor da identidade das populações dos dous lados do Mediterraneo. Agora mesmo em Hespanha se pretende dar aos velhos iberos a paternidade dos megalithos peninsulares, fundando em etymologias euskaras os nomes d'esses monumentos na Catalunha. (V. *Rev. de las ciencias hist.* vol de dez. 80 a março 81). Objectar-se-ha que o importante não é o facto d'essas construcções rudimentares, mas sim os signos e a fórma particular d'ellas na Europa occidental — fórma ariana que demonstra a natureza do sangue dos seus constructores. Lubbock porém (pp. 130, 132) falla-nos dos dolmens da India no seio das tribus não-aryanas, mais sim dravidas, tamules (khasias, malayalis, dos montes Shiarâi), como *closely resembling those of western Europe* e diz-nos que *very similar dolmens appear in the United States*.

atacam a Grecia, a Macedonia, a Thessalia, passam os Dardanellos e fundam, na velha Scythia, a Galacia. Assim a estrada da Asia á Gallia pelo Danubio, pela Hungria, pela Suissa, ficou mosqueada de celtas; assim o caminho da Gallia á Suecia pelo Rheno belga, pelas ilhas britannicas; assim o valle do Pó; assim a Hespanha até ás costas de Portugal. Póde pois dizer-se que as invasões dos celtas trilharam a Europa inteira, mas de todas essas longas viagens apenas ficaram vivos, na falla, os restos armoricanos, irlandezes, cambrios e escocezes. Fóra d'esses retalhos linguisticamente autonomos, apenas resta a memoria de celtas nos nomes que pozeram aos lugares, no temperamento de certas populações, na historia abastardada e no genio da moderna França. Na propria Gallia se perdeu o classico typo physico do gaulez.

Concluindo, eis aqui summariada n'um schema a materia d'este capitulo :

Bretanha

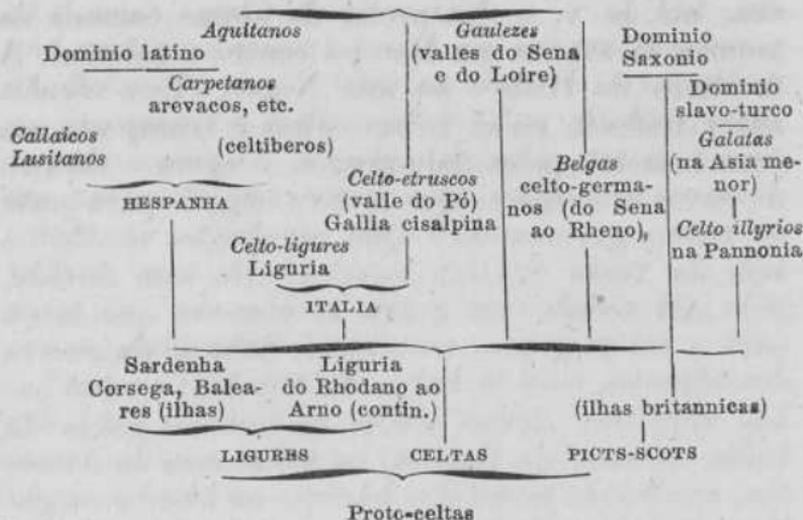
França



Invasões de romanos e teutões.

Lingua latina.

GALLIA



Os germanos

Sete seculos dura, desde o II, antes da nossa era, até ao V, o desenrolar da ultima camada da população aryana na Europa centro-occidental. A fronteira do Baltico ao mar Negro, cinco seculos antes trilhada pelas tribus celtas e transposta em éras remotas pelos italo-gregos, é agora o theatro de novas migrações. Que motivo impelle para oeste as tribus germanicas? Que revoluções se dão no seio da vasta Scythia asiatica? Ha sem duvida, pelo XII seculo, um grave movimento que lança para o sul as gentes teutonicas. Sabe-se da guerra dos chinezes com os hakas da Scythia; e esses hakas suppõem alguns serem os mesmos sakas da India, os sacæ da Bactria, os sakasonna da Armenia, irmãos de nome dos khetas, ou khutis, ou gothis da Asia e da Europa, inventores do supposto berço teutonico localizado na Scanzia ou Scandinavia, e directos ascendentes da mais vigorosa tribu germanica, os sakasuna, saxões. Da zona do norte do mar Negro, para onde o impulso de tartaros e slavos da Scythia os teriam arrojado, os germanos debandariam em tres ramos: (1) su-

bindo o Dnieper e o Dniester chegariam ao Baltico e para além d'elle á Scandinavia; (2) seguindo o Danubio, entrando na zona do Rheno e cruzando com celtas, dariam os belgas; (3) alastrando-se pelo baixo Danubio teriam impellido os famosos cimbro contra o Imperio.

Até aqui lavramos um campo de hypotheses mais ou menos bem assentes nas descobertas da erudição contemporanea. Do III ao IV seculo da nossa éra principia, porém, a historia conhecida das nações teutonicas que os romanos acham estabelecidas para além do Rheno: ao norte, os saxonios (anglos, jutes, frisios) no litoral de entre Rheno e Elba; de norte a sul, desde a Scandinavia até ao mar Negro, as nações suevas dos godos, lombardos, vandalos, burgundios, etc. A pressão que sobre as gentes teutonicas exercem do lado da Asia os hunos mongolios determina a serie de movimentos no sentido do occidente, consumma a decomposição do Imperio, e dá lugar á formação das nações modernas. Toda a Italia, a Hespanha celtibera, a França gauleza, e até certo ponto a Inglaterra, estavam latinizadas. No occidente a civilização tinha Roma por metropole; no oriente era capital a Grecia.

Essa grave historia da «invasão dos barbaros» que tantas phrases empoladas, tão rhetoricas dissertações tem inspirado, veiu d'ahi a representar-se á imaginação como um cataclysmo dramatico: um longo exercito de homens bravios, chegando, como um tufão, arrazando, conquistando. Os românticos fizeram dos barbaros os missionarios da liberdade,¹ e os christãos desde o principio viram n'elles o braço de Deus armado para destruir o paganismo. Pagãos eram tambem esses

¹ V. *Hist. da civ. iberica* (3.^a ed.) pp. 35-47.

barbaros e sabe-se hoje que intimas affinidades tinha a sua mythologia com a dos greco-latinos oriundos da mesma stirpe aryana. As instituições militares e patriarchaes que traziam consigo, sem excluir a da propriedade communal, acham-se igualmente na historia dos greco-latinos quando o seu estado não attingira ainda um typo superior de organização social. E a prova da affinidade das novas e das antigas gentes está na rapidez e na facilidade com que as primeiras fizeram suas as idéas e as instituições das segundas, em toda a parte onde se internaram nas regiões latinisadas: na França, na Italia, na Hespanha. Absorvidos a occidente pelos povos de stirpe varia, itala, iberá, celta, e de educação latina; baralhados a oriente com as ondas movediças da população slava, são muitos os ramos da familia teutonica que assim se perdem, como succede nas costas ás aguas dos varios rios, confundindo-se no seio das aguas dos mares. Entre o occidente e o oriente, entre latinos e slavos, porém, n'essas regiões, ou imperfeitamente latinisadas, ou que os romanos jámais invadiram, na Inglaterra e na Scandinávia, na Hollanda, na Dinamarca, pelo Baltico até dentro da Russia, pelo Rheno até dentro da França, isto é, na Allemanha imperial de hoje, que é o centro da Europa: foi ahi que se desenvolveu a existencia autonoma da raça, experimentando sim as influencias occidentaes gallo-romanas e italianas, mas sem por isso perder o caracter proprio de uma historia que, desdobrando-se, vem definir-se no nosso seculo com o imperio colonial, maritimo e commercial da Inglaterra, e com a recente constituição do imperio da Allemanha.

Se o ibero, o grego e o latino apresentam os caracteres que rapidamente temos procurado esboçar; se outro tanto succede ao celta gaulez, embora latinizado: com maior relevo se vê a physionomia germanica n'esses paizes que mantiveram a sua lingua propria, e que, dentro dos moldes das instituições classicas, duplamente classicas, por serem typicas e por serem latinas, manifestaram uma das faces mais nobres da superioridade do genio aryano. E' no coração e nucleo proprio da raça que a estudamos: não é nas ramificações teutonicas para a França, para a Italia e para a Hespanha, absorvidas pelo fundo nacional, como as ramificações celtas da Iberia e da Italia o tinham sido antes. Não procuraremos a raiz do genio germanico no instinto commercial e maritimo da Inglaterra, faculdade commum dos celtas, dos gregos, e dos semitas; nem nas instituições e leis de nenhuma nação germanica, porque entre os arianos coube aos latinos de Roma exprimir em todos os seus graus, ou momentos evolutivos o typo da historia social politica e económica. Não está em nenhuma das artes, nem das idéas praticas a faculdade eminente e o traço distinctivo d'essa raça; nem está tampouco na capacidade de symbolisação artistica, privilegio da Grecia; nem na lucidez da comprehensão intellectual, dom clarissimo dos gregos e dos gatllezes. A poesia transcendente expressa em palavras vagas, em harmonias musicaes, em formulas metaphysicas, e até nas analyses d'essas sciencias philologicas que são a auscultação subtil da alma humana: eis o fôro proprio do genio germanico, a flôr da sua civilisação que, sem duvida alguma, representa o mais intimo, o mais profundo, o mais comprehensivo grau de percepção que o espirito humano póde atingir.

Com a capacidade superior da raça aryana, nenhum dos seus ramos ou familias é exclusivamente dotado d'esta ou d'aquella faculdade: tudo se encontra em todas; e espiritos firmes mas pouco profundos, como Littré por exemplo, teem chegado a defender a opinião de que a manifestação d'essas faculdades exprime, não uma idiosincrasia ethnica, mas apenas um momento ou estado da civilisação. Não ha duvida que para certos, até para muitos phenomenos, isto assim é; mas vê pouco quem não vê, para além das physionomias successivas ou historicas, o quer que é mais intimo ou constitucional accentuando os caracteres dos povos. A acção heroica duramente guiada por uma religião realista retrata a Hespanha; o heroismo classico e a sentimentalidade celtica parece retratarem a nossa historia; o francez conserva as qualidades gaulezas; o italiano é ainda hoje idealista e religioso como um latino; talvez o grego seja ainda o artista, e é decerto o mercador e o soldado que sempre foi. Quem não descobre tambem entre as linhas das *sagas* primitivas, para além dos mythos espontaneos, o genio que produziu Luthero, Beethoven, Schiller, Heine, os Grimm, Herder, Ranke e a dupla escola de philosophos que vem de Kant parar em Hegel e em Schopenhauer?

Nós chamaremos poesia a essa *vis* constitucional ou faculdade visceral do espirito germanico: poesia em palavras, em symphonias, em theorias, em systemas, em observações; poesia que, por meio de impressões sem fórma, com a propria falta de symbolos reaes (como os das artes plasticas) vae ferir as mais intimas regiões da imaginação, ali onde ella se confunde com a intellectualidade pura e com a piedade ideal, despida de formulas e expressões religiosas. E' essa mesma faculdade poe-

tica ou *divinatoria*, que na mente dos artistas se manifesta inconscientemente e com as suas produções toca em nossa alma tudo o que vagamente se esbate para além do que podemos saber; é essa mesma faculdade que, desdobrando a intelligencia do critico, lhe dá uma segunda vista, um poder de distinguir, definir, e retratar objectivamente: o poder de adivinhar, para além do real, a essencia intima e profunda das cousas. Opponha-se Heine a Juvenal, Luthero a Santo Ignacio, Haydn a Cimarosa, ou Beethoven a Rossini, Shakespeare a Lope, Calderon ou Corneille; opponha-se Kant a Descartes, Hegel a Comte, ou Schopenhauer aos mysticos hespanhoes, ou Ampere aos Grimm, ou Herder a Montesquieu, ou Ranke a Guizot; opponham-se em generos irmãos, em estados de espirito eguaes, teutões contra celtas, iberos e latinos, e ver-se-ha o fundamento do que dizemos.

Mas em abono da opinião contraria é mistér negar a opinião que faz dos allemães uma gente coroadada de nuvens, vivendo de sonhos, incapaz de realidades. Se a transcendencia do seu genio deu de si uma grave fraqueza politica na Allemanha historica; se um idealismo abastardado produziu as formulas duras e seccas do protestantismo inglez e o mysticismo desvairado das egrejas minusculas; se o instincto do dever leva á sujeição politica a uma authoridade que nem se discute, e á obediencia a regras, usos, praticas e ritos, á tyrannia de uma moral excentrica e de um *cant* ridiculo; se a poesia leva á pieguice sentimental; e se de tudo isto resulta aquelle inglez e aquelle allemão, ora exaltado, ora escarnecido nos livros e nos palcos: é mister cotejar as duas historias parallelas, da Inglaterra e das nações germanicas do

continente, para avaliarmos até que ponto a falta de força real provém, ou não provém, da eminência dos dotes ideaes.

Ora, ao passo que a miserrima e pobrissima Allemanha sonhava, a Inglaterra tornava-se a herdeira do poder colonial e commercial da Hespanha. O anglo-saxão demonstrava ser tão bom marinheiro como o grego, ou o portuguez; tão bom negociante como o phenicio, e como elle mineiro, metallurgista, por fim senhor do mundo pela industria dos tecidos e metaes, quando já assenhoreara os mares com a sua marinha. Contra o italiano Bonaparte e os seus exercitos gaulezes, a Inglaterra venceu em Waterloo. Ainda então a Allemanha, esmagada pelo francez, vivia na dependencia; mas os batalhões submissos que o grande Frederico tinha creado tornaram-se depois nos exercitos animados pela consciencia de uma patria real: n'esses exercitos que em 1870 fundaram o novo imperio. O soldado é o precursor do cidadão: da guerra veiu a formação do Estado; e a Allemanha, chamada por fim á vida politica internacional, governa hoje a Europa. O cidadão é um trabalhador; e a Allemanha industrial pesa já no mundo economico, ao lado da Inglaterra e da França. O trabalhador é um democrata: por isso tambem a nova Allemanha principia a descobrir que a traducção do dever não é a obediencia, mas sim o direito, conforme Roma sua predecessora e irman o definiu para todo o sempre.

A nebulose que nos primeiros tempos da nossa éra se formou, produzindo uma commoção profunda na constituição da Europa, durou vinte seculos a congregar-se n'um planeta. Hoje a Allemanha, coroada pela poesia, firme na industria, affigura-se-nos como a estatua ou o typo do arya-

no, dominando o mundo com o braço, escalando o céu com a mente.

Já nós greco-latinos tínhamos attingido os limites da nossa capacidade intellectual, produzindo os typos classicos da philosophia e da arte na Grecia, os das instituições e do direito em Roma; já tínhamos formualdo as definições summarias que os tempos modernos não fizeram nem podiam fazer progredir, embora o progresso das acquisições practicas posteriores tenha sido real; já o occidente da Europa era, póde dizer-se, o que é: quando para além do Rheno e do Danubio, n'uma escura confusão, os barbaros ondulavam trilhando essa terra da Scythia, fadados a proseguir para oeste na derrota que traziam do Oriente. Da collecção das raças aryanas tinham-se destacado, antes e successivamente, os italo-grego-celtas, cuja civilisação se desenvolvera no coração do Mediterraneo, estendendo-se para a Hespanha e para as Gallias. Restavam os windo-teutões, ou slavos e germanos: estes enfrentando com a Europa greco-latina; aquelles na retaguarda, pelas planicies confinantes da Asia. N'este tempo a familia germanica apparecia dividida em quatro ramos: (1) GODOS, nos confins da área germanica sobre as fronteiras slavas; (2) SAXÕES, na zona maritima do Rheno ao Elba, bordando o oceano germanico e o Baltico; (3) ALLEMÃES, ao sul, entre o Danubio e o Meno; (4) FRANKOS a occidente, nas raias da Gallia.

Taes foram os povos que um concurso de causas mais ou menos conhecidas precipitou sobre a Europa latina destruindo a unidade do imperio, substituindo o governo romano por principes e aris-

tocracias germanicas, sem destruir todavia as populações nacionaes: antes permittindo que as variedades ethnicas, comprimidas e abafadas pelo romanismo, constituindo-se em estados independentes, produzissem typos varios e espontaneos com os materiaes da civilisação anterior: a lingua e as instituições. ¹ Já é inaceitavel, como dissemos, a antiga idéa de um cataclysmo theatral que fazia da «invasão dos barbaros» um acto dramatico, suppondo exterminadas as populações hespanholas e gallo-romanas, suppondo em toda a parte destruidas, com a gente, a lingua e as instituições. Ao contrario d'isso, os *barbaros* apparecem em geral como conservadores: apenas confiscam o poder politico, as terras e as riquezas. Leis, lingua, religião, tudo aceitam dos vencidos. ² O facto de que as invasões dos barbaros se alongam por um periodo de tres seculos, e as varias maneiras por que essas invasões teem lugar, explicam o character das conquistas. Se, com effeito, mais de uma vez se viram nações avançando lentamente como uma onda compacta e irresistivel, uma onda de gente armada trazendo consigo as familias, as bagagens, apoderando-se dos valles e florestas abandonados, como nas migrações primitivas: foram mais frequentes as correrias de tribus armadas, verdadeiros e féros exercitos, trucidando e saqueando. Mas, além d'estas duas fórmias mais dramaticas de invasão, importaram por muito outras fórmias mais comessinhas, provenientes do proprio estado de decomposição do governo romano e da vastidão do Imperio. Para fecundar regiões vastas e despovoadas, acalmando ao mesmo tempo a cubiça dos barbaros fronteiriços, os soberanos de Roma doavam

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) pp. 113-15. — ² *Ibid.* 35-69.

terras, transplantavam colonos. Para servir nas guerras demoradas, incessantes e longinquoas, ou para entre si debaterem o imperio, os generaes romanos assoldadavam os barbaros como mercenarios, e os exercitos, sublevando-se, substituiam no mando os romanos pelos seus chefes naturaes.

Ao mesmo tempo que por estas varias fórmas a onda teutonica avançava sobre o Imperio, as revoluções e movimentos internos da Allemanha, determinados pela compressão dos slavos do Oriente, davam lugar a deslocações incessantes das varias tribus. Assim os godos, sob cuja hegemonia viviam todos os ramos teutonicos de leste, desde a Scandinavia até ao mar Negro, foram desapossados da sua área, hoje russa, pelos slavos e pelas posteriores e terriveis correrias dos hunos. A compressão exercida assim por slavos e mongolicos, e o concurso de motivos e maneiras que no Imperio reclamavam a invasão, determinam um movimento expansivo que enche a historia de mais de trezentos annos. No III seculo da nossa éra, além dos godos de leste de que já fallamos, a confederação saxonia occupava a região de entre o Rheno e Elba prolongando-se para a Dinamarca. A oeste ficavam-lhe as tribus frankas, cruzadas com os celtas na região da Belgica; e os allemães assentavam nos districtos de sudoeste, no alto Rheno, tendo por norte os burgundios e por oriente os suabios.

1. Os GODOS, no ultimo quartel do IV seculo apparecem no baixo Danubio com o nome de wisigodos, ou godos do occidente, penetrando na Thracia d'onde veem até á Gallia fundar o reino da Aquitania no V seculo, e, passando os Pyreneus, apossar-se da Hespanha inteira. ¹ Antes de terem subs-

¹ V. *Hist. da civil. ilERICA* (3.^a ed.) pp. 35 e segg.

tituido a autoridade romana n'esta provincia do Imperio, já os vandalos a assolavam, e foi para os expulsar, alliados aos romanos, que os wisigodos desceram os Pyreneus. Os vandalos, de familia goda segundo a opinião geral, mas que Latham considera slavos, tinham descido á Hungria em 166; tinham em 406-9 passado pela Gallia á Hespanha. Vinte annos depois eram expulsos para Africa, d'onde em 455 veem á Italia queimar Roma. Esmagada em 534, essa tribu de correrias celebre, sumiu-se, perdeu-se, deixando apenas como memoria um nome expressivo : vandalismo.

Os ostrogodos, ou godos do oriente, apparecem na segunda metade do IV seculo na Bulgaria, d'onde passam em 480 á Italia, governando-a quasi um seculo. De stirpe goda eram tambem os gepidos que pelo anno de 400 apparecem na Hungria e ahi demoram independentes até á data da conquista lombarda, na segunda metade do VI seculo.

Dominados os wisigodos em França pelos frankos de Clodwig; destruida em Hespanha a monarchia pelos arabes; ¹ esmagados os vandalos, os godos occidentaes acabam sem deixar vestigios apreciaveis no sangue das populações. O movimento dos orientaes não teve melhor exito. Laivos correspondentes aos da Hespanha e da França austral, ficaram na Illyria, na Italia (herulos, rugios, ostrogodos) na Hungria, na Moldavia (gepidos), e diz-se existirem ainda restos vivos na Crimêa; mas em parte alguma ficou dynastia, governo ou estado godo: apenas o seu antigo domicilio scandinavo conservou autonomia. No oriente da Germania antiga foram substituidos pelos slavos, e forçados a espalhar-se pela Europa occidental; em

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) pp. 75-81.

toda a parte tiveram uma vida e um poder ephemeros.

2. Melhor foi a sorte dos FRANKOS. Do baixo Rheno, onde os viu o seculo III, avançaram gradualmente, e no meiado do seguinte tinham retalhado a Gallia em pequenos reinos seus. Na esteira dos frankos, ou precedendo-os, a Gallia fôra invadida tambem por allemães e godos: os burgundios, os thuringios, os wisigodos da Aquitania. Em 487 Clodwig, depois de fundar a monarchia franceza ou franka, submetteu todos os pequenos estados, iniciando uma successão de reis que veio até ao nosso tempo e que nos conflictos actuaes das fórmãs do poder politico é ainda pretendente.

3. Se na Gallia os frankos fundaram um estado duradouro, governando as populações gallo-romanas sem as germanisar, os SAXÕES que, além de habitarem o dominio propriamente germanico da Westphalia, além de constituirem o coração da Allemanha, occupavam (frisios, jutes, anglos) a região maritima do Weser e do Elba, da Hollanda á Dinamarca: os saxões crearam essas nações puramente germanicas no continente, e germanisaram a Inglaterra. Em 450, os anglo saxões invadem as ilhas britannicas, submettem as populações celtas (se por ventura já não havia lá tambem germanos) impõem-se como numero, como governo e como lingua, condemnando o gael e o cambrio á triste sorte de dialectos, e a familia celta á condição de provincial e subalterna.

Em livre campanha navegavam, pirateando, combatendo, mercadejando pelo mar do norte, os anglo-saxões do continente e das ilhas com os *northmen*, noruegueses, dinamarquezes, de sangue scandinavo ou godo. Esses *northmen* ou normandos,

vandalos do mar cujas façanhas ficaram celebres, desceram em 911 ás costas da França, creando um estado seu que seculo e meio depois (1066) passou o canal e impôz aos anglo-saxões a aristocracia e as leis com que tem vivido até hoje. Transportada para Inglaterra a Normandia, o pequeno estado da França maritima foi depois incorporado na monarchia dos frankos.

4. Resta-nos, pois, a familia dos ALLEMÃES, cujo nucleo de entre o Danubio e o Meno, batido pelos frankos em 496, deu de si os suabios e os suissos. Na familia alleman se incluem os bavaros que Carlos-magno incluiu na monarchia dos frankos; incluem-se n'ella os thuringios historicos denominados *hermunduri* por Tacito, e que desde o v seculo occupavam a margem esquerda do Danubio, indo até ao Elba e ao Harz, fronteira dos saxões. No seculo VI, ao embate dos slavos e frankos, os thuringios perdem a autonomia. Outrotanto succede aos lombardos, que em 574 descem ao valle do Pó, fundando a Lombardia, reino destruido pelos frankos dois seculos mais tarde, e vão tambem para oriente assentar sobre o Danubio junto a Vienna.

A destruição da unidade do imperio romano em 476, a invasão e a fixação dos barbaros, o esboço das nações da Europa moderna, tudo concorria para alterar de um modo mais ou menos grave a pureza do sangue das populações primitivas já barralhadas com os primeiros aryanos, depois com os celtas, depois latinisadas, agora trilhadas em todas

as direcções pelas levas ou pelos exercitos dos teutões. Confunde-se o sangue, penetram-se, retalham-se as áreas ethnicas. No momento em que Carlos-magno tentou a restauração do imperio uno sob a soberania germanica, a Europa apresentava o aspecto de uma confusão de gentes e de uma desordem politica. Depois, gradualmente, no decorrer dos numerosos seculos em que as nações modernas se foram constituindo, todos os elementos se fundiram de um modo mais ou menos cabal, e as idiosincrasias dos povos occidentaes appareceram diferenciadas. Mas na éra de Carlos-magno a Italia do sul está cruzada de italo-gregos com semitas das invasões serracenas já iniciadas, e a do norte cruzada de lombardos, sobre celtas e etruscos. Na Hespanha a confusão não é menor: ha iberos, ha celtas no occidente, ha suevos e wisigodos nas Asturias, ha a camada de semito-hamitas, arabes e berberes que depois da batalha do Chryssus repelleram para Oviedo a antiga côrte de Toledo; ha paganismo antigo, christianismo e islamismo; fallase arabe. No sul da França assentaram sobre os iberos, os ligures, os celtas, os gregos de Massilia, afinal os godos da Aquitania e os frankos; a leste ha reinos frankos governando uma população burgundia. Na Borgonha, na Suissa occidental, na Saboia e no Piemonte apparecem restos de celtas e slavos. Na Gallia central os frankos reinam sobre os gallo-romanos; na Bretanha sobre os celtas armoricanos.

Povoando, ou dominando os povoadores celtas, italos ou slavos, do Atlantico ao Adriatico e da Italia á Scandinavia, toda a Europa foi um momento teutonica. Mas essa onda refluiu breve, e os limites da área germanica do continente ficaram inscriptos entre o Rheno e o Elba, entre o Danu-

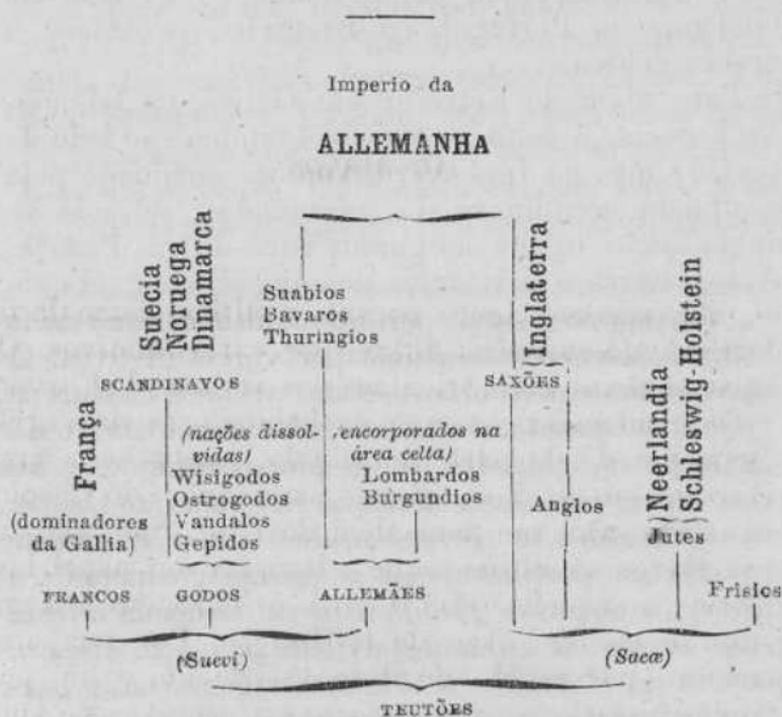
bio e o Meno, com os Alpes por fronteira. Pouco importa que em 862 a Russia tivesse uma dynastia alleman; pouco importa que a casa de Austria reine sobre slavos; pouco importa que a dynastia dos frankos reinasse na Gallia e na Lombardia, ou que as nações moderrras da Hespanha busquem na stirpe goda os seus principes. A' medida que a commoção dos povos e dos estados acalma, que o temporal passa, e que os ares bonançam, vae re-bentando espontanea a flôr do genio nacional, ibero-latino na Hespanha, gallo-romano na França. Na Galliza, em Portugal, na Bretanha, reverdece a arvore celtica.

Para além do Estreito, em Galles, na Irlanda, na Escocia, o celta conserva-se tambem ao lado do teutão; mas na Inglaterra, embora dominada pela conquista scandinava dos normandos, succede ao anglo saxão o que ao gaulez succede em França. A Inglaterra é germanica de sangue, de genio, de lingua; sendo o unico dos dominios conquistados durante a historia conhecida pela gente teutonica, especialmente saxonica.

Deixando ao lado as peninsulas scandinava e dinamarqueza, tomadas pelos godos aos finnios, lapões indigenas, área natural do ramo norte ou scandinavo dos teutões, entramos com o Rheno no coração ou dominio proprio da raça, ahi onde a historia a encontra já domiciliada. Ladeada a leste pelos slavos da Polonia e da Hungria, tem a oeste, para lá da Hollanda, o belga celto-germano, o burgundio francisado, e os *allemani* da Suissa. Os Alpes fecham-lhe pelo sul o caminho do Mediterraneo. A área teutonica por sangue, cultura e lingua, include pois a Inglaterra e a Suecia-Norwega, a Dinamarca, o imperio allemão (excluida a parte slava da Prussia) e um pequeno pedaço da Austria com

uma parte da Suissa. São cem milhões de homens, occupando o centro e o norte da Europa, e cinquenta dominando em metade da America. São além d'isso os colonisadores da Australia, e governam duzentos milhões de indios.

Schema ethnographico
da área germanica



Os slavos

Achamo-nos agora perante o ultimo ramo da familia indo-europêa: ultimo por varios motivos. Os slavos são os mais orientaes dos aryanos da Europa, sendo ao mesmo tempo os habitadores da região extrema d'esta parte do mundo; porque se a área tartara ou turca se estende para áquem do Caspio, a slava não vae para além do Ural. São tambem os slavos os ultimos que adquirem um papel historico, e aquelles que d'entre os europeus attingiram o minimo grau de civilisação. Por temperamento, por estado de desenvolvimento culto, por sorte historica, e como *slavos* ou escravos de successivos dominadores, o povo que hoje tem ainda na Turquia moribunda um senhor, na Austria um soberano, mas já na Russia um representante eminente, como a Allemanha o é dos teutões, a França dos gaulezes e a Italia dos latinos: esse povo é ainda juvenil.

São porém oitenta milhões de homens,¹ dos quaes cincoenta congregados sob o imperio moscovita; e o resto, ou constituido em nações recentes (Rumania, Bulgaria, Servia), ou incluído no amalgame de gentes que se diz Austria (bohemios, polacos), ou germanisados (polacos, prusso-lithuanios, lusacios), ou por fim ainda sob o dominio da Turquia cuja decadencia historica significa a da autonomia ascendente da raça slava.

A leste da Germania o slavo, galgando sobre a área goda em que se alastrou, substituindo-se-lhe, veio até ao coração da área saxonia. Insulados ainda hoje na Lusacia, em torno de Löbau, Neusalz, Spremberg, Lübben, etc., vêem-se os restos de populações que outr'ora se estenderam desde o Elba até ao Saale. Germanisados, mas não a ponto de perderem a lingua, os (1) WENDS, ou windios, ou

¹ Eis aqui a distribuição dos slavos segundo os quadros Schafarik:

	RUSSIA	AUS- TRIA	PRUS- SIA	TUR- QUIA	CRA- COVIA	SAXO- NIA	TOTAL
Moscovitas	35:314	—	—	—	—	—	35:314
Malorussos	10:370	2:774	—	—	—	—	13:144
Russos-brancos	2:726	—	—	—	—	—	2:726
Bulgaros	80	7	—	3:500	—	—	3:587
Servios	100	2:594	—	2:600	—	—	5:294
Croatas	—	801	—	—	—	—	801
Carinthios	—	1:151	—	—	—	—	1:151
Polacos	4:912	2:341	1:982	—	130	—	9:365
Bohemios e Moravios	—	4:370	44	—	—	—	4:414
Slovacos da Hungria	—	2:753	—	—	—	—	2:753
Lusacios	—	—	82	—	—	60	142
milhões	53,5	16,8	2,1	6,7	0,1	0,1	78,7

Gregos orientaes (russos, bulgaros, servios)	54
» papistas (malorussos)	3
Catholicos romanos (polacos, servios, bohemios, etc.)	19,2
Protestantes (slovacos, polacos, etc.)	1,5
Mahometanos (bulgaros, servios)	1

sorbios, attestam ainda na falla uma stirpe commum á dos prusso-lithuanios do Baltico.

O povo (2) TCHEQUE, antigo dacio (daci=tsakoi-tcheque, ou tshek, segundo Latham), habitante da Bohemia e da Moravia, politicamente austriaco, divide-se em cinco ramos distinctos: os horaks das montanhas de Schilberg; os hanaks dos pingues territorios de entre Wischaw, Oslmutz, Leipnik e Kremisier; os slovaks do sueste da Moravia com os *comitats* da Hungria; os wallaks que é mistér não confundir com a tribu de hungaros d'este nome; e finalmente os polacos chamados *d'agua*, water-poles, como dizem os inglezes.

A familia (3) LEKH ou polaca, antigamente autonoma e ainda hoje caracterisada pelas ambições de independencia, pela lingua, pela litteratura, por um character heroico e aventureiro, quasi-celta pela religião, catholica no meio do lançol de gregos orientaes, e politicamente repartida, parte á Prussia, parte á Austria, parte á Russia, é a ultima das tres divisões do que se chamam slavos do Occidente. A Polonia, cuja reconstituição tanto tempo andou ligada aos planos humanitario-democratas do nosso seculo, foi na historia a representante eminente do genio slavo nas suas qualidades poeticas, e nos seus generosos defeitos. Povo de fidalgos, aristocracia de proprietarios, a Polonia morreu pela falta de consistencia do Estado, que nunca pôde chegar a ganhar corpo e unidade. Faltou-lhe uma tyrannia salvadora e não tinha uma classe media influente; caíu victima da anarchia de um governo disputado por barões rivaes, sendo dividida entre os estados militares e absolutistas visinhos: a Prussia, a Austria e a Russia.

D'então para cá — facto digno de attenção — a desnacionalisação é tanto maior, quanto menor é a

affinidade. Germanisada a Polonia prussa, já na Austria, cuja individualidade ethnica não é definida mas tem muito de slavo: já na Austria, dizemos, a assimilação é menor. Na Russia finalmente, ao lado de irmãos de sangue, sob o imperio de uma nação que herdou o papel eminente de representante da raça, a resistencia é tenaz, a rebeldia constante. E quem sabe se, perante as graves crises por que o imperio tem de passar, não virá como episodio historico a restauração da Polonia?

A transferencia do papel de representante ethnico, da Polonia para a Russia, não é porém um d'esses casos fortuitos, sem alcance para a historia geral da civilisação. Tem motivos mais intimos e importancia maior. O papel historico da raça slava mudou; mudou portanto a natureza da sua acção eminente. Nas ondas successivas de arianos, rolando da Asia sobre a Europa impellidos pelas oscillações dos mongolicos, os slavos eram a ultima. Lançados sobre e contra os teutões, repelliram do seu dominio a familia goda, e disputando o solo, slavos e allemães foram inimigos. N'essas luctas historicas, aquella das nações slavas que primasse pelos dotes militares era a destinada para a hegemonia. Foi essa a Polonia: exercito, sociedade de guerreiros incapaz de sair do estado feudal.

Mas quando, dois ou tres seculos depois, o oceano mongolico serenou, acabando para sempre as invasões de gente amarella e portanto a compressão das gentes arianas; quando na retaguarda da Polonia a Russia começou a fixar-se, constituindo-se n'um grande imperio rural; quando essa verdadeira fronteira ariana lançou raizes fundas no solo e ao lado de baluartes e fortificações pôde oppôr á Asia colonias consistentes e prolificas: então o papel historico do slavo mudou. Em vez de obe-

decer passivo á pressão asiatica, voltou-se para o oriente e desenvolveu uma acção positiva, indo com batalhões e colonias, soldados e lavradores, avassallando a área mongolica até ás fronteiras da Persia, da India e da China, na face opposta do continente, e passando o mar de Behring até á America. A obra da conquista do mundo, executada por mar pelo saxonio, executa-a por terra o slavo.

Para essa obra não servia de certo a fidalga nação polaca: era mistér um organismo semelhante ao do imperio romano, uma democracia cesarêa. E' isso com effeito a Russia, onde não ha propriamente classes, apenas categorias sociaes; onde não ha burguezia, nem nobreza, apenas um povo rural governado por um como que magisterio, ou sacerdocio, militar, e administrativo, o *tchin*. Imperio na genuina significação da palavra, a Russia é por isso mesmo uma democracia: tudo está aberto a todos. Nem ha sombra d'essas preocupações de casta, de sangue, de tradição e herança, que são a alma das sociedades aristocraticas; embora haja uma grande autocracia nos cargos governativos desde o ksar até ao governador de provincia, pequeno *cesar* n'uma determinada região. Assim era na Roma imperial. O cesarismo assentava na Antiguidade sobre um systema de municipios, e assenta na Russia tambem sobre uma rede de communas, *mir*.¹ Mas Roma tinha sob o seu dominio o celta buliçoso, o hespanhol soberano, italiano com alguma cousa do genio republicano do grego, com as tradições das primitivas cidades latinas, com as lembranças de uma republica representativa; e tudo isso obrigou o imperio antigo a oppôr-se ao systema municipal, atrophiando-o até que

¹ V. *Hist. da civil. iberica* (3.^a ed.) pp. 19-23.

morreu com elle. Na Russia, ao que nos parece, o caso é diverso, porque o *mir* é uma criação do proprio imperio libertador dos servos; porque na raça slava não ha os instinctos republicanos dos italo-grego-celtas, mas sim um genio poeticamente nebuloso de lavradores e submissos soldados. Diz-se que foram os slavos que ensinaram aos teutões o uso da charrua. O arado é com effeito o symbolo d'essa raça que lavra a Asia em fundos regos, distribuindo por toda ella as sementes da civilização aryana, ao mesmo tempo que com o braço armado extermina ou avassalla as populações que foram o medo da Europa por tantos seculos. A Russia é para nós o baluarte que foi outr'ora a Polonia; mas em vez de ser um batalhão aguerrido, é uma legião que não se limita a vencer, porque impera lançando raizes, expandindo-se, colonisando, pondo, para além da Europa, na Asia inteira, a civilização e o sangue dos occidentaes.

(4) Os RUSSOS constituem a primeira das familias slavas orientaes. Dividem-se em tres ramos: moscovitas, os mais numerosos, occupando 25 governos, contando 35 milhões; estendendo-se desde S. Petersburgo pelo Volga até ao Ural e ao Don; destacando colonias, Siberia em fóra, até ao Kamtchatka; tendo em Moscow uma cidade que é geographica, historica, religiosa e ethnicamente uma capital, embora não seja a cabeça politica do imperio. O segundo ramo, ou malorusso, habita o sul, da Galicia ao Don, nos governos de Poltava, Kief, Volhynia, Podolia, com parte da Bessarabia, da Taurida, do Chersoneso, internando-se para além

das fronteiras do imperio na Polonia, na Galicia, na Hungria, austriacas. Da combinação de grandes e pequenos russos vêm os cossacos do Don. O terceiro ramo, finalmente, ou russo-brancos, menos de tres milhões, estão nos governos de Moghilef e de Minsk e em parte dos de Vitebsk e de Grodno.

As duas familias que nos resta enumerar, (5) os SERVIOS, (6) OS BULGAROS constituem, nos seus varios ramos, os chamados slavos-do-sul, vivendo em pequenas nações mais ou menos independentes, ou sob o imperio da Austria, ou da Turquia.

A familia servia, que tem já no principado de Belgrado um representante autonomo e como que um Piemonte slavo austral, abrange no seu seio populações governadas pela Austria: dalmatas, croatas, bosniacos, herzegovinos, esclavonios da Hungria. A familia bulgara, mais ou menos laivada de turco, no sangue e na lingua, denominada por uma tribu finnia que outr'ora a dominou, está entre a Rumania trans-danubiana, onde os moldovalachos de lingua romance são de sangue slavo, e a Albania e a Grecia tambem inundadas de slavos. A familia bulgara veiu até nossos dias sob o imperio do turco. Hoje, a Bulgaria de entre o Danubio e os Balkans constitue um principado protegido pela Russia; mas se a Rumelia-oriental ganhou com o ultimo tratado de Berlim uma tal ou qual autonomia, e com a insurreição o annexar-se á Bulgaria, o resto do paiz dos *rumes*, desde o Adriatico até ao mar Negro, ficou ainda turco.

N'este breve schema o leitor abrange a ethnographia da familia slava:



A área slava abrange mais de metade da Europa, não fallando do seu dominio asiatico. Tem por limites orientaes o Ural e o Caspio; desce pelo mar Negro, passa o Bosphoro incluindo toda a Turquia da Europa, a propria Grecia e a Albania, subindo o Adriatico, internando-se pelo valle do Danubio, dando a volta pelos Carpathos, torneando a Bohemia, atravessando a Prussia até ao golpho de Finlandia, e cortando de S. Petersburgo direito ao Ural.

Sobre os slavos do sul vieram os turcos: em nenhum outro lugar ha stratos ethnicos sobrepostos. O slavo é o mais recente. E' a ultima alluvião na Grecia skipetar-hellenica, na Albania, na Lusacia saxonica. Na Prussia, na Polonia, na Russia, o slavo, eliminando os godos, ficou sobre a camada primitiva de populações finnicas, que affloram ainda na região baltica, segundo o leitor sabe.

Entretanto, na opinião do sabio Latham, os go-

dos não teriam sido eliminados por não terem tido a importancia que outros lhe dão; e uma grande parte da sua historia supposta pertence, não aos teutões, mas sim aos slavos. Os vandalos inclue-os elle n'uma familia sarmata, seguindo as denominações classicas, familia que divide em dois ramos: o lithuanio ou prusso, e o slavo propriamente dito. Alarik, Theoderik, e outros conquistadores do IV ao VI seculos só se teriam tornado *godos* quando se fixaram no solo dos getas. Do XI ao XIII seculo ainda a Prussia inteira é lithuanica; e lithuanica tambem foi uma parte pelo menos dos habitantes da antiga Thracia e da Dacia. Assim, o retalho de gente lithuanica dos nossos dias não seria uma colonia avançada de slavos no seio de uma Prussia germanica; mas sim a reliquia de uma antiga população da qual a actual, embora germanisada, é descendente. A Prussia seria uma Macedonia, o grande Frederico um Philippe, e o imperio actual como o de Alexandre foi para a Grecia. A unidade da Allemanha e o seu imperio repetiriam, pela mão de slavos germanisados, o que na Antiguidade aconteceu á Grecia pela mão de macedonios hellenisados.

A historia primitiva dos slavos, com effeito, ignora-se; e esta theoria de que os francezes recentemente lançaram mão como desforra innocente das suas cruéis derrotas, é por varios lados sustentavel. Ao sul e sudoeste do Baltico, diz Quatrefages, estende-se uma região ondulada, que ainda era o fundo de um mar quando já o homem, no periodo glaciario, habitava todo o occidente da Europa. As planicies da Prussia, da Polonia, da Russia, que emergiram lentamente das aguas no principio da epocha geologica actual, vão do Atlantico e do Baltico ao mar Negro com um pendor tão suave

que apenas se percebe a cumiada divisoria. Nas cheias da primavera e do outomno deixa de haver divorcio das aguas; o Pripetz, affluente do Dnieper, communica com o Bug affluente do Vistula e com o Niemen; as aguas das vertentes do norte confundem-se com as das vertentes do sul. N'essa zona sem limites, areas mosqueados de blocos errantes, ha manchas de lodos argilosos creadores de oasis nas vastas charnecas aridas, apauladas, humidas, varridas de frios nordestes e bordadas por florestas distantes. Na metade setentrional está o antigo *habitat* dos sarmatas lithuanicos, a Esthonia, a Livonia, as duas Prussias, a Pomerania, o Mecklemburgo, o Holstein litoral, e no interior o Hanover, o Brandeburgo e a Polonia.

Na bacia do Oder as populações germanicas lindavam com as sarmatas. No seculo II os vandalos occupavam o Elba superior, e desde as edades pre-historicas os slavos moravam na Vistula. Atacados no seculo III pelos godos, foram comprimidos para o interior; mas, reagindo, no v e vi seculos voltaram a occupar uma parte da Curlandia a leste, e o Mecklemburgo a oeste com os paizes intermediarios. Tal seria a historia do ramo wend, windico, lithuanio ou prusso, com o qual o outro ramo da familia sarmata, o slavo, avançando gradualmente desde as margens do Don inferior até ao centro da Polonia, se teria confundido.

Só, porém, a contar do vi seculo, ha noticias historicas da familia slava que, abandonada a Hungria pelos lombardos, a invade, iniciando o seu movimento de expansão para o sul. Em 546 os *antes* saqueiam a Thracia; em 552 os *sclavenos* chegam a Constantinopla depois de occuparem a Illyria e a Dalmacia, onde se fixam. São os *barbaros*

do imperio oriental. Ao mesmo tempo, como dissemos, os wendes expandiam-se sobre a área, ou germanica, ou germanizada, até ao litoral do mar do norte. Alliados dos romanos na Bulgaria em 594, como na Hespanha os wisigodos, conquistam no VII seculo a Servia, a Croacia, descendo os declives do sueste dos Alpes até ao Adriatico. Em 582 os slavos occidentaes invadem a Grecia, a Thessalia, o Epiro, a Asia-menor, dominando ao ponto de quasi absorverem as populações precedentes; e em 623 apparecem na Germania sobre o Elba, e, insulando-se na Lusacia, estabelecem-se na Moravia e na Bohemia.

O movimento dos slavos foi determinado pela compressão exercida pelos mongolicos; e mais de uma vez as irrupções d'estes povos, passando como uma torrente por sobre os lançoes de sangue aryanos, não só puzeram em perigo o futuro e a unidade da civilisação europêa, como deixaram laivos mais ou menos profundos, creando imperios mais ou menos duradouros. Italo-gregos, depois celtas, depois teutões e slavos, em ondas successivas, tinham vindo alastrar a Europa. As primeiras d'estas invasões precedem a historia; outras enchem os seculos iniciaes da nossa éra. No couce da migração dos slavos chegaram os álanos, provaveis iranianos, medo-persas, parentes por cruzamentos das hordas turcas que os impelliam. Novas oscillações do oceano mongolico lançavam, assim, na cauda dos exercitos ou dos povos aryanos, as raças ural-altaiicas pela estrada da Europa; e de entre o Volga e

o Obi saíram as tribus finnio-turcas das planícies da Russia austral. No seculo IX os turcos inundaram todo o norte do Caspio e do Caucaso, invadindo a Persia, o valle do Euphrates e a Asia-menor, até fundarem, sobre as ruinas de Constantinopla, o imperio osmanli.

D'esta série de invasões, a primeira foi a dos hunos, que uns fazem turcos, outros tungús. Em 350 teriam baixado do Ural; vinte e cinco annos depois tinham passado o Volga e o Don, atacando os godos, exterminando os álanos, repellindo perante si as nações teutonicas do Oriente, alastrando e assolando tudo, desde a Siberia até ao Theiss. Como um furacão passou o imperio de Atila, o flagello de Deus! e pulverisada, a nação dos hunos morreu.

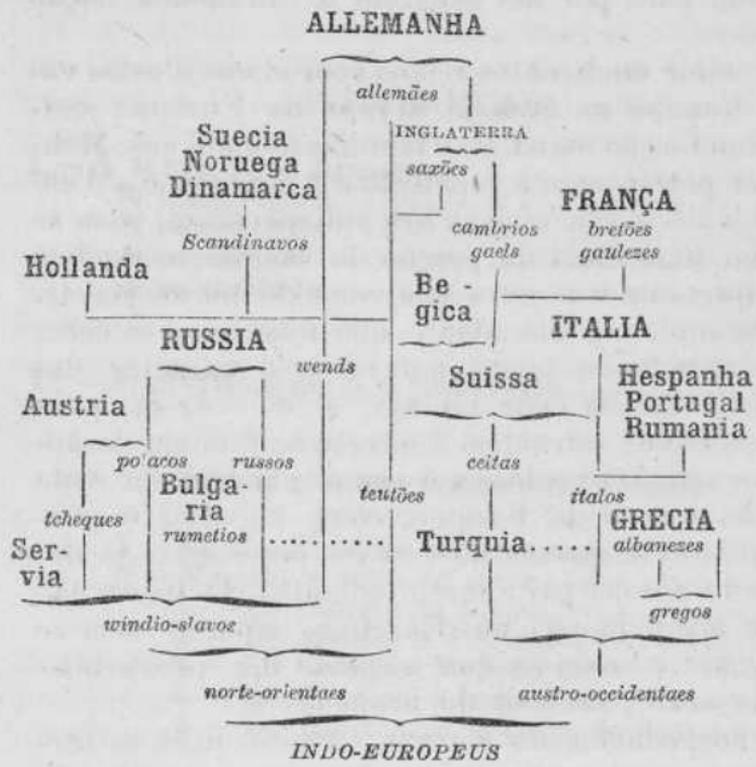
Depois d'elles apparecem, do VI para o VII seculo, entre o Caspio e o Dniper, os khazars. São as reliquias do exercito terrivel? Na cauda dos khazars vêem-se os pechenegues da Bessarabia, de Cherson e de parte da Taurida, nos seculos X e XI; e na Hungria os kumani, turcomanos. Turcos foram tambem os aváras que no meado do V seculo assolaram o Oriente europeu. Em 558 appareceram junto ao Caucaso, em contacto com os álanos; dois annos depois estavam no Danubio, para fundarem, occupando a Hungria, o imperio que, estendendo-se do Volga ao Elba, durou até 803, éra em que foi destruido por Carlos-magno. Das ruinas d'esse imperio avára, nasceu o bulgaro, do Theiss á Grecia, depois incorporado na Turquia. Além d'estas irrupções de tungús e turcos, o IX seculo viu a dos madjiares ugro-fínios (ugro, hungri) que, alliados aos khazars, entraram na Pannonia pela Transylvania; e d'ahi se alongaram ameaçando a França, a Allemanha, a Italia e Constan-

tinopla, para por fim crearem a duradoura nação hungara.

O leitor conhece os restos sporadicos d'estas varias invasões na área já aryaná da Europa: enumerá-mol-os ao estudar as familias mongolicas. Mencionar porém aqui a repetição e a importancia d'essas invasões successivas era indispensavel, para se formar uma ideia da porção de sangue mongolico que forçosamente gyra nas veias de muitos slavos. Entretanto, por abundante que fosse essa infusão, a resistencia do fundo natural e o caracter dos imperios turcos concorreram, e concorrem, para que os laivos estranhos depressa se fundam desaparecendo. D'essa longa e sangrenta historia resta apenas o resto da Turquia, como imperio, e poucas aldeias dispersas no seio de populações já demasiado edosas para serem odientas. O turco não se enraizou jámais na Europa: imperou sem se acclimar; e conta-se que o povo diz proverbialmente «não passamos de hospedes!»

A hospedagem da Europa termina para os turcos, e progride para os aryanos a conquista da Asia.

Concluiremos agora o nosso estudo apresentando o quadro ethnogenico das nações actuaes da Europa; mas o leitor que nos seguiu nas nossas successivas excursões, reconhecerá a impossibilidade de reunir n'um schema elementos tão complexos, e por vezes tão subtis. E' mais um processo de orientar o espirito e guiar o estudo, do que um meio de fixar conclusões absolutas e nitidas.



ANNALS

The following table shows the results of the experiments conducted during the year 1880. The first column contains the names of the different varieties of wheat, and the second column contains the number of plants in each variety. The third column contains the number of plants which were sown in the field, and the fourth column contains the number of plants which were harvested. The fifth column contains the number of plants which were lost during the year, and the sixth column contains the number of plants which were left at the end of the year.

Variety	Plants in each variety	Plants sown in the field	Plants harvested	Plants lost during the year	Plants left at the end of the year
Wheat No. 1	100	80	70	10	0
Wheat No. 2	100	80	70	10	0
Wheat No. 3	100	80	70	10	0
Wheat No. 4	100	80	70	10	0
Wheat No. 5	100	80	70	10	0
Wheat No. 6	100	80	70	10	0
Wheat No. 7	100	80	70	10	0
Wheat No. 8	100	80	70	10	0
Wheat No. 9	100	80	70	10	0
Wheat No. 10	100	80	70	10	0

The results of the experiments show that the different varieties of wheat are all equally productive, and that the number of plants which are sown in the field is the same as the number of plants which are harvested. This is a very important result, as it shows that the different varieties of wheat are all equally adapted to the soil and climate of the country.

INTRODUCCAO

I — A terra e os homens.....	1
A temperatura.....	13
A alimentação.....	17
A paisagem.....	31
A salubridade.....	33
II — A civilisação e a natureza.....	40

LIVRO I — ETHNOGRAPHIA GERAL

I — As classificações ethnogenicas.....	75
II — Viagem á volta da terra.....	100
1 — Da Siberia ás Indias.....	110
2 — De Malaka á Polynesia.....	152
3 — Do Cabo ao Mediterraneo.....	164
4 — Do Caucaso á India.....	191
5 — Da Groelandia á Terra-do-fogo....	212

LIVRO II — AS RAÇAS DA EUROPA

I — As raças pre-historicas.....	226
II — A invasão aryana.....	238
III — Os italo-gregos.....	249
IV — Os celtas.....	267
V — Os germanos.....	284
VI — Os slavos.....	300

ETHNOLOGIA

- I - A terra e os povos
- A - A terra e os povos
- B - A terra e os povos
- C - A terra e os povos
- D - A terra e os povos

LIVRO I - ETNOGRAFIA GERAL

- 1 - As classificações etnológicas
- 2 - A origem e a evolução
- 3 - A origem e a evolução
- 4 - A origem e a evolução
- 5 - A origem e a evolução
- 6 - A origem e a evolução

LIVRO II - AS RAÇAS DA EUROPA

- I - A raça caucasiana
- II - A raça aliana
- III - A raça mediterrânea
- IV - A raça atlântica
- V - A raça alpina
- VI - A raça árabe

COLLEÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DAS MELHORES OBRAS

DOS

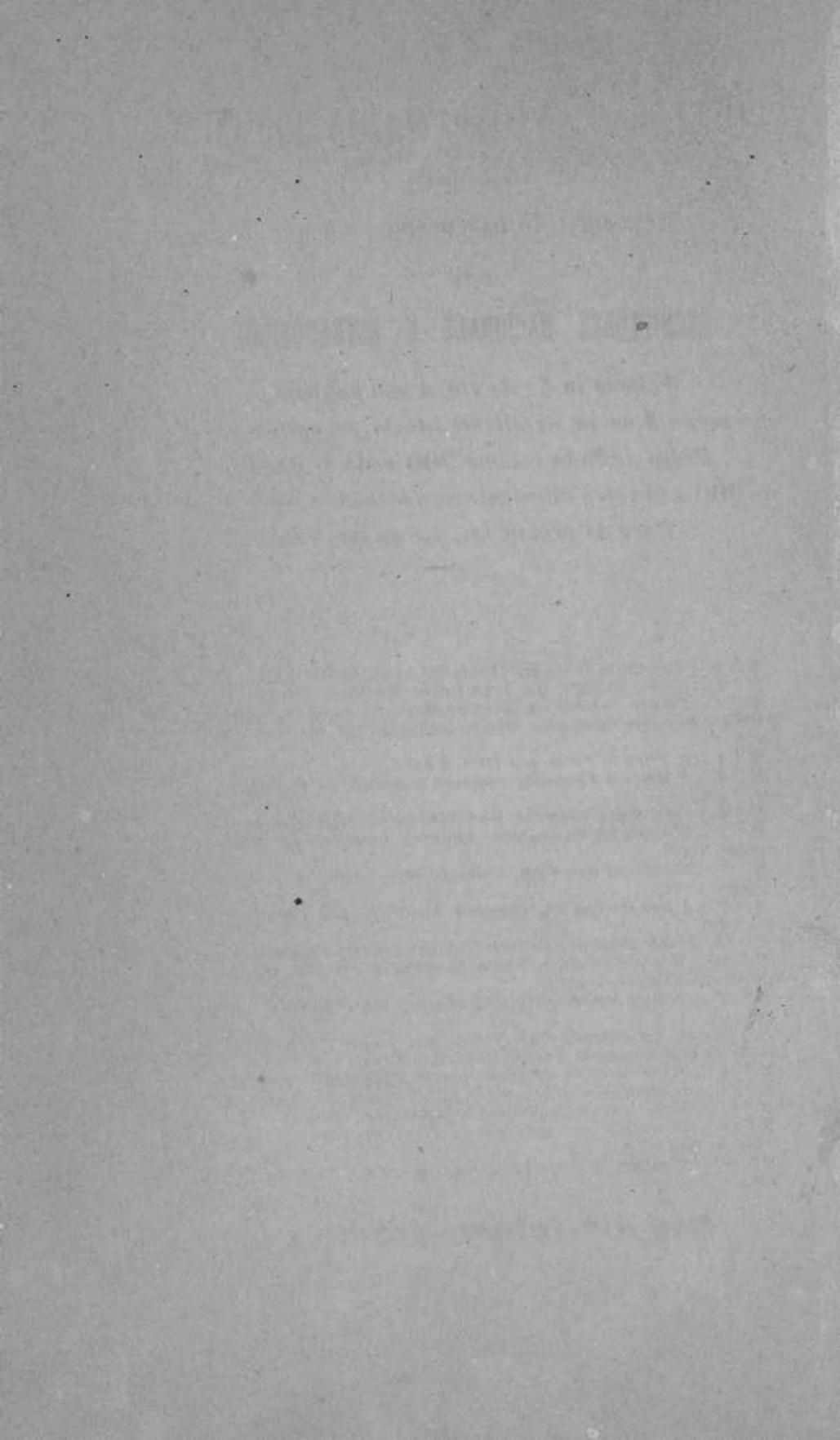
ESCRITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

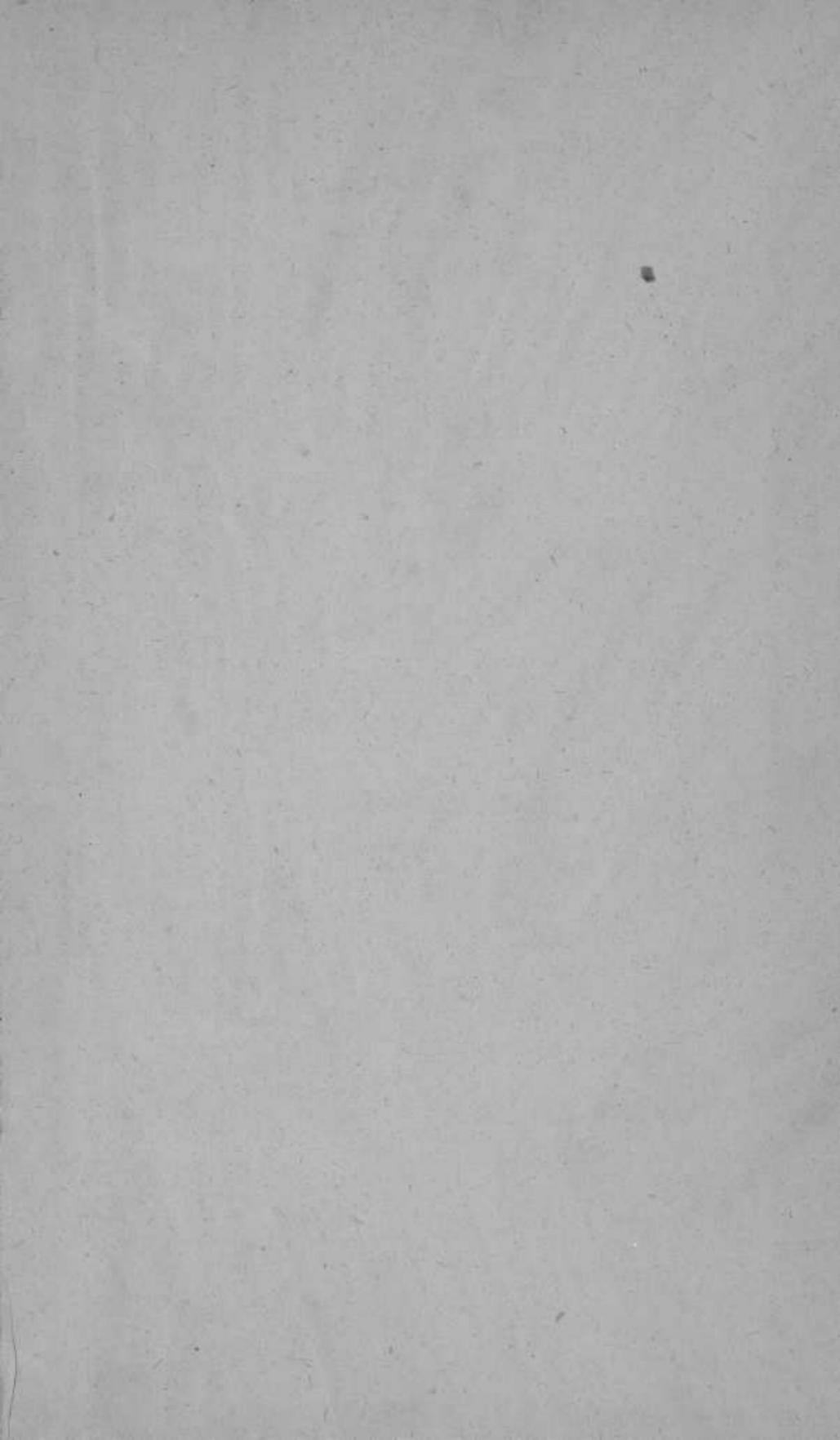
*Volume in-8.º de 160 a 200 paginas,
em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel,
Preço de cada volume 200 réis brochado,
ou 300 réis elegantemente encadernado em percaline.
Para as provincias, 220 ou 320 réis*

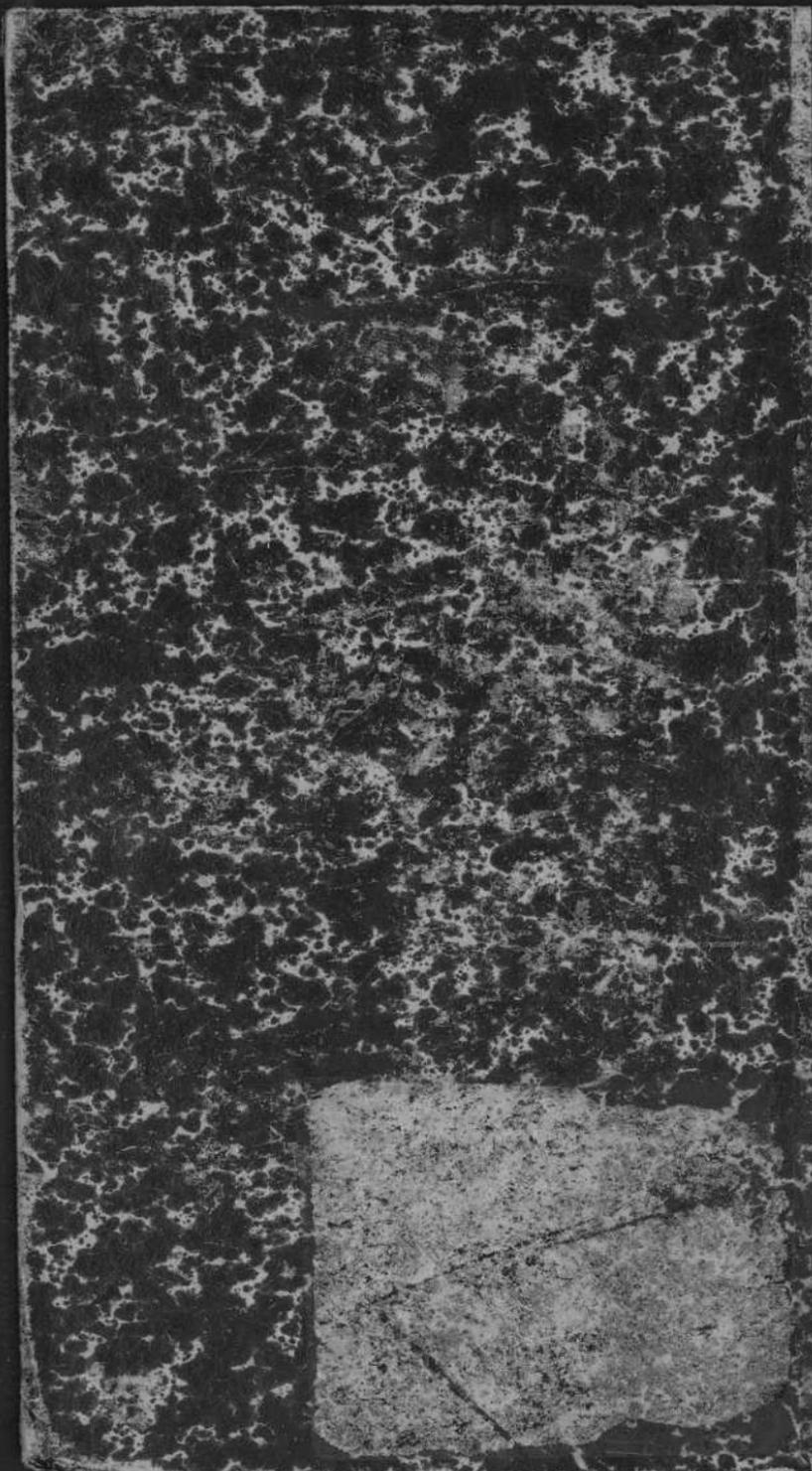
VOLUMES PUBLICADOS:

- N.º 1 — *Tristezas à Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, celebre romance de Merimée, (d'onde se extrahiu o libreto da opera do mesmo titulo), traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Pariz*, por Iriel, 1 vol.
N.º 5 — *A Mascara Vermelha*, romance historico de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance historico por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A tenda da meia-noite*, romance phantastico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, por Trindade Coelho, 1 vol.
N.º 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torreção.
N.º 17 — *Notas de Contra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 18 — *Em segredo*, romance por L. Tinseau, traducção de Margarida de Sequeira, 1 vol.
N.º 19 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.

Sae um volume por mez







RACI

CIV

PI

1600

1600

Oliveira

LETRAS HUMANAS
E A
CIVILIZAÇÃO
PRIMITIVA

1